O LIVRO QUE DEU ORIGEM À CULTUADA SÉRIE ***DEXTER***

QUERIDO E DEVOTADO DEXTER

JEFF LINDSAY

Planeta

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com

QUERIDO E DEVOTADO
DEXTER

QUERIDO E DEVOTADO
DEXTER

JEFF LINDSAY

Tradução
Eliana Rocha

6ª reimpressão

Planeta

Copyright © Jeff Lindsay, 2005
Todos os direitos reservados
Título original:*Dearly Devoted Dexter*
Revisão: *Alessandra Miranda de Sá e Vivian Miwa Matsushita*
Diagramação: *S4 Editorial*
Capa: *Graziella Iacocca*
Conversão em epub: {kolekto}

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindsay, Jeff
Querido e devotado Dexter / Jeff Lindsay ; – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2009.
Título original: *Dearly devoted Dexter*
ISBN 978-85-422-0051-5
1. Ficção norte-americana I. Título.

09-07004 CDD-813

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ficção : Literatura norte-americana 861

2010
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Para Tommie e Gus,
que, com certeza, já esperaram muito.

Agradecimentos

Nada seria nem remotamente possível sem Hilary.
Também gostaria de agradecer a Julio, aos Broccolis, a Deacon e Einstein, e, como sempre, a Bear, Pook e Tinky.
Além disso, sinto-me em débito com Jason Kaufman, pela mão firme e sábia com que me conduziu, e com Nick Ellison, que tem feito toda a diferença.

CAPÍTULO 1

LÁ ESTÁ ELA DE NOVO. A LUA, CHEIA, suspensa na noite tropical, cruzando um céu coagulado e clamando aos ouvidos trêmulos dessa querida voz que sussurra nas sombras, o Passageiro das Trevas, aninhado no assento de trás do Dodge K da alma hipotética de Dexter.

Essa lua maliciosa, esse Lúcifer loquaz, cujo clamor atravessa o céu vazio até o coração sombrio dos monstros da noite, chamando-os ao seu alegre *playground*. Quem ela chama, na verdade, é este monstro que está bem aqui, atrás do oleandro, malhado pela luz da lua que se filtra por entre as folhas, os sentidos alertas enquanto ele espera o momento certo de saltar das sombras. É Dexter no escuro, ouvindo os terríveis sussurros que se derramam, ofegantes, em meu esconderijo sombrio.

Meu querido lado obscuro me instiga a atacar – agora –, mergulhar meus caninos enluarados na carne vulnerável, ah, tão vulnerável!, do lado oposto da cerca. Mas ainda não é o momento, e então espero, vigiando minha vítima, que se esgueira, de olhos arregalados, sabendo que algo a observa, mas sem notar que estou *aqui*, a três passos da cerca. Poderia deslizar facilmente, como a lâmina que sou, e executar minha mágica, mas espero, pressentido, embora invisível.

Um longo minuto caminha na ponta dos pés até transformar-se em outro, e continuo esperando o momento certo; o salto, a mão estendida, o prazer gelado quando vejo o terror estampado no rosto de minha vítima...

Mas não. Alguma coisa não está certa.

Então é a vez de Dexter sentir o inquietante ferrão de olhos nas suas costas, o estremecimento de medo quando percebo, agora com certeza, que algo está me caçando. Algum outro caçador noturno está sentindo a salivação brotar enquanto me observa de algum lugar próximo – e esse pensamento não me agrada.

Como um leve trovão, a mão alegre surge do nada e, com uma velocidade cega, cai sobre *mim*, e então vislumbro os dentes brilhantes de meu vizinho de nove anos.

– Te peguei! Um, dois e três. Peguei o Dexter! – E, com a rapidez selvagem dos muito jovens, aparecem os outros, rindo e gritando, enquanto fico aqui, imóvel entre os arbustos, humilhado. Acabou. O pequeno Cody, de seis anos de idade, olha para mim, desapontado, como se Dexter, o Deus da Noite, tivesse destronado seu alto sacerdote. Astor, sua irmã de nove anos, junta-se à gritaria dos garotos, que voltam a se esgueirar na escuridão, em busca de novos e mais difíceis esconderijos, deixando-me sozinho com minha vergonha.

Dexter não conseguira chegar ao pique. E fora apanhado. Mais uma vez.

Você deve estar se perguntando como isso pôde acontecer. Como a caçada noturna de Dexter se reduziu a isso? Antes sempre houve um temível e tortuoso predador aguardando a atenção especial do temível e tortuoso Dexter – e aqui estou eu, desperdiçando um tempo precioso com um jogo do qual não participava desde que tinha dez anos. E o pior: agora eu era a cabra-cega.

– Um, dois, três... – gritei, como um jogador justo e honesto.

Como é possível? Como aconteceu de Dexter, o Demônio, ter sentido o peso da lua e não estar chafurdando entre entranhas, arrancando, pedaço por pedaço, a vida de alguém que precisa sentir a lâmina afiada do seu agudo julgamento? Como é possível que nesta noite o Frio Vingador se recuse a levar o Passageiro das Trevas a um passeio?

– Quatro, cinco, seis...

Harry, meu sábio pai adotivo, me ensinou o delicado equilíbrio entre a Necessidade e a Faca. Percebendo no menino uma necessidade incontrolável de matar, Harry transformou Dexter em um homem que só matava os matadores. Dexter, o Não Sanguinário, que se escondia por trás de um rosto de aparência humana e perseguia os *serial killers* verdadeiramente perversos, que matavam sem ética. E eu teria sido um deles, não fosse o plano de Harry. *Há muita gente que merece isso, Dexter*, dissera meu maravilhoso pai policial.

– Sete, oito, nove...

Ele me ensinou a encontrar esses companheiros especiais de brincadeira, a ter certeza de que eles mereciam uma visita social minha e do Passageiro das Trevas. E, melhor ainda, ele me ensinou a escapar sem ser pego, como só um tira saberia fazer. Ele me ajudou a construir um disfarce plausível e martelou na minha cabeça que eu devia ser, sempre, normal em tudo.

Assim, aprendi a me vestir com apuro, a sorrir e a escovar os dentes. Tornei-me um perfeito simulacro humano, que diz as coisas supérfluas e estúpidas que os humanos dizem o dia todo. Ninguém jamais suspeitou do que se escondia atrás de meu perfeito sorriso falso. Ninguém a não ser minha irmã adotiva, Deborah, mas esta já começava a aceitar minha verdadeira personalidade. Afinal, eu poderia ser muito pior. Poderia ser um monstro delirante, que mata sem parar, deixando atrás de si montanhas de carne podre. Em vez disso, aqui estava eu, do lado da verdade, da justiça e do modo de vida americano. Um monstro, é verdade, mas que deixava tudo perfeitamente limpo no final. E eu era o NOSSO monstro, vestido de perfeita virtude sintética em vermelho, azul e branco. E, nessas noites em que a lua fala mais alto, saio para encontrar os outros, os que atacam os inocentes e não respeitam as regras do jogo, e os despacho para longe em pequenos pedaços cuidadosamente embrulhados.

Essa elegante fórmula havia funcionado durante anos de feliz desumanidade. Entre um encontro e outro, mantinha um estilo de vida o mais normal possível, em um apartamento como o de todo mundo. Nunca chegava atrasado ao trabalho, fazia as piadas certas com os colegas, era prestativo e nada invasivo, exatamente como Harry me ensinara. Minha vida de androide era simples, equilibrada e dotada de um verdadeiro valor social.

Até agora. Não sei como, aqui estou eu, nesta noite perfeita, brincando de cabra-cega com um bando de crianças, em vez de estar jogando o Desmembrador com um amigo escolhido. Daqui a pouco, quando a brincadeira terminar, vou levar Cody e Astor até a casa da mãe deles, Rita, que vai me trazer uma latinha de cerveja, pôr as crianças na cama e sentar-se ao meu lado no sofá.

Como isso foi possível? Será que o Passageiro das Trevas vai se aposentar antes do tempo? Será que Dexter amoleceu? Será que eu atravessei o longo saguão escuro e saí do outro lado como Dexter, o Doméstico? Voltaria eu a colocar uma única gota de sangue sobre a lâmina de vidro – meu troféu da caçada – como sempre fiz?

– Dez! Preparado ou não, lá vou eu!

Sim, de fato. Aqui vou eu.

Mas para onde?

Tudo começou, é claro, com o sargento Doakes. Todo super-herói precisa ter um arqui-inimigo, e ele era o meu. Nunca lhe tinha feito nada, e no entanto ele decidira me perseguir, me atormentar apesar do meu bom trabalho. A mim e à minha sombra. E a ironia era que eu, um esforçado perito em amostras de sangue, trabalhava para a mesma força policial que ele – pertencíamos à mesma equipe. Era justo ele me perseguir desse jeito, apenas porque de vez em quando eu fazia uns bicos?

Conhecia o sargento Doakes melhor do que gostaria, muito mais do que justificaria nossa relação profissional. Tinha decidido descobrir tudo sobre ele por uma simples razão: ele nunca gostara de mim, embora eu me orgulhasse de ter muita classe e ser charmoso e afável. Parecia que Doakes percebia que era tudo falso; toda a minha cordialidade ricocheteava nele como besouros num para-brisa.

Isso, é claro, me deixava curioso. De verdade. Afinal, que tipo de pessoa poderia não gostar de mim? Por isso, analisei-o um pouco e descobri. O tipo de pessoa que podia não gostar de Dexter, o Charmoso, tinha quarenta e oito anos, era afro-americano e detinha o recorde de levantamento de peso do departamento. A crer nas fofocas, era veterano do exército e, desde que ingressara no departamento, se envolvera em diversos tiroteios fatais, dos quais fora absolvido pelo Departamento de Assuntos Internos.

Mas, mais importante, eu descobrira em primeira mão que, por trás da profunda fúria que cintilava em seus olhos, podia-se ouvir o eco do risinho do meu Passageiro das Trevas. Era apenas o som de um minúsculo sino, mas eu tinha certeza. Doakes dividia o espaço com algo, assim como eu. Não a mesma coisa, embora algo muito semelhante, uma pantera para o meu tigre. Doakes era um tira, mas também um assassino frio. Não tinha prova disso, mas sabia, mesmo sem tê-lo visto agarrar a garganta de um pedestre imprudente.

Alguém poderia pensar, com certa razão, que ele e eu temos muito em comum: podíamos tomar uma xícara de café, jogar conversa fora, comparar nossos Passageiros e trocar informações sobre técnicas de amputação. Mas não era possível: Doakes queria me ver morto. E eu tinha dificuldade de partilhar esse ponto de vista.

Doakes trabalhara com a detetive LaGuerta na época de sua morte suspeita, e desde então os sentimentos dele em relação a mim se tornaram ainda mais fortes do que uma simples aversão. Doakes estava convencido de que eu tinha alguma coisa a ver com a morte de LaGuerta. Não era verdade, além de totalmente injusto. Tudo que eu fizera fora observar – que mal há nisso? Naturalmente, ajudara o verdadeiro assassino a fugir, mas que outra coisa podia fazer? Que tipo de pessoa voltaria as costas para um irmão? Principalmente quando ele faz um trabalho tão limpo.

Bem, é viver e deixar viver, como sempre digo. O sargento Doakes podia pensar o que quisesse. Pra mim, tudo bem. Ainda eram poucas as leis contra a liberdade de pensamento, embora eu tenha certeza de que estão trabalhando muito nisso lá em Washington. Não, fosse qual fosse a suspeita do bom sargento Doakes contra mim, não me importava. Mas, agora que ele tinha decidido pôr em prática os pensamentos impuros, minha vida estava uma bagunça. Dexter,

o Desencaminhado, tornava-se rapidamente Dexter, o Demente.

E por quê? Como começou toda essa confusão? Tudo que fiz foi tentar ser eu mesmo.

CAPÍTULO 2

HÁ NOITES EM QUE O PASSAGEIRO DAS TREVAS precisa sair para brincar. É como levar o cão para passear. Podem-se ignorar os latidos e os arranhões na porta por algum tempo, mas cedo ou tarde o animal precisa sair à rua.

Não muito depois do funeral da detetive LaGuerta, comecei a ouvir os sussurros vindos do banco traseiro e a planejar uma nova aventura.

Tinha localizado um companheiro de jogo perfeito, um persuasivo corretor de imóveis chamado MacGregor. Era um homem alegre e simpático, que adorava vender casas a famílias com crianças. Especialmente se fossem meninos pequenos – MacGregor amava garotos entre cinco e sete anos. Não tinha dúvidas de que essa afeição fora fatal para cinco desses meninos, talvez mais. Ele era inteligente e cuidadoso, e, sem uma visita de Dexter, o Observador Obscuro, provavelmente continuaria com sorte por muito tempo. É difícil culpar a polícia, pelo menos dessa vez. Afinal, quando uma criança pequena desaparece, ninguém pergunta: "Ahá! Quem vendeu a casa para esta família?".

Mas, naturalmente, poucos são como Dexter. Isso em geral é bom, mas nesse caso foi bastante conveniente para mim. Quatro meses depois de ler no jornal a história de um garoto desaparecido, fiquei sabendo de um caso semelhante. Os dois meninos tinham a mesma idade. Detalhes como esse provocam lembranças e fazem soar no cérebro um sussurro de Mister Rogers*: "Alô, vizinho!".

Desenterrei a primeira história e comparei as duas. Notei que, nos dois casos, o jornal explorava a tristeza das famílias, mencionando que tinham se mudado recentemente para uma casa nova. Ouvi uma risadinha partindo das sombras e fiquei atento.

Era na verdade um caso muito sutil. Dexter, o Detetive, tinha de escavar um bocado, porque a princípio não parecia haver nenhuma ligação. As famílias em questão moravam em bairros diferentes, o que eliminava muitas possibilidades. Frequentavam igrejas diferentes, escolas diferentes, e tinham utilizado diferentes empresas de mudança. Mas, quando o Passageiro das Trevas ri, alguém está fazendo alguma coisa engraçada. Finalmente, descobri a relação: as duas casas haviam sido vendidas com a intermediação de uma pequena imobiliária do sul de Miami, uma empresa que tinha apenas um corretor, um sujeito alegre e amigável chamado Randy MacGregor.

Investiguei um pouco mais. MacGregor era divorciado e vivia sozinho em uma pequena casa de blocos de concreto perto da Old Cutler Road, na parte sul de Miami. Tinha uma pequena lancha de vinte e seis pés ancorada na Matheson Hammock Marina, que ficava relativamente perto de sua casa. O barco podia ser um *playground* muito conveniente, uma maneira de ficar sozinho com os amiguinhos, um lugar onde não seria visto nem ouvido enquanto explorava os mares, um autêntico Colombo da dor. Além disso, oferecia uma excelente maneira de se livrar

dos restos. A poucas milhas de Miami, a corrente do Golfo forma turbilhões infinitos. Não admira que os corpos dos meninos nunca tenham sido encontrados.

A técnica fazia tanto sentido que me perguntei por que não havia pensado nisso para reciclar meus resíduos. Idiota, só usava meu bote para pescar e passear pela baía. E MacGregor se saía com uma maneira totalmente nova de desfrutar uma noite no mar. Era uma ideia magnífica, que de imediato colocou MacGregor no topo da minha lista. Podem me dizer que sou insensato, até mesmo irracional, já que em geral não tenho muito apreço pelos humanos, mas, por alguma razão, gosto de crianças. E, quando descubro um molestador, é como se alguém tivesse enfiado uma nota de vinte dólares no bolso do Maître da Escuridão para furar a fila. Adoraria desatar a corda de veludo e deixar entrar MacGregor – desde que estivesse fazendo o que parecia estar fazendo. Naturalmente, precisaria ter certeza absoluta. Sempre evitei retalhar a pessoa errada, e seria uma vergonha começar agora, mesmo com um corretor de imóveis. Ocorreu-me que a melhor maneira de ter certeza seria visitar a lancha em questão.

Felizmente para mim, no dia seguinte choveu, o que aliás sempre acontece em julho. Mas naquele dia caiu uma tempestade que deu a impressão que duraria o dia todo, exatamente o que Dexter queria. Saí cedo do laboratório da polícia forense de Miami-Dade e peguei a LeJeune até a Old Cutler Road. Virei à esquerda em direção ao Metheson Hammock Park. Como esperava, parecia deserto. Mas sabia que, cerca de cem metros adiante, havia uma guarita onde alguém estaria ansioso por me tomar quatro dólares pelo privilégio de entrar no parque. Pareceu-me uma boa ideia não ser visto pelo guarda. Naturalmente, não era nada mau economizar quatro dólares, mas o mais importante era que, num dia de semana chuvoso, eu chamaria atenção, algo que gosto de evitar, particularmente quando pratico o meu *hobby* favorito.

Do lado esquerdo da estrada havia um pequeno pátio de estacionamento que servia como área para piqueniques. À direita, à beira de um lago, uma antiga rocha de coral servia de abrigo para os visitantes. Estacionei meu carro e vesti uma capa de chuva amarelo-brilhante. Ela fazia com que me sentisse muito náutico, a roupa certa para invadir o barco de um pedófilo homicida. Também me fazia altamente visível, mas isso não me preocupava. Pretendia pegar a ciclovia que corria paralela à estrada. Ficaria oculto pelo mangue, e, na possibilidade remota de que o guarda pusesse a cabeça para fora da guarita, nada veria senão uma mancha amarela fazendo *jogging*. Apenas um corredor determinado que costuma sair para correr todas as tardes, chova ou faça sol.

E assim fiz, correndo por cerca de quinhentos metros pela ciclovia. Como esperava, não havia sinal de vida na guarita, e corri até o grande estacionamento à beira-mar. A última fileira de embarcadouros à direita era formada por barcos ligeiramente menores que os brinquedinhos milionários ancorados mais perto da estrada. A modesta lancha de vinte e seis pés de MacGregor, a *Osprey*, estava quase no fim da fila.

A marina estava deserta. Despreocupado, atravessei o portão aberto, passando por uma placa que dizia: SÓ PROPRIETÁRIOS DE BARCOS SÃO PERMITIDOS NO CAIS. Tentei me sentir culpado por violar uma ordem tão importante, mas era mais forte que eu. Na parte inferior da placa, lia-se: É PROIBIDO PESCAR NA ÁREA DA MARINA, então prometi a mim mesmo que evitaria pescar a todo custo, o que aliviava minha consciência por violar a outra regra.

A *Osprey* tinha cinco ou seis anos de idade, mas só mostrava uns poucos sinais de desgaste pelo clima da Flórida. O convés e a amurada brilhavam de tão limpos, e tomei cuidado para não

deixar pegadas quando subi a bordo. Por alguma razão, os ferrolhos nunca são muito complicados. Talvez os marinheiros sejam mais honestos que os que pisam em terra firme. Seja como for, levei apenas alguns segundos para abrir o ferrolho e deslizar para dentro da *Osprey*. A cabine não tinha o odor úmido de mofo assado que alguns barcos adquirem quando ficam fechados mesmo que por algumas horas sob o sol subtropical. Ao contrário, havia no ar um leve cheiro de Pinho Sol, como se alguém tivesse esfregado tudo muito bem, sem dar a nenhum germe ou odor a esperança de sobreviver.

Havia uma mesinha, uma pequena cozinha, e um aparelho de tevê e um vídeo sobre a estante, com uma pilha de filmes ao lado: *Homem-Aranha, Irmão Urso* e *Procurando Nemo*. Imaginei quantos meninos ele teria mandado para o outro lado a fim de encontrar Nemo. Esperava de todo o coração que Nemo o encontrasse. Entrei na cozinha e comecei a abrir as gavetas. Uma estava cheia de doces, e a outra, de bonequinhos de super-heróis de plástico. E a terceira estava totalmente lotada de rolos de fita adesiva.

A fita adesiva é uma coisa maravilhosa e, como eu sei bem, tem muitas aplicações úteis. Mas ter dez rolos de fita enfiados numa gaveta de barco era um tanto excessivo. A menos, é claro, que ela estivesse sendo usada para um propósito específico, que requeresse grandes quantidades.

Talvez um projeto científico que envolvesse muitos meninos? Era apenas um pressentimento, é evidente, com base na maneira como eu a usava – não em meninos, naturalmente, mas em cidadãos respeitáveis, por exemplo... MacGregor. Sua culpa estava começando a parecer muito provável, e o Passageiro das Trevas estalou sua língua seca de lagarto em expectativa.

Desci uns poucos degraus até um cubículo que o vendedor provavelmente chamava de camarote. Não era uma cama muito elegante, apenas um estreito colchonete de espuma colocado sobre um compartimento suspenso. Toquei o colchão e ele estalou sob o tecido: um revestimento plastificado. Empurrei o colchão para um lado e vi quatro argolas de amarração aparafusadas no compartimento, uma em cada canto. Levantei a tampa sob o colchão.

É comum haver certa quantidade de correntes num barco. Mas as algemas que as acompanhavam não me pareceram nada náuticas. Porém, devia haver uma boa explicação para aquilo. Talvez MacGregor as usasse em peixes rebeldes. Sob as correntes e algemas havia cinco âncoras, um número que poderia ser adequado a um iate fabricado para um cruzeiro ao redor do mundo, mas que, para um barco de fim de semana, parecia um tanto exagerado. Para que serviriam? Se saísse em meu pequeno barco em águas profundas com uma série de pequenos corpos que pretendesse descartar da maneira mais limpa e completa possível, o que faria com tantas âncoras? E parecia evidente que, da próxima vez que MacGregor saísse a passeio com um amiguinho, voltaria com apenas quatro âncoras sob o colchão. Estava reunindo detalhes suficientes para pintar um quadro muito interessante. Natureza-morta sem crianças. Mas, como ainda não havia encontrado algo que não pudesse ser explicado como uma grande coincidência, precisava ter certeza absoluta. Tinha de encontrar uma prova concludente, algo tão inequívoco a ponto de satisfazer o Código de Harry.

Encontrei-a em uma gaveta à direita do colchão.

Havia três gavetinhas embutidas na parede da cabine. A última parecia alguns centímetros menor que as outras. Era possível que fosse assim mesmo, para acompanhar a curva do casco. Mas há anos eu estudava seres humanos, e aquilo me deixou profundamente desconfiado. Puxei a gaveta e, como previra, havia um pequeno compartimento secreto no fundo. E, dentro do

compartimento secreto...

Como não sou verdadeiramente um ser humano, minhas reações emocionais se limitam àquelas que aprendi a fingir. Assim, não fiquei chocado, escandalizado ou mesmo irado. São emoções que não consigo fingir com convicção, e, já que não havia plateia, por que me dar a esse trabalho? Mas senti que um vento frio vindo do assento traseiro subiu pela minha espinha e soprou folhas secas sobre o chão de meu cérebro de lagarto.

Pude identificar cinco diferentes garotos nus na pilha de fotos, em uma variedade de poses, como se MacGregor ainda buscasse um estilo definido. E ele de fato não economizava fita adesiva. Em uma das fotos, o garoto parecia estar envolvido em um casulo cinza-prata, com apenas certas áreas expostas. O que MacGregor deixara exposto me revelou muito sobre ele. Como suspeitava, ele não era o tipo de homem que a maioria dos pais desejaria como chefe de escoteiros.

As fotos eram de boa qualidade, tiradas de ângulos variados. Uma série em particular se destacava. Um homem pálido e flácido, inteiramente nu a não ser por um capuz preto, posava ao lado de um menino amarrado com fita adesiva, quase um troféu de caça. Pela forma e cor do corpo, tinha quase certeza de que o homem era MacGregor, embora o capuz lhe cobrisse o rosto. E, enquanto passava os olhos pela fotos, tive duas ideias interessantes. A primeira foi: Ahá! – que significava, naturalmente, que não havia a menor dúvida sobre o que MacGregor andava fazendo. Ele era agora o sortudo ganhador do grande prêmio da loteria da Câmara de Compensação do Passageiro das Trevas.

E a segunda ideia, um tanto mais perturbadora, foi a seguinte: quem tirava as fotos?

Os ângulos eram muito variados para que as fotos tivessem sido tiradas automaticamente. Olhei-as uma vez mais e notei, em duas fotos tiradas de cima, a ponta do que parecia uma bota de caubói vermelha.

MacGregor tinha um cúmplice. A palavra parecia tirada de uma série policial de tevê, mas não encontrei melhor maneira de definir a situação. MacGregor não havia feito tudo aquilo sozinho. Alguém o ajudara e, no mínimo, observara e fotografara.

Tenho vergonha de admitir que possuo algum modesto conhecimento e talento na área de mutilação, mas nunca vira nada como aquilo. Fotos de troféus, sim – afinal, eu tinha minha caixinha de lâminas, cada uma com uma única gota de sangue, para celebrar cada aventura. É perfeitamente normal guardar algum suvenir.

Mas ter uma segunda pessoa presente, observando e tirando fotos, transformava um ato muito privado em uma espécie de performance. Era totalmente indecente – o homem era um pervertido. Se fosse capaz de sentir indignação moral, com certeza estaria dominado por ela. Mas, sendo como era, senti uma vontade incontrolável de conhecer MacGregor pessoalmente.

Estava um calor sufocante no barco, e minha capa de chuva maravilhosamente chique não estava ajudando. Eu me sentia um saquinho de chá amarelo-brilhante. Peguei algumas das fotos mais nítidas e as coloquei no bolso. Devolvi as outras ao compartimento secreto, arrumei a cama e voltei à cabine principal. Pelo que pude ver quando espiei pela janela – ou deveria dizer vigia? –, não havia ninguém à espreita. Saí furtivamente pela porta, com o cuidado de fechá-la atrás de mim, e corri de volta sob a chuva.

Pelos muitos filmes a que assistira ao longo dos anos, sabia que uma caminhada debaixo de chuva criava as condições perfeitas para uma reflexão sobre a perfídia humana, e foi o que fiz.

Ah!, esse maldito MacGregor e seu amigo fotógrafo amador. Como podiam ser tão vis? Soava quase perfeito, e foi tudo que pude pensar; esperava que fosse suficiente para satisfazer a fórmula. Porque era muito mais divertido refletir sobre a minha perfídia, e como eu era capaz de alimentá-la arranjando um encontro com MacGregor. Pude sentir uma onda de misterioso prazer se armando nas profundas masmorras do Castelo Dexter e fluindo pelos sangradouros. Logo ela estaria arrebentando sobre MacGregor.

Não havia mais dúvida. O próprio Harry reconheceria que as fotos eram prova mais que suficiente, e uma gargalhada ávida vinda do Banco das Sombras santificou o plano. MacGregor e eu íamos sair por aí, explorando juntos. E então viria o bônus extra de encontrar seu amigo em botas de caubói – ele teria de seguir MacGregor, claro, nada de descanso para os perversos. Seriam dois pelo preço de um, absolutamente irresistível.

Com esses felizes pensamentos, nem notei a chuva enquanto caminhava rápida e decididamente de volta ao meu carro. Tinha uma coisa muito importante a fazer.

---

* Referência a *Mister Rogers Neighborhood* (Os Vizinhos de Mister Rogers), famoso programa infantil da tevê norte-americana que foi ao ar de 1968 a 2001. (N. T.)

CAPÍTULO 3

NUNCA É BOA IDEIA TER UMA ROTINA, particularmente se você é um pedófilo homicida que chamou a atenção de Dexter, o Vingador. Felizmente para mim, ninguém havia dado essa informação vital a MacGregor, e por isso não tive dificuldade de encontrá-lo deixando o escritório às 18h30, como fazia todos os dias. Ele saiu pelos fundos, trancou a porta e entrou no seu Ford SUV, um veículo perfeito para levar as famílias até as casas que queriam ver ou carregar meninos empacotados pelas docas. Ele acompanhou o fluxo do tráfego e o segui até sua modesta casa de blocos de concreto na SW 80th Street.

O trânsito em frente à casa era intenso. Virei numa rua lateral, a meia quadra de distância, e estacionei num lugar de onde tinha uma boa visão da casa. Uma cerca viva alta e espessa percorria o lado mais afastado do terreno e impedia que os vizinhos vissem o que acontecia em seu quintal. Fiquei sentado dentro do carro e fingi examinar um mapa por cerca de dez minutos, tempo suficiente para traçar um plano e ter certeza de que ele não ia a lugar nenhum. Quando saiu da casa e começou a andar a esmo pelo quintal, sem camisa e usando um surrado calção xadrez, soube o que teria de fazer. Fui para casa me preparar.

Embora normalmente tenha um grande e saudável apetite, sempre tenho dificuldade de comer antes de uma de minhas pequenas aventuras. Meu cúmplice interior estremece de expectativa, a lua borbulha cada vez mais alto em minhas veias à medida que a noite desce sobre a cidade.

Assim, em vez de desfrutar sem pressa um jantar rico em proteínas, fico andando de um lado para o outro no apartamento, ansioso por começar, mas ainda suficientemente frio para aguardar, deixando que o Dexter Diurno se dissolva em segundo plano e sentindo a inebriante onda de poder à medida que o Passageiro das Trevas assume o volante e verifica os controles. É sempre uma sensação estimulante me deixar ser conduzido para o banco traseiro e permitir que o Passageiro dirija. As sombras parecem prolongar as arestas, e a escuridão se desfaz em um cinza vivo que coloca tudo em foco. Os sons se tornam mais altos e distintos, a pele formiga, a respiração soa num ronco e até o ar se enche de cheiros que com certeza não são perceptíveis durante o dia normal e enfadonho. Nunca me sinto mais vivo do que quando o Passageiro das Trevas assume a direção.

Mas por enquanto obrigo-me a sentar em minha espreguiçadeira e me contenho, sentindo a Necessidade me tomar. Cada respiração parece uma explosão de ar frio que varre todo o meu corpo, inflando-o a ponto de transformá-lo num ser enorme e luminoso, um extraordinário e invencível farol de aço pronto a atravessar a cidade, agora em total escuridão. E então minha poltrona se torna uma coisinha minúscula, um esconderijo para ratos, e só a noite cresce ao redor.

Chegou a hora.

Lá fomos nós, pela noite brilhante, com o luar martelando minha cabeça e a fragrância de

rosas mortas da noite de Miami soprando sobre minha pele, e num instante estava lá, nas sombras lançadas pela cerca de MacGregor, observando, esperando e ouvindo a cautela que sussurrava: "Paciência!". Era patético que ele não visse algo que cintilasse tanto quanto eu, e esse pensamento me provocou outro surto de poder. Coloquei minha máscara de seda branca e estava pronto para começar.

Lentamente, sem ser visto, saí da escuridão da cerca e coloquei um pianinho de brinquedo sob a janela, bem embaixo de um arbusto de gladíolos, de modo que não pudesse ser visto de imediato. Era um pianinho vermelho e azul, de menos de trinta centímetros de comprimento, e só tinha oito teclas, mas repetia as mesmas quatro melodias sem parar, até que as pilhas acabassem. Liguei o botão e voltei ao meu posto de observação na cerca.

Primeiro tocou "Jingle Bells", e, depois, "Old MacDonald". Por alguma razão, uma frase faltava em cada canção, mas o pianinho foi em frente e emendou com "London Bridge" no mesmo tom animado e maluco.

Era o suficiente para deixar qualquer um louco, mas provavelmente teria um efeito extra sobre alguém como MacGregor, que vivia para as crianças. Bom, pelo menos era o que esperava. Escolhera o piano deliberadamente para atraí-lo e esperava que ele pensasse que tinha sido descoberto – e que um brinquedo tinha vindo do inferno para puni-lo. Então, por que não ficar e apreciar a cena?

Pareceu funcionar. Estávamos apenas na terceira repetição de "London Bridge" quando ele saiu da casa aos tropeções, com uma expressão de pânico. Ficou parado ali por um momento, de boca aberta. Os cabelos avermelhados pareciam ter enfrentado uma tempestade, e sua barriga branca caía por cima da calça do pijama imundo. Não parecia um homem perigoso, mas, é evidente, eu não era um garoto de cinco anos.

Depois de um instante, durante o qual permaneceu parado, de boca aberta, parecendo servir de modelo para uma estátua da deusa grega Estupidez, MacGregor localizou a fonte do som – agora de novo "Jingle Bells". Deu um passo à frente, curvou-se para tocar o pianinho de plástico e nem teve tempo de se surpreender, porque enrolei ao redor de seu pescoço uma linha de pesca capaz de aguentar um peixe de vinte quilos. Ele se endireitou e, por um momento, achou que podia lutar. Puxei com mais força e ele mudou de ideia.

– Pare de lutar – dissemos, na voz fria e autoritária do Passageiro. – Você viverá mais tempo. – Ao ouvir seu futuro nessas palavras, pensou que pudesse mudá-lo, mas então puxei mais as rédeas, até que o rosto ficasse roxo e ele dobrasse os joelhos.

Antes que perdesse totalmente a consciência, afrouxei um pouco a pressão.

– Agora, obedeça – dissemos. Ele não disse nada, apenas arfou dolorosamente uma ou duas vezes, o que me fez puxar a linha. – Compreendeu? – perguntamos. Ele fez que sim, e o deixei respirar.

Ele não tentou mais lutar quando o arrastei à força até a casa em busca das chaves do carro e de volta ao seu grande SUV. Entrei no assento atrás dele, segurando a linha bem firme e só lhe permitindo respirar o suficiente para se manter vivo, por enquanto.

– Dê a partida – ordenamos, e ele parou.

– O que você quer? – ele perguntou, com uma voz grave e rouca recém-adquirida.

– Tudo – dissemos. – Dê a partida.

– Tenho dinheiro – ele disse.

Puxei mais a linha.

– Compre-me um menino – dissemos. Apertei a linha por alguns segundos, forte demais para deixá-lo respirar e por tempo suficiente para fazê-lo saber que *nós* estávamos no comando, *nós* sabíamos o que ele tinha feito, e, de agora em diante, só o deixaríamos respirar a nosso bel-prazer. Quando voltei a afrouxar a linha, ele não tinha nada a dizer.

Ele subiu a SW 80th Street até a Old Cutler Road e daí pegou a direção sul. Quase não havia tráfego àquela hora da noite e, do outro lado do Snapper Creek, entramos num conjunto habitacional cuja construção foi interrompida depois que o proprietário foi preso por lavagem de dinheiro. Ali não seríamos importunados. Passamos por uma guarita em construção, contornamos uma pequena rotatória, pegamos o caminho que levava ao mar e paramos ao lado de um *trailer*, escritório temporário do empreendimento, agora abandonado à mercê de adolescentes em busca de emoção e outros que, como eu, só queriam um pouco de privacidade.

Ficamos ali sentados durante um minuto, apreciando a vista: a lua refletida na água e, em primeiro plano, o pedófilo com a corda no pescoço – uma beleza.

Saltei do carro e puxei MacGregor com tanta força que ele caiu de joelhos e agarrou a linha ao redor do pescoço. Por um momento, observei-o sufocar e babar no chão, o rosto voltou a ficar roxo e os olhos se tingiram de vermelho. Então o obriguei a ficar de pé e o empurrei para dentro do *trailer*. Quando se recuperou o suficiente para entender o que estava acontecendo, eu já o amarrara sobre uma mesa, com mãos e pés atados com fita adesiva.

MacGregor tentou falar, mas só conseguiu tossir. Aguardei; agora tínhamos muito tempo.

– Por favor – ele disse por fim, em uma voz que parecia areia sobre vidro. – Posso lhe dar o que quiser.

– Sim, você vai dar – dissemos, e vimos que o som dessas palavras o acertou em cheio. Embora ele não pudesse ver o que acontecia por trás de minha máscara branca, nós sorrimos. Peguei as fotos que havia tirado de seu barco e atirei-as sobre ele. Ele parou de se mexer e ficou de boca aberta.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou, soando bastante petulante para alguém que estava prestes a ser picado em pedacinhos.

– Conte-me quem tirou essas fotos.

– Por que eu faria isso?

Usei uma tesoura própria para metal e cortei os dois primeiros dedos de sua mão esquerda. Ele se sacudiu e gritou, e o sangue brotou, o que sempre me deixa furioso. Por isso enfiei uma bola de tênis em sua boca e cortei os dois primeiros dedos da mão direita.

– Por nada – respondi, e esperei que ele se acalmasse um pouco.

Quando finalmente desacelerou, voltou o olhar para mim e seu rosto revelou aquele tipo de lucidez que surge quando a gente passa por uma dor imensa e sabe que ela não vai ter fim. Tirei a bola de tênis da sua boca.

– Quem tirou as fotos?

Ele sorriu.

– Espero que um deles seja seu – replicou, o que tornou os próximos noventa minutos muito mais gratificantes.

CAPÍTULO 4

EM GERAL SINTO-ME AGRADAVELMENTE calmo por vários dias depois de uma de minhas Saídas Noturnas, mas na manhã seguinte à rápida partida de MacGregor eu ainda tremia de ansiedade. Queria muito encontrar o fotógrafo de botas de caubói vermelhas e varrê-lo da face da Terra. Sou um monstro organizado, e gosto de terminar tudo que começo. Saber que alguém estava à solta, caminhando por aí com aquelas botas ridículas e carregando uma câmera que havia visto demais, deixava-me ansioso para seguir aquelas pegadas e encerrar a segunda fase de meu plano.

Talvez tivesse sido rápido demais com MacGregor. Deveria ter lhe dado um pouco mais de tempo e esperança, e ele teria me dito algo. Mas achei que poderia descobrir tudo facilmente sozinho – quando o Passageiro das Trevas está no comando, sinto que posso fazer qualquer coisa. Até agora não tinha errado, mas dessa vez ficara numa situação embaraçosa, e tinha de encontrar o caubói das botas por minha conta.

Pesquisas me haviam revelado que MacGregor não tinha vida social além dos ocasionais passeios de barco noturnos. Pertencia a algumas associações, como era de se esperar de um corretor de imóveis, mas não descobri nenhum amigo com quem saísse. Sabia também que ele não tinha nenhuma passagem pela polícia, de modo que não havia nenhum arquivo a investigar em busca de possíveis cúmplices. Os autos de seu processo de divórcio citavam apenas "diferenças irreconciliáveis" e deixavam o resto à minha imaginação.

Assim sendo, estava empacado. MacGregor fora um clássico solitário, e em toda a minha cuidadosa pesquisa sobre ele não descobri o menor sinal de amigos, companheiros, namoradas ou parceiras. Nada de noites de pôquer com os rapazes – nenhum rapaz, apenas meninos. Nenhum grupo de igreja, nenhuma irmandade, nenhum bar nas vizinhanças, nenhum clube de dança *country* – o que teria explicado as botas –, nada, a não ser as fotos onde se destacavam aquelas ridículas botas vermelhas pontiagudas.

Quem seria o Caubói e como o encontraria?

Na verdade, só havia um lugar para onde poderia ir em busca de uma resposta, e teria de ser logo, antes que alguém notasse que MacGregor desaparecera. Ouvi um trovão a distância e, surpreso, olhei para o relógio de parede. Como era de esperar, eram 14h15, hora da tempestade diária. Eu passara toda a hora do almoço deprimido, e isso não tinha nada a ver comigo.

Mas a tempestade me daria novamente uma boa proteção, e poderia parar para comer alguma coisa no caminho de volta. Portanto, com meu futuro imediato agradavelmente planejado, dirigi-me ao estacionamento, entrei no carro e rumei para o sul.

A chuva já tinha começado quando cheguei à marina, e, mais uma vez, enfiei a capa amarela e saí correndo pela trilha até o barco de MacGregor.

Abri novamente a tranca com facilidade e deslizei para dentro da cabine. Durante minha

primeira visita, procurara sinais de que MacGregor fosse um pedófilo. Agora tentava encontrar algo mais sutil, uma pista da identidade do amigo fotógrafo de MacGregor.

Como precisava começar por algum lugar, desci para o dormitório. Abri a gaveta com fundo falso e observei as fotos de novo. Dessa vez, examinei também o verso. A fotografia digital dificultou muito o trabalho de detetive; não havia nenhuma marca sobre as fotos, tampouco cartuchos de filme vazios com números de série. Qualquer imbecil poderia transferir as fotos para um computador e imprimi-las à vontade, mesmo alguém com um gosto abominável em matéria de sapatos. Não era justo: os computadores não foram inventados para facilitar as coisas?

Fechei a gaveta e vasculhei o resto do dormitório, mas não havia nada ali que não tivesse visto antes. Um tanto desanimado, voltei à cabine principal. Lá também havia várias gavetas, e dei uma olhada nelas. Fitas de vídeo, bonecos de super-heróis, fita adesiva – tudo que já havia notado; nada daquilo me dizia alguma coisa. Peguei um rolo de fita adesiva, pensando, talvez, que não fazia sentido deixá-lo ir para o lixo. Como quem não quer nada, olhei dentro do rolo.

E lá estava.

Realmente, é melhor ter sorte do que talento. Nem em um milhão de anos eu teria esperado uma coisa tão boa. Colada ao rolo de fita havia uma etiqueta, onde estava escrito "Reiker", e, abaixo, um número de telefone.

Naturalmente, não havia garantia de que Reiker fosse o Caubói Vermelho, ou mesmo um ser humano. Podia muito bem ser o nome da empresa que prestava serviços de encanamento para a marina. De qualquer modo, era o melhor ponto de partida do que já conseguira até então, e precisava cair fora do barco antes que a tempestade cessasse. Enfiei a etiqueta no bolso, abotoei a capa de chuva e me esgueirei para fora do barco em direção à trilha.

Talvez estivesse tão calmo graças aos efeitos de minha saída noturna com MacGregor, mas, enquanto dirigia para casa, me vi cantarolando uma melodia de Philip Glass de *1000 Airplanes on the Roof* O segredo de uma vida feliz é ter feitos de que se orgulhar e um objetivo a alcançar, e no momento eu tinha os dois. Como era maravilhoso ser quem eu era.

Meu bom humor só durou até a rotatória onde a Old Cluster se junta à LeJeune, quando um olhar de rotina ao retrovisor congelou a música em meus lábios.

Atrás de mim, praticamente colado na minha traseira, vinha um Ford Taurus marrom. Parecia muito o tipo de carro que o Departamento de Polícia de Miami-Dade possui em grande número para uso dos policiais civis.

Aquilo não era nada bom. Um carro-patrulha pode seguir alguém sem razão concreta, mas alguém em um carro oficial teria de ter um propósito, e parecia que o propósito era me deixar perceber que estava sendo seguido. Se era isso, estava funcionando perfeitamente. Não conseguia enxergar através do brilho no para-brisa quem dirigia o carro, mas de repente me pareceu muito importante saber havia quanto tempo ele me seguia e quanto tinha visto.

Virei numa rua lateral, encostei e estacionei, e o Taurus estacionou bem atrás de mim. Por um momento, nada aconteceu. Ficamos os dois sentados dentro do carro, esperando. Ia ser preso? Se alguém tivesse me seguido desde a marina, a coisa estaria preta para Dexter, o Destemido. Mais cedo ou mais tarde, a ausência de MacGregor seria notada e mesmo a investigação mais rotineira revelaria que ele tinha um barco. Alguém iria conferir onde ele estava, e então o fato de Dexter ter estado lá no meio do dia poderia ser muito significativo.

São pequenas coisas como essa que fazem o sucesso do trabalho da polícia. Os tiras procuram essas coincidências suspeitas e, quando as encontram, podem tratar com bastante seriedade a pessoa que esteve em muitos lugares interessantes por mera casualidade. Ainda que essa pessoa tenha uma carteira de policial e um sorriso falso incrivelmente charmoso.

Eu parecia não ter nada a fazer exceto descobrir quem estava me seguindo e por que, e depois convencê-lo de que perdia. Armei minha melhor cara de Saudação Funcional, saí do carro e caminhei com energia até o Taurus. A janela deslizou para baixo e o rosto eternamente irritado do sargento Doakes olhou para mim, parecendo a imagem de algum deus maligno esculpida em uma peça de ébano.

– Por que ultimamente você anda saindo do trabalho no meio do dia? – ele perguntou. Sua voz era inexpressiva, mas tentava dar a impressão de que qualquer coisa que eu dissesse seria mentira e ele gostaria de me acertar por causa disso.

– Por que, sargento Doakes? – respondi, animado. – Que incrível coincidência! O que você está fazendo aqui?

– Tem algo mais importante a fazer que seu trabalho? – Ele não parecia nada interessado em manter uma conversa, de modo que dei de ombros. Quando me deparo com pessoas com um talento muito limitado para a comunicação oral e nenhum desejo aparente de cultivá-lo, é sempre mais fácil cooperar.

– Eu, bem, havia alguns assuntos particulares a tratar – disse. Muito fraco, concordo, mas Doakes tinha o enervante costume de fazer as perguntas mais inconvenientes, e com tal crueldade subliminar, que achei difícil não gaguejar, quanto mais me sair com algo mais inteligente.

Ele me encarou durante segundos intermináveis, da maneira como um *pit bull* olha para um pedaço de carne crua.

– Assuntos particulares – ele disse, sem piscar. A desculpa parecia ainda mais idiota quando ele a repetiu.

– Exato.

– Seu dentista tem consultório em Coral Glabes.

– Bem...

– Seu médico também, na Alameda. Você não tem advogado, sua irmã ainda está no trabalho. Que tipo de assunto particular esqueci de mencionar?

– Na verdade... bem, eu... – Estava assustado de me ouvir gaguejar, mas nada mais saiu, e Doakes apenas me olhou como se me implorasse para sair correndo a fim de que ele pudesse praticar a pontaria.

– Engraçado – ele disse finalmente –, também tenho *assuntos particulares* a tratar aqui.

– É mesmo? – perguntei, aliviado de que minha boca fosse de novo capaz de articular fala humana. – E qual seria, sargento?

Foi a primeira vez que o vi sorrir, e devo dizer que teria preferido que ele tivesse saltado do carro e me batido.

– Estou vigiando VOCÊ – o sargento explicou. Deu-me um minuto para admirar o brilho de seus dentes e então a janela deslizou para cima e ele desapareceu por trás do vidro escuro como o sorriso do gato de Alice.

CAPÍTULO 5

SE EU TIVESSE TEMPO, COM CERTEZA PODERIA elaborar uma lista de coisas mais desagradáveis do que ter o sargento Doakes no meu encalço. Mas, enquanto permaneci ali parado, com a moderníssima capa de chuva e pensando em Reiker e nas botas vermelhas se afastando de mim, não tive inspiração para recordar nada pior. Apenas entrei no carro, dei a partida e dirigi na chuva até meu apartamento. Geralmente, as excentricidades homicidas dos outros motoristas teriam me confortado, mas por alguma razão o Taurus marrom me seguindo tão de perto tirou toda a graça.

Conhecia o sargento Doakes suficientemente bem para saber que aquilo não era apenas um capricho de dia chuvoso. Se ele estava me vigiando, continuaria me vigiando até me pegar cometendo alguma insubordinação. Ou até não conseguir mais me vigiar. Naturalmente, eu podia pensar de imediato em algumas maneiras interessantes de fazer com que perdesse o interesse. Mas eram todas tão definitivas, e, embora eu não tenha realmente uma consciência, estabeleci um conjunto muito claro de regras que funcionavam da mesma maneira.

Sabia que, mais cedo ou mais tarde, o sargento Doakes faria alguma coisa para desestimular meu *hobby*, e pensei durante muito tempo no que fazer quando isso acontecesse. A melhor solução que encontrei, ai de mim!, foi esperar para ver.

"Como é que é?", você poderia dizer, e teria toda a razão. "Será que podemos ignorar a resposta óbvia?" Afinal, Doakes podia ser forte e letal, mas o Passageiro das Trevas era muito mais, e ninguém podia enfrentá-lo quando ele assumia o controle. Talvez só dessa vez...

Não, a vozinha suave sussurrou ao meu ouvido.

Oi, Harry. Por que não? E, quando fiz a pergunta, pensei no que ele havia me ensinado.

Existem regras, Dexter, Harry havia dito.

Regras, pai?

Estava fazendo dezesseis anos. Quase nunca havia uma festa, porque eu ainda não aprendera a ser charmoso e sociável, e, se não evitava meus contemporâneos babões, eles o faziam. Vivi minha adolescência como um cão pastor em meio a um rebanho de ovelhas sujas e estúpidas. Dede então, aprendi muito. Por exemplo, que não estava tão errado aos dezesseis anos – as pessoas não têm jeito! –, mas isso não nos impede de ir em frente.

Assim, meu aniversário de dezesseis anos foi um acontecimento bastante restrito. Doris, minha mãe adotiva, havia morrido recentemente de câncer. Mas minha irmã adotiva, Deborah, me fez um bolo e Harry me deu uma nova vara de pescar. Soprei as velinhas, comemos o bolo e então Harry me levou até o quintal de nossa modesta casa em Coconut Grove. Sentou-se a uma mesa

de piquenique de sequoia que tinha construído ao lado da churrasqueira de tijolos e fez sinal para que me sentasse também.

– Muito bem, Dex – ele disse. – Dezesseis. Você é quase um homem.

Não sabia ao certo o que isso queria dizer, nem que resposta se esperava de mim. Eu? Um homem? Como um ser humano? Mas sabia que, com Harry, era melhor não fazer comentários inteligentes, de modo que só acenei com a cabeça. E Harry me radiografou com os olhos azuis.

– Você se interessa por garotas? – ele perguntou.

– Hum... de que modo? – perguntei.

– Beijar. Transar. Você sabe, sexo.

Minha cabeça rodou com esse pensamento, como se um pé escuro e frio estivesse chutando dentro do meu crânio.

– Não... eu... hum – respondi, eloquente desde então. – Não desse jeito.

Harry fez um sinal de cabeça como se aquilo fizesse sentido.

– E nada de garotos também – ele completou, e eu só balancei a cabeça. Harry olhou para a mesa e depois para a casa. – Quando fiz dezesseis anos, meu pai me levou para uma puta. – Ele balançou a cabeça e um sorrisinho brilhou no rosto. – Levei dez anos para superar isso. – Não consegui pensar em nada para dizer. A ideia de sexo era totalmente estranha para mim, e pensar em *pagar* por isso, principalmente para um filho, e quando esse filho era *Harry*, realmente... Era demais. Olhei para Harry com um sentimento que beirava o pânico, e ele sorriu.

– Não – disse Harry. – Não ia oferecer isso. Espero que aproveite mais essa vara de pescar. – Ele sacudiu a cabeça lentamente e olhou para longe, muito além da mesa de piquenique, do quintal e da rua. – Ou um facão de açougueiro.

– Sim – retruquei, tentando não parecer ansioso demais.

– Não – ele repetiu –, nós dois sabemos o que você quer. Mas ainda não está pronto.

Desde a primeira vez que Harry havia conversado comigo sobre o que eu era, em um memorável acampamento alguns anos antes, estávamos me preparando. Nas palavras de Harry, *me enquadrando*. Como um jovem humano artificial e imbecil, estava ansioso para iniciar minha carreira, mas Harry me segurou, porque Harry sempre sabia.

– Eu tomo cuidado – falei.

– Mas não é perfeito. Existem regras, Dexter. É preciso. É isso que o distingue dos outros.

– Passar despercebido. Não deixar rastros...

Harry balançou a cabeça.

– O mais importante é estar seguro, antes de começar, de que aquela pessoa realmente merece. Você não imagina o número de vezes que sabia que alguém era culpado e tive de deixá-lo livre. O bastardo o encara com um sorrisinho forçado, e você sabe que ele sabe, mas tem de abrir a porta e deixá-lo ir... – Ele trincou os dentes e deu um soco na mesa. – Você não precisará fazer isso. MAS... tem de ter certeza. Certeza absoluta, Dexter. E, mesmo assim... – Ele ergueu a mão no ar com a palma voltada para mim. – Consiga alguma prova. Você não vai precisar apresentá-la num tribunal, graças a Deus. – Soltou uma gargalhada amarga. – Nem em lugar nenhum. Mas você precisa de provas, Dexter. É o mais importante. – Bateu na mesa com os nós dos dedos.

– Você precisa ter uma prova. E mesmo assim...

Ele parou, uma pausa que não era habitual em Harry, e esperei, sabendo que algo difícil

estava vindo. – Às vezes, mesmo assim, você os deixa escapar. Por mais que eles mereçam. Se eles forem... *evidentes* demais, por exemplo. Se for chamar muita atenção, é melhor esquecer.

Bem, foi assim. Como sempre, Harry tinha a resposta. Sempre que me sentia inseguro, podia ouvir Harry sussurrando ao meu ouvido. Tinha certeza, mas não havia provas de que Doakes fosse algo mais que um tira raivoso e muito desconfiado, e retalhar um tira era certamente o tipo de coisa que deixava toda a cidade indignada. Depois do desaparecimento recente da detetive LaGuerta, a hierarquia da polícia ficaria muito sensível se um segundo policial sumisse da mesma maneira.

Por mais que precisasse agir, Doakes estava fora dos limites permitidos. Podia olhar pela janela e ver o Taurus marrom estacionado sob uma árvore, mas não podia fazer nada, exceto desejar que outra solução surgisse espontaneamente – por exemplo, que um piano caísse sobre sua cabeça. Infelizmente, tinha de contar com a sorte.

Mas Dexter, o Decepcionado, não teve sorte naquela noite, e ultimamente havia uma trágica falta de quedas de pianos na região de Miami. Assim, ali estava eu na minha cabana, andando de um lado para o outro de tanta frustração, e, toda vez que olhava pela janela, lá estava o Taurus estacionado do outro lado da rua. A lembrança do que eu contemplara apenas uma hora antes ainda martelava minha cabeça. *Dexter pode sair e brincar?* Ah, não, querido Passageiro das Trevas. Dexter está em tempo de espera.

Mas havia algo construtivo que eu podia fazer, mesmo confinado em meu apartamento. Tirei do bolso a etiqueta que pegara no barco de MacGregor e tentei alisá-la, o que deixou meus dedos grudentos da cola do rolo de fita adesiva ao qual ela estivera colada. "Reiker", e um número de telefone. Mais do que suficiente para uma consulta às listas telefônicas que eu podia acessar do meu computador. Alguns minutos depois, tinha o resultado.

O número pertencia a um celular, que estava registrado em nome do sr. Steve Reiker, Tigertail Avenue, Coconut Grove. Uma rápida pesquisa cruzada revelou que o sr. Reiker era fotógrafo profissional. É evidente que poderia ser uma coincidência. Com certeza existiam muitos fotógrafos chamados Reiker espalhados pelo mundo. Procurei nas páginas amarelas e descobri que esse Reiker em particular tinha uma especialidade. Um anúncio de um quarto de página dizia: "Lembre-se deles como são agora".

Reiker era especializado em fotos de crianças.

A teoria da coincidência podia ser descartada.

O Passageiro das Trevas se agitou e soltou uma pequena risada de expectativa, e me vi planejando um passeio pela Tigertail Avenue, para uma rápida olhada. Na verdade, não era muito longe. Poderia ir até lá agora mesmo e...

E deixar o sargento Doakes colado à minha cauda? Ideia esplêndida, velho amigo. Isso pouparia a Doakes um enfadonho trabalho de investigação quando Reiker finalmente desaparecesse. Ele poderia pular toda a maçante rotina e vir direto atrás de mim.

E, nesse ritmo, quando Reiker desapareceria? Era terrivelmente frustrante ter um objetivo compensador em vista e precisar se conter. Mas, várias horas depois, Doakes continuava parado do outro lado da rua, e eu continuava parado em casa. O que fazer? Era óbvio que Doakes não

vira o suficiente para fazer alguma coisa a não ser me seguir. E, se continuasse me seguindo, seria obrigado a manter meu personagem de simpático rato de laboratório forense e evitar qualquer coisa mais letal do que a hora do *rush* na via expressa Palmetto. Isso eu jamais faria. Sentia certa pressão, não exatamente do Passageiro, mas do relógio. Precisava encontrar logo uma prova de que Reiker era o fotógrafo que batia as fotos para MacGregor, e, se ele fosse, ter uma conversa afiada e penetrante com ele. Se Reiker percebesse que MacGregor havia passado desta para melhor, fugiria. E, se meus colegas do departamento de polícia desconfiassem, as coisas podiam ficar muito desconfortáveis para Dexter, o Destemido.

Mas, aparentemente, Doakes parecia ter se preparado para uma longa estada, e no momento não havia nada que eu pudesse fazer. Era terrivelmente frustrante pensar que Reiker estava solto por aí, e não se debatendo contra a fita adesiva. *Homicidus interruptus.* O Passageiro das Trevas soltou um fraco gemido e rangeu os dentes, e eu sabia como ele se sentia, mas nada podia fazer exceto andar de um lado para o outro. E isso não ajudaria muito: se continuasse assim, abriria um buraco no carpete e jamais receberia de volta o depósito que fizera para cobrir danos ao apartamento.

Meu instinto era fazer alguma coisa que tirasse Doakes do caminho – mas ele não era um cão de caça comum. Só consegui pensar numa coisa capaz de fazer seu focinho ansioso perder o faro. Havia uma remota possibilidade de que eu conseguisse vencê-lo pelo cansaço, fazer o jogo da espera, ter um comportamento normal por tanto tempo que ele teria de desistir e voltar ao verdadeiro trabalho de caçar os residentes verdadeiramente perigosos da parte baixa de nossa formosa cidade, que naquele exato momento deviam estar estacionando em fila dupla, jogando lixo na rua e ameaçando votar nos democratas nas próximas eleições. Nessas condições, para que perder tempo com o velho Dexter e seu passatempo inofensivo?

Então, tudo bem: eu seria irrestritamente comum até seus dentes doerem. Podia levar semanas, mas eu o faria. Viveria plenamente a vida sintética que criara a fim de parecer humano. E, como os humanos em geral são governados pelo sexo, começaria por uma visita a minha namorada, Rita.

É uma palavra estranha essa, "namorada", principalmente aplicada a pessoas adultas. E na prática é um conceito ainda mais estranho, já que define uma mulher, não uma menina, disposta a oferecer sexo, não amizade*. Na verdade, pelo que havia observado, era muito possível não gostar da própria namorada, embora o ódio verdadeiro fosse reservado ao casamento. Nunca consegui determinar o que as mulheres esperam de um namorado, mas aparentemente Rita achava que eu satisfazia a esse critério. Certamente não era sexo, que para mim era tão interessante quanto calcular o déficit da balança comercial.

Felizmente, Rita também não se interessava muito por sexo. Tivera um casamento precoce e desastroso com um sujeito que achava que se divertir era fumar *crack* e bater nela. Mais tarde ele diversificou as atividades e infectou-a com várias doenças esquisitas. Mas uma noite, quando ele espancou os filhos, a lealdade de Rita se rompeu e ela expulsou o porco para fora de sua vida e, felizmente, rumo à prisão.

Em consequência de todo esse tumulto, ela havia procurado um cavalheiro que estivesse interessado em conversa e companheirismo, alguém que não precisasse ceder ao impulso animal da paixão. Em outras palavras, um homem que a valorizasse por suas qualidades, e não pela

disposição de participar de acrobacias sexuais. Ei-lo: Dexter!

Durante quase dois anos, ela tinha sido meu disfarce ideal, um ingrediente fundamental do Dexter que o mundo conhecia. E em retribuição não lhe bati, não a infectei com nenhuma doença, não lhe impus minha luxúria animal, e ela parecia gostar de minha companhia.

E, como bônus, me afeiçoei aos filhos dela, Astor e Cody. Estranho, talvez, mas verdadeiro, juro. Se todos no mundo desaparecessem de modo misterioso, eu ficaria irritado porque não haveria mais ninguém para me fazer bolinhos de chuva. Mas as crianças me interessam e, na verdade, gosto delas. Os filhos de Rita haviam tido uma primeira infância traumática, e, como eu também passara por isso, senti uma forte ligação com eles, um interesse que foi além da necessidade de manter meu disfarce com Rita.

Além do prêmio extra das crianças, Rita era bem apresentável. Tinha cabelos loiros bem-cuidados, um corpo em boa forma e raramente dizia uma tolice. Podia sair em público com ela, sabendo que formávamos um belo par, que era o mais importante. As pessoas até diziam que formávamos um par atraente, mas nunca soube ao certo o que isso significava. Acho que Rita também me achava atraente, embora, dado seu histórico com homens, isso não chegasse a ser lisonjeiro. Mesmo assim, é sempre bom estar perto de alguém que me acha maravilhoso. Confirma a baixa opinião que tenho das pessoas.

Olhei o relógio sobre minha mesa. Eram 5h32. Nos próximos quinze minutos Rita chegaria em casa do trabalho na Fairchild Title Agency, onde fazia algo muito complicado que envolvia frações de pontos percentuais. Quando chegasse à sua casa, ela já estaria lá.

Com um alegre sorriso sintético, saí pela porta, acenei para Doakes e fui para a casa de Rita no sul de Miami. O tráfego não estava muito intenso, o que significa dizer que não ocorrera nenhum acidente fatal nem tiroteio, e vinte minutos depois estacionei em frente ao bangalô de Rita. O sargento Doakes passou direto até o fim da rua e, quando bati à porta da frente, ele estacionou do outro lado.

A porta se abriu e Rita deu de cara comigo.

– Ah, Dexter!

– Em pessoa. Estava por perto e vim ver se você já estava em casa.

– Acabei de chegar. Devo estar horrível. Bom... entra. Quer uma cerveja?

Cerveja – que ideia! Nunca toquei numa – e no entanto era a coisa mais normal do mundo, perfeita para uma visita à namorada após o trabalho. Até Doakes ficaria impressionado. Era um toque de mestre.

– Eu adoraria uma cerveja – falei, e entrei atrás dela na relativamente fresca sala de estar.

– Sente-se. Vou só me refrescar um pouco. – Ela sorriu para mim. – As crianças estão no quintal, mas aposto que vão cair em cima de você assim que descobrirem que está aqui. – E saiu pelo corredor, voltando um minuto depois com uma lata de cerveja. – Já volto – disse, e saiu para o quarto, nos fundos da casa.

Sentei-me no sofá e olhei a cerveja em minha mão. Não bebo – realmente, beber não é um hábito recomendável para predadores. Retarda os reflexos, embota as percepções e desata a intrincada capa da cautela, o que sempre me pareceu algo péssimo. Mas ali estava eu, um demônio em férias, tentando o sacrifício de abrir mão de meus poderes e me tornar humano – e por isso uma cerveja era a coisa perfeita para Dexter, o Dipsofóbico.

Tomei um gole. O gosto era amargo e ralo, exatamente como eu teria de ser se tivesse de

manter o Passageiro das Trevas afivelado a seu cinto de segurança por muito tempo. Assim mesmo, suponho que a cerveja seja um gosto adquirido. Tomei outro gole. Senti a bebida descer gorgolejando e cair em meu estômago, e lembrei que, com toda a excitação e frustração daquela dia, não tinha almoçado. Mas que diabo! – era só uma cerveja *light*, como a latinha proclamava orgulhosamente: CERVEJA LITE. Suponho que devesse me sentir grato por eles não terem imaginado uma maneira mais ardilosa de anunciar a cerveja.

Dei um grande gole. Não é tão ruim quando a gente se acostuma. Caramba, não é que era relaxante? A cada gole, sentia-me mais relaxado. Não lembrava que tinha um gosto tão bom quando a experimentara na universidade. É que naquela época era apenas um garoto, não o maduro, trabalhador e honrado cidadão que eu era agora. Inclinei a lata, mas não caiu nem uma gota.

Bem... eu não sabia como, mas a lata estava vazia. E eu continuava com sede. Será que conseguiria tolerar essa situação desagradável? Achei que não. Absolutamente intolerável. Na verdade, não pretendia tolerá-la. Levantei e caminhei até a cozinha num passo firme e determinado. Havia muitas outras latas de cerveja Miller Lite no refrigerador. Peguei uma e voltei ao sofá.

Sentei-me. Abri a cerveja. Dei um gole. Muito melhor. Maldito Doakes! Talvez devesse lhe levar uma cerveja. Ele podia relaxar e desistir do caso. Afinal, estávamos do mesmo lado, não estávamos?

Dei outro gole. Rita voltou usando *shorts* de sarja e uma camiseta branca com um laço de cetim no pescoço. Tinha de admitir que ela estava muito bonita. Eu sabia escolher disfarces.

– Bem – ela disse, deslizando no sofá ao meu lado. – É bom te ver assim de repente.

– Teve de ser assim.

Ela inclinou a cabeça para um lado e me olhou de um jeito esquisito.

– Teve um dia difícil no trabalho?

– Um dia horrível – falei, e tomei mais um gole. – Tive de soltar um bandido. Um cara perigoso.

– Ah – ela franziu as sobrancelhas. – Por que... quer dizer... você não podia...?

– Eu bem que queria. Mas não pude. – Estendi a lata de cerveja para ela. – Política. – Tomei um gole.

Rita sacudiu a cabeça.

– Não consigo me acostumar com a ideia... quer dizer... de fora parece tudo certo. Você descobre um bandido e o põe na cadeia. Mas política? O que ele fez?

– Ajudou a matar uns meninos.

Ela parecia chocada.

– Meu Deus! Deve haver alguma coisa que você possa fazer.

Sorri para ela. Não é que ela tinha percebido de cara? Que garota! Não disse que sabia escolher?

– Você pôs o dedo na ferida – respondi, e peguei sua mão para olhar aquele dedo. – Existe algo que posso fazer. E muito bem. – Dei um tapinha na mão dela, derramando apenas um pouco de cerveja. – Sei que você entende.

Ela pareceu confusa.

– Oh – disse. – Que tipo de coisa... quer dizer... o que vai fazer?

Tomei um gole. Por que não lhe dizer? Vi que ela já havia percebido. Por que não? Abri a boca, mas, antes de pronunciar uma única sílaba sobre o Passageiro das Trevas e meu *hobby* inofensivo, Cody e Astor entraram correndo na sala, pararam quando me viram e olharam para a mãe.

– Oi, Dexter – disse Astor, e cutucou o irmão.

– Oi – ele disse, em voz baixa. Ele não falava muito. Na verdade, quase nunca falava. Pobre menino. Tudo que acontecera com o pai o perturbara muito. – Você está bêbado? – ele me perguntou. Para ele, era um discurso.

– Cody? – disse Rita. Fiz um gesto para ela e o encarei.

– Bêbado? Eu?

Ele confirmou com a cabeça.

– É.

– Com certeza, não – respondi com firmeza e franzi o cenho para ele da maneira mais digna que pude. – Talvez um pouco alto, o que não é a mesma coisa.

– Ah – ele disse, e a irmã entrou na conversa.

– Você vai ficar para jantar?

– Bem, acho que é melhor eu ir embora – falei, mas Rita colocou uma mão surpreendentemente firme sobre meu ombro.

– Você não vai a lugar nenhum assim.

– Assim como?

– Um pouco alto.

– Não estou alto.

– Você disse que estava – retrucou Cody. Não me lembrava da última vez que o ouvira articular quatro palavras e estava orgulhoso dele.

– Você disse – acrescentou Astor. – Que não estava bêbado, só um pouco alto.

– Disse isso? – Os dois fizeram que sim. – Bem, então...

– Então... – Rita interveio – acho que você vai ficar para jantar.

Tudo bem. Suponho que devesse. Eu sabia que em algum momento abriria a geladeira atrás de uma cerveja e descobriria que elas haviam sumido. E mais tarde estaria de novo sentado no sofá. A televisão estava ligada e eu tentava adivinhar o que os atores diziam e por que uma plateia invisível ria o tempo todo.

Rita sentou-se ao meu lado.

– As crianças estão na cama. Como está se sentindo?

– Ótimo. Se pudesse descobrir o que é tão engraçado.

Rita pôs a mão em meu ombro.

– Você está muito chateado, não é? Por ter soltado o sujeito. As crianças... – Ela chegou mais perto, me envolveu num abraço e apoiou a cabeça no meu ombro. – Você é um homem bom, Dexter.

– Não sou não – respondi, imaginando por que ela dissera uma coisa tão estranha.

Rita se sentou e me olhou nos olhos.

– Mas você é. Você SABE que é. – Ela sorriu e voltou a aninhar a cabeça em meu ombro. – Acho ótimo você ter vindo para cá. Para me ver. Quando você se sentiu mal.

Comecei a lhe dizer que não era bem assim, mas então pensei: eu a havia procurado quando

me sentira mal. Era verdade que só para forçar Doakes a ir embora após a terrível frustração de perder meu encontro com Reiker, mas, afinal, acabara se revelando um boa ideia.

– Minha boa Rita – falei. E puxei-a contra mim o mais forte que pude e apoiei o queixo contra o topo da sua cabeça. Ficamos assim por alguns minutos, e então Rita se levantou e me puxou pela mão.

– Venha – ela disse. – Vou levá-lo para a cama.

Foi o que fizemos, e, quando me enfiei sob os lençóis e ela se aninhou ao meu lado, estava tão linda, cheirava tão bem e parecia tão quente e confortável que...

Bem. A cerveja é mesmo uma coisa assombrosa, não é verdade?

---

* Referência à palavra inglesa *girlfriend*, formada por *girl*, "menina", e *friend*, "amiga". (N. T.)

CAPÍTULO 6

ACORDEI COM DOR DE CABEÇA, ME SENTINDO péssimo e desorientado. Um lençol rosa cobria meu peito. Meus lençóis – aqueles em que eu acordava todos os dias em minha cama – não eram coloridos nem cheiravam como aquele. O colchão parecia espaçoso demais para ser minha modesta cama de solteiro, e eu tinha certeza de que aquela dor de cabeça também não era minha.

– Bom dia, lindo – disse uma voz que vinha dos meus pés. Virei a cabeça e vi Rita parada perto da cama, me olhando com um sorrisinho feliz.

– Argh... – resmunguei, numa voz que parecia o grasnido de um sapo e fez minha cabeça doer ainda mais. Mas aparentemente era uma dor engraçada, porque Rita abriu um sorriso.

– Foi o que pensei – ela disse. – Vou lhe trazer uma aspirina. – Inclinou-se e massageou minha perna. – Hummmm... – murmurou, e então se virou e foi para o banheiro.

Sentei-me. Acho que foi um erro estratégico, pois a cabeça latejou ainda mais. Fechei os olhos, respirei fundo e esperei minha aspirina.

Acho que levaria um tempo para me acostumar a essa vida normal.

Mas, por mais estranho que pareça, não foi assim. Descobri que, se me limitasse a uma ou duas cervejas, podia relaxar o suficiente para me fundir com a capa do sofá. E assim, cinco noites por semana, com o sempre fiel sargento Doakes no meu espelho retrovisor, eu parava diante da casa de Rita depois do trabalho, brincava com Cody e Astor, e me sentava com Rita após as crianças terem ido para a cama. Por volta das dez, encaminhava-me para a porta. Rita dava a impressão de esperar ser beijada quando eu partia, por isso em geral dava um jeito de beijá-la diante da porta aberta, onde Doakes podia me ver. Usava a técnica que aprendi nos muitos filmes que vi, e Rita correspondia, feliz.

Gosto de rotina, e me acomodei a essa nova a ponto de quase acreditar nela. Era tão enfadonha que estava pondo meu verdadeiro eu para dormir. Lá longe, no banco traseiro do canto mais escuro de Dexterland, podia ouvir o Passageiro das Trevas roncar suavemente, o que era um tanto assustador e me fazia sentir um pouquinho solitário pela primeira vez. Mas continuei firme nas visitas a Rita para ver até onde podia ir, sabendo que Doakes estava observando e, felizmente, começando a duvidar. Levei-lhe flores, doces e pizzas. Beijei-a com mais ardor, emoldurado pela porta aberta, a fim de dar a Doakes a melhor imagem possível. Sei que era uma demonstração ridícula, mas era a única arma que tinha.

Dias a fio Doakes não me abandonou. Suas aparições eram imprevisíveis, o que o tornava ainda mais ameaçador. Nunca sabia quando ou onde ele apareceria, o que me dava a impressão de que estava sempre atrás de mim. Se entrava na mercearia, lá estava Doakes, escolhendo um maço de brócolis. Se passeasse de bicicleta pela Old Cutler Road, em algum ponto do caminho via o Taurus marrom estacionado sob uma figueira. Às vezes passava um dia sem ver Doakes,

mas o sentia por perto, andando em círculos à espreita, e não ousava esperar que tivesse desistido. Se não podia vê-lo, ou ele estaria bem escondido ou aguardando para fazer uma aparição de surpresa.

Fui obrigado a representar o Dexter Diurno em tempo integral, como um ator preso em um filme, sabendo que o mundo real estava ali perto, além da tela, mas tão inalcançável quanto a lua. E, assim como a lua, a lembrança de Reiker zombava de mim. A ideia de Reiker levando a vida despreocupadamente com as ridículas botas vermelhas era quase insuportável.

Sabia que nem mesmo Doakes seria capaz de continuar com aquilo para sempre. Afinal, ele recebia um belo salário do povo de Miami para fazer seu trabalho, e de vez em quando tinha de fazê-lo. Mas Doakes entendeu a onda interior que me atingiu, e sabia que, se mantivesse a pressão por tempo suficiente, a máscara cairia – TINHA de cair – quando os sussurros do assento traseiro se tornassem mais urgentes.

Então, ali estávamos nós, equilibrados num fio de navalha que infelizmente era apenas metafórico. Mais cedo ou mais tarde, teria de voltar a ser eu mesmo. Mas até lá teria de encontrar Rita o tempo todo. Ela não chegava aos pés de meu antigo amor, o Passageiro das Trevas, mas precisava manter minha identidade secreta. E, até escapar de Doakes, Rita era minha capa, minha malha vermelha e meu cinto de utilidades – quase a fantasia completa.

Muito bem: sentaria-me no sofá com uma lata de cerveja na mão, assistindo a *Survivor* e pensando em uma variação interessante que jamais chegaria às telas. Se Dexter fizesse parte do elenco e interpretasse o título um pouco mais ao pé da letra...

Nem tudo foi triste, deprimente e miserável. Várias vezes por semana eu brincava de chutar a lata com Astor, Cody e outras criaturas selvagens da vizinhança, o que nos leva ao ponto de partida: Dexter Desgovernado, incapaz de navegar pela vida normal, ancorado a um bando de crianças e uma lata de molho de ravióli. À noite, quando chovia, nos sentávamos ao redor da mesa de jantar, enquanto Rita lavava a louça e aperfeiçoava a bem-aventurança doméstica de seu pequeno ninho.

Não existem muitos jogos de mesa que se possa jogar com duas crianças de pouca idade e alma sofrida como Cody e Astor; os jogos de tabuleiro eram na maioria desinteressantes ou incompreensíveis para eles, e muitos dos jogos de carta requeriam uma ingenuidade despreocupada que nem eu conseguiria fingir de maneira convincente. Mas finalmente adotamos o jogo da forca. Era educativo, criativo e levemente homicida, o que deixou todo mundo feliz, inclusive Rita.

Se na fase pré-Doakes alguém tivesse me perguntado se uma vida de forca e cerveja *light* era a minha praia, seria obrigado a confessar que Dexter preferia mergulhar mais fundo. Mas, à medida que os dias se acumulavam e eu vestia cada vez mais facilmente meu disfarce, tive de me perguntar: será que não estava gostando um pouco demais da vida de chefe de família suburbano?

No entanto, era muito gratificante ver a dupla predatória Astor e Cody envolvida em algo tão inofensivo quanto um jogo de forca. O entusiasmo que tinham para enforcar as figurinhas me fazia sentir que éramos parte de uma mesma espécie. Quando enforcavam alegremente o anônimo boneco desenhado, eu sentia certa afinidade entre nós.

Astor aprendeu rápido a desenhar a forca e os traços para as letras. Ela, naturalmente, verbalizava melhor o jogo.

– Sete letras – dizia. E então, mordendo o lábio superior, corrigia: – Não, seis. – E, quando eu ou Cody errávamos uma letra, ela gritava: – Um BRAÇO! Há, há!

Cody a olhava inexpressivamente, e depois para o enforcado pendurado na forca. Quando era a sua vez e errávamos o palpite, dizia em uma voz baixa que, caso fosse alguém que demonstrasse as emoções, poderia ser de triunfo. E, quando a palavra se completava, os dois olhavam o enforcado com satisfação, e uma ou duas vezes Cody chegou a dizer "Morto" antes que Astor começasse a pular, dizendo:

– Outra vez, Dexter! Agora é minha vez!

Tudo muito idílico. Nossa pequena família perfeita: Rita, as crianças e o Monstro. Mas, não importa quantas figuras enforcássemos, não se anulava minha preocupação de que o tempo escoava rapidamente e logo eu seria um velho de cabelos brancos, fraco demais para segurar uma faca, cambaleando por meus dias terrivelmente comuns, perseguido pelo velho sargento Doakes e por uma sensação de oportunidade perdida.

Enquanto não pensasse numa saída, estava preso no laço como os bonequinhos de Cody e Astor. Era deprimente, e tenho vergonha de admitir que quase perdi a esperança, o que jamais teria acontecido se tivesse me lembrado de uma coisa importante.

Estávamos em Miami.

CAPÍTULO 7

É CLARO QUE NÃO IA DURAR. EU DEVIA saber que um estado de coisas tão artificial teria de dar lugar à ordem natural das coisas. Afinal, vivia em uma cidade onde a violência era como a luz do sol, sempre atrás da próxima nuvem. Três semanas após meu encontro preocupante com o sargento Doakes, as nuvens finalmente se abriram.

Foi um golpe de sorte, na verdade – não a queda do piano que desejara, mas ainda assim uma feliz coincidência. Estava almoçando com minha irmã Deborah. Perdão, deveria ter dito SARGENTO Deborah. Como o pai, Harry, Deb era uma policial. Devido ao feliz desenlace de recentes acontecimentos, ela fora promovida, finalmente livrara-se do disfarce de prostituta que era obrigada a usar para trabalhar na divisão de entorpecentes e fora recompensada com um distintivo de sargento.

Isso devia tê-la deixado feliz. Afinal, era o que achava que queria: o fim da função como falsa prostituta. Qualquer jovem razoavelmente atraente designada para a divisão de entorpecentes cedo ou tarde se via metida numa operação relacionada com a prostituição, e Deborah era muito atraente. Mas a figura exuberante e aparência saudável em nada tinham ajudado minha pobre irmã; ao contrário, só lhe haviam trazido constrangimento. Ela odiava usar qualquer coisa que evidenciasse seus encantos físicos, e ficar parada numa esquina vestida de *shorts* curtíssimos e *top* fora uma verdadeira tortura. Correra o risco de criar rugas permanentes na testa.

Como sou um monstro inumano, costumo ser lógico, e pensei que a nova função poria fim ao martírio como "nossa senhora da perpétua irritação". No entanto, nem sua transferência para a divisão de homicídios conseguira lhe colocar um sorriso no rosto. Em algum ponto do caminho ela decidira que um sério agente da lei devia moldar o rosto até fazê-lo parecer um peixe malévolo, e ela se esforçava muito para conseguir isso.

Chegamos ao restaurante em seu novo carro oficial, outra vantagem do cargo que poderia ter lançado um pequeno raio de sol em sua vida. Não parecia ter conseguido. Perguntei-me se devia me preocupar com ela. Observei-a quando nos sentamos num reservado do Café Relâmpago, nosso restaurante cubano favorito. Ela passou sua localização pelo rádio e se sentou à minha frente com o cenho franzido.

– E aí, sargento Cara Fechada – provoquei, enquanto apanhávamos o cardápio.

– Não tem graça nenhuma, Dexter.

– Tem, sim. É muito engraçado. E um pouco triste também. Como a vida. Principalmente a sua vida, Deborah.

– Vá se ferrar, Charlie – ela disse. – Minha vida está ótima. – E, para provar isso, pediu um sanduíche *medianoche*, o melhor de Miami, e um *batido de mamey*, fruta tropical cujo gosto parece uma combinação de pêssego e melancia.

Minha vida estava tão ótima quanto a dela, por isso pedi a mesma coisa. Como éramos

fregueses, o velho garçom com a barba por fazer arrancou os cardápios de nossas mãos com uma cara que parecia ter servido de modelo para a de Deborah e saiu para a cozinha pisando duro como Godzilla a caminho de Tóquio.

– Impressionante como todo mundo está tão alegre e feliz – comentei.

– Isto aqui não é Vila Sésamo, Dex. É Miami. Só os caras maus são felizes. – E me olhou sem expressão definida, um perfeito olhar de tira. – E você, por que não está cantando nem dançando?

– Nada gentil, Deb. Há meses que estou bonzinho.

Ela tomou um gole de água.

– Hum, hum. E isso está deixando você louco.

– Muito pior – respondi, com um estremecimento. – Acho que está me deixando normal.

– Sem essa.

– É triste, mas é verdade. Tornei-me um viciado em tevê. – Hesitei, mas resolvi falar. Afinal, se um homem não pode partilhar os problemas com a família, em quem ele vai confiar? – É o sargento Doakes – falei.

Ela assentiu com a cabeça.

– Ele está atrás de você. É melhor ficar longe dele.

– Adoraria. Mas é ELE que não fica longe de MIM.

Seu olhar de tira ficou mais duro.

– E o que você pretende fazer?

Abri a boca para negar tudo em que estivera pensando, mas felizmente, para o bem de minha alma imortal, antes que pudesse mentir fomos interrompidos pelo som do rádio de Deb. Ela inclinou a cabeça, agarrou o rádio e disse que estava a caminho.

– Vamos – disse, ríspida, e se dirigiu para a porta. Obedeci e saí atrás dela, parando apenas para deixar algum dinheiro sobre a mesa.

Deborah dava marcha à ré quando saí do Relâmpago. Corri e me atirei em direção à porta do carro. Quando consegui pôr os dois pés para dentro, ela já saía do estacionamento.

– Puxa vida, Deb! Quase perdi um sapato. O que aconteceu de tão importante?

Deborah franziu o cenho e, acelerando, aproveitou uma brecha no trânsito, uma manobra que só um motorista de Miami teria tentado.

– Não sei – ela respondeu, ligando a sirene.

Pisquei e elevei a voz acima do ruído.

– O despachante não lhe contou?

– Alguma vez você já ouviu um despachante gaguejar, Dexter?

– Não, Deb, não ouvi. Esse fez isso?

Deb desviou para ultrapassar um ônibus escolar e entrou com o motor roncando na 836.

– Fez – ela falou. Deu uma guinada para evitar uma BMW lotada de rapazes, que lhe lançaram um gesto obsceno. – Acho que foi um homicídio.

–Você acha? – perguntei.

– Acho – ela respondeu, e se concentrou na direção. Deixei-a quieta. A alta velocidade sempre me lembra de minha mortalidade, principalmente nas avenidas de Miami. E, quanto à informação truncada do Despachante Gago, bem... a sargento Nancy Drew* e eu logo

descobriríamos, particularmente àquela velocidade, e uma certa excitação é sempre bem-vinda.

Em poucos minutos Deb conseguiu se aproximar de Orange Bowl sem causar perda de vidas; saímos da via elevada e, após algumas rápidas curvas, estacionamos diante de uma casinha na NW 4th Street. A rua era ladeada por construções semelhantes: todas pequenas e geminadas, e cada uma com o próprio muro ou cerca de arame. Muitas eram pintadas com cores fortes e tinham quintal cimentado.

Dois carros-patrulhas já estavam estacionados diante da casa, com as luzes faiscando. Dois policiais uniformizados estendiam a fita amarela para isolar a área do crime. Quando saltamos do carro, vi um terceiro tira sentado em um dos carros, com a cabeça entre as mãos. Na varanda da casa, um quarto policial estava ao lado de uma senhora de idade. Dois pequenos degraus levavam à varanda, e ela se sentou no degrau de cima. Parecia chorar e vomitar ao mesmo tempo. Ali perto, um cão uivava, a mesma nota várias vezes repetida.

Deborah se dirigiu ao uniformizado mais próximo. Era um sujeito de meia-idade, cabelos escuros e uma expressão que deixava claro seu desejo de também estar sentado no carro, a cabeça enfiada entre as mãos.

– O que temos aqui? – Deb lhe perguntou, exibindo o distintivo.

O tira sacudiu a cabeça sem olhar para nós e soltou:

– Não entro mais lá, nem que tenha de perder a pensão. – E se virou, quase caminhando em direção ao carro-patrulha, desenrolando a fita amarela como se ela pudesse protegê-lo do que estava dentro da casa.

Deborah encarou o tira e em seguida olhou para mim. Francamente, não consegui pensar em nada útil ou inteligente para dizer, e por um momento ficamos ali parados, nos encarando. O vento agitava a fita amarela e o cão continuava uivando, um estranho falsete que nada fez para aumentar minha afeição pela espécie canina. Deborah sacudiu a cabeça.

– Alguém devia dar um tiro nesse maldito cão – falou, passando sob a fita amarela e caminhando em direção à casa. Eu a segui. Depois de alguns passos, percebi que o uivo ficava mais próximo; o cão estava dentro da casa, provavelmente o animal de estimação da vítima. Quase sempre o animal sofre com a morte do dono.

Paramos ao pé da escada e Deborah olhou para cima, a fim de ler a patente do policial na divisa.

– Coronel, essa senhora é uma testemunha?

O policial não olhou para nós.

– Sim – respondeu. – Senhora Medina. Foi ela quem chamou a polícia.

A velha senhora se inclinou e tentou vomitar, sem conseguir.

Deborah lançou-lhe um olhar de desaprovação.

– E esse cão? O que acontece com ele? – perguntou.

O coronel fez um som que era uma mistura de latido e gargalhada, mas não respondeu nem olhou para nós.

Acho que a paciência de Deborah estava se esgotando, e não a culpei.

– Que diabos está acontecendo aqui? – indagou.

O coronel se voltou para nos encarar. Seu rosto não tinha nenhuma expressão.

– Veja você mesma – sugeriu, e virou-se novamente. Deborah pensou em dizer alguma coisa,

mas mudou de ideia. Em vez disso, me olhou e deu de ombros.

– Acho que devemos dar uma olhada – falei, sem querer parecer ansioso demais. Na verdade, estava desesperado para ver o que teria provocado essa reação em policiais de Miami. O sargento Doakes podia muito bem evitar que eu fizesse alguma coisa, mas não podia me impedir de admirar a criatividade alheia. Afinal, era meu trabalho, e não devíamos gostar de nosso trabalho?

Deborah, por outro lado, mostrava um relutância que não lhe era habitual. Olhou mais uma vez para o carro-patrulha, onde o tira continuava imóvel, com a cabeça entre as mãos. Então voltou a encarar o coronel e a velha senhora, e depois a porta da casa. Respirou fundo, soltou o ar com força e disse:

– Tudo bem. Vamos dar uma olhada. – Mas não se mexeu, de modo que me adiantei e abri a porta.

A sala estava escura, com as venezianas e as cortinas fechadas. Havia uma poltrona que parecia ter saído de um bazar de caridade. Tinha uma capa tão suja que era impossível dizer de que cor era. A poltrona estava diante de um pequeno aparelho de tevê sobre uma mesinha dobrável. No mais, a sala estava vazia. Pelo corredor, do outro lado da porta de entrada, filtrava-se uma réstia de luz, e dali pareciam vir os uivos do cão. Caminhei para lá, na direção dos fundos da casa.

Os animais não gostam de mim, o que prova que são mais espertos do que pensamos. Parecem sentir e desaprovar quem eu sou, expressando sua opinião de maneira bastante enfática. Portanto, estava um tanto relutante em me aproximar de um cão tão perturbado. Mas atravessei o corredor lentamente, chamando:

– Cãozinho bonito?! – O som não parecia vir de um cãozinho bonito; mais parecia um *pit bull* atacado pela raiva. Mas sempre tento fazer uma cara simpática para os amigos caninos. Com uma expressão amorosa no rosto, abri a porta de vaivém que dava para o que, evidentemente, era a cozinha.

Quando coloquei a mão na porta, ouvi um inquieto sussurro do Passageiro das Trevas e parei. *O quê?*, perguntei, mas não houve resposta. Fechei os olhos por um instante, mas a página estava em branco; nenhuma mensagem secreta relampejou por trás de minhas pálpebras. Dei de ombros, empurrei a porta e entrei.

A metade superior da cozinha tinha sido pintada de um amarelo-acinzentado esmaecido, e a metade inferior era revestida de velhos ladrilhos azuis e brancos. Havia um pequeno refrigerador a um canto e uma chapa elétrica sobre um balcão. Uma barata correu pelo balcão e se escondeu atrás do refrigerador. Uma folha de compensado havia sido pregada sobre a única janela do aposento, e uma única lâmpada de luz mortiça pendia do teto.

Sob a lâmpada havia uma velha mesa, grande e pesada, com pernas quadradas e revestida de ladrilhos brancos. Um grande espelho estava pendurado na parede, num ângulo que refletia tudo que havia ao redor. E, refletido nesse espelho, estendido sobre a mesa, havia um...

Bem, presumo que tenha nascido para a vida numa forma humana, provavelmente homem e hispânico. Era difícil dizer em seu atual estado, que, admito, me deixou assustado. Apesar da surpresa, tive de admirar a perfeição do trabalho, e a limpeza. Faria qualquer cirurgião sentir inveja.

Jamais teria pensado, por exemplo, em cortar os lábios e as pálpebras daquela forma, e,

embora me orgulhasse da limpeza de meu trabalho, nunca seria capaz de fazer um serviço como aqueles sem danificar os olhos, que naquele caso rolavam desordenadamente para a frente e para trás, incapazes de se fechar ou mesmo piscar, sempre voltando ao espelho. Era só um palpite, mas podia apostar que o corte nas pálpebras havia sido feito por último, muito depois que o nariz e as orelhas houvessem sido removidos. Não era capaz de afirmar, porém, embora achasse que estes teriam sido cortados antes ou depois dos braços, pernas, genitais etc. Eram opções difíceis, mas, pela aparência das coisas, tudo fora feito com propriedade, até mesmo com perícia, por alguém que tinha muita prática. Costumamos nos referir a um trabalho preciso como cirúrgico. Mas aquele era cirúrgico *de verdade*. Não havia o menor sangramento, nem na boca, de onde os lábios e a língua haviam sido removidos. Até os dentes – era mesmo admirável tanta precisão. Cada corte tinha sido profissionalmente suturado; uma atadura branca estava amarrada a cada ombro, onde os braços antes pendiam, e os outros cortes já tinham cicatrizado, de uma maneira que só se vê nos melhores hospitais.

Todas as partes do corpo tinham sido removidas, absolutamente todas. Nada restara, a não ser uma cabeça escalpelada e sem rosto pregada a um corpo desmembrado. Não conseguia imaginar como fora possível fazer isso sem matar o paciente. Revelava uma crueldade que fazia pensar se o universo era mesmo uma boa ideia. Perdoem-me se soa um tanto hipócrita vindo de mim, mas eu sabia muito bem quem eu era, e não era nada parecido com isso. Fazia o que o Passageiro das Trevas considerava necessário a alguém que na verdade o merecia, e sempre acabava em morte – algo que, com certeza, a coisa sobre a mesa teria achado uma bênção.

Mas fazer aquilo com tanta paciência e cuidado, e deixar a pessoa viva diante de um espelho... podia sentir um assombro subindo das profundezas, como se pela primeira vez meu Passageiro das Trevas se sentisse um tanto insignificante.

A coisa sobre a mesa não pareceu registrar minha presença. Apenas continuou emitindo aquele som de cachorro louco, a mesma horrível e ininterrupta nota vacilante.

Ouvi Deb parar atrás de mim.

– Ah, meu Deus! O que é isso?

– Não sei. Mas com certeza não é um cachorro.

---

* Jovem detetive de histórias policiais; personagem criada nos anos 1930 e imortalizada em livros, séries de tevê, filmes e jogos. (N. T.)

CAPÍTULO 8

SENTI UMA LEVE CORRENTE DE AR E me virei. Atrás de Deborah, vi que o sargento Doakes tinha chegado. Ele olhou ao redor e então seus olhos se fixaram na mesa. Admito que estava curioso para ver qual seria sua reação a algo tão extremo, e valeu a espera. Quando Doakes viu a coisa exposta no centro da cozinha, ficou tão imóvel que parecia uma estátua. Após um longo momento, caminhou na direção daquilo, deslizando lentamente, como se puxado por uma corrente. Passou por nós sem perceber que estávamos ali e parou ao lado da mesa.

Durante vários segundos, olhou para a coisa. Então, ainda sem piscar, alcançou seu revólver dentro da capa. Devagar, sem expressão, mirou o ponto entre os olhos da coisa, que ainda uivava sobre a mesa.

– Doakes – disse Deborah em uma voz rouca. Ela limpou a garganta e tentou de novo. – Doakes!

Ele não respondeu nem nos olhou, mas não puxou o gatilho, o que foi uma lástima. Afinal, o que faríamos com aquela coisa? Ela não nos diria quem fizera aquilo. E eu tinha a impressão de que seus dias como membro útil da sociedade haviam chegado ao fim. Por que Doakes não dava um ponto final ao seu sofrimento? Então, Deb e eu seríamos obrigados a relatar o que Doakes tinha feito, ele seria demitido e até preso, e meus problemas acabariam. Parecia uma solução perfeita, mas é evidente que não era o tipo de coisa com que Deborah concordaria. Às vezes, ela era muito detalhista e profissional.

– Guarde sua arma, Doakes – ela falou, e, embora o corpo continuasse absolutamente imóvel, ele virou a cabeça para olhá-la.

– É a única coisa a fazer – ele disse. – Acredite-me.

Deborah balançou a cabeça.

– Você sabe que não pode – respondeu.

Eles se encararam por um momento, e então seus olhos bateram em mim. Foi muito difícil devolver-lhe o olhar sem dizer, num impulso: "Que diabos! Vá em frente", mas consegui me conter, e Doakes apontou o revólver para cima. Olhou a coisa mais uma vez, balançou a cabeça e guardou a arma.

– Merda – disse. – Você devia ter me deixado fazer. – E se virou, saindo rapidamente da cozinha.

Nos minutos seguintes, o ambiente ficou lotado de pessoas que tentavam desesperadamente não olhar enquanto trabalhavam. Camilla Figg, uma técnica de laboratório robusta e de cabelos curtos que sempre limitara as expressões a corar ou pasmar, chorava em silêncio enquanto procurava impressões digitais. Angel Batista, ou Angel Desimpedido, como o chamávamos, já que era assim que ele se apresentava, ficou pálido e travou o maxilar, mas continuou trabalhando. Vince Masouka, um colega que em geral agia como se fingisse ser humano, tremia

tanto que teve de sair e se sentar na varanda.

Comecei a pensar se devia fingir estar horrorizado também, para não chamar a atenção. Talvez devesse sair e me sentar ao lado de Vince. Sobre o que se conversa num momento desses? Sobre beisebol? Sobre o tempo? Com certeza ninguém queria falar sobre aquilo de que fugia – mas, para minha surpresa, descobri que não me importaria de falar sobre o assunto. Na verdade, a coisa começava a despertar um estremecimento de interesse em uma Certa Parte Interior. Sempre me esforcei para não chamar a atenção, e ali estava alguém que fazia exatamente o contrário. Aquele monstro se expunha por algum motivo, e bem que podia ser por um espírito competitivo perfeitamente natural, mas isso era um tanto irritante, embora despertasse minha curiosidade de saber mais. É bem provável que, quem quer que tivesse feito aquilo, não era alguém que eu já conhecesse. Será que devia incluir esse predador anônimo na minha lista? Ou devia fingir desmaiar de horror e ir me sentar na varanda?

Enquanto pensava nessa difícil escolha, o sargento Doakes passou por mim de novo, dessa vez quase parando para me encarar com raiva, e lembrei que por causa dele não tinha a oportunidade de fazer minha lista progredir no momento. Era um tanto desconcertante, mas facilitou minha decisão. Comecei compondo uma expressão adequadamente preocupada, mas não fui além de levantar as sobrancelhas. Dois paramédicos entraram correndo e estancaram quando viram a vítima. Um deles saiu correndo da cozinha. O outro, uma jovem negra, virou-se para mim e disse:

– Que diabos acham que podemos fazer? – E começou a chorar.

Temos de concordar que ela tinha razão. A solução do sargento Doakes começava a parecer a mais prática, inclusive mais elegante. Não havia sentido em remover aquela coisa para uma maca e enfrentar o tráfego de Miami para deixá-la em um hospital. Como disse a jovem, que diabos se podia fazer? Mas alguém tinha de fazer algo. Se ficássemos ali parados sem fazer nada, alguém acabaria se queixando de todos aqueles tiras vomitando diante da casa, o que seria muito ruim para a imagem do departamento.

Foi Deborah quem finalmente organizou as coisas. Convenceu os paramédicos a sedar a vítima e levá-la embora, o que permitiu que os técnicos de laboratório, surpreendentemente melindrados, entrassem e se pusessem a trabalhar. O silêncio que se instalou na casa quando as drogas fizeram efeito na coisa foi um alívio. Os paramédicos cobriram-na, colocaram-na na maca sem derrubá-la e saíram, empurrando-a em direção ao pôr do sol.

No momento exato em que a ambulância partiu, os carros da imprensa começaram a chegar. De certa forma foi uma pena. Adoraria ver a reação de alguns repórteres, Rick Sangre principalmente. Ele era o maior devoto da frase "Se sangrou, virou manchete", e nunca o vira expressar dor nem horror, exceto diante da câmera ou se seu cabelo estivesse desarrumado. E não seria daquela vez. Quando o câmera de Rick estava pronto para rodar, não havia mais nada para ver além da casinha isolada pela fita amarela e um punhado de policiais com as mandíbulas travadas, que não teriam muito a dizer a Sangre num bom dia, e hoje provavelmente não lhe diriam nem o próprio nome.

Não havia muito o que fazer. Como chegara no carro de Deborah, não trouxera meu equipamento. De qualquer forma, não havia nenhuma mancha de sangue visível em lugar nenhum. Como essa era minha especialidade, senti que precisava encontrar alguma coisa e ser útil, mas nosso cirúrgico amigo fora cuidadoso demais. Só para ter certeza, resolvi dar uma

olhada no resto da casa, que não era muita coisa. Havia apenas um pequeno quarto, um banheiro ainda menor e um armário. Todos pareciam vazios, a não ser por um colchão velho jogado no chão do quarto. Devia ter vindo do mesmo bazar de caridade que a poltrona da sala e era tão fino quanto um filé à cubana. Nenhum outro móvel ou utensílio, nem mesmo uma colher de plástico.

A única coisa que oferecia uma mínima pista da personalidade do criminoso foi algo que Angel encontrou sob a mesa quando terminei minha rápida excursão pela casa.

– Ahá! – ele exclamou, e recolheu um pedacinho de papel do chão com a pinça. Dei um passo à frente para ver do que se tratava. Quase não valeu o esforço: nada mais era que uma pequena página de papel branco, rasgada na parte superior na forma de um pequeno retângulo. Olhei acima da cabeça de Angel e ali, na borda da mesa, estava o retângulo que faltava, colado à mesa com um pedaço de fita adesiva.

– Veja – falei, e Angel olhou.

– Ah – respondeu.

Enquanto examinava cuidadosamente a fita adesiva – que conserva maravilhosamente bem as impressões digitais –, colocou o papel no chão e eu me agachei para examiná-lo mais de perto. Havia uma palavra escrita com letra de forma: LEALDADE.

– Lealdade? – perguntei.

– Claro. Não é uma virtude importante?

– Vamos perguntar a ele – sugeri, e Angel deu de ombros com tanta força que quase deixou cair a pinça.

– Estou me lixando para essa merda – disse, e pegou um saco plástico, onde colocou o pedaço de papel. Não parecia algo que valesse a pena recolher, e, como não havia mais nada para ver, me dirigi à porta.

Não sou bom em traçar perfis, mas, por causa de meu passatempo obscuro, costumo ter bons palpites sobre outros crimes praticados na mesma região. Aquilo, porém, estava muito além de qualquer coisa que já tivesse visto ou imaginado. Nenhuma pista que indicasse a personalidade do criminoso ou sua motivação, o que me deixava quase tão intrigado quanto irritado. Que tipo de predador deixaria a carne ali deitada, ainda palpitando?

Saí e parei na varanda. Doakes confabulava com o capitão Matthews e lhe dizia algo que deixava o capitão preocupado. Deborah estava agachada ao lado da velha senhora, conversando calmamente com ela. Pude sentir uma ventania se formando, o tipo de vento que surge pouco antes da tempestade da tarde, e quando olhei para cima os primeiros pingos de chuva caíam sobre a calçada. Sangre, que continuava parado diante da fita amarela, agitando o microfone para chamar a atenção do capitão Matthews, olhou para as nuvens e, quando soou o primeiro trovão, atirou o microfone para o produtor e correu para o carro.

Meu estômago roncou, e lembrei que, com tanta excitação, não tinha almoçado. Nunca devia fazer isso; precisava manter minhas energias. Meu metabolismo, naturalmente rápido, precisava de constante atenção: nada de dietas para Dexter. Mas eu dependia de Deborah para sair dali, e tinha um palpite de que ela não receberia bem nenhuma menção a comida no momento. Olhei-a de novo. Abraçava a sra. Medina, que aparentemente desistira de vomitar e se concentrara em soluçar.

Suspirei e caminhei até o carro debaixo da chuva. Não me importava de me molhar. Parecia que teria muito tempo para me secar.

Foi de fato uma longa espera, bem mais de duas horas. Sentei-me no carro, ouvindo o rádio, e tentei imaginar, mordida a mordida, como seria comer um sanduíche *medianoche*: o estalar da côdea do pão, tão crocante que arranhava o interior da boca. Depois o primeiro gosto da mostarda, seguido pelo sabor suave do queijo e do sal da carne. Próxima mordida: um pedaço de picles. Mastigue tudo, deixando que os sabores se misturem. Engula. Tome um gole de Iron Beer (que não é cerveja, mas soda). Suspire. Puro prazer. Não havia nada melhor do que comer, exceto brincar de Passageiro. Só não era gordo por um verdadeiro milagre da genética.

Estava no meu terceiro sanduíche imaginário quando Deborah finalmente voltou ao carro. Entrou, fechou a porta e ficou ali sentada, olhando para a frente através do para-brisa salpicado pela chuva. Eu sabia que não era a melhor coisa a dizer, mas não consegui me conter:

– Você parece cansada. Que tal almoçar?

Ela sacudiu a cabeça, mas não disse nada.

– Quem sabe um belo sanduíche. Ou uma salada de frutas... para fazer sua taxa de açúcar voltar ao normal. Você se sentirá muito melhor.

Então ela me encarou, mas não foi um olhar que mostrasse uma promessa de almoço para qualquer momento no futuro próximo.

– É por isso que eu quis ser policial – disse.

– Por causa da salada de frutas?

– Daquela coisa lá dentro – ela respondeu, e voltou a olhar através do para-brisa. – Quero pegar aquele... seja quem for que foi capaz de fazer aquilo a um ser humano. Tenho tanto ódio que até consigo sentir o gosto.

– É gosto de um sanduíche, Deborah? Porque...

Ela agarrou o volante com força, duas vezes.

– MALDITO! MALDITO!

Suspirei. Com certeza seria negado ao pobre Dexter um pedaço de pão. E tudo porque Deborah estava tendo uma revelação com base em um pedaço de carne palpitante. É claro que era uma coisa horrível, e o mundo seria um lugar muito melhor sem alguém capaz de fazer aquilo, mas por isso tínhamos de ficar sem almoço? Não tínhamos de manter nossas forças para capturar o sujeito? Entretanto, não era o melhor momento para enfatizar algo assim para Deborah. Por isso, fiquei ali sentado ao lado dela, vendo a chuva escorrer pelo vidro e comendo o quarto sanduíche imaginário.

Na manhã seguinte, mal me acomodara no meu cubículo de trabalho quando o telefone tocou.

– O capitão Matthews que ver todo mundo que esteve lá ontem – disse Deborah.

– Bom dia, mana. Estou bem, obrigado, e você?

– Imediatamente – ela disse, e desligou.

O mundo policial é feito de rotina, oficial ou informal. Essa é uma das razões por que gosto de meu emprego. Sempre sei o que vai acontecer, por isso são poucas as reações humanas que

preciso memorizar para depois imitar no momento adequado e, assim, menores são as chances de ser apanhado com a guarda baixa e reagir de maneira que possa pôr em dúvida minha condição humana.

Até onde sei, o capitão Matthews nunca tinha convocado "todos os que estiveram lá". Mesmo quando um caso gerava muita publicidade, era sua política controlar a imprensa e seus superiores na hierarquia de comando, e deixar que o investigador cuidasse do assunto. Não via razão para que violasse o protocolo, mesmo num caso tão incomum como aquele. E principalmente tão depressa – ele nem tivera tempo suficiente para aprovar o comunicado de imprensa.

Mas "imediatamente" ainda significava "imediatamente", de modo que despenquei escada abaixo até o gabinete do capitão. A secretária, Gwen, funcionária das mais eficientes, estava à sua mesa. Era também das mais leais e sérias, e não consegui resistir a provocá-la:

– Gwendolina! Visão de beleza radiante! Fuja comigo para o laboratório – brinquei assim que entrei no escritório.

Ela fez um sinal de cabeça, indicando a porta do outro lado da sala.

– Eles estão na sala de reuniões – respondeu, com uma expressão impenetrável.

– Isso é um não?

Ela mexeu a cabeça um pouquinho para a direita.

– É aquela porta ali. Estão esperando.

Estavam, de fato. Um carrancudo capitão Matthews estava sentado à cabeceira da mesa, diante de uma xícara de café. Dispostos ao redor estavam Deborah e Doakes, Vince Masouka, Camilla Figg e os quatro guardas uniformizados que isolavam a casa quando chegamos. Matthews acenou para mim e perguntou:

– Está todo mundo aqui?

Doakes parou de me encarar e replicou:

– Os paramédicos.

Mathews balançou a cabeça.

– Esses não são problema nosso. Alguém vai falar com eles mais tarde. – Pigarreou e olhou para baixo, como se consultasse um roteiro invisível.

– Certo – disse, e voltou a limpar a garganta. – Bem... as mais altas instâncias nos proíbem de intervir... bem... no acontecimento ocorrido ontem na... NW 4th Street. – Ele ergueu os olhos, e por um momento achei que estivesse impressionado. – As *mais altas* instâncias – repetiu. – Recebemos ordem de manter segredo sobre o que vimos, ouvimos ou deduzimos desse fato e de sua localização. Nenhum comentário, público nem privado, de nenhuma espécie. – Ele olhou para Doakes, que fez um aceno de cabeça, e depois para todos nós ao redor da mesa. – Portanto...

O capitão Matthews fez uma pausa e franziu o cenho quando percebeu que não tinha na verdade nenhum "portanto" para nós. Felizmente para a sua reputação de bom orador, a porta se abriu. Todos nos viramos para olhar.

No vão da porta surgiu um homem grande em um terno elegante. Não usava gravata, e os três botões superiores da camisa estavam abertos. Um anel de diamante brilhava no dedo mindinho de sua mão esquerda. Os cabelos eram ondulados e habilidosamente arrumados. Parecia estar na casa dos quarenta anos, e o tempo não tinha sido gentil com seu nariz. Tinha uma cicatriz na sobrancelha direita e outra no queixo, mas a impressão geral era mais decorativa que de

desfiguração. Olhou para todos com um sorriso alegre e olhos azuis brilhantes e vazios, parando no limiar da porta por um momento dramático antes de dirigir o olhar à cabeceira da mesa e dizer:

– Capitão Matthews?

O capitão era um homem razoavelmente robusto, de porte viril e bem conservado, mas pareceu pequeno e feminino comparado ao homem que estava parado à porta, e acho que percebeu isso. Ainda assim, apertou os maxilares e respondeu:

– Sim, sou eu.

O grandalhão caminhou até Matthews e estendeu-lhe a mão.

– Prazer em conhecê-lo, capitão. Sou Kyle Chutsky. Nós nos falamos ao telefone.

Enquanto apertavam-se as mãos, ele olhou ao redor da mesa, detendo o olhar em Deborah antes de voltar a Matthews. Mas meio segundo depois virou a cabeça e lançou um olhar penetrante a Doakes, só por um instante. Nenhum deles disse qualquer coisa, mexeu-se ou apresentou um cartão de visitas, mas tive absoluta certeza de que se conheciam. Sem demonstrar nenhuma reação, Doakes olhou para a mesa à sua frente e Chutsky voltou sua atenção ao capitão.

– O senhor tem um departamento excelente, capitão Matthews. Só ouvi elogios sobre sua equipe.

– Obrigado... senhor Chutsky – respondeu Matthews, assumindo uma postura rígida. – Quer se sentar?

Chutsky abriu um grande e encantador sorriso.

– Obrigado, aceito – respondeu, e ocupou a cadeira vazia ao lado de Deborah. Ela não se virou para olhá-lo, mas do outro lado da mesa pude notar um lento rubor subindo por seu pescoço.

A essa altura, uma vozinha lá no fundo do cérebro de Dexter limpou a garganta e disse: "Com licença, só um minuto... mas que diabos está acontecendo aqui?". Talvez alguém tivesse colocado uma pílula de LSD em meu café sem que eu percebesse, porque desde o início desse dia Dexter parecia estar no País das Maravilhas. Por que estávamos ali? Quem era o grandalhão que deixava o capitão Matthews nervoso? Como ele conhecia Doakes? E por que, por amor de tudo o que é brilhante, reluzente e penetrante, o rosto de Deborah adquiria um inconveniente tom avermelhado?

Muitas vezes me vejo em situações em que parece que todo mundo leu o manual de instruções, enquanto o pobre Dexter está em total ignorância e não consegue ligar lé com cré. Em geral isso se dá em relação a alguma emoção humana, algo que todo mundo compreende. Infelizmente, Dexter pertence a um universo diferente e não sente nem entende essas coisas. Tudo que consigo fazer é reunir rapidamente algumas pistas que me ajudem a decidir que cara fazer enquanto aguardo as coisas voltarem a um cenário conhecido.

Olhei para Vince Masouka. Era mais próximo dele do que de qualquer outro técnico do laboratório, e não apenas porque nos revezávamos na compra de rosquinhas. Ele também sempre parecia estar representando, e era como se tivesse assistido a uma série de vídeos para aprender a sorrir e falar com as pessoas. Não era um ator tão talentoso quanto eu, e seus resultados nunca eram tão convincentes, mas sentia certa afinidade com ele.

Naquele exato momento ele parecia perturbado e intimidado, e dava a impressão de se esforçar para engolir, sem sucesso. Ali não havia uma pista.

Camilla Figg fixava um ponto na parede à sua frente. O rosto estava pálido, mas ela exibia

uma manchinha rosada em cada face.

Deborah, como mencionei, tinha se enterrado na cadeira e parecia vigorosamente envolvida em assumir a cor escarlate.

Chutsky bateu a palma da mão na mesa, olhou ao redor com um enorme sorriso de felicidade e anunciou:

– Quero agradecer todos vocês pela cooperação neste caso. É muito importante manter as coisas em segredo até que meu pessoal possa agir.

O capitão Matthews limpou a garganta.

– Hum... bem... Presumo que possamos dar prosseguimento a nossos procedimentos investigativos de rotina... inclusive... hum... interrogando testemunhas e assim por diante.

Chutsky sacudiu a cabeça lentamente.

– De jeito nenhum. Preciso que seu pessoal caia fora agora. Quero que a investigação cesse e desapareça. E, no que diz respeito a seu departamento, capitão, quero que ela nunca tenha acontecido.

– O senhor está assumindo a investigação? – Deborah perguntou.

Chutsky a encarou, e seu sorriso se ampliou.

– Exato – ele respondeu. E provavelmente continuaria sorrindo indefinidamente se não fosse o coronel-comandante, o policial que estava na varanda ao lado da pobre senhora que chorava e vomitava. Ele pigarreou e disse:

– Ei, espere um pouco. – Havia certa hostilidade em sua voz que fez seu tom levemente indelicado parecer mais evidente. Chutsky voltou-se para fitá-lo, ainda com o sorriso plantado no rosto. O coronel parecia nervoso, mas sustentou o olhar de Chutsky. – O senhor está tentando nos impedir de fazer nosso trabalho?

– O trabalho de vocês é proteger e servir – disse Chutsky. – Neste caso, isso significa proteger a informação e me servir.

– Isso é ridículo! – disse o coronel.

– Pouco me importa que seja ridículo – tornou Chutsky. – É o que vai fazer.

– E quem é você para me dizer isso?

O capitão Matthews deu um soco na mesa.

– Basta, coronel. O senhor Chutsky veio de Washington e fui instruído a lhe dar total assistência.

O coronel balançou a cabeça.

– Ele não é do FBI.

Chutsky apenas sorriu. O capitão Matthews respirou fundo e ia dizer alguma coisa, mas Doakes virou a cabeça na direção do coronel e disse:

– Cale a boca! – O coronel olhou para ele, e sua animosidade amainou um pouco. – Não vamos nos meter nessa merda – continuou Doakes. – Deixe isso para o pessoal dele.

– Mas não está certo – disse o coronel.

– Esqueça – replicou Doakes.

O coronel abriu a boca, e Doakes ergueu as sobrancelhas. Após pensar um pouco, vendo o rosto sob aquelas sobrancelhas, o coronel-comandante decidiu desistir.

O capitão Matthews pigarreou, numa tentativa de recuperar o controle.

– Mais perguntas? Tudo certo, então. Senhor Chutsky, se pudermos ajudar de alguma outra maneira...

– Para falar a verdade, capitão, agradeceria se pudesse me emprestar um de seus detetives, alguém que possa me ajudar a me situar, a pôr os pingos nos is, coisas desse tipo.

Todas as cabeças se voltaram para Doakes em perfeita sincronia, exceto a de Chutsky. Ele se virou para Deborah e indagou:

– O que acha disso, detetive?

CAPÍTULO 9

DEVO ADMITIR QUE O FINAL INESPERADO DA REUNIÃO com o capitão Matthews me pegou de surpresa, mas pelo menos agora eu sabia por que todos agiam como ratos de laboratório atirados na jaula do leão. Ninguém gosta de ter os federais metidos num caso. Quando isso acontece, a única alegria é dificultar as coisas ao máximo para eles. Mas aparentemente Chutsky era um peso tão pesado que até mesmo esse pequeno prazer nos seria negado.

O significado do rubor de Deborah era um profundo mistério, mas não era problema meu. Meu problema de repente se tornara um pouco mais claro. Vocês podem achar que Dexter é um imbecil por não ter ligado os fatos antes, mas, quando a ficha caiu, veio acompanhada de uma incontrolável vontade de bater a cabeça contra a parede. Talvez toda aquela cerveja na casa de Rita tivesse embotado meu cérebro.

Aquela visita de Washington, com certeza, fora convocada por ninguém mais que o rival de Dexter, o sargento Doakes. Corriam rumores de que seu serviço no exército fora um tanto irregular, e eu começava a acreditar neles. Sua reação quando viu a coisa sobre a mesa não tinha sido de choque, indignação, desgosto ou raiva, mas de algo muito mais interessante: reconhecimento. Ainda na cena do crime, ele contara ao capitão Matthews quem era, e com quem falar sobre o assunto. Essa pessoa é que tinha enviado Chutsky. Portanto, pensar que Chutsky e Doakes haviam se reconhecido na reunião estava certo – porque, fosse o que fosse que Doakes soubesse, Chutsky também sabia, provavelmente ainda mais, e viera abafar o caso. E, se Doakes sabia de algo, devia haver uma maneira de usar o passado contra ele, libertando da prisão o pobre Dexter.

Fora uma brilhante dedução de fria lógica, e comemorei a volta de meu gigantesco cérebro com uma palmadinha mental na cabeça. Bom garoto, Dexter.

Sempre é bom ver as sinapses se processando de maneira a nos revelar que a opinião que temos de nós mesmos é justificada. Mas, nesse caso em particular, podia haver mais em jogo do que apenas a autoestima de Dexter. Se Doakes tinha algo a esconder, eu estava a um passo de voltar à ação.

O Destemido Dexter é bom em muitas coisas, e algumas delas podem ser praticadas em público. Uma dessas coisas é usar um computador para encontrar informações. É um talento que desenvolvi para ter absoluta certeza do caráter de novos amigos como MacGregor e Reiker. Além de evitar o desgosto de retalhar a pessoa errada, gosto de confrontar meus colegas de profissão com as provas de suas indiscrições passadas antes de enviá-los à terra dos sonhos. Os computadores e a internet são instrumentos maravilhosos para esse fim.

Portanto, se Doakes tinha algo a esconder, eu provavelmente descobriria, ou pelo menos encontraria uma pequena pista que pudesse seguir até que todo o seu passado obscuro se

revelasse. Conhecendo-o como eu o conhecia, tinha quase certeza de que esse passado seria nefasto, assim como o de Dexter. E quando descobrisse esse fato... Talvez fosse ingenuidade da minha parte achar que poderia usar essa informação hipotética para afastá-lo, mas acreditava que a chance era boa. Não iria enfrentá-lo diretamente e exigir que se afastasse, o que poderia ser pouco inteligente em se tratando de alguém como Doakes. Além do mais, seria chantagem, algo que, como me ensinaram, é uma coisa muito feia. Mas informação é poder, e eu com certeza encontraria uma maneira de usar minha descoberta – uma maneira de deixar Doakes preocupado e fazê-lo abandonar a ideia de perseguir Dexter e impedir sua Cruzada pela Decência. Um homem que descobre que as calças estão pegando fogo não tem tempo de se preocupar com a caixa de fósforos do outro.

Saí feliz do gabinete do capitão, voltei ao meu cubículo ao lado do laboratório forense e pus mãos à obra.

Algumas horas mais tarde, já tinha encontrado tudo que poderia descobrir. De modo surpreendente, eram poucas as informações no dossiê do sargento Doakes. Porém, o pouco que descobri me tirou o fôlego. Doakes tinha um primeiro nome: Albert! Alguém já o chamara por esse nome? Impensável. Supunha que seu nome fosse "sargento". Ele havia nascido em Waycross, Geórgia. Será que tinham acabado as surpresas? Havia mais. Antes de vir para o nosso departamento, o sargento Doakes era... sargento Doakes! No exército, nas Forças Especiais. Imaginar Doakes usando uma daquelas garbosas boinas verdes e marchando ao lado de John Wayne foi o máximo que consegui pensar sem começar a cantar um hino militar.

O dossiê listava várias condecorações e medalhas, mas não encontrei menção a nenhum ato heroico que as justificasse. Ainda assim, sentia-me muito mais patriota só por conhecer o homem. Nenhuma outra informação importante. A única que se destacava era um período de dezoito meses em "serviço no exterior". O sargento Doakes servira como conselheiro militar em El Salvador, retornara para um período de seis meses no Pentágono e depois se aposentara em nossa afortunada cidade. O departamento de polícia de Miami sentira-se honrado em acolher um veterano condecorado e lhe oferecer um emprego vantajoso.

Mas El Salvador... Eu não era entendido em história, mas me lembrava de que tinha sido um filme de terror. Na época, houve marchas de protesto na Brickell Avenue. Não me lembrava o porquê, mas sabia como descobrir. Liguei de novo o computador, me conectei e obtive a informação. Na época em que Doakes esteve lá, El Salvador fora um circo de três picadeiros de torturas, violações, assassinatos e xingamentos. E ninguém pensara em me convidar.

Encontrei uma impressionante quantidade de informações postadas por vários grupos de defesa dos direitos humanos. Eram bastante sérios, contundentes até, nas coisas que tinham a dizer sobre o que acontecia lá. Ainda assim, os protestos não haviam dado em nada. Afinal, eram apenas direitos humanos. Deve ser terrivelmente frustrante: a Sociedade Protetora dos Animais parecia ter obtido melhores resultados. Aquelas pobres almas tinham feito investigações e publicado os resultados, detalhando estupros, eletrodos e choques elétricos com fotos, diagramas e o nome dos abomináveis monstros desumanos que haviam infligido sofrimento à população. E os abomináveis monstros desumanos em questão foram aposentados e enviados para o sul da França, enquanto o resto do mundo boicotava restaurantes por maus-tratos aos frangos.

Isso me deu esperança. Se um dia eu for apanhado, talvez possa protestar contra os laticínios e me soltarão.

Os nomes e fatos históricos de El Salvador que encontrei não significavam muito para mim. Nem tampouco as organizações envolvidas. Aparentemente, o país se transformara num campo de batalha onde não havia mocinhos, só bandidos, com os camponeses imprensados no meio. Os Estados Unidos, porém, haviam apoiado secretamente um dos lados, que entretanto parecia apenas ansioso por transformar os pobres suspeitos em pasta. E foi justamente esse lado que chamou minha atenção. Algo tinha virado a maré a favor deles, alguma terrível ameaça não explícita, algo aparentemente tão terrível que deixava as pessoas saudosas dos choques no reto.

Fosse o que fosse, parecia coincidir com o período do sargento Doakes no país.

Recostei-me na frágil poltrona giratória. Muito bem, pensei. Que coincidência interessante! Quase no mesmo período, tivemos Doakes, torturas inomináveis e envolvimento secreto dos Estados Unidos, tudo fermentando junto. Evidentemente que não havia prova de que essas três coisas estivessem ligadas, não havia razão para suspeitar de qualquer tipo de conexão. Entretanto, estava certo de que eram farinha do mesmo saco. Porque, vinte e tantos anos depois, voltaram a se juntar em uma reunião em Miami: Doakes, Chutsky e quem quer que tenha feito aquilo sobre a mesa. As peças começavam a se encaixar.

Havia encontrado o fio da meada. E se descobrisse uma maneira de puxá-lo...

Peguei você, Albert.

Naturalmente, ter informação para usar é uma coisa. Saber o que ela significa e como usá-la é outra história. Tudo que eu sabia era que Doakes estivera lá quando coisas terríveis haviam acontecido. É provável que ele não tenha sido o autor direto, e, de qualquer modo, tinha o aval do governo. Secretamente, é claro – o que nos leva a nos perguntar por que todo mundo sabia.

Por outro lado, havia alguém que ainda queria guardar segredo. E, no momento, esse alguém era representado por Chutsky – que estava sendo escoltado por minha querida irmã, Deborah. Se pudesse contar com sua ajuda, talvez conseguisse arrancar algumas informações de Chutsky. O que poderia fazer depois eu ainda não sabia, mas pelo menos era um começo.

Parecia simples demais, e de fato foi. Liguei para Deborah e a ligação caiu na secretária eletrônica. Tentei o celular, e foi a mesma coisa. Pelo resto do dia Deb esteve fora do escritório: por favor, deixe sua mensagem. Tentei encontrá-la em casa à noite e nada. E, quando desliguei o telefone e olhei pela janela do meu apartamento, vi o sargento Doakes estacionado em seu local favorito do outro lado da rua.

Uma meia-lua surgiu de trás de um recorte de nuvem e me murmurou algo, mas seu estímulo foi inútil. Por mais que quisesse escapar e ter uma aventura chamada Reiker, não podia – não com aquele horrível Taurus marrom estacionado ali como uma consciência em alerta. Virei-me, procurando algo para chutar. Era sexta à noite e eu ali, impedido de sair e caminhar pelas sombras com o Passageiro das Trevas – e nem podia falar com minha irmã ao telefone. Como a vida pode ser horrível!

Andei de um lado para o outro no apartamento, mas nada consegui, a não ser uma topada no dedo. Liguei para Deborah mais duas vezes, e duas vezes mais ela não atendeu. Olhei pela janela de novo. A lua se movera ligeiramente; Doakes, não.

Tudo bem. Voltemos ao plano B.

Meia hora depois eu estava sentado no sofá de Rita, com uma lata de cerveja na mão. Doakes tinha me seguido e devia estar aguardando no carro, do outro lado da rua. Esperava que estivesse se divertindo tanto quanto eu, ou seja, quase nada. Era isso ser humano? As pessoas eram mesmo tão miseráveis e estúpidas a ponto de desejar isto: passar a noite de sexta-feira, um tempo precioso longe da escravidão em troca de um salário, sentado diante de uma tevê, com uma lata de cerveja? Era um entorpecimento imbecil, e, para meu horror, descobri que estava me acostumando a isso.

Maldito Doakes! Você está me transformando num homem normal.

– Ei, cavalheiro – disse Rita, atirando-se ao meu lado no sofá e dobrando os pés sob o corpo –, por que está tão quieto?

– Acho que ando trabalhando demais. E gostando cada vez menos.

Ela ficou em silêncio por um momento e então falou:

– Você ainda está chateado por ter deixado escapar aquele cara, não é? O tal que matava crianças...

– Em parte é isso. Não gosto de deixar os assuntos inacabados.

Rita anuiu como se entendesse de verdade o que eu dizia.

– É muito... quer dizer, vejo que isso está deixando você tenso. Talvez devesse... não sei. O que costuma fazer para relaxar?

Imaginei algumas imagens curiosas com as quais poderia lhe dizer o que fazia para relaxar, mas provavelmente não seria uma boa ideia.

– Bem, gostaria de pegar meu barco... Sair para pescar.

E uma vozinha suave atrás de mim disse:

– Eu também.

Só meus nervos de aço altamente treinados me impediram de bater a cabeça contra o ventilador de teto. Era quase impossível me pegarem desprevenido, e no entanto não tinha ideia de que havia mais alguém na sala. Quando me voltei, lá estava Cody, me olhando com grandes olhos arregalados.

– Você também? – perguntei. – Gosta de pescar?

Ele fez que sim. Duas palavras por vez eram quase o seu limite diário.

– Muito bem então – eu disse. – Está combinado. Que tal amanhã de manhã?

– Não – falou Rita. – Quero dizer, você não precisa fazer isso, Dexter.

Cody olhou para mim. É claro, não disse nada, nem precisava: seus olhos diziam tudo.

– Rita – comecei –, às vezes os rapazes precisam se afastar um pouco das garotas. Cody e eu vamos pescar amanhã. Bem cedo – anunciei a Cody.

– Por quê?

– Não sei. Mas, como parece que o melhor é sair cedo, é isso que vamos fazer.

Cody acenou com a cabeça, olhou para a mãe, deu meia-volta e saiu da sala.

– De verdade, Dexter – disse Rita. – Você não tem de fazer isso.

É claro que não tinha. Mas por que não? Seria ótimo escapar por algumas horas. Principalmente de Doakes. E, no meu caso... mais uma vez, não sei por que, mas gosto de verdade de crianças. Não que meus olhos se encham de lágrimas ao ver uma bicicleta com rodinhas, mas, em geral, acho as crianças bem mais interessantes que os pais.

Na manhã seguinte, assim que o sol surgiu, Cody e eu saímos lentamente na Whaler de dezessete pés, pelo canal que passa ao lado de meu apartamento. Cody usava um colete salva-vidas azul e amarelo e estava sentado, muito quieto, sobre o refrigerador. Ia um pouco curvado, de modo que a cabeça quase desaparecia dentro do colete, fazendo-o parecer uma tartaruga colorida.

Dentro do refrigerador havia soda e um almoço que Rita havia preparado para nós, uma refeição leve para dez ou doze pessoas. Eu levava camarões congelados como isca. Era a primeira pescaria de Cody e não sabia como ele reagiria se tivesse de fincar um anzol de metal em um peixe ainda vivo. Eu adorava, é claro – quanto mais vivo, melhor! –, mas não se pode esperar um gosto tão sofisticado de uma criança.

Quando saímos do canal e entramos na baía Biscayne, peguei a direção do cabo Flórida e virei no canal que passa pelo farol. Cody não disse nada até que avistamos Stiltsville, um conjunto de casas construídas sobre palafitas no meio da baía. Então ele puxou minha manga. Curvei-me para ouvi-lo acima do ronco do motor e do vento.

– Casas – ele disse.

– Sim – gritei. – Às vezes há pessoas dentro delas.

Ele ficou olhando as casas passarem e depois, quando começaram a desaparecer atrás de nós, voltou a se sentar sobre o refrigerador. Olhou para trás mais uma vez a fim de admirá-las quando já estavam quase fora de vista. Em seguida, permaneceu sentado até chegarmos a Fowey Rock. Coloquei o motor em ponto neutro e joguei a âncora sobre a amurada, esperando para me certificar de que ela estivesse enganchada antes de desligar o motor.

– Tudo bem, Cody. Vamos pegar alguns peixes.

Ele sorriu, um fato muito raro.

– Certo.

Ele me observou sem pestanejar quando lhe mostrei como prender o camarão no anzol. Então tentou sozinho, bem devagar e com cuidado, empurrando o anzol até a ponta sair do outro lado. Olhou para o anzol e depois para mim. Fiz um sinal afirmativo, e ele olhou de novo para o camarão, tocando o ponto onde o anzol rompera a casca.

– Tudo certo – falei. – Agora atire na água. – Ele olhou para mim. – É lá que estão os peixes – expliquei. Cody acenou com a cabeça, colocou a vara sobre a borda do barco e apertou o botão que soltava o carretel Zebco para lançar a isca na água. Atirei minha linha também e ficamos ali sentados, oscilando lentamente ao sabor das ondas.

Observei que Cody pescava com feroz concentração. Talvez fosse a combinação de mar aberto e menino pequeno, mas não pude deixar de pensar em Reiker. Embora não pudesse investigá-lo em segurança, presumia que fosse culpado. Quando soubesse do desaparecimento de MacGregor, o que faria? O mais provável é que entrasse em pânico e tentasse desaparecer – no entanto, quanto mais eu pensava no assunto, mais duvidava. Existe uma relutância natural em abandonar toda uma vida e recomeçar em outro lugar. Talvez ele apenas tomasse cuidado por algum tempo. Se assim fosse, poderia preencher meu tempo com a nova inscrição de meu exclusivo registro social, aquele que tinha criado o Vegetal Ululante da NW 4th Street, e o fato de o caso soar como um título de Sherlock Holmes não o tornava menos urgente. Tinha de encontrar

um jeito de neutralizar Doakes. Em algum momento, em breve, teria de...

– Você vai ser meu pai? – Cody perguntou de repente.

Felizmente eu não tinha nada na boca, porque poderia ter engasgado, mas por um momento senti que havia algo atravessado na garganta, algo do tamanho de um peru de Natal. Quando pude respirar de novo, consegui gaguejar.

– Por que pergunta?

Ele continuava vigiando sua vara de pescar.

– Mamãe disse que pode ser.

– Ela disse isso? – perguntei, e ele fez que sim sem levantar os olhos.

Minha cabeça girou. O que Rita estava pensando? Eu me envolvera tanto em enfiar meu disfarce pela goela de Doakes que nunca pensei seriamente sobre o que se passava na cabeça de Rita. Acho que deveria ter pensado. Será que ela estava mesmo achando que... não, era inconcebível. Suponho que isso pudesse fazer sentido para um ser humano. Felizmente, não sou humano, e a ideia era totalmente bizarra para mim. *Mamãe disse que pode ser?* Pode ser que eu me torne pai de Cody? Isso significava...

– Bem – falei, e foi um bom começo, considerando que não tinha a menor ideia do que devia dizer em seguida. Felizmente para mim, assim que me dei conta de que nenhuma resposta coerente sairia da minha boca, a vara de Cody começou a sacudir com violência.

– Você pegou um peixe!

Pelos próximos minutos, tudo que ele pôde fazer foi segurar firme, enquanto a linha se desenrolava do carretel. O peixe fez repetidos e violentos zigue-zagues para a direita, para a esquerda, sob o barco e depois em linha reta em direção ao horizonte. Pouco a pouco, embora o peixe tentasse se afastar do barco várias vezes, Cody conseguiu trazê-lo para perto. Orientei-o a manter a vara levantada, a recolher a linha e aproximar o peixe até que eu pudesse agarrá-lo e trazê-lo para o barco. Cody o observou cair pesadamente sobre o convés, com a cauda bifurcada ainda se debatendo violentamente.

– Uma cavala azul – constatei. – É um peixe selvagem. – Curvei-me para soltá-lo, mas ele pulava tanto que era difícil segurá-lo. Um fio de sangue escorreu de sua boca no piso imaculado do meu barco, o que foi um tanto desagradável.

– Argh! – falei. – Acho que ele engoliu o anzol. Vamos ter de extraí-lo. – Tirei a faca da capa de plástico e coloquei-a no chão. – Vai sair muito sangue – avisei. Não gosto de sangue, mesmo de peixe, e não queria manchar meu barco. Dei dois passos para pegar uma toalha no armário.

– Ah – ouvi atrás de mim, baixinho. Virei-me para olhar.

Cody havia apanhado a faca e a cravara no peixe. Observou-o se debater, tentando escapar da lâmina, e com todo o cuidado a fincou de novo. Dessa vez, enfiou a lâmina nas guelras do peixe. O sangue jorrou e escorreu pelo chão.

– Cody – chamei.

Ele olhou para mim e... surpresa!... sorriu.

– Gosto de pescar, Dexter.

CAPÍTULO 10

NA SEGUNDA DE MANHÃ, AINDA NÃO TINHA conseguido entrar em contato com Deborah. Liguei várias vezes, e, embora já tivesse decorado o som da chamada a ponto de imitá-lo com perfeição, Deborah não respondeu. Era frustrante: ali estava eu, diante da possibilidade de escapar à camisa de força em que Doakes me prendera, e não conseguia ir adiante. É horrível ter de depender de outra pessoa.

Mas sou persistente e paciente, duas de minhas muitas virtudes de escoteiro. Deixei dezenas de mensagens, todas alegres e espirituosas, e essa atitude positiva parece ter funcionado, porque por fim tive uma resposta.

Acabara de me sentar para terminar um relatório sobre um duplo homicídio, nada excitante. Uma única arma, provavelmente um facão, e alguns segundos de descontrole selvagem. Os golpes iniciais em ambas as vítimas tinham sido desferidos ainda na cama, onde os dois aparentemente tinham sido apanhados em flagrante delito. O homem tinha conseguido levantar um braço, mas tarde demais para salvar o pescoço. A mulher chegou a alcançar a porta antes que uma facada na cervical lançasse um jorro de sangue na parede, ao lado do batente da porta. Caso de rotina, o tipo de coisa que constitui a maior parte de meu trabalho, e extremamente desagradável. Dois seres humanos contêm muito sangue, e, quando alguém decide esvaziá-lo de uma vez só, faz uma terrível sujeira, o que considero bastante repulsivo. Organizar e analisar tudo aquilo faz com que me sinta um pouco melhor, por isso às vezes meu trabalho pode ser muito gratificante.

Mas daquela vez a sujeira fora terrível. Encontrei manchas de sangue no ventilador de teto, provavelmente respingos da lâmina do facão quando o assassino ergueu o braço entre um golpe e outro. E, como o ventilador estava ligado, lançou respingos pelos quatro cantos do quarto.

Havia sido um dia movimentado para Dexter. Tentava redigir um parágrafo do relatório com cuidado, de modo a indicar que tinha sido o que chamamos de "crime passional", quando meu telefone tocou.

– Oi, Dexter – disse a voz, e parecia tão calma, até mesmo sonolenta, que levei um instante para perceber que se tratava de Deborah.

– Bom, os boatos sobre sua morte eram exagerados.

Ela riu, e mais uma vez o som foi melodioso, muito diferente de sua risada cortante.

– Sim, estou viva. Mas Kyle me manteve ocupada o tempo todo.

– Lembre a ele as leis trabalhistas, maninha. Até sargentos precisam de descanso.

– Não sei nada sobre elas. Mas me sinto muito bem sem isso. – E soltou uma gargalhada gutural em duas sílabas, uma coisa tão estranha em Deb, como se me pedisse para lhe mostrar a melhor maneira de cortar um osso num ser humano vivo.

Tentei recordar quando fora a última vez que Deborah dissera que se sentia muito bem de

verdade. Nada me ocorreu.

– Você está muito diferente, Deborah – mencionei. – O que foi que aconteceu?

Dessa vez a risada foi um pouco mais longa, mas igualmente feliz.

– O de sempre – respondeu. E riu de novo. – Em todo caso, qual é o problema?

– Ah, nenhum – disse, num tom falsamente inocente. – Minha única irmã desaparece durante dias e noites sem uma palavra e depois volta como se tivesse saído das *Stepford Sergeants*[*]. Portanto, é natural que esteja curioso para saber que diabos está acontecendo.

– Nossa! Estou comovida. Isso é que é ter um irmão quase humano.

– Espero que não passe do "quase".

– Que tal almoçarmos juntos?

– Já estou faminto. No Relâmpago?

– Hum... não. Que tal no Azul?

A escolha do restaurante revelou muito sobre ela naquela manhã, porque não fazia o menor sentido. Deborah gostava de ambientes proletários, e o Azul era o lugar onde a realeza saudita jantava quando estava na cidade. Aparentemente, sua transformação em *alien* estava completa.

– No Azul, Deb? Ótimo. Vou só vender meu carro para pagar a conta e já a encontro lá.

– À uma – ela falou. – E não se preocupe com dinheiro. Kyle paga a conta.

E desligou. Não cheguei a dizer AHÁ! Mas uma luzinha piscou.

Kyle pagaria a conta? Muito bem. E no Azul, ainda por cima.

Se o brilho barato de South Beach é adequado para as celebridades emergentes de Miami, o Azul é para os que acham o *glamour* divertido. Os pequenos cafés que se amontoam em South Beach competem por atenção com uma cafonice cintilante e barata. Em comparação, o Azul é tão discreto que a gente se pergunta se eles alguma vez viram algum episódio de *Miami Vice*.

Deixei meu carro com o manobrista em uma pequena área cercada de pedras diante do restaurante. Adoro meu carro, mas devo admitir que ele não fez tão boa figura em meio a tantas Ferraris e Rolls-Royces. Mesmo assim, o manobrista não se recusou a estacioná-lo, embora deva ter imaginado que ele não resultaria no tipo de gorjeta que estava acostumado a receber. Suponho que minha camisa surrada e calças cáqui eram um sinal indiscutível de que não teria para ele nem um título ao portador, tampouco um *krugerrand*[**].

O ambiente era escuro e frio, e tão silencioso que se podia ouvir um cartão de crédito caindo no chão. A parede mais distante era de vidro escuro, com uma porta que levava a um terraço. E lá estava Deborah, sentada a uma mesinha de canto, olhando o mar. Diante dela, de frente para a porta, estava Kyle Chutsky, aquele que pagaria a conta. Pelos óculos escuros caríssimos que usava, era bem possível que de fato a pagasse. Aproximei-me da mesa e um garçom se materializou para puxar uma cadeira, que com certeza era pesada demais para qualquer um que pudesse se dar ao luxo de comer ali. O garçom na verdade não se curvou, mas eu diria que essa contenção lhe custara certo esforço.

– E aí, companheiro – cumprimentou Kyle assim que me sentei, estendendo a mão por sobre a mesa. Como ele parecia acreditar que eu era seu novo amigo, me inclinei e lhe apertei a mão.

– E então, como vai o negócio de gotas sanguíneas? – ele perguntou.

– Sempre muito trabalho – respondi. – E como está o negócio do misterioso visitante de Washington?

– Melhor do que nunca – ele disse. E prendeu minha mão por um tempo. Olhei para baixo; as juntas de seus dedos eram enormes, como se tivesse passado muito tempo praticando boxe com uma parede de concreto. Ele bateu a mão esquerda na mesa, e pude ver o anel no dedo mindinho. Era muito afeminado, quase um anel de noivado. Quando por fim soltou minha mão, sorriu e virou a cabeça na direção de Deborah, embora com os óculos escuros fosse impossível dizer se ele estava mesmo olhando para ela ou apenas girando o pescoço.

Deborah sorriu para ele.

– Dexter estava preocupado comigo.

– É normal. Para que servem os irmãos?

Ela olhou para mim.

– Às vezes me pergunto isso – ela comentou.

– Você sabe que só estou protegendo a sua retaguarda, Deb – disse.

Kyle riu.

– Ótimo. E eu fico com a parte da frente – ele respondeu, e os dois riram. Ela se aproximou e pegou a mão dele.

– Tantos hormônios e tanta felicidade estão me irritando – confessei. – Digam-me, alguém está tentando apanhar aquele monstro desumano ou vamos ficar aqui fazendo jogo de palavras?

Kyle virou a cabeça em minha direção e ergueu uma sobrancelha.

– Qual é seu interesse nisso, companheiro?

– Dexter tem uma queda por monstros desumanos – explicou Deborah. – É uma espécie de *hobby*.

– Um *hobby* – repetiu Kyle, mantendo os óculos escuros voltados na minha direção. Acho que pretendia me intimidar, mas seus olhos bem que podiam estar fechados. Tentei não tremer.

– Ele é um detetive amador – continuou Deborah.

Kyle não se moveu por um momento, e cogitei se ele não dormia por trás das lentes escuras.

– Hum... – ele disse finalmente, e se recostou na cadeira. – O que você sabe sobre esse sujeito, Dexter?

– Bem, por enquanto, só o básico. Alguém com muita experiência na área médica e em atividades secretas, que ficou enlouquecido e precisava deixar alguma coisa clara, algo relacionado com a América Central. Provavelmente voltará a agir, mas deve esperar um momento de máximo impacto. Assim, não se trata de um *serial killer* comum... O que foi? – perguntei. O sorriso de Kyle havia murchado e ele estava sentado muito ereto, com os punhos cerrados.

– O que você quer dizer com América Central?

Ficou claro que nós dois sabíamos exatamente o que eu quis dizer com América Central. Achei que dizer El Salvador seria um pouco demais. Perderia minha credencial de amador. Mas minha intenção era descobrir algo sobre Doakes, e, quando se encontra uma brecha... bem, admito que havia sido um tanto óbvio, mas aparentemente funcionara.

– Oh – eu disse. – Não acertei?

Todos aqueles anos imitando expressões humanas me foram de grande valia naquele momento, quando compus uma expressão de inocente curiosidade. Kyle aparentemente não conseguia decidir se eu estava certo. Mexeu os músculos do rosto e abriu os punhos.

– Devia tê-lo prevenido – disse Deborah. – Ele é bom nisso.

Chutsky respirou fundo e balançou a cabeça.

– É mesmo – ele respondeu. Com visível esforço, voltou a se recostar e armou de novo o sorriso. – Muito bom, companheiro. Como deduziu isso tudo?

– Não sei – respondi, com modéstia. – Pareceu-me óbvio. A parte mais difícil foi deduzir o envolvimento do sargento Doakes.

– Deus meu! – ele replicou, e voltou a cerrar os punhos. Deborah olhou para mim e sorriu, não o mesmo tipo de sorriso que havia dirigido a Kyle, mas assim mesmo era bom saber que estávamos no mesmo time.

– Avisei que ele era bom – ela disse.

– Deus meu! – Kyle repetiu. Mexeu o indicador involuntariamente, como se apertasse um gatilho invisível, e então virou os óculos na direção de Deb.

– Você estava certa – comentou. Em seguida me encarou por um momento, provavelmente para ver se eu sairia correndo pela porta ou começaria a falar em árabe. Por fim, acenou com a cabeça.

– O que tem a ver o sargento Doakes?

– Você não está tentado jogar Doakes nessa lama, está? – Deborah me perguntou.

– Na sala do capitão Matthews – comecei –, quando Kyle viu Doakes, houve um momento em que pensei que se conheciam.

– Não percebi nada disso – falou Deborah com um franzir de cenho.

– Você estava ocupada em ruborizar – expliquei. Ela corou outra vez, o que achei um tanto redundante. – Além disso, Doakes soube quem chamar quando viu a cena do crime.

– Doakes sabe alguma coisa – admitiu Chutsky. – Por causa do serviço militar.

– Que tipo de coisa? – perguntei. Chutsky olhou para mim por um longo tempo, ou, pelo menos, seus óculos o fizeram. Bateu na mesa com aquele anel ridículo e a luz do sol fez faiscar o grande diamante. Quando ele falou, senti que a temperatura na nossa mesa caira uns dez graus.

– Companheiro, não quero lhe causar nenhum problema, mas você tem de esquecer isso. Desista. Encontre outro *hobby*. Do contrário, se verá no meio da merda, e acabará saindo pelo esgoto.

O garçom se materializou ao lado de Kyle antes que eu pudesse pensar em algo maravilhoso para dizer. Chutsky manteve os óculos escuros voltados em minha direção. Então estendeu o cardápio para o garçom.

– O *bouillabaisse* é excelente aqui – sugeriu.

Deborah desapareceu pelo resto da semana, o que não ajudou nada minha autoestima, porque, por mais terrível que fosse admiti-lo, sem sua ajuda eu estava paralisado. Não me ocorria nenhum plano alternativo para descartar Doakes. Ele continuava lá, estacionado debaixo da árvore em frente ao meu apartamento, seguindo-me até a casa de Rita, e eu não tinha nenhuma resposta. Meu antigo cérebro, antes tão arrogante, perseguia a própria cauda e só encontrava o ar.

Podia sentir o Passageiro das Trevas resmungando, se agitando e lutando para sair e assumir o volante, mas lá estava Doakes me vigiando por trás do para-brisa, me obrigando a me conter e

pegar outra lata de cerveja. Tenho me esforçado tanto e por tanto tempo para conquistar essa minha vidinha perfeita que não vou arruinar tudo agora. O Passageiro e eu podíamos esperar um pouquinho mais. Harry me ensinara a ter disciplina, e ela me ajudaria a esperar por dias mais felizes.

– Paciência – disse Harry. Ele parou para tossir num lenço de papel. – Ter paciência é mais importante do que ser inteligente. Inteligente você já é.

– Obrigado – falei. Na verdade, disse isso para ser gentil, porque não me sentia nada confortável ali naquele quarto de hospital. O cheiro de remédios, desinfetantes e urina, misturado ao ar de contido sofrimento e morte clínica, me fazia querer estar em qualquer outro lugar. Naturalmente, como um monstro jovem e imaturo, nunca me perguntei se Harry sentia o mesmo.

– Você tem de ser mais paciente, porque anda se achando esperto o bastante para escapar sem ser apanhado – ele recomendou. – Você não é. Ninguém é. – Fez outra pausa para tossir, e dessa vez a tosse foi mais demorada e profunda. Ver Harry daquele jeito – o indestrutível, superpolicial e meu pai adotivo Harry se sacudindo, cada vez mais vermelho e de olhos lacrimejantes devido ao esforço – era demais. Tive de afastar o olhar. Quando voltei a encará-lo, um instante depois, Harry me observava.

– Eu o conheço, Dexter. Melhor do que você mesmo. – E era fácil acreditar nisso. Ele continuou: – Você é basicamente um bom menino.

– Não sou, não – retruquei, pensando nas coisas maravilhosas que ainda não tivera permissão para fazer. O simples fato de desejar fazê-las descartava qualquer bondade. Além disso, a maioria dos outros garotos cheios de espinhas e hormônios da minha idade, que eram considerados bons meninos, se pareciam tanto comigo quanto um orangotango. Mas Harry não queria saber de nada disso.

– É sim – ele insistiu. – E precisa acreditar que é. Seu coração está no lugar certo, Dex – ele continuou, e com isso sofreu um ataque de tosse verdadeiramente épico. Durou pelo que me pareceram vários minutos, e em seguida, recostou a cabeça no travesseiro. Fechou os olhos por um instante e, ao voltar a abri-los, pareceram ainda mais azuis e brilhantes em contraste com o verde-pálido do rosto. – Paciência – ele disse. E fez com que a palavra soasse forte, apesar da dor e da fraqueza que devia sentir. – Você ainda tem um longo caminho pela frente, e eu não tenho muito tempo, Dexter.

– Eu sei – respondi. Ele fechou os olhos.

– Você não devia dizer isso. Devia dizer: "Não, não se preocupe; você tem muito tempo".

– Mas você não tem – falei, sem saber aonde aquilo nos levaria.

– Não, não tenho. Mas as pessoas fingem. Para eu me sentir melhor.

– E você se sente melhor?

– Não – ele tornou, e abriu os olhos de novo. – Mas você não pode usar a lógica quando se trata de comportamento humano. Tem de ser paciente, observar e aprender. Do contrário, vai se ferrar. Será apanhado e... lá se vai metade do meu legado. – Ele fechou os olhos de novo, e consegui perceber o esforço em sua voz. – Sua irmã será uma boa policial. Você... – ele esboçou

um sorriso triste – você será algo mais. Justiça de verdade. Mas só se for paciente. Se a oportunidade não chegar, Dexter, espere até ela surgir.

Tudo isso pareceu devastador para um aprendiz de monstro de dezoito anos. Tudo que eu queria era fazer a Coisa sair dançando à luz da lua, com a lâmina brilhando livre – algo tão fácil, tão natural e tão doce –, para cortar caminho por entre todo esse absurdo e ir direto ao ponto. Mas não podia. Harry havia complicado as coisas.

– Não sei o que vou fazer quando você morrer – disse.

– Você vai se sair bem.

– É muita coisa para lembrar.

Harry estendeu a mão e apertou o botão que pendia de uma corda ao lado da cama.

– Você vai se lembrar – falou. Soltou a corda, e ela pareceu gastar suas últimas forças quando caiu ao lado da cama. – Vai se lembrar. – Ele fechou os olhos e por um momento fiquei sozinho no quarto. Então a enfermeira entrou com uma seringa e Harry abriu um olho. – Nem sempre podemos fazer o que achamos que temos de fazer. Por isso, quando não puder fazer nada, espere – recomendou, e estendeu o braço para receber a picada. – Por maior que seja... a pressão... que você sinta.

Olhei para ele deitado ali, tomando a injeção sem se encolher e sabendo que mesmo o alívio que ela traria seria temporário, que seu fim estava próximo e que não podia detê-lo – e sabendo também que não tinha medo e que faria o que tinha de fazer, como fizera em toda a sua vida. E eu sabia de uma coisa: Harry me entendia. Ninguém mais o fizera e ninguém mais o faria, durante todo o tempo e em todo o mundo. Só Harry.

Se algum dia pensei em ser humano, foi por uma única razão: para ser como ele.

---

* Referência à novela de terror de Ira Levin, *The Stepford Wives* (literalmente, "As esposas de Stepford"), publicado no Brasil com o título *As possuídas*. O livro teve duas adaptações para o cinema, a mais recente exibida aqui como *Mulheres perfeitas* (2004), filme estrelado por Nicole Kidman. (N. T.)

** Moeda de ouro sul-africana cunhada em 1967 com a efígie do presidente Kruger. (N. T.)

CAPÍTULO 11

E ASSIM APRENDI A SER PACIENTE. NÃO FOI fácil, mas era a vontade de Harry. Deixar a mola de metal interior permanecer encolhida e quieta, e esperar, observar e manter a doce energia trancada dentro da caixa até que fosse o momento de deixá-la se soltar e sair saltando pela noite. Cedo ou tarde alguma brecha surgiria e poderíamos aproveitá-la. Cedo ou tarde eu encontraria uma maneira de fazer Doakes pestanejar.

Esperei.

Algumas pessoas acham isso mais difícil que outras, e foi só vários dias depois, numa manhã de sábado, que meu telefone tocou.

– Maldição – disse Deborah sem nenhum preâmbulo. Foi quase um alívio ouvir que ela voltara a ser a pessoa irritada de sempre.

– Estou bem, obrigado, e você?

– Kyle está me deixando louca. Diz que não há nada que a gente possa fazer exceto esperar, mas não me diz o que estamos esperando. Desaparece por dez ou doze horas e não me conta onde esteve. E depois esperamos mais um pouco. Estou tão cansada de esperar que me doem os dentes.

– A paciência é uma virtude.

– Estou cansada de ser virtuosa também. E farta do sorriso paternalista de Kyle quando lhe pergunto o que podemos fazer para encontrar o cara.

– Bem, Deb, não sei o que fazer a não ser oferecer minha solidariedade. Sinto muito.

– Acho que você pode fazer muito mais que isso, mano.

Suspirei fundo, mais para ser gentil com ela. Um suspiro soa muito bem ao telefone.

– Esse é o problema de ter fama de pistoleiro, Deb. Todo mundo acha que posso arrancar o olho de um sujeito a trinta passos de distância a qualquer hora.

– Eu acho.

– Sua confiança me comove, mas não entendo coisa alguma desse tipo de aventura, Deborah. Ela me é totalmente indiferente.

– Tenho de achar esse cara, Dexter. E esfregar a solução do caso no nariz do Kyle.

– Achei que você gostasse dele.

Ela bufou.

– Meu Deus, Dexter! Você não entende nada de mulheres, não é mesmo? Claro que gosto dele. É *por isso* que quero esfregar esse caso no nariz dele.

– Ah, bom. *Agora* faz sentido.

Ela fez uma pausa e em seguida falou, como quem não quer nada:

– Kyle me contou umas coisas interessantes sobre Doakes.

Senti meu amigo de longos caninos se esticar dentro de mim e rosnar.

– Você ficou muito sutil de repente, Deborah. É só pedir.

– Eu pedi, e você veio com essa história de que não pode ajudar – ela respondeu, de novo a velha Deb sem papas na língua. – Então, o que descobriu?

– Até o momento, nada.

– Merda.

– Mas posso ser capaz de descobrir alguma coisa.

– Quando?

Admito que estava irritado com a atitude de Kyle comigo. O que ele dissera mesmo? Que eu estaria "no meio da merda" e acabaria "saindo pelo esgoto". Sem brincadeira, quem escreve os diálogos dele? E o súbito ataque de sutileza de Deborah, que costumava ser minha especialidade, me deixara ainda mais nervoso. Por isso, não devia ter dito o que disse, mas não me contive:

– Que tal na hora do almoço? Digamos que terei alguma coisa por volta da uma hora. No Baleen, desde que Kyle possa pagar a conta.

– Isso veremos – ela disse, e depois acrescentou: – Sabe as informações sobre Doakes? São ótimas. – E desligou.

Muito bem, pensei. De repente, não me importava de trabalhar um pouco no sábado. Afinal, a única alternativa era fazer hora na casa de Rita e esperar o musgo crescer ao redor do sargento Doakes. Mas, se descobrisse alguma coisa para Deb, poderia encontrar a brecha pela qual estava esperando. E tinha apenas de ser o rapaz inteligente que todos acreditavam que eu era.

Contudo, por onde começar? Kyle afastara o departamento da investigação do crime antes que tivéssemos feito algo mais além de procurar digitais. Muitas vezes no passado eu conseguira ganhar pontos com meus colegas da polícia ajudando-os a capturar os demônios deformados que só viviam para matar. Mas isso era porque eu os entendia, já que sou doente e um demônio deformado também. Entretanto, dessa vez não podia confiar em obter alguma pista do Passageiro das Trevas, que dormia um sono agitado, pobre coitado. Tinha de depender de meu talento natural, que também estava assustadoramente silencioso no momento.

Talvez, se desse ao meu cérebro algum combustível, o motor pegaria no tranco. Fui à cozinha e encontrei uma banana. Estava ótima, mas não disparou nenhum foguete mental.

Atirei a casca no lixo e olhei o relógio. Bem, garoto, cinco minutos já se passaram. Excelente. E você conseguiu descobrir que não consegue imaginar nada. Bravo, Dexter.

Realmente, havia poucos lugares por onde começar. Tudo que havia eram a vítima e a casa. E, como tinha certeza de que a vítima não teria muito a dizer, mesmo que lhe devolvêssemos a língua, restava a casa. Era possível que pertencesse à vítima. Mas a decoração tinha uma aparência tão provisória que podia apostar que não.

Era estranho ele apenas ter saído andando da casa. Mas foi o que fez, e sem ninguém no seu pé que o obrigasse a uma retirada apressada – o que significava que tinha um plano.

Ele devia ter algum lugar para onde ir em seguida. É possível que na região de Miami, já que era ali que Kyle o procurava. Era um ponto de partida, e pensei nisso tudo sozinho. Bem-vindo ao lar, sr. Cérebro.

Os imóveis sempre deixam rastros, mesmo quando se tenta apagá--los. Quinze minutos diante de meu computador foram suficientes para descobrir alguma coisa: ainda não era uma pegada completa, mas a ponta de um artelho.

A casa estava registrada no nome de Ramon Puntia. Não sei como ele esperava se sair bem

com esse nome em Miami, porque Ramon Puntia é um falso nome cubano, e todo mundo sabe disso. Mas a casa estava paga e não havia dívida de imposto, uma sábia providência de alguém que valoriza a privacidade, como eu presumia que fosse o caso do nosso amigo. A casa tinha sido comprada à vista e em dinheiro, mediante transferência de um banco da Guatemala. Era um tanto estranho: com o rastro começando em El Salvador e levando às profundezas nebulosas de uma misteriosa agência governamental em Washington, por que fazer esse desvio na Guatemala? Mas uma rápida pesquisa *on-line* sobre a lavagem de dinheiro contemporânea mostrou que era uma manobra adequada. Aparentemente, a Suíça e as ilhas Cayman não estavam mais na moda, e, se alguém quisesse uma operação bancária discreta no mundo de fala hispânica, a Guatemala era o lugar perfeito.

Esses fatos levantaram uma interessante questão: quanto dinheiro o sr. Desmembrador teria e de onde ele viria? Era uma pergunta que não levava a lugar nenhum no momento. Supunha que ele tivesse dinheiro suficiente para comprar outra casa, para onde deve ter ido quando abandonou a primeira, e provavelmente na mesma faixa de preço.

Então, tudo bem. Voltei ao banco de dados imobiliários do condado de Dade e procurei outras propriedades adquiridas da mesma maneira, através do mesmo banco. Havia sete, quatro delas vendidas por mais de um milhão de dólares, valor que me pareceu demasiado elevado por uma propriedade descartável. Era provável que as quatro tivessem sido compradas por personagens menos sinistros, como os habituais chefões das drogas ou um dos altos executivos na lista da *Fortune 500*.

Portanto, as possibilidades se restringiam a três casas. Uma ficava em Liberty City, bairro de Miami onde predominava a população negra. Mas uma investigação mais detalhada revelou que se tratava de um bloco de apartamentos.

Das duas propriedades remanescentes, uma ficava em Homestead, perto do gigantesco depósito de lixo conhecido na região por monte Trashmore*. A outra também ficava na parte sul da cidade, perto de Quail Roost Drive.

Duas casas: podia apostar que alguém acabara de se mudar para uma delas e estava fazendo alguma coisa capaz de assustar as senhoras da vizinhança que foram lhe dar as boas-vindas. Nada garantido, é claro, mas parecia provável, e afinal estava quase na hora do almoço.

O Baleen era um restaurante muito caro ao qual jamais teria me aventurado por meus próprios meios. Tinha a elegância antiga dos painéis de carvalho que faz a gente sentir que precisa de gravata e polainas. E ainda por cima oferecia uma das melhores vistas da baía Biscayne, mas para encontrar uma dessas mesas livres, era preciso ter sorte.

Ou Kyle era um sortudo ou seu charme impressionara o *maître*, porque ele e Deborah já ocupavam uma dessas mesas, sobre a qual havia uma garrafa de água mineral e um prato do que pareciam ser bolinhos de caranguejo. Agarrei um e dei uma mordida enquanto me sentava na cadeira diante de Kyle.

– Huumm. Acho que é para cá que os bons caranguejos vêm quando morrem.

– Debbie me disse que você tem algo para nós – falou Kyle. Olhei para minha irmã, que sempre fora Deborah ou Deb, jamais Debbie. Mas ela não disse nada. Aparentemente estava disposta a permitir essa rude liberdade, de modo que voltei minha atenção para Kyle. Ele usava os óculos de grife de novo, e seu ridículo anel brilhou enquanto cuidadosamente tirava o cabelo

da testa.

– Espero ter alguma coisa – disse. – Mas quero ter cuidado para não ir pelo esgoto.

Kyle me encarou por um longo momento e depois sacudiu a cabeça; um relutante sorriso moveu sua boca alguns centímetros para cima.

– Está certo: essa eu perdi – respondeu. – Mas você ficaria surpreso com a frequência com que frases desse tipo funcionam.

– Estou certo de que ficaria embasbacado – tornei, e lhe passei a folha impressa de meu computador. – Enquanto recupero o fôlego, talvez queira dar uma olhada nisso.

Kyle franziu a testa e desdobrou a papel.

– O que é?

Deborah se inclinou para a frente para olhar, com aquele ar de jovem policial ansiosa que ela era.

– Você encontrou alguma coisa. Sabia que encontraria.

– São apenas dois endereços – disse Kyle.

– Um deles pode muito bem ser o esconderijo de um certo médico não ortodoxo com um passado na América Central – expliquei, e lhe disse por quê. Numa atitude louvável, ele pareceu impressionado, mesmo por trás dos óculos escuros.

– Devia ter pensado nisso – respondeu. – Muito bom. – Ele fez um gesto afirmativo e bateu com o dedo na folha de papel. – Seguir o dinheiro. Sempre funciona.

– É claro que não tenho certeza – falei.

– Aposto que está certo – ele disse. – Acho que você encontrou o doutor Danco.

Olhei para Deborah. Ela sacudiu a cabeça, de modo que voltei a olhar para os óculos escuros de Kyle.

– Um nome interessante. Polonês?

Chutsky pigarreou e olhou em direção ao mar.

– Não é do seu tempo, imagino. É um antigo comercial: Danco apresenta a nova centrífuga. Ela corta, pica... – Ele voltou os óculos escuros para mim. – É assim que nós o chamamos: doutor Danco. É o tipo de piada que a gente faz quando está longe de casa vendo coisas terríveis – completou.

– Mas agora nós as estamos vendo perto de casa – falei. – Por que ele está aqui?

– É uma longa história – disse Kyle.

– Isso significa que ele não quer nos contar – completou Deborah.

– Nesse caso, vou pegar mais um bolinho de caranguejo. – Inclinei-me e peguei o último do prato. Eram realmente deliciosos.

– Então, Chutsky – disse Deborah –, temos uma boa chance de saber onde esse cara está. E agora, o que vamos fazer?

Ele colocou a mão em cima da dela e sorriu.

– Eu vou almoçar. – E pegou um cardápio com a outra mão.

Deborah o encarou por um instante. Então puxou a mão.

– Merda! – soltou.

A comida era realmente excelente, e Chutsky se esforçou para ser simpático, como se tivesse decidido que, quando não se pode dizer a verdade, é preciso ter charme. Para ser justo, não podia me queixar, porque em geral usava o mesmo truque, mas Deborah não parecia muito feliz. De

mau humor, ficou remexendo a comida enquanto Kyle contava piadas e me perguntou se eu confiava que os Dolphins chegariam à final naquele ano. Pouco me importava se os Dolphins ganhassem o Nobel de Literatura, mas, como um humano artificial bem programado, tinha vários comentários sensatos preparados sobre o tema, que pareceram satisfazer Chutsky, enquanto este continuava tagarelando da maneira mais amigável possível.

Chegamos a comer a sobremesa, o que me pareceu levar aquela estratégia de diversão longe demais, particularmente porque nem eu nem Deborah estávamos distraídos. Mas a comida era muito boa, de modo que teria sido pouco civilizado me queixar.

Ao contrário, Deborah batalhara toda a vida para se tornar incivilizada, e, quando o garçom colocou uma enorme taça com um doce feito de chocolate na frente de Chutsky, e ele se virou para ela com dois garfos, Deborah aproveitou a oportunidade para atirar uma colher no centro da mesa.

– Não – ela disse. – Não quero outra maldita xícara de café, nem esse maldito negócio de chocolate. Quero uma maldita resposta. Quando vamos pegar o cara?

Ele a fitou num misto de surpresa e afeição, como se achasse muito úteis e charmosas mulheres que atiram colheres, embora considerasse o ato um tanto fora de hora.

– Posso terminar minha sobremesa primeiro? – ele perguntou.

---

* *Trash*, em inglês, significa "lixo". (N. T.)

CAPÍTULO 12

DEBORAH NOS LEVOU DE CARRO ATÉ a Dixie Highway. Sim, eu disse "nos". Para minha surpresa, havia me tornado um membro importante da Liga da Justiça e fui informado de que seria homenageado com a oportunidade de colocar meu ser insubstituível em risco. Embora não estivesse nem um pouco encantado, um pequeno incidente quase fez a coisa valer a pena.

Enquanto esperávamos o manobrista do restaurante trazer o carro de Deborah, Chutsky resmungou baixinho: "Que diabos...?", e saiu andando pela entrada de carros. Observei-o passar pelo portão e fazer um gesto para um Taurus marrom que, casualmente, estava estacionado ao lado de uma palmeira. Deb olhou para mim como se se sentisse culpada, e ambos vimos Chutsky bater na janela do motorista, que desceu e revelou, é evidente, ser o sempre vigilante sargento Doakes. Chutsky se abaixou e disse algo a Doakes, que olhou para mim, balançou a cabeça, fechou a janela e partiu.

Chutsky não disse nada quando voltou a se reunir a nós. Mas olhou para mim de maneira diferente antes de se sentar no assento da frente do carro.

Foi uma viagem de vinte minutos para o sul, até o cruzamento entre a Quail Roost Drive e a Dixie Highway, bem ao lado de um supermercado. Mais duas quadras à frente, uma série de ruas secundárias levava a um tranquilo bairro de trabalhadores, repleto de casinhas simples, em geral com dois carros na entrada e várias bicicletas espalhadas pelo gramado.

Uma dessas ruas fazia uma curva à esquerda e dava em um beco sem saída, e foi ali, no fim da rua, que encontramos a casa, uma construção pintada de amarelo-claro com um jardim abandonado. Estacionada na entrada havia uma velha van cinza onde estava escrito, em letras vermelhas: HERMANOS CRUZ LIMPIADORES.

Deb manobrou no fim do beco e voltou meia quadra em direção a uma casa na qual meia dúzia de carros estavam estacionados e de onde se ouvia um *rap*. Ela manobrou o carro e estacionou sob uma árvore, de frente para o alvo.

– O que você acha? – perguntou.

Chutsky apenas deu de ombros.

– Hum, hum. Pode ser. Vamos observar por um tempo.

E lá ficamos, em animada conversa, por uma boa meia hora. Um tempo difícil para manter a mente alerta, de modo que me vi viajando mentalmente até a pequena estante em meu apartamento, onde em uma caixa de madeira guardava um bom número de lâminas de vidro, do tipo que se usa sob um microscópio. Cada uma continha uma única gota de sangue – sangue bem seco, claro. Se não fosse assim, não guardaria essa coisa desagradável no meu apartamento. Quarenta minúsculas janelas com vista para o meu eu sombrio. Uma gota de cada uma de minhas aventuras. Ali estava, havia muito tempo, a Primeira Enfermeira, que matou os pacientes com uma *overdose* cuidadosa, dando a desculpa de lhes aliviar a dor. Vizinho a ela, no

compartimento seguinte, o professor de escola secundária que estrangulava enfermeiras. Magnífico contraste. Adoro essas ironias da vida.

Tantas lembranças, e, à medida que acariciava cada uma delas, ficava ainda mais ansioso para criar uma nova, a número 41, embora a número 40, MacGregor, mal tivesse acabado de secar. Mas, como ele estava ligado ao meu próximo projeto, que permanecia inacabado, estava ansioso para agir. Assim que tivesse certeza sobre Reiker e encontrasse uma maneira de...

Sentei-me. Talvez a farta sobremesa tivesse obstruído minhas artérias cranianas, porque eu esquecera a chantagem de Deb.

– Deborah? – chamei.

Ela olhou para mim com uma ruga de concentração na testa.

– O que foi?

– Aqui estamos.

– Não diga!

– Você não disse que tinha umas coisas para me contar?

Ela olhou para Chutsky. Ele olhava para a frente, e ainda usava os óculos escuros, que não piscaram.

– Tudo bem. No exército, Doakes serviu nas Forças Especiais.

– Isso eu já sei. Está no currículo.

– O que você não sabe, companheiro – disse Kyle sem se mexer –, é que as Forças Especiais têm um lado obscuro. Doakes trabalhava para esse lado. – Um sorrisinho enrugou seu rosto por um segundo apenas, tão pequeno e repentino que posso tê-lo imaginado. – Uma vez que você passa para o lado obscuro, é para sempre. Não tem volta.

Por um longo momento, olhei para Chutsky ali sentado, totalmente imóvel, e depois encarei Deb. Ela deu de ombros.

– Doakes era um pistoleiro – ela contou. – O exército o colocou à disposição dos caras de El Salvador, e ele matava para eles.

– Isso explica sua personalidade – falei, pensando que explicava muito mais, como o eco que ouvia vindo de sua direção quando o meu Passageiro das Trevas chamava.

– Você precisa entender como as coisas acontecem – disse Chutsky. Era um tanto sinistro ouvir sua voz vindo de um rosto totalmente impassível, como se projetada por um gravador que alguém colocara em seu corpo. – Acreditávamos estar salvando o mundo, abrindo mão de nossa vida, e da esperança de algo normal e decente, pela causa. E no fim estávamos apenas vendendo nossa alma. Eu, Doakes...

– E o doutor Danco – completei.

– E o doutor Danco. – Chutsky suspirou e finalmente se moveu, virando a cabeça com rapidez para Deborah e, em seguida, olhando de novo para a frente. Ele sacudiu a cabeça, e o movimento pareceu tão amplo e teatral depois da imobilidade que quase aplaudi. – No início, o doutor Danco era um idealista, como todos nós. Na faculdade de medicina, descobriu que havia algo faltando dentro dele, que era capaz de causar mal aos outros sem sentir nenhuma empatia. Absolutamente nenhuma. Isso é bem mais raro do que você pensa.

– Com certeza – repliquei, e Deb me encarou.

– Danco amava seu país – Chutsky continuou. – Por isso, para usar seu talento, ele, de modo intencional, passou para o lado obscuro. E em El Salvador seu talento... floresceu. Qualquer um

que levássemos a ele... – fez uma pausa e respirou fundo. – Merda! Você sabe o que ele faz.

– Muito original – afirmei. – Criativo.

Chutsky soltou um risinho que mais parecia um ronco, sem nenhum humor.

– Criativo. É, pode-se dizer que sim. – Chutsky balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. – Não o incomodava fazer aquilo, e em El Salvador ele passou a gostar. Começava o interrogatório fazendo perguntas pessoais. Em seguida, quando começava... Ele chamava a pessoa pelo nome, como se fosse um dentista ou algo assim, e dizia: "Vamos tentar o número cinco", ou o número sete, ou qualquer outro, como se fossem diferentes padrões.

– Que tipo de padrões? – perguntei. Parecia uma questão perfeitamente natural, que demonstrava interesse e mantinha a conversação. Mas Chutsky se mexeu no banco e olhou para mim como se eu fosse algo que exigisse um vidro inteiro de desinfetante.

– Você achou engraçado – ele falou.

– Ainda não – respondi.

Ele me encarou por um tempo que me pareceu excessivamente longo; depois, apenas balançou a cabeça e voltou a olhar para a frente.

– Não sei que tipo de padrão, companheiro. Nunca perguntei. Lamento. Provavelmente tinha a ver com a parte que ele cortava primeiro. Apenas algo que o divertia. E ele falava com eles, chamava-os pelo nome, mostrava-lhes o que estava fazendo. – Chutsky estremeceu. – O que tornava as coisas ainda piores. Você devia ver o efeito que ele causou do outro lado.

– E a você, que efeito causou? – Deborah perguntou.

Ele deixou seu queixo cair sobre o peito e depois se endireitou de novo.

– O mesmo – confessou. – De qualquer forma, algo finalmente mudou na política do Pentágono. Novo regime e tudo o mais, e eles não queriam saber o que andávamos fazendo por lá. Então, correu em segredo a notícia de que o doutor Danco poderia nos prestar um favor político se o entregássemos para o outro lado.

– Você mandou seu homem para a morte? – perguntei. Não me parecia justo – quero dizer, posso não me preocupar com moral, mas pelo menos jogo dentro das regras.

Kyle ficou em silêncio por um longo momento.

– Disse-lhe que vendemos nossa alma, companheiro – falou, por fim. Sorriu de novo, por um tempo um pouco mais longo dessa vez. – Sim, nós o entregamos e eles o pegaram.

– Mas ele não está morto – falou Deborah, sempre muito prática.

– Fomos enganados – disse Chutsky. – Os cubanos o levaram.

– Que cubanos? – perguntou Deborah. – Você disse El Salvador.

– Naquele tempo, sempre que havia confusão na América Latina, os cubanos estavam no meio. Eles apoiavam um lado, e nós o outro. E queriam o nosso doutor. Eu lhe disse, ele era especial. Queriam convertê-lo para o lado deles, e então o levaram para a Ilha dos Pinhos.

– Um refúgio? – perguntei.

Chutsky soltou uma única risada gutural.

– O último refúgio, talvez. A Ilha dos Pinhos é uma das mais terríveis prisões do mundo. O doutor Danco passou uma boa temporada lá. Eles lhe contaram que o tínhamos entregado. Alguns anos depois, um dos nossos foi apanhado e voltou daquele jeito: sem braços, sem pernas e tudo o mais. Danco está trabalhando para eles. E agora... – ele estremeceu. – Ou eles o soltaram ou ele fugiu. Pouco importa. Ele sabe quem o traiu e fez uma lista.

– Seu nome está na lista? – Deborah perguntou.

– Talvez – disse Chutsky.

– E Doakes está? – perguntei. Afinal, eu também podia ser prático.

– Talvez – ele repetiu, o que não ajudou muito. A história de Danco era interessante, é claro, mas havia um motivo para eu estar ali. – De qualquer forma – continuou Chutsky –, esse é o problema que enfrentamos.

Ninguém parecia ter muito a dizer sobre o assunto, inclusive eu. Repassei tudo que tinha ouvido de um lado e do outro, procurando uma maneira de me livrar da praga do Doakes. Devo admitir que no momento não via como, o que era humilhante. Mas agora entendia um pouco mais o querido doutor Danco. Então, dentro dele também faltava algo. Um lobo em pele de cordeiro. E ele também encontrara uma maneira de usar seu talento por um bem maior – mais uma vez, exatamente como o querido e velho Dexter. Mas agora ele saíra dos trilhos e se igualara a qualquer outro predador, não importando a direção em que sua técnica o houvesse levado.

Com essa descoberta, outro pensamento se meteu no caldeirão borbulhante do subcérebro obscuro de Dexter. Antes era uma fantasia momentânea, mas agora parecia uma boa ideia. Por que eu mesmo não ia atrás do doutor Danco, para dançar com ele uma Dança Misteriosa? Ele se transformara em um mau predador, como todos os outros da minha lista. Ninguém, nem mesmo Doakes, se oporia à sua morte. Antes eu pensara na possibilidade de encontrar o doutor, mas agora a busca assumia uma urgência que amainava minha frustração de não poder pôr as mãos em Reiker. Então ele era como eu? Veríamos já, já. Um golpe de ar gelado percorreu minha espinha, e percebi que estava mesmo ansioso por encontrar o doutor e discutir seu trabalho em detalhes.

Ouvi a distância o primeiro trovão da tempestade vespertina que se aproximava.

– Merda! – disse Chutsky. – Vai chover?

– Todo dia chove a esta hora – falei.

– Isso não é nada bom. Temos de fazer alguma coisa antes que chova. É com você, Dexter.

– Comigo? – perguntei, assustado, abandonando minha meditação sobre a original técnica médica. Concordara em participar daquela busca, mas fazer algo concreto estava fora do acordo. Quer dizer que os dois experientes guerreiros iam ficar ali sentados, sem tomar uma atitude, enquanto o Delicado Dexter enfrentava o perigo? Isso não tinha sentido.

– Você, sim – repetiu Chutsky. – Tenho de ficar na retaguarda e ver o que acontece. Se for ele, terei melhores condições de atacá-lo. E Debbie... – Sorriu para ela, apesar do olhar de raiva que ela lhe lançava. – Debbie dá muita bandeira. Anda como tira, olha como tira e pode tentar lhe passar uma multa. Ele perceberia que ela é uma policial a um quilômetro de distância. Portanto, cabe a você, Dex.

– Cabe a mim fazer o quê? – perguntei, e admito que estava indignado, e com razão.

– Apenas dê uma olhada na casa. Mantenha olhos e ouvidos bem abertos, mas não seja óbvio demais.

– Não sei ser óbvio – falei.

– Ótimo. Então vai ser moleza.

Era evidente que nem a lógica nem a justificada irritação ajudariam em nada, de modo que abri a porta do carro e saí, mas não pude resistir a uma última provocação. Debrucei-me na janela de Deb e falei:

– Espero sobreviver para me arrepender. – E, muito gentilmente, um trovão retumbou de novo, dessa vez bem perto.

Caminhei pela calçada em direção à casa. Havia folhas secas pelo chão, onde pude ver uma caixa de suco amassada, provavelmente caída da lancheira de alguma criança. Um gato atravessou correndo o gramado e se sentou para lamber as patas e olhar para mim de uma distância segura.

Na casa onde havia todos aqueles carros estacionados a música tinha mudado e alguém gritou "Uhu!". Era bom saber que alguém estava se divertindo enquanto eu caminhava para o perigo mortal.

Virei à esquerda e fiz a volta no fim da rua. Dei uma olhada na casa, muito orgulhoso da maneira nada evidente com que passei para o outro lado da calçada. O gramado estava maltratado, e havia uma pilha de jornais na entrada. Não parecia haver uma pilha visível de partes de corpo descartadas, e ninguém correu para fora nem tentou me matar. Mas pude ouvir, em alto volume e em espanhol, o som de um programa de perguntas e respostas na tevê. Uma voz masculina soou acima do histérico apresentador e um prato se partiu. E, assim como traz as primeiras gotas de chuva, a rajada de vento que soprou trouxe também um cheiro de amoníaco.

Passei pela casa e voltei ao carro. Mais umas gotas de chuva começaram a cair, e ouviu-se outro trovão, mas o dilúvio que se esperava não veio. Entrei no carro.

– Nada de sinistro – contei. – A grama precisa ser cortada e a casa cheira a amoníaco. Ouvi vozes. Ou ele fala sozinho ou há mais gente com ele.

– Amoníaco – repetiu Kyle.

– Acho que sim – falei. – Provavelmente algum produto de limpeza.

Kyle balançou a cabeça.

– Empresas de limpeza não usam amoníaco, porque o cheiro é forte demais. Mas sei quem usa.

– Quem? – perguntou Deborah.

Ele sorriu para ela.

– Volto já – respondeu, e saiu do carro.

– Kyle! – chamou Deborah, mas ele apenas acenou e caminhou em direção à casa. – Merda! – ela resmungou quando o viu bater à porta e olhar para as nuvens escuras da tempestade que se aproximava.

A porta se abriu e apareceu um homem baixo e atarracado, de pele escura e cabelos pretos caídos na testa. Chutsky lhe disse algo, e por um momento nenhum dos dois se mexeu. O homenzinho olhou para a rua e depois para Kyle, que enfiou a mão no bolso e mostrou ao homem alguma coisa – seria dinheiro? O homem olhou para a coisa, voltou a olhar para Chutsky, e então abriu mais a porta. Chutsky entrou. A porta bateu.

– Merda – Deborah disse de novo. Roeu uma das unhas, algo que não a via fazer desde que era adolescente. Devia ter um gosto bom, porque, quando acabou, passou à outra. Já estava na terceira unha quando a porta da casa se abriu e Chutsky saiu, sorrindo e acenando. A porta se fechou e ele desapareceu por trás de uma parede de água. A chuva por fim chegava. Ele veio pisando forte até o carro e entrou no banco da frente, respingando.

– Maldição! Estou totalmente molhado!

– Que diabos aconteceu lá? – Deborah perguntou.

Chutsky levantou uma sobrancelha para mim e tirou o cabelo da testa.

– Ela tem uma maneira de falar muito elegante, não?

– Não enche, Kyle – Deborah falou.

– O cheiro de amoníaco. Não tem uso cirúrgico, e nenhuma empresa profissional de limpeza o utiliza.

– Disso já sabemos – interrompeu ela.

Ele sorriu.

– Mas o amoníaco é usado para produzir metanfetamina. Que é o que aqueles caras estão fazendo.

– Você entrou numa fábrica de metanfetamina? – perguntou Deb. – Que raios foi fazer lá?

Ele sorriu e tirou um pacotinho do bolso.

– Comprei uns gramas da droga – respondeu.

CAPÍTULO 13

DEBORAH NÃO DISSE NADA POR QUASE DEZ MINUTOS, apenas dirigiu o carro olhando para a frente, de cara fechada. Eu podia ver seus músculos contraídos desde o rosto até os ombros. Como a conhecia bem, sabia que uma explosão se armava, desconhecia, porém, como a Deb Apaixonada ia se comportar, não podia dizer quando tal explosão ocorreria. O alvo do ataque de raiva iminente, Chutsky, também estava quieto, mas aparentemente muito feliz de estar ali, em silêncio, olhando a paisagem.

Estávamos quase chegando ao segundo endereço, à sombra do monte Trashmore, quando Deb falou.

– Que inferno, isso é *ilegal*! – ela disse, batendo a palma da mão no volante para enfatizar a palavra.

Chutsky olhou para ela com afeto.

– Eu sei.

– Sou uma agente da lei, caramba! Jurei acabar com essa merda... e você... – ela esbravejou.

– Precisava ter certeza – ele respondeu, com toda a calma. – E essa me pareceu a melhor maneira.

– Devia algemar VOCÊ! – ela disse.

– Pode ser engraçado.

– Filho da puta!

– No mínimo.

– Não pense que vou passar para o maldito lado obscuro!

– Não, não vai – ele afirmou. – Eu não deixaria, Deborah.

Ela bufou e o encarou. Ele devolveu o olhar. Nunca tinha visto uma conversa silenciosa, e aquela foi extraordinária. Os olhos dela percorreram com rapidez o rosto dele, da esquerda para a direita, e de novo para a esquerda. Ele se limitou a sustentar o olhar, calmo e sereno. Era elegante e fascinante, e quase tão interessante quanto o fato de Deb esquecer que dirigia.

– Detesto interromper – anunciei. – Mas acho que há um caminhão de cerveja bem aí na frente.

Ela levou um susto e freou, bem a tempo de evitar nos transformar num adesivo no para-choque do caminhão da Miller Lite.

– Amanhã mesmo vou passar aquele endereço para o departamento de combate às drogas – falou.

– Tudo bem – disse Chutsky.

– E você vai jogar fora esse pacotinho.

Ele pareceu levemente surpreso.

– Custou uma grana – falou.

– Mas você vai jogar fora – ela repetiu.

– Tudo bem – ele concordou. Eles se olharam de novo, deixando para mim a obrigação de vigiar outros caminhões letais. Ainda assim, era bom ver tudo resolvido e a harmonia restaurada no universo, de modo que podíamos ir atrás de nosso repulsivo monstro inumano da semana, certos de que o amor vai sempre prevalecer. E, assim, foi uma satisfação percorrer a South Dixie Highway quando caíam os últimos pingos da chuva e o sol surgia por entre as nuvens. Entramos em um labirinto de ruas, todas com vista para o gigantesco monte de lixo conhecido como Trashmore.

A casa que procurávamos ficava no meio do que parecia ser a última fileira de casas antes que a civilização chegasse ao fim e o lixo reinasse soberano. Ficava numa curva, e tivemos de passar duas vezes por ela para ter certeza de que a tínhamos encontrado. Era uma casinha modesta de três dormitórios e possíveis duas hipotecas, pintada de amarelo-claro com uma faixa branca, e o gramado estava bem aparado. Não se via nenhum carro na entrada, e uma placa de VENDE-SE na frente do gramado fora coberta por outra, que dizia VENDIDA! em letras de um vermelho brilhante.

– Talvez ele ainda não tenha se mudado – sugeriu Deborah.

– Ele tem de estar em algum lugar – afirmou Chutsky, e era difícil contrariar sua lógica. – Estacione. Você tem uma prancheta?

Deborah estacionou o carro.

– Debaixo do banco. Preciso dela para preencher os formulários.

– Não vou sujar – ele disse, e tateou sob o banco, de onde tirou uma prancheta de metal à qual estava presa uma pilha de formulários oficiais. – Perfeita – falou. – Arranje-me uma caneta.

– O que você vai fazer? – ela perguntou, passando-lhe uma caneta barata, branca com tampa azul.

– Ninguém para um sujeito que está usando uma prancheta – disse Chutsky com um sorrisinho. E, antes que um de nós dissesse alguma coisa, saiu do carro e subiu o caminho que dava acesso à casa, num passo firme e burocrático. Parou na metade do caminho e olhou para a prancheta, virando algumas páginas e lendo algo antes de olhar para a casa de novo e sacudir a cabeça.

– Ele parece bom nesse tipo de coisa – falei a Deborah.

– É bom que seja – ela disse. Mordeu outra unha, e fiquei preocupado que em breve não restasse mais nenhuma.

Chutsky continuou em direção à porta, consultando a prancheta, parecendo não saber que causava uma escassez de unhas. Caminhava de maneira natural e sem pressa. Era óbvio que tinha muita experiência em golpes e trapaças, dependendo de qual fosse a palavra mais adequada para descrever o mau comportamento oficialmente aprovado. E havia feito Deb roer as unhas e quase abalroar um caminhão de cerveja. Talvez não fosse uma boa influência para ela, embora fosse bom haver outro alvo para suas caras feias e seus socos ferozes. Estou sempre disposto a deixar que outro exiba os hematomas de vez em quando.

Chutsky parou diante da porta e escreveu alguma coisa. E então, embora não tenha visto como ele fez isso, abriu a porta e entrou. A porta se fechou atrás dele.

– Merda – disse Deborah. – Invadindo propriedade alheia. Daqui a pouco vai sequestrar um avião.

– Sempre quis conhecer Havana – falei, querendo ajudar.

– Dois minutos – ela disse. – Depois peço ajuda e vou atrás dele.

A julgar pela maneira como sua mão se moveu na direção do rádio, um minuto e cinquenta e nove segundos tinham se passado quando a porta se abriu e Chutsky saiu. Ele parou de novo na entrada, escreveu algo na prancheta e voltou ao carro.

– Tudo bem – disse, enquanto entrava no banco da frente. – Vamos para casa.

– A casa está vazia? – perguntou Deborah.

– Nenhum sinal de gente – ele respondeu. – Nem uma toalha ou uma lata de sopa em lugar nenhum.

– E agora? – ela perguntou, ligando o motor do carro.

Ele balançou a cabeça.

– Voltamos ao plano A – ele disse.

– E que raio de plano A é esse? – Deborah lhe perguntou.

– Paciência – foi a resposta.

E assim, apesar de um almoço delicioso e um original passeio vespertino, voltávamos ao ponto de partida. Uma semana se passou da mesma maneira enfadonha. Não parecia que o sargento Doakes fosse desistir antes que minha transformação em um ornamento de sofá barrigudo de tanta cerveja tivesse se completado. E eu não concebia nada mais a fazer além de brincar de chutar lata e forca com Cody e Astor, representando teatrais beijos de boa-noite com Rita para meu perseguidor.

Então o telefone tocou no meio da noite. Era domingo, e no dia seguinte tinha de acordar cedo para trabalhar. Vince Masouka e eu tínhamos um acordo, e era minha vez de comprar as rosquinhas. E agora o telefone tocava, insolente, como se eu não tivesse com que me preocupar no mundo e as rosquinhas se entregassem sozinhas. Olhei o relógio na mesinha ao lado da cama: 2h38. Admito que estava um tanto irritado quando tirei o fone do gancho.

– Deixe-me em paz – resmunguei.

– Dexter, Kyle desapareceu. – Era Deborah, e parecia exausta, tensa e sem saber se queria dar um tiro em alguém ou chorar.

Levei um instante para colocar meu poderoso intelecto em movimento.

– Bem, Deb, um cara como ele... talvez você esteja melhor sem Kyle por perto.

– Ele *desapareceu*, Dexter. Foi sequestrado. O cara o pegou. O cara que fez aquilo – ela disse. E, apesar de sentir que havia entrado de repente em um episódio de *Os Sopranos*, sabia o que ela queria dizer. O sujeito que tinha transformado a coisa sobre a mesa em uma batata uivante sequestrara Kyle, possivelmente para fazer algo semelhante com ele.

– Doutor Danco – falei.

– Sim.

– Como você sabe?

– Ele disse que isso podia acontecer. Kyle é o único que conhece a cara do sujeito. Quando Danco descobrisse que Kyle estava aqui, tentaria pegá-lo. Nós tínhamos combinado um sinal e... Merda, Dexter! Venha já pra cá. Temos de encontrá-lo – e desligou.

Sempre eu. Não sou uma boa pessoa, mas, por alguma razão, era sempre a mim que eles

procuravam com seus problemas. *Oh, Dexter, um monstro selvagem e inumano sequestrou meu namorado!* Dane-se. Também sou um monstro selvagem e inumano – será que não tenho direito a um pouco de descanso?

Suspirei. Aparentemente, não!

Esperei que Vince entendesse a falta das rosquinhas.

CAPÍTULO 14

ERAM QUINZE MINUTOS DE CARRO DE ONDE eu morava, em Grove, até a casa de Deborah. Pela primeira vez, não vi o sargento Doakes me seguindo, mas talvez estivesse usando um dispositivo de invisibilidade igual ao de *Jornada nas Estrelas*. De qualquer forma, havia pouco tráfego. Deborah morava em uma pequena casa na Medina Avenue, em Coral Gables, com algumas árvores frutíferas malcuidadas e um muro de pedra em desintegração. Estacionei meu carro ao lado do dela, e só tinha dado dois passos quando Deborah abriu a porta.

– Por onde você andou? – ela perguntou.

– Tive aula de ioga e depois fui a um *shopping* comprar sapatos.

Esse jeito de falar me irritou. Afinal, tinha me apressado ao máximo, e chegara lá menos de vinte minutos após seu telefonema.

– Entre – ela disse, olhando em volta na escuridão e segurando a porta como se pensasse que fosse voar.

– Sim, senhora todo-poderosa – falei, e entrei.

A casa de Deborah era luxuosamente decorada no estilo eu-não-tenho-vida-própria. A sala parecia o quarto de um hotel barato que tivesse sido ocupado e destruído por uma banda de *rock*. Tudo que restara era um aparelho de tevê e um vídeo. Havia uma cadeira e uma pequena mesa ao lado de uma porta-balcão que dava para um pátio, quase desaparecido em meio a uma mata. Ela encontrou uma cadeira de armar quase quebrada em algum lugar e abriu-a ao lado da mesa para mim. Fiquei tão comovido com esse gesto de hospitalidade que arrisquei o corpo e a alma sentando-me naquela coisa caindo aos pedaços.

– Muito bem – comecei. – Há quanto tempo ele sumiu?

– Merda. Há umas três horas e meia, acho. – Ela balançou a cabeça e se enfiou na cadeira. – Devíamos nos encontrar aqui e... ele não apareceu. Fui até o seu hotel, e ele não estava lá.

– Não é possível que tenha ido a algum outro lugar? – perguntei, e não me orgulho disso, mas admito que soou otimista.

Deborah fez que não.

– Sua carteira e as chaves ainda estavam na gaveta. O cara o sequestrou, Dex. Temos de encontrá-lo antes... – Ela mordeu o lábio e olhou para longe.

Não sabia o que fazer para encontrar Kyle. Como eu disse, não é o tipo de situação sobre a qual eu tenha alguma intuição, e já fizera minha aposta localizando as propriedades. Mas, como Deborah se referia a "nós", parece que eu não teria muita voz ativa nessa questão. Laços de família e tudo o mais. Apesar disso, tentei uma negociação.

– Lamento se pareço imbecil, Deb, mas você relatou isso?

Ela olhou para cima e soltou algo como um resmungo.

– Relatei, claro. Liguei para o capitão Matthews e ele me pareceu aliviado. Disse-me para não

ficar histérica como uma velha com chilique. – Ela meneou a cabeça. – Pedi a ele que emitisse um alerta geral, e ele disse: "Contra quem?". – Ela suspirou. – Contra quem?... Que inferno, Dexter, eu queria estrangulá-lo, mas... – Ela deu de ombros.

– Mas ele estava certo – completei.

– Sim. Kyle é o único que sabe que cara tem o sujeito – ela falou de novo. – Não sabemos que carro ele dirige, nem qual seu verdadeiro nome. Merda, Dexter. Tudo que sabemos é que ele pegou o Kyle. – Ela respirou com um som áspero. – De qualquer forma, Matthews entrou em contato com o pessoal de Kyle em Washington. Disse que era tudo que podia fazer. – Parecia desolada. – Estão mandando alguém na terça de manhã.

– Tudo bem, então – falei, esperançoso. – Quero dizer, sabemos que o sujeito trabalha muito devagar.

– Terça de manhã – ela repetiu. – Quase dois dias. Por onde você acha que ele vai começar, Dex? Será que vai amputar uma perna primeiro? Ou um braço? Ou os dois ao mesmo tempo?

– Não. Um de cada vez. – Ela me lançou um olhar agudo. – É mais lógico, não é?

– Para mim, não. Nada disso tem lógica.

– Deborah, cortar braços e pernas não é *o que* esse cara quer fazer. É só *como* ele faz isso.

– Pelo amor de Deus, Dexter, fale uma língua que eu entenda.

– O que ele *quer* fazer é destruir totalmente as vítimas. Destruí-las por fora e por dentro, sem chance de conserto. Transformá-las em saquinhos de feijões musicais que jamais terão um momento que não seja de infinito e insano horror. Amputar membros e lábios é apenas sua maneira de... O que foi?

– Meu Deus, Dexter. – Seu rosto se deformou em algo que não via desde a morte de nossa mãe. Ela se afastou, e seus ombros começaram a se sacudir, o que me deixou inquieto. Quero dizer, não tenho emoções, e sei que Deborah se emociona com muita frequência. Mas ela não era o tipo de pessoa que mostrava as emoções, a menos que a irritação fosse uma emoção. E agora ela soluçava, e eu sabia que provavelmente devia abraçá-la e dizer "Calma, calma", ou algo igualmente profundo e humano, mas não conseguia fazer isso. Afinal, Deb era minha irmã. Ela saberia que eu estaria fingindo e...

E o quê? Arrancaria meus braços e pernas? O pior que ela podia fazer era me mandar parar e voltar a ser a sargento Rabugenta. De qualquer modo, era uma dessas situações que exigem uma reação humana, e, como minhas longas pesquisas me ensinaram o que um humano faria, me levantei e caminhei até ela. Passei o braço sobre seu ombro e disse: – Calma, Deb. Calma. – Soou ainda mais imbecil do que eu temia, mas ela se apoiou em mim e soluçou, de modo que suponho ter feito a coisa certa.

– É possível a gente se *apaixonar* por alguém em uma semana? – ela me perguntou.

– Acho que eu não seria capaz.

– Não vou suportar, Dexter. Se Kyle for morto ou transformado em... Oh, Deus, não sei o que farei. – Desmoronou de novo contra meu corpo e chorou.

– Calma, calma – repeti.

Ela fungou e depois assoou o nariz na toalha de papel que cobria a mesa.

– Será que você pode parar de dizer isso?

– Desculpe. Não sei o que dizer.

– Diga onde está esse cara. Diga-me como encontrá-lo.

Voltei a me sentar na cadeira vacilante.

– Acho que não posso, Deb. Não tenho ideia do que ele está fazendo.

– Conversa – ela tornou.

– É sério. Quero dizer, tecnicamente, ele não matou ninguém, você sabe.

– Dexter, você entende mais esse cara do que o Kyle, e ele sabe quem esse monstro é. TEMOS de encontrá-lo. – Ela mordeu o lábio inferior, e temi que voltasse a chorar, o que me deixaria totalmente impotente, uma vez que ela me dissera para parar de dizer "Calma, calma". Mas ela se controlou, como a irmã durona que era, e apenas assoou o nariz de novo.

– Vou tentar, Deb. Presumo que você e Kyle fizeram todo o trabalho básico, não é? Ouviram testemunhas e outras coisas?

Ela balançou a cabeça.

– Não precisávamos. Kyle sabia... – Ela parou ao perceber que tinha usado o passado e em seguida continuou, muito determinada: – Kyle SABE quem fez aquilo, e SABE quem deve ser o próximo.

– Desculpe. Ele sabe quem vai ser o próximo?

Deborah franziu o cenho.

– Não é bem assim. Kyle disse que existem quatro homens de Miami na lista. Um deles desapareceu, e Kyle imaginou que já havia sido pego, mas isso nos dava algum tempo para vigiar os outros três.

– Quem são esses homens, Deborah? E como é que Kyle os conhece?

Ela suspirou.

– Kyle não me disse os nomes. Mas todos fizeram parte de uma equipe. Em El Salvador. Com esse... doutor Danco. Portanto... – Ela abriu os braços e pareceu impotente, algo que era novo para ela. Isso lhe deu um charme de garotinha, que só conseguiu me fazer sentir mais explorado. O mundo girava alegremente, envolvendo-se nos problemas mais horríveis, e sobrava para o Destemido Dexter consertar as coisas? Não era justo, mas o que eu podia fazer?

Para ser mais exato: o que eu podia fazer agora? Não via uma maneira de encontrar Kyle antes que fosse tarde. E, embora não tenha dito isso em voz alta, Deborah reagiu como se o houvesse feito. Ela bateu a mão na mesa e falou:

– Temos de encontrá-lo antes que ele comece com Kyle. Antes que ele COMECE, Dexter. Porque... quero dizer, posso confiar que Kyle só terá perdido um braço antes de chegarmos lá? Ou uma perna? De qualquer forma, Kyle está... – Ela se virou sem terminar, e olhou para a escuridão lá fora.

Ela estava certa. Tínhamos uma chance mínima de encontrar Kyle intacto. Porque, com toda a sorte do mundo, nem mesmo meu extraordinário intelecto seria capaz de nos levar até ele antes que o trabalho começasse. E então... quanto tempo Kyle aguentaria? Devia ter algum treinamento nesse tipo de coisa, e sabia o que esperar, portanto...

Um momento. Fechei os olhos e tentei pensar no caso. O doutor Danco sabia que Kyle era profissional. E, como Deborah já tinha dito, seu propósito era destruir a vítima retalhando-a em partes ululantes que jamais poderiam ser restauradas. Portanto...

Abri os olhos.

– Deb – chamei. Ela me encarou. – Estou numa rara situação de ter alguma esperança a oferecer.

– Desembuche.

– É só um palpite. Mas acho que o doutor Demente provavelmente manterá Kyle inteiro por algum tempo.

– Por que ele faria isso?

– Para prolongar seu sofrimento. Kyle sabe o que virá e está preparado. Mas imagine se ele apenas ficar lá deitado, no escuro, amarrado, para que sua imaginação o atormente. Por isso, talvez – acrescentei assim que a ideia me ocorreu –, haja outra vítima na frente dele. O cara que desapareceu. E aí Kyle poderia ouvir... o ruído do serrote, os gemidos e sussurros. E até sentir os cheiros, sabendo que a coisa se aproxima, mas sem saber quando. Ele estará louco antes de perder uma unha.

– Meu Deus! – ela disse. – Essa é sua ideia de esperança?

– Com certeza. Pelo menos nos dá mais tempo para encontrá-lo.

– Meu Deus! – ela repetiu.

– Posso estar enganado – avisei.

Ela olhou pela janela.

– Não se engane, Dex. Não dessa vez.

Balancei a cabeça. Ia ser um trabalho duro, nada de diversão. Só podia tentar duas coisas, e nenhuma delas seria possível antes que amanhecesse. Procurei um relógio. De acordo com o vídeo, era meio-dia.

– Você tem um relógio? – perguntei.

– Pra que você quer um relógio?

– Para saber que horas são. É pra isso que a gente costuma querer um relógio.

– Que diferença faz?

– Deborah, aqui não temos o que fazer. Temos de passar por todos os procedimentos de rotina dos quais Chutsky afastou o departamento. Com sorte, podemos usar suas credenciais para forçar passagem e fazer algumas perguntas. Mas precisamos esperar até de manhã.

– Merda – ela disse. – Odeio esperar.

– Calma, calma – falei. Deborah me lançou um olhar furioso, mas não disse nada.

Também odeio esperar, porém, como tivera de esperar muito ultimamente, fora um pouco mais fácil. De qualquer modo, esperamos, cochilando na cadeira até que o sol surgisse. Então, como nos últimos tempos eu bancava o doméstico, fiz café para nós – uma xícara por vez, já que a cafeteira de Deborah havia sido fabricada para pessoas que não esperam visita e não têm vida própria. Não havia no refrigerador nada remotamente comestível, a não ser que eu fosse um cão feroz. Muito decepcionante· Dexter é um rapaz saudável com metabolismo acelerado, e enfrentar um dia difícil com o estômago vazio não era uma ideia aprazível. Sei que a família vem em primeiro lugar, mas não deveria vir depois do café da manhã?

Muito bem. O Destemido Dexter faria o sacrifício mais uma vez. Pura nobreza de espírito, e nem podia esperar um agradecimento, mas faria o que devia fazer.

CAPÍTULO 15

O DOUTOR MARK SPIELMAN ERA UM HOMEM grande que mais parecia um defensor de futebol que um médico de emergência. Era ele que estava de plantão quando a ambulância deixou a Coisa no Jackson Memorial Hospital. E não parecia nada feliz com aquilo.

– Se tiver de ver algo assim de novo – ele nos disse –, eu me aposento e vou criar cães de caça. – Meneou a cabeça. – Vocês podem imaginar como é o pronto-socorro do Jackson. Um dos mais movimentados. Tudo que é loucura, de uma das mais loucas cidades do mundo, chega aqui. Mas aquilo... – Spielman bateu duas vezes na mesa da sala de descanso onde estávamos. – Aquilo foi outra coisa.

– Qual é o prognóstico? – Deborah perguntou, e ele lhe lançou um olhar que não deixava dúvidas.

– É uma piada? Não há prognóstico, e não haverá. Fisicamente, só restou o suficiente para manter a vida, se é que se pode chamar de vida. Mentalmente? – Ele estendeu as duas mãos com as palmas para cima e deixou-as cair. – Não sou psiquiatra, mas não acredito que ele possa voltar a ter um momento sequer de lucidez. Sua única chance é conseguirmos mantê-lo tão dopado que ele não saiba quem é, até morrer. O que, para sua sorte, deve acontecer em breve. – Ele olhou o relógio, um belo Rolex. – Isso ainda vai demorar? Estou de plantão, vocês sabem.

– Havia traços de alguma droga no sangue? – Deborah perguntou.

Spielman bufou.

– Traços? O sangue desse sujeito é um coquetel. Nunca tinha visto tal mistura. Tudo com o propósito de mantê-lo desperto e aliviar a dor física de modo que o choque das múltiplas amputações não o matasse.

– Existe algo incomum nas amputações? – perguntei.

– O sujeito teve treinamento – Spielman explicou.– Os cortes foram feitos com ótima técnica cirúrgica. Mas nenhuma escola de medicina no mundo pode ter lhe ensinado isso. – Ele respirou fundo e um sorriso de desculpas perpassou seu rosto. – Alguns até já cicatrizaram.

– Quanto tempo deve ter levado? – Deborah lhe perguntou.

– De quatro a seis semanas, do início ao fim. Deve ter levado no mínimo um mês para desmembrar a vítima cirurgicamente, um pequeno pedaço por vez. Não consigo imaginar algo mais horrível.

– E fez isso diante de um espelho – completei. – De modo que a vítima tivesse de assistir.

Spielman pareceu chocado.

– Meus Deus! – ele disse. E ficou sentado ali por um minuto antes de repetir: – Meu Deus! – Balançou a cabeça e voltou a olhar para o Rolex. – Escutem, gostaria de ajudar, mas isto... – Ele estendeu de novo as mão abertas e deixou-as cair sobre a mesa. – Não acredito que possa lhes dizer algo que os ajude. Portanto, é melhor poupar o tempo de vocês. Esse senhor... Chesney?

– Chutsky – corrigiu Deborah.

– Sim, Chutsky. Ele ligou e sugeriu que eu obtivesse a identidade da vítima com o escaneamento da retina em um certo banco de dados na Virgínia. – Ergueu uma sobrancelha e apertou os lábios. – Recebi um fax ontem, com uma identificação positiva da vítima. Vou pegá-lo para vocês. – Levantou-se e desapareceu no corredor. Pouco depois voltou com uma folha de papel. – Aqui está. Seu nome é Manuel Borges. Nasceu em El Salvador e trabalhava com comércio exterior. – Depositou o fax diante de Deborah. – Sei que não é muito, mas, acreditem, é o que tenho. No estado em que ele está... – Ele deu de ombros. – Não pensei que conseguiríamos tanto.

Um pequeno alto-falante no teto murmurou algo que podia ter saído de um programa de tevê. Spielman franziu o cenho e anunciou:

– Tenho de ir. Espero que o apanhem. – E saiu tão depressa pelo corredor que o fax que havia deixado sobre a mesa voou.

Olhei para Deborah. Ela não parecia muito entusiasmada pelo fato de termos descoberto o nome da vítima.

– Bem – falei –, sei que não é muita coisa.

Ela meneou a cabeça.

– "Não é muita coisa" seria um avanço enorme. Isto não é nada. – Ela olhou para o fax e leu-o até o fim: – El Salvador. Ligado a algo chamado FLANGE.

– Esse era o nosso lado – comentei. Ela olhou para mim. – O lado que os Estados Unidos apoiavam. Andei pesquisando na internet.

– Ótimo. Então acabamos de descobrir algo que já sabíamos. – Ela se levantou e se dirigiu para a porta, não tão rápido quanto o doutor Spielman, mas depressa o bastante para me obrigar a correr atrás dela. Só a alcancei na porta do estacionamento.

Deborah dirigiu em velocidade e em silêncio, com a cara fechada, durante todo o trajeto até a casinha da NW 4th Street onde tudo tinha começado. A fita amarela tinha sido retirada, naturalmente, mas Deborah estacionou de modo negligente, à maneira policial, e saiu do carro. Eu a segui até a casa vizinha àquela onde tínhamos encontrado o trapo humano. Ainda calada, ela tocou a campainha, e logo depois a porta se abriu. Um homem de meia-idade, usando óculos de aro dourado e uma camisa marrom, nos fitou com um olhar intrigado.

– Precisamos falar com Ariel Medina – anunciou Deborah, mostrando o distintivo.

– Minha mãe está descansando – ele disse.

– É urgente – falou Deborah.

O homem olhou para ela e depois para mim.

– Só um momento.

E fechou a porta. Deborah continuou olhando-a, e percebi os músculos de suas mandíbulas se movimentando por alguns minutos antes de o homem voltar e abri-la.

– Entrem.

Nós o seguimos até uma pequena sala escura com dezenas de mesinhas, todas enfeitadas com artigos religiosos e fotos emolduradas. Ariel, a velha senhora que havia descoberto a Coisa no vizinho e chorara no ombro de Deb, estava sentada em um grande sofá com os braços protegidos por toalhinhas de crochê. Ao ver Deborah, ela disse:

– Aaahhh – e se levantou para lhe dar um abraço. Deborah, que na verdade devia esperar um

abraço da velha senhora cubana, continuou rígida por um instante. Depois, meio sem jeito, retribuiu-o com um tapinha nas costas da velhinha e se afastou assim que foi possível fazê-lo sem parecer grosseira. Ariel voltou a se sentar e ajeitou a almofada a seu lado. Deborah se sentou.

A velha senhora logo se pôs a falar rápido em espanhol. Falo um pouco de espanhol, e até consigo entender os cubanos, mas da arenga de Ariel eu só captava uma palavra em cada dez. Deborah olhou para mim, desamparada; por alguma razão quixotesca, tinha escolhido estudar francês na escola. Para ela, a velha senhora poderia estar falando etrusco que dava na mesma.

– *Por favor, señora* – pedi. – *mi hermana no habla español.*

– Ah? – Ariel olhou para Deborah com menos entusiasmo. – Lázaro! – O filho se aproximou. Ela resumiu o monólogo quase sem pausa, e ele o traduziu.

– Cheguei de Santiago de Cuba em 1962 – disse Lázaro pela mãe. – No governo de Batista, vi coisas terríveis. As pessoas desapareciam. Então veio Castro e por um tempo tive esperança. – Ela meneou a cabeça e abriu os braços. – Acreditem ou não, era o que pensávamos à época. Que as coisas seriam diferentes. Mas logo estava tudo igual de novo. Pior até. Então vim para cá. Para os Estados Unidos. Porque aqui as pessoas não desaparecem. As pessoas não são baleadas na rua ou torturadas. Era o que eu pensava. E agora isso. – Ela apontou na direção da casa vizinha.

– Preciso lhe fazer algumas perguntas – pediu Deborah, e Lázaro traduziu.

Ariel apenas fez um sinal afirmativo e continuou com a instigante história.

– Nem no governo Castro eles fariam uma coisa dessas – afirmou. – Sim, eles matam as pessoas. Ou as mandam para a Ilha dos Pinhos. Mas nunca aconteceu uma coisa como essa. Não em Cuba. Só na América.

– Alguma vez a senhora viu o vizinho? – Deborah a interrompeu. – O homem que fez aquilo? – Ariel estudou Deborah por um momento. – Preciso saber – disse Deb. – Vai haver mais uma vítima se não o encontrarmos.

– Por que é que me pergunta isso? – disse Ariel na voz do filho. – Não é emprego para você. Uma moça bonita assim devia ter um marido. Uma família.

– *El victimo proximo es el novio de mi hermana* – anunciei. Deborah me olhou fixamente e Ariel continuou:

– Aaahhh – ela falou, estalando a língua e assentindo com a cabeça. – Bem, não sei o que lhes dizer. Vi o homem umas duas vezes, talvez. – Deu de ombros, e Deborah se inclinou para a frente, impaciente. – Sempre à noite, nunca de muito perto. Posso dizer que era um homem pequeno, bem pequeno. E bem magro. Com óculos grandes. Mais que isso não sei. Ele nunca saía, era muito quieto. Às vezes ouvíamos música. – Ela sorriu e acrescentou: – Tito Puente.

E Lázaro traduziu, desnecessariamente:

– Tito Puente.

– Ah – soltei, e todos olharam para mim. – Era para esconder o barulho – completei, embaraçado com tanta atenção.

– Ele tinha carro? – perguntou Deborah, e Ariel franziu o cenho.

– Uma van. Ele dirigia uma velha van branca sem janelas. Era muito limpa, mas tinha vários pontos de ferrugem e amassados. Eu a vi algumas vezes, mas em geral ficava guardada na garagem.

– Suponho que a senhora não prestou atenção à placa.

– Prestei, sim – ela disse por intermédio do filho. – Não anotei o número, coisa que só acontece nos filmes antigos. Mas sei que a placa era da Flórida: amarela com o desenho de duas crianças – ela respondeu, e parou de falar, porque eu estava rindo. Não é algo de que me orgulhe, e com certeza nada que faça regularmente, mas na verdade estava rindo, e não pude evitar.

Deborah olhou para mim.

– O que é tão engraçado?

– A placa do carro – falei. – Desculpe, Deb, mas... Deus meu!, você não sabe o que significa a placa amarela na Flórida? Um cara ter uma e fazer o que ele faz.. – Precisei de todo o meu controle para parar de rir.

– O que há de tão engraçado na placa amarela?

– É uma licença especial, Deb – expliquei. – Nela está escrito CHOOSE LIFE*.

E então, ao imaginar o doutor Danco transportando suas vítimas, enchendo-as de drogas químicas e esquartejando-as com perfeição para mantê-las vivas, acho que comecei a rir de novo.

– Opte pela vida – falei.

Realmente queria encontrar esse cara.

Voltamos ao carro em silêncio. Assim que entrou, Deborah passou a descrição da van para o capitão Matthews, que concordou em emitir um alerta geral. Enquanto ela falava com o capitão, olhei em volta. Jardins impecavelmente cuidados, a maioria com pedras coloridas. Algumas bicicletas infantis amarradas com correntes à varanda, e o Orange Bowl assomando ao fundo. Um belo bairro para se viver, trabalhar, criar uma família – ou retalhar braços e pernas.

– Entre – mandou Deborah, interrompendo minha bucólica meditação. Entrei no carro e partimos. Num determinado momento, paramos em um sinal vermelho, e Deborah me encarou:

– Você escolheu uma boa hora para começar a rir.

– Sinceramente, Deb, essa foi a primeira pista que conseguimos da personalidade do sujeito. Sabemos que ele tem senso de humor. Acho que é um grande avanço.

– Claro. Talvez a gente possa apanhá-lo num espetáculo de comédia.

– Vamos apanhá-lo, Deb – falei, embora nenhum de nós acreditasse nisso. Ela apenas resmungou. O sinal mudou e ela pisou no acelerador como se estivesse matando uma cobra venenosa.

Enfrentamos menos tráfego até a casa de Deb. O movimento de pico da manhã chegava ao fim. Na esquina da Flagler com a 34, um carro havia subido na calçada e se chocara com um poste diante de uma igreja. Um guarda estava do lado do carro, entre dois homens que discutiam aos gritos. Uma menina pequena estava sentada no meio-fio, chorando. Ah, os ritmos cativantes de mais um dia mágico no paraíso.

Logo após entramos na Medina e Deborah estacionou o carro ao lado do meu na entrada da casa. Desligou o motor e por um momento ficamos os dois ali sentados, ouvindo o tique-taque do motor esfriando.

– Merda – ela disse.

– Concordo.

– O que fazemos agora?

– Vamos dormir. Estou cansado demais para pensar.

Ela bateu com as duas mãos contra o volante.

– Você acha que consigo dormir, Dexter? Sabendo que Kyle está... – E voltou a bater no volante. – Merda! – repetiu.

– A van vai aparecer, Deb. Você sabe disso. O banco de dados vai selecionar todas as vans brancas com placa da Choose Life, e, com o alerta geral, é só uma questão de tempo.

– Kyle não tem tempo – ela disse.

– Seres humanos precisam dormir, Deb. E eu também.

Uma van dos correios cantou os pneus na curva e freou de repente diante da casa de Deborah. O motorista saltou com um pequeno pacote e caminhou em direção à porta.

– Merda – ela disse, pela última vez, e saiu do carro para receber o pacote.

Fechei os olhos e fiquei sentado por mais um instante, meditando, em vez de pensar, que é o que costumo fazer quando estou muito cansado. Foi um esforço vão; nada me ocorreu, a não ser imaginar onde havia deixado os tênis de corrida. Com meu senso de humor aparentemente ainda em marcha lenta, aquilo me pareceu engraçado, e, para minha grande surpresa, ouvi o eco de uma fraca risadinha do Passageiro das Trevas. *O que tem de engraçado nisso?,* perguntei. *É porque deixei os tênis na casa de Rita?* É claro que não recebi resposta. O coitado provavelmente ainda estava aborrecido. Mas tinha dado uma risadinha. *É outra coisa que parece engraçada?*, perguntei. De novo, não houve resposta, apenas uma sensação de expectativa e fome.

O carro dos correios roncou o motor e se afastou. Justo quando estava prestes a bocejar, me esticar e admitir que meus apurados poderes mentais haviam sofrido uma pane, ouvi um lamento que mais parecia uma ânsia de vômito. Abri os olhos e vi Deborah oscilar para a frente e cair sentada no chão. Saí do carro e corri até ela.

– Deb?! O que foi?

Ela deixou cair o pacote e escondeu o rosto entre as mãos, emitindo outros ruídos inverossímeis. Agachei-me ao lado dela e peguei o pacote. Era uma pequena caixa, na qual caberia um relógio de pulso. Levantei a tampa devagar. Dentro havia um saco plástico. E, dentro do saco, um dedo.

Um dedo mindinho com um faiscante anel.

---

* Literalmente, "Opte pela vida". A Choose Life é uma organização da Flórida que promove a venda de placas especiais para angariar fundos para a adoção de crianças. (N. T.)

CAPÍTULO 16

FIQUEI UM BOM TEMPO DANDO TAPINHAS nas costas de Deborah e dizendo "Calma, calma!". Mas ela não se acalmou. Na verdade, tive de obrigá-la a tomar um copo de licor de menta. Sabia que ela precisava de ajuda química para relaxar e dormir, se possível, mas Deb não bebia e não tinha em casa nada mais forte que um Tylenol. Por fim, encontrei a garrafa de licor sob a pia da cozinha, e, depois de me certificar que não se tratava de soda cáustica, obriguei-a a engolir um copo da bebida. Pela cara que ela fez, o gosto bem que podia ser de soda cáustica. Ela estremeceu e engasgou, mas bebeu, cansada e anestesiada demais para lutar.

Enquanto descansava na cadeira, joguei algumas peças de roupa em um saco de supermercado e o atirei pela porta da frente. Ela olhou para o saco e depois para mim.

– O que é que está fazendo? – ela perguntou, numa voz enrolada que mostrava não estar interessada na resposta.

– Você vai ficar em minha casa por alguns dias – anunciei.

– Não quero.

– Não interessa. Você tem de ir.

Ela desviou o olhar para o saco de roupas perto da porta.

– Por quê?

Caminhei até ela e me agachei ao lado da cadeira.

– Deborah, eles sabem quem você é e onde está. Vamos dificultar um pouco as coisas para ele, tudo bem?

Ela estremeceu de novo, mas não disse nada quando a ajudei a se levantar e sair pela porta. Meia hora e uma dose de licor de menta depois, ela estava na cama, roncando levemente. Deixei-lhe um bilhete para me ligar quando acordasse. Depois, peguei seu pacote-surpresa e fui trabalhar.

Não esperava encontrar alguma pista importante examinando o dedo no laboratório, mas, já que esse era o meu trabalho, tinha o dever de fazer uma rápida inspeção profissional. E, como levava todas as minhas obrigações muito a sério, parei no caminho para comprar rosquinhas. Enquanto me aproximava do cubículo no segundo andar, Vince Masouka vinha pelo corredor na direção oposta. Curvei-me humildemente e lhe estendi o pacote:

– Saudações, *sensei*[*]. Trouxe um presente.

– Saudações, Gafanhoto. Sabe que existe uma coisa chamada tempo? Você deve explorar seus mistérios. – Ele apontou o relógio. – Já estou quase em horário de almoço e você me traz o café da manhã?

– Antes tarde do que nunca – falei, mas ele balançou a cabeça.

– Não. Minha boca já trocou de marcha. Vou comer um pouco de *ropa vieja* e *plátanos*.

– Já que você esnoba meu presente gastronômico, vou lhe dar o dedo[**].

Ele ergueu uma sobrancelha, e lhe estendi o pacote de Deb.

– Você tem meia hora antes do almoço?

Ele olhou para a caixinha.

– Acho que não devo abri-la de estômago vazio, não é?

– Então, que tal uma rosquinha?

Levei mais de meia hora, mas, quando Vince foi almoçar, tínhamos descoberto que nada havia a descobrir no dedo de Kyle. O corte fora extremamente profissional, feito com um instrumento cortante que não deixava vestígios no ferimento. Nada havia debaixo da unha, exceto uma sujeirinha que podia ter vindo de qualquer lugar. Removi o anel, mas não encontramos fios de linha, de cabelo ou de tecido reveladores, e Kyle não havia mandado gravar um endereço ou número de telefone na parte interna. O tipo sanguíneo de Kyle era AB positivo.

Coloquei o dedo no refrigerador e o anel no bolso. Não era exatamente um procedimento-padrão, mas Deborah com certeza ia querê-lo se Kyle não voltasse. No atual estado de coisas, parecia que, se ele voltasse, seria por um mensageiro, um pedaço de cada vez. Não sou sentimental, claro, mas sabia que aquilo não aqueceria o coração dela.

A essa altura eu estava cansado de verdade, e, como Deb ainda não ligara, decidi que tinha o direito de ir para casa tirar uma soneca. A chuva da tarde começou assim que entrei no carro. Desci a LeJeune, que estava com um tráfego relativamente bom, e só fui xingado uma vez, um novo recorde. Cheguei em casa debaixo de chuva e descobri que Deborah tinha ido embora. Deixara um bilhete dizendo que ligaria mais tarde. Senti alívio, já que não teria de dormir no meu sofá de dois lugares. Arrastei-me até a cama e dormi sem interrupção até pouco depois de seis da tarde.

É evidente, mesmo uma máquina poderosa como meu corpo precisa de certa manutenção, e, quando me sentei na cama, senti que precisava muito de uma troca de óleo. A longa noite de pouco sono, a falta do café da manhã, a tensão e o suspense de tentar pensar em algo para dizer a Deborah que não fosse "Calma, calma" – tudo isso cobrava seu preço. Senti como se alguém tivesse embrulhado minha cabeça em areia da praia, com as tampinhas de garrafa e pontas de cigarro junto.

Só há uma solução para esse mal-estar ocasional: exercício. Mas, assim que decidi que precisava de uma corridinha de quatro ou cinco quilômetros, lembrei que havia deixado os tênis de corrida no lugar errado. Não estavam no lugar habitual ao lado da porta, nem no carro. Como estávamos em Miami, era possível que alguém tivesse invadido meu apartamento para roubá-los; afinal, eram lindos tênis New Balance. Mas pensei que fosse provável que os tivesse deixado na casa de Rita. Para mim, decidir é agir. Cambaleei até o carro e fui para a casa dela.

A chuva parara havia muito tempo – ela raramente durava mais de uma hora –, e as ruas já estavam secas e cheias do usual público alegremente homicida. Minha gente. O Taurus marrom surgiu atrás de mim na Sunset e me seguiu durante todo o trajeto. Era bom ver Doakes de volta ao trabalho. Já estava me sentindo um tanto esquecido. Como sempre, ele estacionou do outro lado da rua enquanto eu batia à porta. Ele mal acabara de desligar o motor quando Rita a abriu.

– Que surpresa! – e levantou o rosto para um beijo.

Eu a beijei, colocando um pouco mais de empenho para distrair o sargento Doakes.

– Não é fácil dizer isto, mas vim buscar meus tênis de corrida.

Rita sorriu.

– Na verdade, acabei de calçar os meus. Você se importa de suar comigo? – E manteve a porta aberta para mim.

– Este foi o melhor convite do dia.

Encontrei meus tênis na garagem, ao lado da máquina de lavar, com os *shorts* e uma camiseta regata, ambos lavados e prontos para uso. Entrei no banheiro e troquei de roupa, deixando as roupas de trabalho dobradas direitinho sobre o assento do vaso sanitário. Alguns minutos depois, Rita e eu saíamos para correr. Acenei para o sargento Doakes quando passamos por ele. Descemos a rua, viramos à direita, corremos mais algumas quadras e contornamos o parque próximo. Já havíamos feito juntos esse percurso – chegamos inclusive a verificar que tinha quase cinco quilômetros –, e um estava acostumado ao ritmo do outro. Portanto, cerca de meia hora depois, suados e de novo dispostos a enfrentar os desafios de mais uma noite no planeta Terra, paramos diante da casa de Rita.

– Se não se importa, tomo banho primeiro – ela disse. – Assim, posso começar a fazer o jantar enquanto você toma o seu.

– Claro que não – falei. – Vou ficar por aqui, pingando um pouco.

Rita deu risada.

– Vou trazer uma cerveja.

Logo depois ela voltou com uma latinha, entrou e fechou a porta. Sentei-me num degrau e saboreei minha cerveja. A confusão dos últimos dias havia transtornado tanto a minha vida que de fato desfrutei aquele momento de tranquila contemplação, ali sentado, bebendo uma cerveja enquanto em algum lugar da cidade Chutsky se desmanchava em pedaços. A vida girava à minha volta com seus golpes, estrangulamentos e desmembramentos, mas nos Domínios de Dexter era o Momento Miller Lite. Ergui a lata em um brinde ao sargento Doakes.

De repente, ouvi um tumulto dentro da casa. Houve gritos e gritinhos, como se Rita tivesse acabado de descobrir os Beatles no banheiro. Então a porta se abriu e Rita me agarrou pelo pescoço com uma gravata. Deixei a cerveja cair e tentei recuperar o ar.

– O que foi? O que foi que eu fiz? – perguntei. Vi Astor e Cody espiando de dentro de casa. – Lamento muito, e prometo que não faço de novo – acrescentei, mas Rita continuou me estrangulando.

– Oh, Dexter – ela disse, e agora chorava. Astor sorriu para mim e entrelaçou as mãos debaixo do queixo. Cody só observou, aprovando com a cabeça. – Oh, Dexter – disse Rita de novo.

– Por favor – implorei, lutando desesperadamente para respirar –, juro que foi um acidente. Não tive intenção. O que foi que eu fiz?

Rita afrouxou o golpe mortal.

– Oh, Dexter – ela repetiu, acariciando meu rosto com um sorriso ofuscante e a face banhada de lágrimas. – Oh, VOCÊ! – ela disse, embora, para ser honesto, eu não parecesse nada comigo no momento. – Desculpe, foi sem querer – ela disse, agora fungando. – Espero que não tenha planejado algo especial.

– Rita, por favor! O que está acontecendo?

Seu sorriso ficou ainda maior.

– Oh, Dexter. Na verdade... Astor precisou usar o banheiro, e, quando pegou suas roupas, isso caiu no chão e... Oh, Dexter, é tão lindo!

A essa altura ela já tinha dito "Oh, Dexter" tantas vezes que comecei a me sentir um irlandês,

mas ainda não fazia ideia do que estava acontecendo. Até que Rita levantou a mão diante do rosto. Sua mão esquerda. Com um anel de diamantes cintilando no dedo anular.

O anel de Chutsky.

– Oh, Dexter – ela repetiu, e enterrou o rosto no meu ombro. – Sim, sim, SIM! Oh, você me faz tão feliz!

– Tudo bem – disse Cody baixinho.

Depois disso, o que mais se pode dizer a não ser "parabéns"?

O resto da noite se passou numa névoa de descrença e Miller Lite. Sabia que, flutuando no espaço, havia uma perfeita, calma e lógica série de palavras que poderia ordenar e dizer a Rita para explicar que não tivera a intenção de pedi-la em casamento, e daríamos uma boa risada e diríamos boa-noite. Mas, quanto mais eu procurava uma frase mágica, mais rápido ela me fugia. E me vi raciocinando que mais uma cerveja talvez me abrisse as portas da percepção, e, após várias latas, Rita foi à mercearia da esquina e voltou com uma garrafa de champanhe. Bebemos o champanhe e todo mundo parecia muito feliz. Como uma coisa leva à outra, acabei na cama de Rita mais uma vez, testemunha de alguns altamente improváveis e indignos acontecimentos.

E, quando já me deixava arrastar para o sono, atordoado e incrédulo, pensei: *Por que é que essas coisas terríveis sempre me acontecem?*

Acordar após uma noite dessas nunca é muito agradável. Acordar no meio da noite e pensar "Oh Deus... Deborah!" é pior ainda. Você pode estar pensando que me sentia culpado ou preocupado de abandonar alguém que dependia de mim. Se pensou, errou por completo. Como já disse, não tenho emoções. Entretanto, posso sentir medo, e a ideia da provável raiva de Deborah apertou o gatilho. Vesti-me correndo e consegui escapar sem despertar ninguém. O sargento Doakes não estava mais em seu posto do outro lado da rua. Era bom saber que até Doakes precisava dormir de vez em quando. Ou talvez pensasse que alguém que acabava de ficar noivo merecia um pouco de privacidade. Conhecendo-o como eu o conhecia, porém, isso não parecia provável. Era mais provável que tivesse sido eleito papa e voado para o Vaticano.

Fui para casa o mais rápido que pude e verifiquei minha secretária eletrônica. Ouvi uma mensagem me advertindo a comprar um novo jogo de pneus antes que fosse tarde demais, o que era bastante óbvio, mas nenhuma mensagem de Deb. Fiz café e esperei o ruído do jornal matutino caindo diante da porta. Havia naquela manhã uma sensação de irrealidade que não se devia apenas aos efeitos do champanhe. Noivo, eu? Muito bem. Se pelo menos pudesse me dar uma bronca e perguntar o que eu pensava que tinha feito! Mas essa era a realidade, infelizmente. Não fizera nada errado; estava totalmente investido de virtude e consciência. E não havia feito nada espetacularmente idiota – longe disso. Comportara-me de uma maneira nobre e exemplar: me envolvera com meus assuntos e ajudara minha irmã a encontrar seu namorado, fizera exercício, comera bastante verduras e não retalhara nenhum monstro. E, não sei como, esse comportamento puro e decente havia me dado uma rasteira. Uma boa ação nunca fica impune, como Harry costumava dizer.

O que eu podia fazer agora? Rita com certeza recuperaria a razão. Quero dizer, por que EU? Quem em sã consciência desejaria se casar COMIGO?! Deviam existir melhores alternativas,

como tornar-se freira ou entrar para os Corpos da Paz. Afinal, é de Dexter que estamos falando. Numa cidade do tamanho de Miami, será que ela não podia encontrar pelo menos um ser humano? E que pressa era aquela de se casar de novo? Não funcionara nada bem da primeira vez, mas aparentemente estava disposta a repetir a dose. As mulheres estão mesmo tão desesperadas para casar?

Claro que era preciso pensar nas crianças. Diz o bom-senso que elas precisam de um pai, o que não deixa de ser verdade, porque, senão, onde eu estaria sem Harry? E Astor e Cody pareciam ter ficado tão felizes! Mesmo que eu conseguisse fazer Rita entender que fora um engano, as crianças entenderiam?

Já estava na segunda xícara de café quando o jornal chegou. Dei uma olhada nas principais seções, aliviado ao comprovar que as coisas terríveis continuavam acontecendo em quase toda parte. Pelo menos o resto do mundo não havia enlouquecido.

Às sete horas achei que seria prudente ligar para o celular de Deborah. Ela não atendeu e deixei uma mensagem. Quinze minutos depois, ela ligou.

– Bom dia, maninha – falei, encantado por ter conseguido parecer alegre. – Dormiu um pouco?

– Um pouco – ela resmungou. – Acordei por volta das quatro. Segui o rastro do pacote até um lugar em Hialeah. Circulei pela região quase a noite toda atrás de uma van branca.

– Se ele postou o pacote em Hialeah, é provável que tenha saído de Key West – disse.

– Disso eu sei, saco! Mas que mais devo fazer?

– Não sei – admiti. – Não é hoje que chega o cara de Washington?

– Não sabemos nada sobre ele. Só porque Kyle é bom, não significa que esse sujeito também seja.

Aparentemente ela não lembrava que Kyle não se mostrara tão bom assim, pelo menos em público. Ele na verdade não fizera nada, exceto se deixar apanhar e ter o dedo amputado. Mas não me pareceu boa política fazer esse comentário, de modo que disse apenas:

– Bom, temos de presumir que o cara sabe algo que não sabemos.

Deborah bufou.

– Isso não seria tão difícil – ela falou. – Ligo pra você quando ele chegar.

Ela desligou, e me preparei para trabalhar.

---

* Palavra japonesa que significa "mestre" ou "doutor". (N. T.)

** Aqui há um jogo de palavras intraduzível. No original, *give the finger*, expressão que descreve o gesto obsceno de levantar o dedo médio, mantendo os demais abaixados. (N. T.)

CAPÍTULO 17

ÀS 12H30 DEB ENTROU NO MEU MODESTO REFÚGIO ao lado do laboratório forense e jogou uma fita cassete sobre minha mesa. Voltei meu olhar para ela, que não parecia nada feliz, mas isso não era novidade.

– É a fita da secretária eletrônica da minha casa – anunciou. – Ouça.

Coloquei a fita no meu cassete e apertei o *play*: ouviu-se um bip e depois uma voz desconhecida disse: "Sargento... Morgan, certo? Aqui é Dan Burdett, de... bem... Kyle Chutsky me pediu que ligasse para você. Estou no aeroporto, acabei de desembarcar e ligo para nos reunirmos assim que chegar ao hotel, que é o... – Ouviu-se um murmúrio e ele evidentemente afastou o celular da boca, porque sua voz ficou mais fraca: "O quê? Ah, sim, está bem. Obrigado". Sua voz voltou a ficar mais alta. – "Acabei de encontrar seu motorista. Obrigado por mandar alguém me pegar. Ligo do hotel."

Deborah andou até minha mesa e desligou o cassete.

– Não mandei ninguém ao maldito aeroporto – ela explicou. – E o capitão Matthews com certeza também não. Você mandou alguém ao maldito aeroporto, Dexter?

– Minha limusine estava sem gasolina – eu disse.

– Então, danou-se – ela completou, e tive de concordar com a análise.

– Pelo menos descobrimos como era bom o substituto de Kyle.

Deborah se deixou cair na cadeira dobrável ao lado da minha mesa.

– Voltamos ao ponto de partida – comentou. – E Kyle está... – ela mordeu o lábio e não terminou a frase.

– Você já comunicou o fato ao capitão Matthews? – perguntei. Ela meneou a cabeça. – Bem, ele tem de ligar para eles. Eles mandarão outra pessoa.

– Ótimo. Ele mandam outra pessoa, que talvez não chegue nem à esteira de bagagens. Merda, Dexter.

– Temos de informá-los, Deb. A propósito, quem são *eles*? Kyle alguma vez lhe contou para quem trabalha?

Ela suspirou.

– Não. Ele brincava que trabalhava para a OGA*, mas nunca disse por que era engraçado.

– Bem, sejam eles o que forem, precisam saber – afirmei. Peguei a fita e coloquei-a na mesa diante dela. – Deve haver alguma coisa que possam fazer.

Deborah não se mexeu por um instante.

– Por que tenho a sensação de que já fizeram isso mandando Burdett? – ela perguntou. Em seguida, passou a mão na fita e saiu do meu escritório pisando firme.

Eu saboreava meu café e digeria meu almoço com a ajuda de um biscoito de chocolate tamanho gigante quando veio um chamado para que me apresentasse na cena de um homicídio

na área de Miami Shores. Angel Batista e eu nos dirigimos ao local onde o corpo fora encontrado, no arcabouço de uma casa à beira do canal que estava sendo reconstruída. A construção fora temporariamente interrompida enquanto a justiça resolvia uma pendência entre o proprietário e o empreiteiro.

Dois adolescentes que cabulavam aula tinham se enfiado na casa e encontrado o corpo. O cadáver estava deitado sobre um plástico grosso, em cima de uma folha de compensado colocada sobre dois cavaletes. Alguém pegara uma serra elétrica e cortara a cabeça, as pernas e os braços. O corpo fora deixado assim, com o tronco no meio e as partes distribuídas ao redor.

E, embora o Passageiro das Trevas tivesse rido e sussurrado bobagens obscuras ao meu ouvido, eu o ignorei por pura inveja e continuei meu trabalho. Havia muito sangue espalhado, ainda fresco, e provavelmente gastaria um dia todo de eficiente trabalho analisando-o se não tivesse ouvido a conversa entre um detetive e o policial uniformizado que fora o primeiro a chegar à cena do crime.

– A carteira estava ali mesmo, ao lado do corpo – dizia o policial Snyder. – Encontrei uma licença de motorista em nome de Daniel Chester Burdett.

Ah, bem, anunciei à vozinha tagarela no banco de trás do meu cérebro. *Isso com certeza explica muita coisa, não é?* Voltei a olhar para o corpo. Embora a remoção da cabeça e dos membros tivesse sido apressada e violenta, havia uma limpeza na disposição das partes que agora me parecia levemente familiar, e o Passageiro das Trevas riu, feliz, concordando. Entre o tronco e cada parte, o espaço era preciso, como se tivesse sido medido, e o todo estava disposto como se em uma lição de anatomia. O osso da coxa separado do osso da bacia.

– Os dois garotos que encontraram o cadáver estão no carro-patrulha – disse Snyder ao detetive. Olhei para os dois, imaginando como lhes dar a notícia. Naturalmente, podia estar enganado, mas...

– Filho da puta! – ouvi alguém resmungar. Vi Angel agachado ao lado do corpo. Mais uma vez, usava uma pinça para prender uma pequena folha de papel. Parei ao lado dele e olhei por cima de seu ombro.

Em uma letra clara e fina, alguém havia escrito a palavra "POGUE"[**].

– O que é pogue? – perguntou Angel. – O nome dele?

– É alguém que se senta atrás de uma mesa e fica dando ordens às tropas – expliquei.

Ele me olhou.

– Como é que você sabe toda essa merda?

– Vejo muitos filmes.

Angel voltou a olhar o papel.

– Acho que a letra é a mesma – comentou.

– Igual à outra – concordei.

– A outra que nunca aconteceu – ele disse. – Sei porque estava lá.

Endireitei o corpo e respirei fundo, pensando como era bom estar certo.

– Isto aqui também nunca aconteceu – disse, caminhando para o local onde o policial Snyder conversava com o detetive.

O detetive em questão era um homem cadeirudo chamado Coulter. Bebia no gargalo uma

garrafa de refrigerante e olhava para o canal que corria atrás da casa.

– Quanto você acha que vale uma casa como esta? – perguntou a Snyder. – Às margens de um canal como este, a cerca de um quilômetro da baía. Quanto? Meio milhão? Mais?

– Com licença, detetive – interrompi. – Acho que temos uma emergência aqui. – Sempre quis dizer isso, mas Coulter não pareceu impressionado.

– Uma emergência?! Você anda assistindo *CSI* ou algo parecido?

– Burdett é agente federal – anunciei. – O senhor tem de ligar para o capitão Matthews e informá-lo do crime.

– *Tenho*? – disse Coulter.

– Este crime está ligado a algo em que não devemos nos meter – falei. – Eles vieram de Washington e disseram ao capitão para se retirar do caso.

Coulter bebeu outro gole da garrafa.

– E o capitão se retirou?

– Imediatamente.

Coulter se voltou para olhar o corpo de Burdett.

– Um federal – ele disse. Bebeu mais um gole enquanto observava a cabeça e os membros separados. Então balançou a cabeça. – Esses caras sempre sucumbem sob pressão. – Olhou pela janela e pegou o celular.

Deborah chegou ao local justo quando Angel colocava o equipamento de volta na van, três minutos antes do capitão Matthews. Não tenho a intenção de criticar o capitão. Para ser justo, devo dizer que Deb não precisou se perfumar com Aramis como ele, e refazer o nó da gravata também deve ter lhe tomado algum tempo. Minutos depois de Matthews chegou um carro que eu conhecia bem: um Ford Taurus marrom guiado pelo sargento Doakes.

– Hei, hei, a gangue está toda aqui*** – cantei alegremente. Snyder olhou para mim como se eu o tivesse convidado para dançar nu, mas Coulter apenas tampou o gargalo da garrafa de refrigerante com o indicador e caminhou na direção do capitão.

Enquanto isso, Deborah ficara observando a cena de fora e orientando o parceiro de Snyder a recuar um pouco a faixa que isolava o local. Quando veio na minha direção, eu já tinha chegado a uma surpreendente conclusão. Havia começado com um exercício de humor, mas acabara se transformando em algo incontestável, por mais que eu tentasse não pensar naquilo. Caminhei até a janela e olhei para fora, apoiado na parede e considerando seriamente a ideia. Por alguma razão, o Passageiro das Trevas achou a ideia bastante divertida e começou a sussurrar terríveis contrapontos. Por fim, como se estivesse vendendo segredos nucleares aos talibãs, percebi que era a única coisa que podíamos fazer.

– Deborah – disse, quando se aproximou de mim à janela –, dessa vez a cavalaria não virá em nosso socorro.

– Não me enche, Sherlock.

– Agora somos apenas nós, e não somos suficientes.

Ela afastou um cacho de cabelo do rosto e respirou fundo.

– O que é que eu venho te dizendo?

– Mas você não continuou o raciocínio, maninha. Como não somos suficientes, precisamos de ajuda de alguém que saiba alguma coisa sobre...

– Pelo amor de Deus, Dexter! Desse jeito, vamos *alimentar* o sujeito com mais uma vítima!

– O que significa que o candidato restante no momento é o sargento Doakes.

Talvez não seja justo dizer que o queixo dela caiu. Mas me encarou com a boca aberta antes de se virar para olhar Doakes, que estava ao lado do corpo de Burdett, conversando com o capitão Matthews.

– O sargento Doakes – repeti. – Ex-membro das Forças Especiais. A serviço em El Salvador.

Ela voltou a olhar para mim, e de novo para Doakes.

– Deborah, se queremos encontrar Kyle, precisamos ter mais informações. Precisamos saber os nomes que estão na lista de Kyle, que tipo de equipe era essa e por que tudo isso está acontecendo. E Doakes é o único que sabe algo sobre isso.

– Doakes quer vê-lo morto – ela disse.

– Não existe condição de trabalho ideal – afirmei, com meu melhor sorriso de perseverança. – E acho que ele quer ver esse caso resolvido tanto quanto Kyle.

– Provavelmente nem tanto quanto Kyle – disse Deborah. – Nem tanto quanto eu.

– Então, tudo bem. Essa parece ser sua melhor chance.

Deborah ainda não parecia totalmente convencida.

– O capitão Matthews não vai querer ceder Doakes para isso. Teríamos de convencê-lo.

Apontei para o lugar onde o capitão confabulava com Doakes.

– Ei-los – falei.

Deborah mordeu o lábio por um instante e depois disse:

– Merda! Pode funcionar.

– Não consigo pensar em mais nada – afirmei.

Ela respirou fundo de novo e então, como se alguém tivesse acionado um botão, caminhou em direção a Matthews e Doakes com determinação. Segui atrás dela, tentando me dissolver nas paredes, para que Doakes não me atacasse e me arrancasse o coração.

– Capitão – disse Deborah –, precisamos ser proativos neste caso.

Embora "proativo" fosse uma de suas palavras favoritas, Matthews olhou para Deborah como se ela fosse uma barata na salada.

– Precisamos – ele disse – é que essas... *pessoas*... lá em Washington mandem alguém competente para resolver a situação.

Deborah apontou para Burdett.

– Eles mandaram.

Matthews olhou para o cadáver de Burdett e mordeu o lábio com ar pensativo.

– O que você sugere?

– Temos poucas pistas – ela falou, fazendo um sinal de cabeça para mim. Preferia que ela não tivesse feito isso, porque Matthews se virou na minha direção e, pior, Doakes também. Se sua cara de cachorro faminto fosse um sinal, seus sentimentos em relação a mim não tinham se atenuado.

– Qual é seu envolvimento neste caso? – perguntou Matthews.

– Ele está oferecendo assistência forense – disse Deborah, e fiz um modesto sinal de concordância.

– Merda – disse Doakes.

– Temos a pressão do tempo – disse Deborah. – Precisamos encontrar o sujeito antes que...

antes que outros cadáveres apareçam. Não poderemos manter a coisa sob controle para sempre.

– Creio que a expressão "frenética curiosidade da mídia" seja apropriada – acrescentei, sempre prestativo. Matthews me encarou.

– Em termos gerais, sei o que Kyle... o que Chutsky tentava fazer – Deborah continuou. – Mas não posso continuar sem ter algumas informações anteriores. – E apontou o queixo na direção de Doakes. – E o sargento Doakes tem.

Doakes pareceu surpreso, expressão que evidentemente ele não havia praticado bastante. Mas, antes que pudesse falar, Deborah foi em frente.

– Acredito que, juntos, nós três poderemos apanhar esse cara antes que outro federal apareça e a coisa se repita.

– Merda – disse Doakes de novo. – Você quer que eu trabalhe com *ele*? – Nem precisava apontar para que todos entendessem de quem se tratava, mas ainda assim ele o fez, balançando um dedo indicador grosso diante do meu rosto.

– Sim, quero – afirmou Deborah. O capitão Matthews mordia o lábio e parecia indeciso.

– Merda – Doakes repetiu. Sinceramente, esperava que suas habilidades de conversação melhorassem se tivéssemos de trabalhar juntos.

– Ela disse que sabe algo sobre este caso – disse Matthews a Doakes, e o sargento relutantemente afastou o olhar de mim e desviou-o para o capitão.

– Hã-hã – resmungou Doakes.

– Sobre o seu... sobre o exército? – continuou Matthews. Ele não parecia amedrontado pela petulante expressão de raiva de Doakes, mas talvez fosse apenas o hábito de comandar.

– Hã-hã – repetiu Doakes.

O capitão Matthews franziu o cenho, querendo passar a impressão de um homem de ação que tomava uma importante decisão.

– Morgan – chamou o capitão Matthews. Ele olhou para Deb e então parou. Uma van da Action News estacionou diante da casa, e algumas pessoas começaram a descer. – Saco! – disse Matthews. Olhou para o cadáver e depois para Doakes. – Pode se encarregar disso, sargento?

– O pessoal de Washington não vai gostar – disse Doakes. – Nem eu.

– Estou começando a perder o interesse pelo que agrada a Washington – falou Matthews. – Temos nossos próprios problemas. Pode cuidar disso?

Doakes olhou para mim. Tentei parecer sério e empenhado, e ele assentiu com a cabeça.

– Está bem. Cuido disso.

Matthews lhe deu um tapinha no ombro.

– Ótimo – disse, e se apressou a ir falar com os repórteres.

Doakes continuava me olhando. Retribuí o olhar.

– Pense que vai ser muito mais fácil me vigiar – sugeri.

– Quando isso terminar – ele disse –, seremos só nós dois.

– Mas só quando terminar – falei, e ele fez um sinal positivo, apenas um.

– Até lá então – ele disse.

---

* Sigla de "Other Governamental Agency", uma referência à CIA ou a seus equivalentes em

outros países. (N. T.)

** Gíria depreciativa que se aplica a um membro das forças armadas que ocupe um posto na retaguarda; covarde. (N. T.)

*** *Hail, hail, the gang's all here* – refrão de uma canção norte-americana de 1915, "Alabama Jubilee", que Fred Astaire popularizou em um filme da década de 1940. (N. T.)

CAPÍTULO 18

DOAKES NOS LEVOU A UM CAFÉ NA RUA Ocho, bem em frente a um revendedor de automóveis. Caminhou à nossa frente até uma mesinha nos fundos e se sentou de frente para a porta.

– Podemos conversar aqui – convidou, e a frase parecia tão perfeita para um filme de espionagem que lamentei não ter trazido os óculos escuros. Talvez os de Chutsky chegassem pelo correio. Com sorte, sem o nariz pregado a eles.

Antes que começássemos a conversar, um homem veio do fundo da sala e apertou a mão de Doakes.

– *Alberto, como estás?*

Doakes lhe respondeu em ótimo espanhol – melhor que o meu, para ser honesto, embora me agrade pensar que meu sotaque fosse mais agradável.

– *Más o menos, Luis.*

Conversaram por um minuto e então Luis nos trouxe três xícaras pequenas de um horroroso café doce cubano e um prato de *pastelitos*. Fez um sinal de cabeça para Doakes e desapareceu no fundo da sala.

Deborah observou toda a performance com crescente impaciência, e quando Luis finalmente sumiu, ela atacou:

– Precisamos do nome de todo mundo de El Salvador.

Doakes apenas a olhou e sorveu o café.

– É uma lista grande – comentou.

Deborah franziu o cenho.

– Você sabe o que quero dizer. Caramba, Doakes, ele pegou Kyle.

Doakes mostrou os dentes.

– É, Kyle está ficando velho. Jamais o teriam capturado em seus melhores dias.

– O que exatamente *você* fazia lá? – perguntei. Sei que a pergunta expunha minhas intenções, mas minha curiosidade para ver qual seria a resposta foi mais forte.

Ainda sorrindo, se é que aquilo era um sorriso, Doakes olhou para mim e respondeu com outra pergunta:

– O que você acha?

Bem lá no fundo do meu ser, meu ouvido captou um rumor de júbilo selvagem, respondido imediatamente das profundezas do assento traseiro, um predador chamando outro em uma noite de luar. De fato, o que mais ele poderia estar fazendo? Assim como Doakes me conhecia, eu conhecia Doakes: um assassino frio. Mesmo sem considerar o que Chutsky dissera, era evidente o que Doakes deveria ter feito em um carnaval de homicídios como o de El Salvador. Deveria ter sido um dos mestres de cerimônia.

– Vamos parar com esse jogo de encarar – disse Deborah. – Preciso de alguns nomes.

Doakes pegou um *pastelito* e se recostou na cadeira.

– Por que vocês não atualizam a situação para mim? – Ele deu uma mordida, e Deborah bateu com um dedo na mesa antes de decidir que ele tinha razão.

– Tudo bem – concordou. – Temos uma descrição aproximada do sujeito que está fazendo isso, e de sua van. Uma van branca.

Doakes balançou a cabeça.

– Não importa. Nós *sabemos* quem está fazendo isso.

– Também identificamos a vítima. É um tal de Manuel Borges.

– Ora, ora – disse Doakes. – O velho Manny?! Realmente, deviam ter me deixado atirar nele.

– Um amigo? – perguntei, mas Doakes me ignorou.

– O que mais vocês sabem?

– Kyle tinha uma lista de nomes – continuou Deborah. – Outros homens da mesma unidade. Disse que um deles seria a próxima vítima. Mas não revelou a identidade.

– Não, ele não revelaria – disse Doakes.

– Por isso precisamos que você nos diga – ela informou.

Doakes pareceu pensar no assunto.

– Se fosse um figurão como Kyle, escolheria um desses caras e mandaria vigiá-lo. – Deborah mordeu os lábios e concordou com a cabeça. – O problema é que não sou um figurão como Kyle. Apenas um simples tira do interior.

– Quer uma viola para acompanhá-lo? – perguntei, mas, por alguma razão, ele não achou graça.

– Só sei de um sujeito da antiga equipe que está aqui em Miami – ele disse, depois de um rápido e feroz olhar dirigido a mim. – Oscar Acosta. Encontrei-o em Publix dois anos atrás. Poderíamos ir atrás dele. – Ele apontou o queixo na direção de Deborah. – Lembro de mais dois nomes. Vocês podem verificar se estão por aqui. – Ele abriu os braços. – É tudo que sei. Poderia telefonar para alguns velhos companheiros na Virginia, mas não sei o que isso poderia provocar. – Respirou fundo. – De qualquer modo, vão levar uns dois dias para decidir sobre meu pedido e o que devem fazer a respeito.

– Então o que fazemos? – perguntou Deborah. – Vigiamos esse cara? O que você encontrou aqui? Ou falamos com ele?

– Ele se lembrou de mim – explicou Doakes. – Posso falar com ele. Se tentarem segui-lo, ele vai perceber e desaparecer. – Olhou o relógio. – Quinze para as três. Oscar estará em casa daqui a algumas horas. Esperem minha chamada. – E me lançou seu sorriso fulminante "estou de olho em você". – Por que não vai esperar na casa de sua linda noiva? – Com isso, levantou-se e saiu, deixando-nos a conta.

Deborah me encarou.

– Noiva?

– Ainda não está decidido.

– Você ficou *noivo*?!

– Eu ia lhe contar.

– Quando? No terceiro aniversário de casamento?

– Quando entendesse como isso aconteceu. Ainda não acredito.

– Nem eu. – Ela se levantou. – Vamos. Eu o levo de volta ao trabalho. Depois você pode ir esperar na casa da sua *noiva*.

Deixei o dinheiro sobre a mesa e a segui, obediente.

Vince Masouka passava pelo corredor quando Deborah e eu saímos do elevador.

– *Shalom*, garoto – ele disse. – Como é que está?

– Noivo – respondeu Deborah, antes que eu pudesse abrir a boca. Vince olhou-a como se ela tivesse dito que eu estava grávido.

– Ele está o *quê*?

– Noivo. Vai se casar.

– Dexter? *Casado?!* – Seu rosto parecia lutar para encontrar a expressão correta, o que não era tarefa fácil, já que ele sempre parecia estar fingindo, uma das razões pelas quais eu me dava bem com ele – dois humanos artificiais, duas ervilhas de plástico numa vagem de verdade. Por fim, acomodou-se numa expressão de alegre surpresa – não muito convincente, mas ainda assim uma escolha sensata. – *Mazel tov!*[*] – ele disse, e me deu um abraço desajeitado.

– Obrigado – agradeci, ainda me sentindo totalmente confuso e me perguntando se conseguiria levar aquela encenação até o fim.

– Muito bem, então – ele disse, esfregando as mãos. – Não podemos deixar isso passar em branco. Amanhã à noite, na minha casa?

– Para quê? – perguntei.

Ele me deu seu melhor sorriso falso.

– Um antigo ritual japonês, que remonta ao xogunato Tokugawa. A gente enche a cara e vê filmes pornográficos – ele convidou, e lançou um olhar malicioso a Deborah. – Podemos pedir à sua irmã que saia de dentro de um bolo.

– Que tal um chute no traseiro? – sugeriu Deb.

– É muito gentil da sua parte, Vince, mas obrigado – falei, tentando evitar qualquer coisa que tornasse meu noivado mais oficial e ao mesmo tempo querendo evitar que os dois continuassem trocando ofensas, o que com certeza me daria dor de cabeça. Mas Vince não me deixou terminar.

– Não, não. É uma questão de honra. Amanhã à noite, às oito – ele disse, e, olhando para Deborah enquanto se afastava, acrescentou: – Você tem vinte e quatro horas para aprender a sacudir as franjas.

– Vá você sacudir o traseiro – ela retrucou.

Ele soltou sua terrível risada falsa e desapareceu no fundo do corredor.

– Maluco – resmungou Deborah, e saiu na direção contrária. – Fique com sua noiva. Eu ligo assim que Doakes der notícias.

Não havia muito trabalho a fazer. Arquivei algumas coisas, solicitei uma caixa de Luminol a nosso fornecedor e respondi a uma meia dúzia de mensagens que tinham se acumulado na minha caixa de *e-mail*. Com a sensação de dever cumprido, peguei meu carro e enfrentei a carnificina do trânsito na hora do *rush*. Parei no apartamento para trocar de roupa. Deb não estava em casa, mas a cama desfeita me revelou que ela estivera lá. Enfiei minhas coisas em uma maleta e fui para a casa de Rita.

Já havia escurecido quando cheguei. Na verdade, não queria ir para lá, mas não sabia o que

fazer. Deborah esperava me encontrar na casa dela se precisasse de mim, e estava usando o meu apartamento. Assim, estacionei na entrada e saí do carro. Por puro reflexo, olhei para o local onde o sargento Doakes costumava estacionar, do outro lado da rua. Não havia ninguém lá, é claro. Ele estava ocupado conversando com Oscar, seu velho companheiro. Com essa súbita constatação, compreendi que estava livre, longe dos olhos inamistosos que por tanto tempo me haviam impedido de ser eu mesmo. Um hino de pura alegria obscura cresceu dentro de mim, e o contraponto pulsou da lua que surgiu de repente por trás de uma nuvem baixa, uma lua esmaecida e assustadora ainda imensa no céu escuro. E a música retumbou nos alto-falantes e ressoou nos andares superiores do Estádio Obscuro de Dexter, onde os tímidos murmúrios se transformaram em um clamor que se equiparava ao som lunar, um canto de *Faça, faça, faça*, e meu corpo estremeceu e enquanto pensava: *Por que não?*

Por que não? Podia sumir por algumas horas felizes – levando o celular, é claro, porque não seria irresponsável. Mas por que não tirar vantagem da noite enluarada sem Doakes e escapar na brisa noturna? O pensamento daquelas botas vermelhas me arrastou como a maré alta. Reiker morava a poucos quilômetros dali. Poderia chegar lá em dez minutos. Entraria na casa e descobriria a prova de que precisava, e então... suponho que teria de improvisar, mas a voz que se insinuava estava cheia de ideias naquela noite, e com certeza descobriríamos algo que nos conduziria à doce liberação de que ambos tanto necessitávamos. Oh, faça, Dexter – as vozes uivavam, e, quando parei na ponta dos pés para ouvir e voltei a pensar *Por que não?*, sem encontrar uma resposta razoável...

... a porta da casa de Rita se abriu e Astor apareceu.

– É ele, sim! – ela gritou para alguém dentro da casa. – Ele está aqui!

E lá estava eu. Ali e não lá. Revirando no sofá em vez de dançar na escuridão da noite. Usando a máscara entediada de Dexter Doméstico em lugar do brilho prateado do Soturno Vingador.

– Entre – convidou Rita, surgindo no vão da porta com um bom humor tão caloroso que senti meus dentes rangerem, e a multidão dentro de mim soltou gemidos de decepção, mas lentamente foi saindo do estádio, jogo terminado, porque, afinal, o que podíamos fazer? Nada, é claro, foi o que fizemos, arrastando-nos humildemente para a casa, atrás do desfile de felicidade de Rita, Astor e o sempre calado Cody. Consegui não choramingar, mas, de fato, não estavam forçando um pouco a barra? Não estavam abusando do temperamento cordato de Dexter?

O jantar foi irritantemente agradável, como que para me provar que estava me metendo em uma vida de felicidade e costeletas de porco. Fingi participar, embora meu coração não estivesse presente. Cortei a carne em pedaços pequenos, desejando estar cortando outra coisa e pensando nos canibais do Pacífico Sul, que se referem aos humanos como "grande porco". Era bastante apropriado, realmente, porque era esse outro porco que eu desejava cortar e não os cogumelos da sopa morna que enchia o meu prato. Mas sorri e fui esfaqueando as ervilhas, até conseguir chegar ao café, não sei como. Foi a provação das costeletas de porco, mas sobrevivi.

Depois do jantar, Rita e eu tomamos nosso café enquanto as crianças saborearam um pote pequeno de *frozen* iogurte. Embora se acredite que o café seja estimulante, não me ajudou a pensar em uma maneira de cair fora por algumas horas, quanto mais evitar a bem-aventurança perene que havia se aproximado de maneira furtiva e me agarrado pelo pescoço. Sentia-me derreter e me fundir com meu disfarce, até que a feliz máscara de borracha se misturasse com minhas feições verdadeiras e eu me transformasse na coisa que eu fingia ser, aquele que leva as

crianças ao futebol, compra flores quando bebe demais, compara detergentes e corta as despesas em vez de livrar os maus da sua carne desnecessária. Era um raciocínio bastante depressivo, que teria me deixado ainda mais infeliz se a campainha da porta não tivesse soado a tempo.

– Deve ser a Deborah – falei. Tenho certeza de ter disfarçado a esperança de socorro na voz. Levantei e fui abrir a porta, que revelou uma gordinha simpática de longos cabelos loiros.

– Ah, você deve ser... hum... Rita está?

Bem, suponho que eu era "hum...", embora não tivesse consciência disso até aquele momento. Chamei Rita e ela veio, sorrindo.

– Kathy! Que bom ver você! Como estão os meninos? Kathy é minha vizinha – ela me explicou.

– Ah – falei. Conhecia a maioria das crianças do bairro, mas não seus pais. Aquela devia ser a mãe do garoto de onze anos que morava ao lado e de seu quase sempre ausente irmão mais velho. Já que isso significava que ela não carregava uma bomba ou um vidro de antrax, sorri e voltei para a mesa com Cody e Astor.

– Jason está no acampamento da banda – ela informou. – Nick perambula pela casa esperando chegar à puberdade para deixar crescer um bigode.

– Oh, Deus! – disse Rita.

– Nicky é um tarado – resmungou Astor. – Ele queria que eu baixasse as calças para ele olhar. – Cody mexia seu *frozen* iogurte até transformá-lo num molho gelado.

– Rita, desculpe incomodá-la na hora do jantar – falou Kathy.

– Já terminamos. Aceita um café?

– Ah, não, só tomo uma xícara por dia. Ordens médicas. Mas estou aqui por causa do nosso cachorro. Queria perguntar se vocês viram o Rascal. Não o vemos há uns dois dias, e Nick está preocupado.

– Eu não o vi, mas vou perguntar às crianças – disse Rita. Porém, quando se virou para perguntar, Cody me olhou, levantou sem dizer nada e saiu da sala. Astor se levantou também.

– Não vemos o Rascal desde a semana passada, quando ele derrubou a lixeira – ela informou, saindo da sala atrás de Cody. E não terminaram o iogurte, que ficou sobre a mesa.

Rita os observou com a boca aberta e depois se virou para a vizinha.

– Sinto muito, Kathy. Acho que ninguém o viu. Mas vamos ficar de olho, tudo bem? Com certeza ele vai voltar. Diga a Nick para não se preocupar.

Ela conversou um pouco mais com Kathy, enquanto eu olhava para o *frozen* iogurte e pensava no que tinha acabado de ver.

Rita fechou a porta e voltou para o café, que estava esfriando.

– Kathy é uma ótima pessoa – ela disse. – Mas os meninos são um problema. Ela é divorciada, e o ex-marido comprou uma casa em Islamorada. É advogado. Mas ele fica lá e Kathy tem de criar os meninos sozinha. Acho que às vezes ela não é muito firme com eles. É enfermeira de um podólogo perto da universidade.

– E que número ela calça? – perguntei.

– Estou falando demais? – Rita perguntou, e mordeu o lábio. – Desculpe. É que estou um pouco preocupada... Acho que é só... – Ela meneou a cabeça e olhou para mim. – Dexter, você...

Nunca cheguei a descobrir o que havia feito, porque meu celular tocou.

– Com licença – falei, e fui à mesinha ao lado da porta, onde o tinha deixado.

– Doakes acabou de ligar – disse Deborah sem nem um alô. – O sujeito com quem ele ia falar fugiu. Doakes o está seguindo para ver aonde ele vai, mas precisa de nós na retaguarda.

– Rápido, meu caro Watson, o jogo vai começar – disse, mas Deborah não estava num clima literário.

– Passo aí em cinco minutos – ela informou.

---

* Expressão judaica que significa "boa sorte". (N. T.)

CAPÍTULO 19

DEIXEI RITA COM UMA EXPLICAÇÃO APRESSADA e fui esperar lá fora. Deborah cumpriu sua palavra, e cinco minutos e meio depois já seguíamos pela Dixie Highway na direção norte.

– Eles estão fora de Miami Beach – ela me contou. – Doakes disse que procurou Oscar e lhe contou o que estava acontecendo. Oscar disse "Preciso pensar", e Doakes falou: "Tudo bem. Eu ligo pra você." Mas ficou vigiando a casa e, dez minutos depois, o sujeito saiu pela porta com uma maleta e pegou o carro.

– Por que ele fugiria agora?

– Você não fugiria se soubesse que Danco está atrás de você?

– Não – respondi, pensando no que poderia fazer se me visse cara a cara com o Doutor. – Eu prepararia uma armadilha para ele e o esperaria. – *E então*, pensei, mas não disse em voz alta para Deborah.

– Bem, Oscar não é você.

– Poucos são – comentei. – Para onde ele foi?

Ela franziu o cenho e balançou a cabeça

– Por enquanto está rodando a esmo, e Doakes está atrás dele.

– Para onde você acha que ele vai nos levar? – perguntei.

Deborah meneou a cabeça e ultrapassou um velho Cadillac conversível cheio de adolescentes aos berros.

– Não importa – ela disse –, e pegou a rampa de acesso para a via expressa Palmetto, pisando fundo no acelerador. – Oscar é nossa melhor chance. Se tentar deixar a cidade, nós o apanhamos, mas enquanto isso precisamos grudar nele para ver o que acontece.

– Muito bem, ótima ideia. Mas o que, exatamente, você acredita que vai acontecer?

– Não sei, Dexter! – ela retrucou. – Mas sabemos que esse cara será um alvo mais cedo ou mais tarde, certo? E agora ele também sabe disso. Portanto, talvez esteja tentando descobrir se está sendo seguido antes de fugir. Merda – ela falou, e deu uma guinada para ultrapassar um caminhão lotado de engradados com frangos. O caminhão ia a uns sessenta quilômetros por hora, com as lanternas traseiras queimadas e três homens sentados em cima da carga, segurando o chapéu com uma das mãos. Deborah ligou a sirene rapidamente quando passou por eles, o que não teve o menor efeito. Os homens nem piscaram.

– De qualquer forma – ela continuou, endireitando o volante e acelerando de novo –, Doakes quer o nosso apoio caso Oscar apronte alguma. Vamos seguir ao longo da baía de Biscayne.

Fazia sentido; enquanto Oscar estivesse em Miami Beach, não podia fugir em nenhuma outra direção. Se tentasse pegar uma via elevada ou ir para o norte, para o lado mais distante de Haulover Park e atravessá-lo, estaríamos lá para apanhá-lo. A menos que tivesse um helicóptero

escondido, estaríamos ali para encurralá-lo. Deixei Deborah dirigir, e ela rumou para o norte a toda velocidade, sem matar ninguém.

No aeroporto, entramos na 836 e seguimos para leste. O tráfego estava mais intenso ali, e Deborah foi costurando por entre os carros, muito concentrada. Guardei meus pensamentos para mim, e ela exibiu sua experiência de anos no trânsito de Miami, vencendo uma corrida maluca sem escalas. Passamos incólumes pelo cruzamento com a I-95 e descemos o Biscayne Boulevard. Respirei fundo quando Deborah voltou ao trânsito das ruas a uma velocidade normal.

O rádio estalou e ouvimos a voz de Doakes.

– Morgan, qual é sua posição?

Deborah pegou o microfone e disse:

– Biscayne com MacArthur Causeway.

Houve uma pequena pausa, e então Doakes informou:

– Ele está parado perto da ponte levadiça na Venetian Causeway. Me dê cobertura pelo seu lado.

– Dez-quatro – respondeu Deborah.

Não pude evitar um comentário.

– Parece tão *oficial* quando você diz isso.

– O que você quer dizer? – ela perguntou.

– Nada, realmente – falei.

Ela me encarou, o olhar sério de um tira, mas seu rosto ainda era jovem e, por um momento, parecia que éramos de novo crianças, sentados no carro-patrulha de Harry e brincando de bandido e mocinho – exceto que dessa vez eu estava do lado do bem, uma sensação muito desconfortável.

– Não é uma brincadeira, Dexter – ela disse, provavelmente porque lhe ocorrera a mesma lembrança. – A vida de Kyle está em jogo. – E seu rosto voltou a assumir sua Cara Séria de Peixe. – Sei que isso não deve fazer sentido para você, mas eu me preocupo com esse homem. Ele me faz sentir... merda! Você vai *se casar* e ainda não entendeu.

Tínhamos chegado ao sinal na NE 15th Street e ela virou à direita. O que restava do Omni Mall assomou à esquerda, e à nossa frente estava a Venetian Causeway.

– Não sou bom quando se trata de sentimentos, Deb – falei. – E não entendo nada dessa história de casamento. Mas não me agrada vê-la infeliz.

Deborah parou diante da pequena marina ao lado do velho edifício Herald e estacionou de frente para a Venetian Causeway. Ficou em silêncio por um momento. Em seguida, respirou fundo e disse:

– Desculpe.

Isso me pegou desprevenido, porque me preparava para dizer algo parecido, apenas para manter as engrenagens sociais lubrificadas. Provavelmente teria me expressado de maneira mais inteligente, mas a essência era a mesma.

– Pelo quê?

– Não tive a intenção de... Sei que você é diferente, Dex. Estou tentando me acostumar com isso. Mas você continua sendo meu irmão.

– Adotado – completei.

– Isso é bobagem, e você sabe. Você é meu irmão. Sei que está aqui por minha causa.

– Na verdade, tinha a esperança de poder dizer "dez-quatro" no rádio mais tarde.

– Tudo bem, continue bancando o idiota. Mas, de qualquer forma, obrigada.

– De nada.

Ela pegou o rádio.

– Doakes. O que ele está fazendo?

Após uma breve pausa, Doakes respondeu:

– Parece que está falando ao celular.

Deborah franziu o cenho e olhou para mim.

– Se ele está fugindo, com quem está falando ao telefone?

Dei de ombros.

– Ele pode estar arrumando um jeito de sair do país. Ou...

Parei. A ideia era tão idiota que devia ter saído da minha cabeça automaticamente, mas, não sei por que, lá estava ela, saltando dentro da massa cinzenta e acenando com uma bandeirinha vermelha.

– O quê? – Deborah perguntou.

Balancei a cabeça.

– Não, não é possível. Uma bobagem. Foi só uma ideia louca. Já passou.

– Louca quanto?

– E se... Eu disse que era uma estupidez.

– É uma estupidez maior ficar enrolando desse jeito. Qual é a ideia?

– E se Oscar estiver ligando para o bom Doutor e tentando fazer uma barganha para escapar? – falei. Estava certo, era uma estupidez.

– Barganhando o quê?

– Bem, Doakes disse que ele está levando uma maleta. Pode conter dinheiro, títulos do governo, uma coleção de selos... sei lá. Mas ele pode ter algo ainda mais valioso para nosso amigo cirurgião.

– O quê, por exemplo?

– Ele pode saber onde todos os outros membros da velha equipe estão escondidos.

– Merda. Entregar todos os outros em troca da própria vida? – ela mordeu o lábio como se pensasse no assunto. Depois de um minuto, meneou a cabeça. – É muito improvável.

– Improvável é bem diferente de estúpido – eu disse.

– Oscar teria de saber como entrar em contato com o Doutor.

– Um espião sempre sabe como encontrar outro. Existem listas, bancos de dados, contatos mútuos, você sabe. Não viu *Identidade Bourne*?

– Vi. Mas será que Oscar viu? – ela disse.

– Só estou dizendo que é possível.

– Não sei não. – Deborah olhou pela janela, pensando, depois fez uma careta e balançou a cabeça. – Kyle disse que após um tempo você esquece em que time está. Faz amizade com os caras de outro time e... Merda, é uma estupidez.

– Seja qual for o time de Danco, Oscar *pode* descobrir um jeito de encontrá-lo.

– E nós não podemos, saco! – ela concluiu.

Depois disso, ficamos em silêncio por alguns minutos. Acho que Deb estava pensando em Kyle e imaginando se conseguiríamos encontrá-lo a tempo. Tentei me imaginar preocupado

com Rita da mesma maneira, e nada. Como Deborah dissera, eu estava noivo e ainda não entendera. E nunca entenderia, o que para mim era uma bênção. Sempre achei que era preferível pensar com o cérebro em vez de usar certas partes situadas mais ao sul. Falando sério, será que as pessoas não se enxergam andando por aí atordoadas, sonhando acordadas, chorosas e indecisas, completamente idiotas por causa de algo que até os animais terminam com rapidez para poder cuidar de coisas mais importantes, como encontrar carne fresca?

Bem, como todos concordamos, eu não entendia. Assim, fiquei olhando as luzes suaves das casas do outro lado do canal. Havia alguns edifícios de apartamentos perto da cabine de pedágio e depois algumas casas esparsas, quase tão grandes quanto eles. Se um dia ganhasse na loteria, pediria a um corretor de imóveis de verdade que me mostrasse uma casa com porão, de tamanho suficiente para comportar um fotógrafo homicida confortavelmente instalado sob o assoalho.

Enquanto pensava nisso, um suave murmúrio se elevou do assento traseiro, mas é evidente que não havia nada que eu pudesse fazer, exceto, talvez, aplaudir a lua suspensa sobre a água. E sobre essa mesma água pintada com o luar flutuou o som metálico de um sino, anunciando que a ponte estava prestes a ser erguida.

O rádio estalou.

– Ele está andando – disse Doakes. – Vai pegar a ponte levadiça. Fique de olho nele... um Toyota 4Runner branco.

– Já estou vendo – disse Deborah no rádio. – Vamos atrás dele.

O Toyota branco atravessou a ponte e pegou a 15th Street segundos antes de a ponte subir. Depois de uma breve pausa para deixá-lo tomar a frente, Deborah deu a partida e o seguiu. No Biscayne Boulevard ele virou à direita, e nós logo atrás.

– Ele pegou o Biscayne Boulevard rumo ao norte – ela falou no rádio.

– Recebido – disse Doakes. – Vou segui-lo daqui.

O 4Runner andava a uma velocidade normal em meio a um tráfego moderado, mantendo-se apenas a uns oito quilômetros acima do limite de velocidade, suficientemente devagar para justificar um buzinaço dos motoristas que passavam por ele. Mas Oscar não parecia se importar. Obedecia a todas as placas de trânsito e permanecia na faixa da direita, viajando como se não tivesse para onde ir e estivesse apenas dando um passeio após o jantar.

Quando chegamos à 79th Street Causeway, Deborah pegou o rádio.

– Estamos passando pela setenta e nove. Ele vai devagar na direção norte.

– Dez-quatro – respondeu Doakes, e Deborah olhou para mim.

– Não falei nada – disse.

– Mas pensou.

Continuamos para o norte, parando em dois sinais de trânsito. Deborah tinha o cuidado de se manter vários carros atrás, uma proeza no trânsito de Miami, com a maioria dos carros tentando ultrapassar, passar por cima ou pelo meio dos outros. Um carro de bombeiros passou com a sirene ligada na direção contrária. Pelo efeito que causava sobre os outros motoristas, podia ser o balido de uma ovelha, porque ignoravam a sirene e não arredavam um metro. O homem que dirigia o carro de bombeiros, ele próprio um motorista de Miami, tocava a buzina apesar da sirene ligada: Dueto no Tráfego.

Chegamos à 123, o último retorno para Miami Beach antes do cruzamento entre a 826 e a

North Miami Beach, e Oscar continuou seguindo para o norte. Deborah informou Doakes pelo rádio.

– Onde diabos ele está indo? – ela perguntou assim que desligou o rádio.

– Talvez esteja só passeando – sugeri. – Está uma noite linda.

– Quer escrever um soneto?

Em circunstâncias normais, teria uma esplêndida resposta, mas, talvez devido à excitação da caçada, nada me ocorreu. De qualquer modo, Deb parecia precisar de uma vitória, por menor que fosse.

Alguns quarteirões à frente, Oscar de repente acelerou, pegou a faixa da esquerda e virou à esquerda na frente dos carros que vinham em sentido contrário, provocando um concerto de buzinas furiosas.

– Ele mudou de rumo – disse Deborah a Doakes. – Entrou na cento e trinta e cinco, a oeste.

– Vou atrás de vocês – avisou Doakes. – Pela Broad Causeway.

– O que será que existe na cento e trinta e cinco? – Era Deb pensando alto.

– O Aeroporto Opa-Locka – disse. – Alguns quilômetros à frente.

– Merda – ela falou, pegando o rádio. – Doakes, o Aeroporto Opa--Locka fica perto.

– Estou indo – ele disse, e pudemos ouvir a sirene soando antes que o rádio fosse desligado.

O Aeroporto Opa-Locka era muito usado pelo pessoal do tráfico de drogas, assim como pelos agentes de alguma operação secreta. Era uma solução conveniente, considerando que a linha divisória entre ambos era quase sempre muito tênue. Oscar bem que podia ter um avião de pequeno porte esperando por ele, pronto para tirá-lo do país e desembarcá-lo em qualquer lugar do Caribe ou da América Latina – com conexões para o resto do mundo, naturalmente, embora eu duvidasse que ele fugiria para o Sudão ou para Beirute. Qualquer lugar do Caribe seria mais provável. De qualquer modo, fugir do país era a melhor solução nas atuais circunstâncias, e o Aeroporto Opa-Locka era um ponto de partida lógico.

Oscar andava um pouco mais rápido agora, embora a 135 não fosse tão larga nem tão movimentada quanto o Biscayne Boulevard. Atravessamos uma pequena ponte sobre um canal, e, assim que chegou do outro lado, Oscar acelerou ainda mais, cantando os pneus ao fazer uma curva em S.

– Alguma coisa o deixou alerta – disse Deborah. – Talvez tenha nos visto. – Ela acelerou para acompanhá-lo, mantendo-se dois ou três carros atrás, embora não fizesse mais sentido fingir que não o estávamos seguindo.

Algo o tinha alertado, de fato, porque Oscar agora dirigia perigosamente, correndo o risco de uma batida ou de subir na calçada. Era evidente que Deb não ia querer perder aquela disputa. Ela o seguia de perto, costurando por entre os carros que ainda tentavam se recuperar da passagem de Oscar. Logo adiante pegou a faixa da esquerda, obrigando um velho Buick a desviar, subir na calçada, atravessar uma cerca e parar no jardim de uma casa azul-clara.

Será que a visão de nosso carro camuflado tinha sido suficiente para fazer Oscar se comportar daquele jeito? Era bom pensar que sim, o que me fez sentir muito importante, mas eu não acreditava nisso – até agora ele agira de maneira fria e controlada. Se quisesse fugir de nós, faria um movimento rápido e ardiloso, como pegar a ponte levadiça enquanto ela subia. Então, o que o teria assustado de repente? Só para ter o que fazer, me inclinei para a frente e olhei pelo espelho lateral. As letras maiúsculas na superfície do espelho me revelaram que os objetos pareciam

mais perto do que estavam. No atual estado de coisas, esse era um pensamento infeliz, porque um único objeto apareceu no espelho naquele momento.

Uma velha van branca.

E ela nos seguia na mesma velocidade e costurando por entre os carros como nós.

– Bem, a ideia não era tão estúpida afinal – falei, elevando a voz acima do canto dos pneus e das buzinas dos outros motoristas. – Deborah, não quero distrair você da direção, mas será que tem um minuto para olhar pelo retrovisor?

– Que merda você quer dizer com isso? – ela resmungou, já batendo os olhos no espelho. Por sorte estávamos num trecho reto da via, porque por um segundo ela quase se esqueceu do volante. – Oh, merda! – sussurrou.

– Foi o que pensei – eu disse.

Logo à frente já se via o viaduto da I-95, e, pouco antes de passar sob ele, Oscar deu uma guinada violenta à direita, cruzou as três pistas e entrou numa rua lateral que corria paralela à autoestrada. Deborah xingou e desviou com força para segui-lo.

– Avise Doakes! – ela falou. Obediente, peguei o rádio.

– Sargento Doakes – avisei –, temos companhia.

O rádio estalou uma vez.

– Que merda você quer dizer com isso? – gritou Doakes. Parecia que tinha ouvido e admirado tanto a frase de Deborah que quisera repeti-la.

– Acabamos de virar à direita na 6th Avenue e estamos sendo seguidos por uma van branca. – Como não houve resposta, perguntei: – Eu disse que a van é branca? – Dessa vez tive a grata satisfação de ouvir Doakes rosnar.

– Filho da mãe.

– Foi exatamente o que pensamos – falei.

– Deixem a van passar e colem nela.

– Não, merda – Deborah murmurou entre dentes, e depois disse algo muito pior. Estava tentado a dizer algo semelhante, porque, assim que Doakes desligou o rádio, Oscar se dirigiu para a rampa de acesso da I-95 à nossa frente e, no último segundo, deu um cavalo de pau e desceu a rampa de volta à 6th Avenue. O 4Runner derrapou e adernou para a direita como se estivesse bêbada e, em seguida, acelerou e seguiu em frente. Deborah pisou no freio e demos meia-volta; a van branca desceu a rampa na nossa frente e logo colou no 4Runner. Meio segundo depois, Deb já se recuperava da derrapagem e os seguia.

A rua lateral era estreita, com uma fileira de casas à direita e, à esquerda, o barranco pintado de amarelo sobre o qual corria a I-95. Andamos por ela vários quarteirões, cada vez mais rápido. Um casal de velhinhos de mãos dadas parou à beira da calçada para acompanhar o estranho desfile. Talvez tenha sido minha imaginação, mas tive a impressão de vê-los flutuar ao vento provocado pela passagem do carro de Oscar e da van.

Conseguimos nos aproximar, e a van branca colou no 4Runner. Mas Oscar aumentou a velocidade e passou por um sinal vermelho, obrigando-nos a ultrapassar uma picape de entregas que girava em círculo na tentativa de evitar bater contra o 4Runner e a van. A picape balançou ao fazer uma curva fechada e foi se chocar contra um hidrante. Mas Deb se segurou firme no volante, desviou da picape e atravessou o cruzamento, ignorando as buzinas e a água que jorrava do hidrante rompido. Na próxima quadra, já havíamos colado neles de novo.

Várias quadras à frente de Oscar, pude ver o sinal vermelho de um cruzamento importante. Mesmo a distância, eu via um fluxo constante de tráfego passando pelo cruzamento. Ninguém vive para sempre, é claro, mas aquela não era a maneira como escolheria morrer se me dessem direito a voto. De repente, assistir tevê com Rita me pareceu muito mais atraente. Tentei pensar num jeito educado, mas convincente, de persuadir Deborah a parar por um instante para sentir o perfume das rosas, mas, quando eu mais precisava dele, meu cérebro poderoso parecia ter parado de funcionar, e, antes que pudesse fazê-lo trabalhar de novo, Oscar já se aproximava do sinal.

Oscar devia ter ido à igreja naquela semana, porque o sinal passou ao amarelo no exato momento em que atravessava o cruzamento como um foguete. A van o seguiu logo atrás, mas teve de frear forte para evitar um carrinho azul que, do seu lado, tentava aproveitar o sinal. Então foi a nossa vez, e agora o sinal já estava verde. Começamos a ultrapassar a van e quase conseguimos – mas estávamos em Miami, afinal. Uma betoneira atravessou o sinal vermelho atrás do carrinho azul bem à nossa frente. Engoli em seco quando Deborah pisou com força no freio e contornou a betoneira, mas nosso carro bateu forte contra o meio-fio e subiu com as duas rodas esquerdas na calçada por um instante antes de voltar à rua.

– Beleza – falei, quando Deborah acelerou de novo. Com certeza ela teria me agradecido o elogio se a van branca não tivesse escolhido esse exato momento para tirar vantagem de nossa redução de velocidade e emparelhar conosco, investindo contra nós. A traseira do nosso carro derrapou, mas Deborah conseguiu controlá-lo.

A van investiu de novo, agora com mais força, bem atrás da minha porta, e, enquanto eu tentava me esquivar do golpe, a porta se abriu. O carro derrapou e Deborah freou – talvez não tenha sido a melhor estratégia, porque a van acelerou e dessa vez pegou bem no meio da minha porta, que se soltou, atingindo a van perto da roda traseira antes de sair girando e soltando faíscas.

Vi a van balançar de leve e ouvi o som de um pneu furado. Então a muralha branca bateu contra nós outra vez. Nosso carro sacudiu violentamente, inclinou-se para a esquerda, saltou por cima do meio-fio e foi se chocar contra uma grade de ferro que separava a rua lateral da rampa descendente da I-95. Giramos como se os pneus fossem de manteiga. Deborah segurava o volante com os dentes à mostra, e por muito pouco não alcançamos a rampa. Mas, é claro, eu não tinha ido à igreja naquela semana, porque, quando nossas duas rodas dianteiras bateram no meio-fio do outro lado da rampa, uma grande SUV vermelha se chocou contra nosso para-choque traseiro. Saltamos sobre o gramado na intersecção da rodovia, que cercava uma lagoa. Só tive tempo de perceber que o gramado parecia ter trocado de lugar com o céu noturno. Então o carro bateu com força e o *airbag* explodiu na minha cara. Senti como se tivesse me metido numa batalha de travesseiros com Mike Tyson. Ainda não me recuperara do choque quando o carro capotou, se lançou na lagoa e começou a se encher de água.

CAPÍTULO 20

NÃO TENHO VERGONHA DE RECONHECER meus modestos talentos. Por exemplo, sinto-me feliz de admitir que sou melhor do que a média das pessoas quando se trata de comentários inteligentes, e também tenho um talento especial para fazer as pessoas gostarem de mim. Mas, para ser justo comigo, estou sempre pronto a confessar meus defeitos, e um rápido exame de consciência me obriga a admitir que nunca fui bom em respirar debaixo d'água. E agora, ali preso pelo cinto de segurança, atordoado e vendo a água fluir ao redor da minha cabeça, esse detalhe começou a parecer um grave defeito de caráter.

O último olhar que lancei a Deborah antes que a água cobrisse sua cabeça também não foi animador. Ela estava presa pelo cinto de segurança, com os olhos fechados e a boca aberta, o exato oposto de seu estado habitual, o que não era um bom sinal. E então a água cobriu meus olhos e não vi mais nada.

Também gosto de pensar que reajo bem numa emergência, de modo que estou certo de que minha súbita apatia era consequência de ter sido atirado de um lado para o outro e depois sufocado por um *airbag*. De qualquer modo, fiquei ali dentro d'água, de cabeça para baixo, pelo que me pareceu uma eternidade, e tenho vergonha de admitir que, na maior parte do tempo, apenas lamentei minha morte. Querido Finado Dexter, tanto potencial, tantos viajantes obscuros ainda a dissecar, tragicamente desaparecido na flor da juventude! Ai de mim, Passageiro das Trevas, eu o conheci bem. E o pobre rapaz estava prestes a se casar. Tristíssimo. Imaginei Rita vestida de branco, chorando no altar, com duas crianças pequenas lamentando a seus pés. A doce Astor, com os cabelos presos em uma bolha bufante e o vestido verde-pálido de dama de honra ensopado de lágrimas. E o quieto Cody em seu pequeno *smoking*, olhando para o fundo da igreja, esperando, pensando em nossa última pescaria e imaginando quando voltaria a enfiar a faca e torcê-la lentamente, vendo o brilhante sangue vermelho pingar da lâmina, e sorrindo, e então...

Calma, Dexter. De onde surgiu esse pensamento? Uma pergunta retórica, naturalmente, e eu não precisava que o leve rumor de divertimento de meu amigo interior me desse a resposta. Mas, com o seu estímulo, juntei as peças esparsas em meio ao quebra-cabeça e percebi que Cody...

Não é estranho as coisas em que pensamos quando estamos morrendo? O carro estacionara de rodas para cima e agora se movia num leve balanço e tão cheio de água espessa e turva que eu não teria visto um sinalizador lançado da ponta do meu nariz. E no entanto consegui ver Cody com toda a clareza, mais claramente que da última vez em que estivemos na mesma sala; e, por trás da imagem nítida, assomava uma gigantesca sombra escura, uma forma negra sem feições de alguém que parecia estar rindo.

Seria possível? Voltei a pensar na maneira como ele tinha enfiado a faca no peixe, todo feliz. Pensei em sua estranha reação ao desaparecimento do cachorro do vizinho – quase igual à minha quando na infância me perguntaram sobre um cachorro do vizinho que eu tinha apanhado para

fazer experiências. E isso me lembrou de que Cody também passara por um trauma quando, em um terrível acesso de raiva provocado por drogas, seu pai biológico o atacou e à irmã.

Era um pensamento inconcebível. Uma ideia ridícula, mas todas as peças se encaixavam... E adquiriam um sentido poético perfeito.

Eu tinha um filho.

Alguém Igual a Mim.

Mas não havia nenhum pai adotivo a guiar os passos desse bebê nesse mundo de "decompor e analisar"; nenhum Harry onisciente para ensiná-lo a ser tudo que ele podia ser, para ajudá-lo a deixar de ser uma criança com uma urgência aleatória de matar e se transformar em um vingador; ninguém que, cuidadosa e pacientemente, o ensinasse a escapar dos perigos e a manejar a brilhante lâmina do futuro – ninguém ajudaria Cody, não se Dexter morresse aqui e agora.

Pode parecer melodramático demais dizer que "esse pensamento me incitou a uma furiosa reação", pois só sou melodramático de propósito, quando existe plateia. Entretanto, quando me conscientizei da verdadeira natureza de Cody, ouvi também, quase como um eco, uma profunda voz sem corpo dizer: "Solte o cinto de segurança, Dexter". Não sei como, consegui obrigar meus dedos, repentinamente imensos e desajeitados, a alcançar o cinto e tentar soltá-lo. Era uma tarefa bastante difícil, mas apalpei e empurrei até que, por fim, ele cedeu. Com isso, bati a cabeça no teto, com pouca força, já que estava debaixo d'água. Mas a batida na cabeça afastou mais algumas teias de aranha, e consegui chegar à abertura onde antes ficava a porta do carro. Consegui me atirar de cabeça e enfiar a cara em um monte de lodo no fundo da lagoa.

Fiquei em pé e bati as pernas para chegar à superfície. Foram chutes bastante fracos, mas suficientes, uma vez que a lagoa tinha pouca profundidade. Primeiro me pus de joelhos e depois me levantei, e ali fiquei por um momento, aspirando o ar maravilhoso. Ar, uma coisa maravilhosa e tão subestimada! É uma grande verdade que só damos valor às coisas quando as perdemos. Que terrível imaginar toda a pobre gente deste mundo que fica sem ar... Gente como...

... Deborah?

Um verdadeiro ser humano teria pensado na irmã afogada muito antes, mas, de fato, sejamos justos, não se podia esperar muito de uma imitação depois de tudo por que eu havia passado. Por isso, só agora eu pensara nela, talvez a tempo de fazer alguma coisa. Mas, embora não estivesse relutante em correr em seu socorro, não pude deixar de pensar se não estávamos exigindo muito do Obediente e Destemido Dexter nessa noite. Mal saíra de lá e já tinha de voltar?

Mas família é família, e me queixar nunca me fez bem. Respirei fundo e mergulhei na água lamacenta, abrindo caminho para o banco da frente do carro de Deborah. Algo me bateu no rosto e depois me agarrou brutalmente pelos cabelos – Deb, eu esperava, porque qualquer outra coisa que se movesse na água certamente teria dentes muito mais afiados. Tentei soltar seus dedos. Era difícil prender a respiração e me mexer às cegas sem receber um corte de cabelos improvisado. Mas Deborah segurava firme – o que era um bom sinal, porque significava que ela estava viva, mas aquilo me fez pensar o que se esgotaria primeiro: meus pulmões ou meu couro cabeludo? Pus mãos à obra e consegui soltar seus dedos do meu pobre e delicado penteado. Então fui subindo pelo braço até chegar ao ombro e encontrar o cinto de segurança. Deslizei a mão até o fecho e apertei o botão para soltá-lo.

Estava emperrado, claro. Já sabemos que aquele era um daqueles dias, não é? Era uma coisa atrás da outra, e seria demais esperar que mesmo uma coisa tão pequena desse certo. Só para enfatizar esse ponto, algo estourou em meu ouvido, e percebi que Deborah não tinha mais tempo e agora tentava a sorte respirando água. Talvez fosse melhor nisso que eu, mas não acreditava que era.

Abaixei-me e apoiei os joelhos no teto do carro, empurrando o ombro contra o tronco de Deb para soltá-la do cinto. Em seguida, afrouxei o cinto o máximo possível, de modo que seu corpo pudesse passar por baixo dele em direção à porta. Ela estava tão frouxa quanto o cinto. Talvez, apesar de todo o meu valente esforço, fosse tarde demais. Eu me espremi pela abertura da porta, arrastando-a atrás de mim. Minha camisa ficou presa em alguma coisa na porta e se rasgou, mas consegui me soltar, oscilando até conseguir me pôr de pé e respirar de novo o ar da noite.

Deborah pesava muito em meus braços, e um fio de água suja escorria pelo canto de sua boca. Coloquei-a sobre um ombro e patinhei na lama tentando chegar ao gramado. Tive de lutar com o lodo a cada passo e perdi meu sapato esquerdo antes de conseguir me afastar mais de três passos do carro. Mas, naturalmente, é muito mais fácil substituir um sapato que uma irmã, de modo que batalhei até poder pisar no gramado e jogar Deborah de costas em terra firme.

Uma sirene soou ali perto, quase imediatamente seguida por outra. Alegria e felicidade: o socorro estava a caminho. Talvez até tivessem uma toalha. Mas não tinha certeza se chegariam a tempo de salvar Deborah. Por isso, me agachei ao lado dela, virei-a de bruços e pressionei-lhe as costas para extrair a maior quantidade de água possível. Depois, virei-a de costas, retirei um bocado de lama de sua boca e iniciei a respiração boca a boca.

No começo, minha única recompensa foi outro jorro de água lamacenta, o que tornou a tarefa extremamente desagradável. Mas fui em frente, e logo Deb teve um tremor convulsivo e vomitou muita água – a maior parte em cima de mim, infelizmente. Ela tossiu de uma maneira horrível, puxou o ar como se fosse uma porta com as dobradiças enferrujadas se abrindo e disse:

– Merda...

Pela primeira vez, adorei sua eloquência rude.

– Seja bem-vinda – falei. Ainda debilitada, Deborah rolou o corpo e tentou ficar de quatro. Mas caiu de novo com o rosto no chão, gemendo de dor.

– Oh, Deus. Oh, merda, quebrei alguma coisa – ela lamentou. Virou a cabeça e vomitou mais um pouco, arqueando as costas e sugando o ar entre espasmos de náusea. Admito que, olhando-a, me senti satisfeito comigo mesmo. Dexter, o Pato Mergulhador, tinha salvado o dia.

– Não é maravilhoso vomitar? – perguntei. – Quero dizer, considerando as alternativas? – É claro que uma resposta realmente sarcástica estava além das possibilidades da pobre moça naquela situação de fraqueza, mas gostei de ver que ela teve forças suficientes para resmungar: – Foda-se.

– Onde é que dói? – perguntei.

– Maldição – ela disse, parecendo muito fraca. – Não consigo mexer o braço esquerdo. O braço... – Ela se interrompeu e tentou mexer o braço em questão, causando o que pareceu uma dor muito forte. Puxou o ar, o que provocou uma tosse fraca de novo, e depois caiu de costas, arfando.

Ajoelhei-me ao lado dela e examinei gentilmente seu braço.

– Aqui? – perguntei. Ela balançou a cabeça. Subi um pouco a mão, em direção à articulação

do ombro e à clavícula, e nem precisei perguntar se era ali que doía. Ela gemeu e, apesar de ter o rosto coberto de lama, pude vê-la empalidecer. – Você quebrou a clavícula – constatei.

– Não pode ser – ela disse, com uma voz fraca e áspera. – Tenho de encontrar Kyle.

– Não. Você tem de ir para um hospital. Se sair cambaleando por aí desse jeito, vai acabar quase como ele, toda enfaixada, e isso não vai ser bom para ninguém.

– Mas eu *preciso* – ela insistiu.

– Deborah, consegui tirar você de um carro naufragado, estraguei uma linda camisa, e agora você quer pôr a perder meu gesto heroico?

Ela tossiu de novo e gemeu de dor na clavícula por causa dos espasmos da respiração. Percebi que não havia desistido de discutir, mas já começava a ter consciência da extensão da dor. E, como nossa conversa não ia dar em lugar nenhum, foi ótimo Doakes ter chegado, seguido de dois paramédicos.

O bom sargento olhou feio para mim, como se eu tivesse atirado o carro de propósito dentro da lagoa.

– Vocês os perderam, não é? – ele perguntou, o que me pareceu terrivelmente injusto.

– Sim, foi muito mais difícil do que pensei segui-los debaixo d'água e de cabeça para baixo – falei. – Da próxima vez, você se encarrega dessa parte e nós ficamos aqui, reclamando.

Doakes apenas me olhou e resmungou. Depois, ajoelhou-se ao lado de Deborah e perguntou:

– Você se machucou?

– A clavícula. Está fraturada. – O choque estava se dissipando rapidamente, e ela lutava contra a dor mordendo o lábio e respirando fundo. Eu esperava que os paramédicos tivessem algo mais eficiente para a dor.

Doakes não disse nada; apenas levantou os olhos na minha direção. Deborah agarrou o braço dele com o braço bom.

– Doakes – ela chamou, e ele a encarou. – Encontre-o. – Ele apenas a observou trincar os dentes e respirar fundo para enfrentar mais uma onda de dor.

– Estamos indo – disse um paramédico. Era um jovem magro e forte de cabelo espetado. Ele e seu parceiro mais velho e mais gordo conseguiram fazer a maca passar pela grade na qual o carro de Deb abrira um buraco. Doakes pretendia se levantar para permitir que chegassem a Deborah, mas ela agarrou seu braço com uma força surpreendente.

– Encontre-o – ela repetiu. Doakes apenas acenou com a cabeça, mas para ela foi suficiente. Deborah soltou seu braço e ele se levantou para dar espaço aos paramédicos. Eles a examinaram rapidamente, transferiram-na para a maca e começaram a empurrá-la para a ambulância. Eu a observei ir embora, pensando no que teria acontecido a nosso querido amigo da van branca. Até onde poderia ter ido com um pneu furado? Provavelmente, tinha passado para outro veículo em vez de parar e chamar a AAA* para ajudá-lo a trocar o pneu. Em algum lugar próximo, encontraríamos uma van abandonada e daríamos pela falta de um carro.

Num impulso que me pareceu extremamente generoso, considerando sua atitude para comigo, procurei Doakes para lhe dizer o que pensava. Mas só havia dado um passo e meio em sua direção quando ouvi uma gritaria. Virei-me para olhar.

Um robusto homem de meia-idade, usando apenas cueca samba-canção, corria pelo meio da rua na nossa direção. A barriga saltava para fora do cós e balançava loucamente, e era evidente

que não estava acostumado a correr, dificuldade que ele aumentava ainda mais ao agitar os braços acima da cabeça e gritar "Ei! Ei! Ei!". Quando cruzou a rampa da I-95 e chegou até nós, sentia tanta falta de ar que não conseguia dizer nada coerente, mas eu tinha uma boa ideia do que ele queria nos contar.

– A ban – ele arfou, e percebi que, apesar da combinação de falta de fôlego e sotaque cubano, ele estava tentando dizer "A van".

– Uma van branca com um pneu furado? E seu carro foi levado – completei, e Doakes olhou para mim.

Mas o homem resfolegante concordou com a cabeça.

– Uma van branca, certo. Pensei ter ouvido um cachorro lá dentro, talvez ferido – ele disse, e parou para respirar fundo, de modo a transmitir adequadamente o pleno horror do que tinha visto. – E então...

Mas ele gastava seu precioso ar. Doakes e eu já corríamos pela rua na direção de onde ele viera.

---

* Associação Americana de Automobilismo. (N. T.)

CAPÍTULO 21

O SARGENTO DOAKES APARENTEMENTE esqueceu que devia me seguir, porque me venceu na corrida até a van por uns bons vinte metros. É claro que tinha a larga vantagem de ter os dois sapatos, mas ainda assim se saiu muito bem. A van estava em cima da calçada de uma casa laranja-pálida cercada por um muro. O para-choque dianteiro havia se chocado e derrubado um poste de pedra na esquina, e a traseira do veículo estava de frente para a rua, o que nos permitia ver a placa amarela da Choose Life.

Quando alcancei Doakes, ele já tinha aberto a porta traseira, da qual se ouvia um choramingo. Dessa vez não parecia um cão, ou talvez eu estivesse me acostumando. Era um som ligeiramente mais agudo do que antes, e um pouco mais entrecortado, parecendo mais um gorgolejar estridente que um falsete, mas ainda assim reconhecível como o chamado de um morto-vivo.

Ele estava amarrado a um banco sem encosto, colocado na horizontal, que ocupava todo o interior. Os olhos nas cavidades sem pálpebras rolavam violentamente para a frente e para trás, para cima e para baixo; a boca sem lábios e sem dentes, franzida em um O; e o corpo, sem braços nem pernas, se contorcia como um bebê, mas sem conseguir completar nenhum movimento significativo.

Doakes estava agachado sobre ele, olhando o que restara do rosto com uma total falta de expressão.

– Frank – ele chamou, e a coisa rolou os olhos na direção dele. O choramingo cessou por um momento, e então recomeçou numa nota mais alta, um lamento agoniado que parecia implorar alguma coisa.

– Você o reconhece? – perguntei.

Doakes acenou com a cabeça.

– Frank Aubrey – ele disse.

– Como é que você sabe? – perguntei. Porque era praticamente impossível reconhecer qualquer ex-humano naquelas condições. O único sinal distintivo que conseguia observar eram as rugas na testa.

Doakes continuou a observá-lo. Resmungou e apontou o lado do pescoço.

– A tatuagem. É Frank. – Resmungou de novo, inclinando o corpo para a frente a fim de apanhar um pequeno pedaço de papel pregado ao banco. Dei uma olhada: na mesma letra de forma desenhada o doutor Danco havia escrito HONRA.

– Chame os paramédicos – pediu Doakes.

Corri até eles, que já fechavam as portas traseiras da ambulância.

– Há lugar para mais um? – perguntei. Não vai ocupar muito espaço, mas vai precisar de forte sedação.

– Em que estado ele está? – perguntou o cara de cabelo espetado.

Era uma boa pergunta para alguém da sua profissão, mas as respostas que me ocorreram eram um tanto impertinentes, de modo que falei apenas:

– Acho que você também vai precisar de forte sedação.

Eles me olharam como se eu estivesse brincando e não avaliaram a seriedade da situação. Depois, entreolharam-se e deram de ombros.

– Certo, companheiro – disse o mais velho. – A gente aperta para ele caber. – O paramédico de cabelo espetado balançou a cabeça, mas abriu de novo as portas traseiras da ambulância e começou a puxar a maca.

Enquanto desciam até a van de Danco, subi na ambulância para ver como estava Deb. Ela mantinha os olhos fechados e estava muito pálida, mas parecia respirar com facilidade. Então, abriu os olhos e me fitou.

– Não estamos em movimento – ela disse.

– O doutor Danco bateu a van.

Ela se retesou e tentou se sentar, com os olhos bem abertos.

– Você o pegou?

– Não, Deb. Só o passageiro. Acho que ia largá-lo em algum lugar, porque o trabalho já havia sido feito.

Se antes ela estava pálida, agora estava prestes a desmaiar.

– Kyle? – ela perguntou.

– Não. Doakes diz que ele se chama Frank.

– Tem certeza?

– Ele tem uma tatuagem no pescoço. Não é Kyle, maninha.

Deborah fechou os olhos e voltou a se deitar como se fosse um balão furado.

– Graças a Deus!

– Espero que não se importe de dividir a cabine com Frank.

– Não me importo – ela disse, e voltou a abrir os olhos. – Dexter, nada de criar caso com Doakes. Ajude-o a encontrar Kyle. Por favor?

Devia ser o efeito da sedação, porque não podia contar em um dedo sequer o número de vezes que a ouvi pedir alguma coisa com tanto sofrimento.

– Tudo bem, Deb. Vou fazer o melhor que puder.

Seus olhos tremeram e voltaram a se fechar.

– Obrigada.

Voltei à van de Danco a tempo de ver o paramédico mais velho se endireitar no lugar onde, com certeza, estivera vomitando e se virar para falar com o parceiro, que estava sentado no meio-fio, resmungando sozinho acima dos gemidos de Frank.

– Venha, Michael – disse o mais velho. – Venha, companheiro.

Michael não parecia interessado em se mexer, exceto para se balançar para a frente e para trás, repetindo: "Oh, Deus! Oh, Jesus!". Vendo que ele provavelmente não precisava de meu estímulo, fui até a porta do motorista e dei uma olhada lá dentro.

O doutor Danco devia estar com pressa, porque tinha deixado para trás um rastreador de rádio. Era reconfortante saber que Danco estava nos monitorando com isso, e não com algum tipo de poder mágico.

No mais, a van estava vazia. Nada de caixas de fósforo reveladoras, um pedaço de papel com

um endereço ou uma palavra em código em latim. Nada que pudesse nos fornecer alguma pista. Talvez houvesse impressões digitais, mas, como já sabíamos quem estava dirigindo, não seriam de grande ajuda.

Peguei o rastreador e caminhei para a traseira da van. Doakes estava parado ao lado da porta aberta, e o paramédico mais velho finalmente conseguira pôr o companheiro de pé. Entreguei o rastreador a Doakes.

– Estava no banco da frente. Ele andou nos ouvindo.

Doakes só deu uma olhada nele e o colocou dentro da van. Como não parecia estar a fim de conversa, perguntei:

– Você tem ideia do que ele vai fazer em seguida?

Ele me olhou e não disse nada. Devolvi o olhar, cheio de expectativa, e, se não fossem os paramédicos, acho que poderíamos ter ficado ali parados até os pombos começarem a fazer ninho em nossa cabeça.

– O. K., rapazes – disse o mais velho, e nos afastamos para deixá-los pegar Frank. O mais velho parecia bem agora, como se estivesse ali apenas para colocar uma tala num calcanhar torcido. Mas o parceiro ainda parecia muito infeliz, e mesmo a dois metros de distância podia ouvir sua respiração.

Fiquei ao lado de Doakes enquanto colocavam Frank na maca e o levavam embora. Quando voltei a encarar o sargento, que também olhava para mim. Mais uma vez, me lançou seu sorriso desagradável.

– Agora somos nós dois – ele disse. – E não sei o que você vai fazer. – Ele se recostou na van e cruzou os braços. Ouvi a porta da ambulância bater e, em seguida, a sirene foi ligada. – Só nós dois – Doakes repetiu –, e nenhum juiz.

– Essa é mais uma pérola de sua sabedoria interiorana? – perguntei, porque lá estava eu, depois de sacrificar um sapato esquerdo inteiro e uma bela camisa, sem falar no meu *hobby*, na clavícula de Deborah e num carro oficial em perfeito estado – e lá estava ele, sem nenhum vinco na camisa, fazendo críticas hostis. De fato, o homem era demais.

– Não confio em você – ele disse.

Era um bom sinal o sargento Doakes estar se abrindo comigo e partilhando suas dúvidas e sentimentos. Ainda assim, sentia que deveria mantê-lo focado.

– Isso não importa. Não temos tempo a perder – avisei. – Com Frank acabado e despachado, agora Danco vai se ocupar de Kyle.

Ele inclinou a cabeça para um lado e então fez um sinal negativo.

– Não se importe com Kyle. Ele sabe onde está se metendo. O que importa é apanhar o Doutor.

– Kyle importa para minha irmã. E é só por isso que estou aqui.

Doakes balançou a cabeça de novo.

– Que lindo! Quase dá para acreditar.

Por alguma razão, foi então que tive uma ideia. Admito que Doakes era monumentalmente irritante – e não foi apenas porque me impedia de dar prosseguimento à minha importante pesquisa, por pior que isso fosse. Mas agora ele também criticava minha atuação, o que ultrapassava os limites do comportamento civilizado. Por isso a irritação talvez fosse a mãe da invenção. Seja como for, uma portinha se abriu no crânio empoeirado de Dexter e uma luzinha

começou a brilhar: um genuíno sinal de atividade mental. É claro, Doakes talvez não ligasse a mínima para isso, mas eu bem que poderia ajudá-lo a perceber que se tratava de uma boa ideia. Então, tentei. Sentia-me o Pernalonga tentando induzir o Hortelino Troca-Letras a fazer algo letal, mas o sujeito bem que merecia.

– Sargento Doakes – disse –, Deborah é minha irmã. E você não tem o direito de duvidar de meu comprometimento. Mesmo porque... – tive de lutar contra a vontade de pintar as unhas, no estilo Pernalonga – até agora você não fez porra nenhuma.

Por mais que fosse um assassino frio e tudo o mais, o sargento Doakes, ao menos aparentemente, ainda era capaz de sentir emoções. Talvez essa fosse a grande diferença entre nós, a razão por que ele tentava salvar a pele e lutava contra os que tinham estado a seu lado. De qualquer modo, uma onda de raiva subiu por seu rosto, e bem lá no fundo ouviu-se um resmungo quase audível de sua sombra interior.

– "Porra nenhuma." Gostei dessa.

– Porra nenhuma, sim. Deborah e eu fizemos todo o trabalho pesado e corremos todos os riscos, e você sabe disso.

Por um instante, os músculos de suas mandíbulas incharam como se quisessem saltar do rosto e me estrangular, e o grunhido mudo interior cresceu em um rugido que ecoou em meu Passageiro das Trevas, que se pôs alerta e respondeu, e ali ficamos os dois, com duas sombras gigantescas se aquecendo e se enfrentando, invisíveis, diante de nós.

Provavelmente, a rua teria se coberto de carne destroçada e poças de sangue se um carro-patrulha não tivesse escolhido aquele exato momento para frear ao nosso lado, cantando os pneus. Um jovem policial saltou do carro e Doakes imediatamente sacou o distintivo com uma das mãos, enquanto, com a outra, fez sinal para que fossem embora. O policial recuou e enfiou a cabeça dentro do carro para consultar o parceiro.

– Tudo bem – disse Doakes, dirigindo-se a mim. – Você tem algo em mente?

Não fora perfeito como eu esperava. Pernalonga o teria levado a pensar na solução sozinho, mas já era bom.

– Na realidade, tenho uma ideia – mencionei. – Mas é um tanto arriscada.

– Não me admira.

– Se for demais para você, sugira outra coisa. Mas acho que é tudo que podemos fazer.

Podia vê-lo pensando. Ele sabia que eu lhe preparava uma armadilha, mas havia bastante verdade no que tinha dito, e muito orgulho ou raiva dentro dele para que não se importasse.

– Diga lá – ele falou por fim.

– Oscar escapou.

– É o que parece.

– O que significa que só resta uma pessoa em que o doutor Danco pode estar interessado – falei, apontando direto para o peito dele. – Você.

Ele não chegou a estremecer, mas algo se debateu em sua testa e ele esqueceu de respirar por alguns segundos. Então, balançou lentamente a cabeça e respirou fundo.

– Filho da mãe, sacana!

– Sim, eu sou – admiti. – Mas tenho razão.

Doakes afastou o rastreador de modo a abrir espaço para se sentar na traseira da van.

– Tudo bem. Continue.

– Primeiro, aposto que ele vai arranjar outro rastreador – falei, fazendo um sinal com a cabeça na direção do aparelho ao lado de Doakes.

– Hã, hã.

– Portanto, se soubermos que ele está ouvindo, podemos fazê-lo ouvir o que queremos que ele ouça, ou seja... – continuei, com meu melhor sorriso – quem você é e onde está.

– E quem eu sou? – ele perguntou. Não parecia impressionado pelo meu sorriso.

– Você é o cara que armou uma armadilha para entregá-lo aos cubanos.

Ele me estudou por um momento, depois balançou a cabeça.

– Você está mesmo decidido a pôr minha cabeça na guilhotina, não é?

– Com certeza. Mas você não se importa, não é mesmo?

– Ele apanhou Kyle com a maior facilidade.

– Você estará prevenido. Kyle não estava. Além disso, você não é um pouco melhor que Kyle nesse tipo de coisa?

Era descarado, transparente, mas ele decidiu aceitar.

– Está certo, eu sou – ele disse. – E você é um belo de um puxa-saco.

– Nada de puxa-saco – falei. – É a mais pura verdade.

Doakes olhou o rastreador ao lado dele e depois desviou a vista para a rodovia. As luzes da rua tingiram de um brilho alaranjado a gota de suor que rolou de sua testa. Ela a secou automaticamente, ainda olhando ao longe a I-95. Ficara tanto tempo me encarando sem piscar que era inquietante estar na sua presença enquanto ele olhava para outro lado. Era quase como ser invisível.

– Tudo bem – concordou, quando voltou a olhar para mim, e agora a luz alaranjada estava em seus olhos. – Mãos à obra.

CAPÍTULO 22

O SARGENTO DOAKES ME LEVOU DE VOLTA à sede do departamento de polícia. Foi estranho sentar tão perto dele, e não tínhamos quase nada a nos dizer. Peguei-me estudando seu perfil pelo canto do olho. O que acontecia com ele? Como podia ser o que eu sabia que ele era sem *fazer* alguma coisa? Não poder me distrair com um de meus companheiros de brincadeiras estava me deixando nervoso, e no entanto Doakes aparentemente não tinha esse problema.Talvez tivesse esgotado a necessidade em El Salvador. Seria diferente ter as bênçãos oficiais do governo? Ou era apenas mais fácil não ter de se preocupar em ser pego?

Com certeza, não podia lhe perguntar. Só para enfatizar esse ponto, ele parou em um sinal vermelho e se virou para me encarar. Fingi não perceber e continuei olhando para a frente, o que ele também fez quando o sinal abriu.

Fomos direto ao estacionamento dos carros oficiais e Doakes me entregou outro Ford Taurus.

– Espere quinze minutos – avisou, fazendo um sinal na direção do rádio. – Então me chame. – Sem dizer mais nada, voltou ao carro e partiu.

Agora que eu estava por minha conta, pensei nas surpresas das últimas horas. Deborah no hospital, eu aliado de Doakes – e a revelação sobre Cody durante minha experiência de quase-morte. É claro que podia estar totalmente enganado sobre o garoto. Podia haver outra explicação para seu comportamento em relação ao cão desaparecido, e a maneira como enfiara a faca no peixe poderia ter sido uma crueldade infantil perfeitamente normal. Mas, por mais estranho que pudesse parecer, me vi desejando que fosse verdade. Queria que ele crescesse e fosse igual a mim – em particular porque desejava moldá-lo e colocar seus pezinhos no Caminho de Harry.

Era essa a necessidade reprodutiva humana, um forte desejo de reproduzir o eu maravilhoso e insubstituível, mesmo quando esse eu era um monstro que não tinha o direito de viver entre humanos? Isso com certeza explicaria a existência de tantos cretinos monumentalmente desagradáveis que eu encontrava todos os dias. Ao contrário deles, porém, eu tinha total consciência de que o mundo seria um lugar melhor sem mim – apenas me preocupava mais com meus sentimentos nessa questão do que o mundo poderia imaginar. E agora estava ansioso para procriar, como Drácula criando um novo vampiro para acompanhá-lo na escuridão da noite. Sabia que estava errado – mas que seria divertido seria!

E que completo imbecil eu estava sendo! Será que aquela temporada no sofá de Rita transformara meu intelecto antes tão poderoso nesse mingau de sentimentalismo? Como podia pensar em tantos absurdos? Por que, em vez disso, não tentava imaginar um plano para escapar do casamento? Não admira que não conseguisse fugir da vigilância enjoativa de Doakes – tinha usado todas as células do meu cérebro, por isso ele continuava vazio.

Olhei o relógio. Catorze minutos desperdiçados em pensamentos absurdos. O prazo estava terminando: peguei o rádio e chamei Doakes.

– Sargento Doakes, qual é sua posição?

Houve uma pausa e em seguida um estalo.

– Prefiro não dizer agora.

– Repita, sargento.

– Estava seguindo um bandido, e temo que ele tenha me visto.

– Que tipo de bandido?

Outra pausa, como se Doakes não soubesse o que dizer.

– Um sujeito do meu tempo no exército. Foi capturado em El Salvador e talvez pense que por culpa minha. – Pausa. – O sujeito é perigoso.

– Precisa de ajuda?

– Ainda não. Vou tentar me esquivar dele.

– Dez-quatro – falei, sentindo certa emoção ao dizê-lo finalmente.

Repetimos a mensagem mais algumas vezes, só para ter certeza de que ela seria captada pelo doutor Danco, e pude dizer "dez-quatro" todas as vezes. Quando encerramos a noite, por volta de uma da madrugada, estava animado e satisfeito. Talvez no dia seguinte pudesse tentar mais alguns códigos. Enfim, algo para aguardar com ansiedade.

Encontrei um carro-patrulha indo para o sul e convenci o motorista a me deixar na casa de Rita. Lá, entrei de mansinho no meu carro e fui para casa.

Quando cheguei à minha cabana e a encontrei em total desordem, lembrei-me de que Deb estava no hospital. No dia seguinte iria visitá-la. Fora um dia memorável, embora exaustivo: fora perseguido por um cortador de membros em série, sobrevivera a um acidente de carro para quase morrer afogado, perdera um sapato em perfeito estado e, ainda por cima, fora obrigado a bancar o parceiro do sargento Doakes. Pobre e Desgastado Dexter! Não era à toa que estava tão cansado. Caí na cama e dormi imediatamente.

Na manhã seguinte, Doakes parou o carro ao lado do meu no estacionamento do departamento de polícia. Saiu carregando uma mochila de náilon, que depositou no capô do meu carro.

– Trouxe a roupa suja? – perguntei educadamente. Mais uma vez, meu bom humor não foi bem-aceito.

– Se a coisa funcionar, ou ele me pega ou eu o pego – ele disse abrindo a mochila. – Se eu o apanhar, está acabado. Se ele me apanhar... – Tirou um aparelho de GPS da mochila e o colocou sobre o capô. – Se ele me pegar, você será meu apoio. – Mostrou-me os dentes reluzentes. – Você pode imaginar como me sinto. – Pegou um celular e o colocou ao lado do GPS. – Esse é meu seguro.

Olhei os dois objetos sobre o capô do meu carro. Não me pareciam particularmente ameaçadores, mas talvez pudesse atirar um e depois golpear a cabeça de alguém com o outro.

– Nenhuma bazuca? – perguntei.

– Não será necessária. Apenas isto. – Ele pegou a mochila de novo. – E isto – concluiu, tirando um bloco de estenografia aberto na primeira página. Parecia conter uma série de números e letras, e tinha uma caneta esferográfica barata enfiada na espiral.

– A pena é mais poderosa que a espada – falei.

– Esta é – ele retrucou. – Na primeira linha há um número de telefone. Na segunda, um código de acesso.

– Acesso a quê?

– Você não precisa saber. Apenas digite o código e passe o número do meu celular. Eles vão fornecer uma posição GPS e você irá me buscar.

– Parece simples – comentei, imaginando se de fato seria.

– Até para você.

– Com quem vou falar?

Doakes apenas balançou a cabeça.

– Alguém me deve um favor – ele disse, e tirou da mochila um rádio portátil usado pela polícia. – Agora a parte mais fácil. – Ele me entregou o rádio e voltou ao carro.

Agora que tínhamos atirado a isca para o doutor Danco, o segundo passo era atraí-lo a um local específico no momento certo, e a feliz coincidência da festa de Vince Masouka era perfeita demais para ser ignorada. Pelas horas seguintes, circulamos pela cidade, cada um no seu carro, e repetimos a mesma mensagem várias vezes com sutis variações, só para garantir. Tínhamos recrutado também duas unidades de patrulha, que, segundo Doakes, provavelmente não dariam pra trás. Interpretei isso como um sinal de seu humor sutil, mas os tiras em questão não pareciam ter entendido a piada e, apesar de não tremerem, pareciam ter ido longe demais ao assegurar ansiosamente ao sargento Doakes que não dariam pra trás. Era maravilhoso trabalhar com um homem que inspirava tanta lealdade.

Nossa pequena equipe passou o resto do dia bombardeando as ondas do rádio com nosso papo furado sobre minha festa de despedida de solteiro, dando o endereço da casa de Vince e lembrando as pessoas do horário. E, logo depois do almoço, nosso *coup de grâce*. Sentado em meu carro, diante de uma lanchonete Wendy's, usei o rádio portátil para chamar o sargento Doakes uma última vez para uma conversa cuidadosamente roteirizada.

– Sargento Doakes, aqui é Dexter. Está me ouvindo?

– Aqui fala Doakes – ele disse, depois de uma breve pausa.

– Seria um prazer para mim se o senhor fosse à minha despedida de solteiro esta noite.

– Não posso ir a lugar nenhum. Esse sujeito é muito perigoso.

– Venha ao menos para um drinque. Uma passadinha rápida.

– Você viu o que ele fez com o Manny, e Manny era só um soldado raso. Fui eu que entreguei o sujeito a alguns homens ferozes. Se ele bota as mãos em mim, imagine o que não fará.

– Vou me casar, sarge. – Adorei o tom de história em quadrinhos daquele "sarge". – Não acontece todos os dias. Ele não vai tentar nada com tantos tiras por lá.

Houve uma pausa dramática, durante a qual sabia que Doakes contava até sete, exatamente como tínhamos combinado. Então o rádio estalou de novo.

– Tudo bem. Passo lá por volta das nove.

– Obrigado, sarge – falei, excitado por poder repetir as palavras, e, para completar minha felicidade, acrescentei: – Isso realmente significa muito para mim. Dez-quatro.

– Dez-quatro – ele disse.

Esperava que, em algum lugar da cidade, nosso pequeno drama radiofônico estivesse sendo ouvido pelo público-alvo. Enquanto ele lavava as mãos para iniciar a cirurgia, será que faria uma pausa para ouvir? Quando o receptor estalasse com a voz melodiosa do sargento Doakes, talvez

pousasse a serra de ossos, enxugasse as mãos e anotasse o endereço num pedaço de papel. E então voltaria feliz ao trabalho – em Kyle Chutsky?– com a paz interior de um homem que tem uma tarefa a cumprir e uma movimentada agenda social quando ela terminasse.

Para garantir, nossos amigos dos carros-patrulhas repetiriam a mensagem algumas vezes: que o sargento Doakes em pessoa estaria na festa naquela noite, por volta de nove horas.

Sem ter o que fazer por algumas horas, fui ao Jackson Memorial Hospital ver meu pássaro favorito com a asa quebrada.

Deborah estava engessada da cintura para cima, sentada na cama de um quarto no sexto andar, com uma linda vista da rodovia, e, embora com certeza tivesse tomado algum analgésico, não parecia nada feliz quando entrei no quarto.

– Maldição, Dexter! Diga a eles para me deixarem sair daqui. Ou pelo menos para me devolverem minhas roupas para que eu possa fugir.

– Que bom que está melhor, querida irmã. Num instante você estará de pé.

– Estarei de pé no exato momento em que me devolverem minhas roupas. Que diabos está acontecendo? O que andou fazendo?

– Doakes e eu armamos uma armadilha perfeita, e Doakes é a isca – contei. – Se o doutor Danco a morder, vamos apanhá-lo esta noite no meu... na festa de Vince – acrescentei, e percebi que, se queria me distanciar da ideia de noivado, aquela era uma maneira tola de fazê-lo. De qualquer forma, me senti melhor – o que aparentemente não deu nenhum conforto a Deb.

– Sua festa de despedida de solteiro – ela disse, e depois resmungou: – Merda. Você armou essa armadilha para Doakes.

Admito que soou elegante quando Deb disse isso, mas não queria que pensasse em coisas desagradáveis. Pessoas infelizes levam mais tempo para se curar.

– Não, Deborah, é sério – falei, com minha melhor voz de escoteiro. – É um plano para pegar o doutor Danco.

Ela me encarou por um bom tempo e então, para minha surpresa, fungou e resistiu ao choro.

– Tenho de confiar em você. Mas odeio isso. Não consigo deixar de pensar no que ele está fazendo com Kyle.

– Vai dar certo, Deb. Vamos trazer Kyle de volta. – E, como ela afinal era minha irmã, resisti a acrescentar: "Ou a maior parte dele".

– Meu Deus, odeio ficar presa aqui! Você precisa da minha ajuda.

– Vamos conseguir, maninha. Uma porção de policiais estará na festa; policiais armados e perigosos. E vou estar lá também – falei, sentindo-me só um pouco ofendido por ela ter subestimado minha presença.

Mas ela continuou fazendo isso.

– Sim. Se Doakes apanhar Danco, teremos Kyle de volta. Mas, se Danco apanhar Doakes você está livre. Brilhante, Dexter. De qualquer jeito, você ganha.

– Isso nunca me ocorreu – menti. – Minha intenção é trabalhar por um bem maior. Além disso, Doakes parece ser muito experiente nesse tipo de coisa. E ele conhece Danco.

– Maldição, Dex, os últimos acontecimentos estão me matando. E se... – Ela parou e mordeu o lábio. – É melhor funcionar. Ele já está com Kyle há muito tempo.

– Vai funcionar, Deborah – falei. Mas nenhum de nós dois acreditava nisso realmente.

Os médicos insistiram em manter Deborah mais vinte e quatro horas em observação. Assim, com um sincero "Força!" à minha irmã, corri para o apartamento, para um banho e uma troca de roupa. O que usar? Não me lembrava de nenhuma dica do que usar naquela estação em uma festa compulsória para celebrar um noivado indesejado que poderia se transformar em um violento confronto com um maníaco vingativo. Era evidente que sapatos marrons estavam fora de cogitação, mas, além disso, nada parecia obrigatório. Após uma cuidadosa reflexão, deixei o bom gosto me guiar e escolhi uma camisa havaiana verde-limão estampada com guitarras elétricas e carros vermelhos. Simples, mas elegante. Calças cáqui, um par de tênis, e estava pronto para o baile.

Mas ainda faltava uma hora para a festa, e meus pensamentos se voltaram para Cody. Será que eu estava certo sobre ele? Em caso afirmativo, como ele lidaria com esse Passageiro que despertava dentro dele? Cody precisava de minha orientação e eu estava ansioso para oferecê-la a ele.

Saí de casa e fui para o sul, e não para o norte, onde ficava a casa de Vince. Quinze minutos depois, batia à porta de Rita e olhava o lugar vazio antes ocupado pelo Taurus marrom do sargento Doakes. Naquela noite sem dúvida ele estaria em casa se preparando para o conflito iminente e polindo sua munição. Será que tentaria matar o doutor Danco, certo de que havia permissão legal para fazer isso? Será que a Necessidade viria rugindo dentro dele como um furacão, destruindo todos os argumentos e restrições?

A porta se abriu. Rita sorriu e se atirou sobre mim, envolvendo-me num abraço e me beijando no rosto.

– Oi, lindo. Entre.

Correspondi ao abraço rapidamente, para manter as aparências.

– Não posso ficar muito tempo – falei.

Seu sorriso se iluminou.

– Eu sei. Vince ligou e me contou. Foi muito simpático. Prometeu que vai ficar de olho em você para evitar que faça alguma loucura. Entre – ela disse, me puxando pelo braço. – Ouça, Dexter. Quero que saiba que não sou ciumenta e confio em você. Vá e divirta-se.

– Vou, sim. Obrigado – respondi, duvidando que isso fosse possível. Imaginei o que Vince teria lhe dito para fazê-la pensar que a festa seria um poço de tentação e pecado. Não era de todo impossível. Como Vince era bastante sintético, podia ser imprevisível em situações sociais, como provavam os bizarros duelos de insinuações sexuais com minha irmã.

– Foi carinhoso de sua parte vir até aqui antes da festa – disse Rita, levando-me ao sofá onde havia passado boa parte de minha vida recente. As crianças queriam saber por que não podiam ir.

– Vou falar com elas – disse, ansioso para ver Cody e tentar descobrir se estava certo.

Rita sorriu, como se estivesse ansiosa por saber o que na verdade eu diria a Cody e Astor.

– Eles estão lá fora. Vou chamá-los.

– Não, fique aqui. Eu vou.

Cody e Astor estavam no quintal com Nick, o vizinho idiota que queria ver Astor nua. Eles me viram quando abri a porta, e Nick deu meia-volta e saiu correndo para o próprio quintal. Astor

correu na minha direção e me deu um abraço, e Cody veio logo atrás, só observando, sem sinal de emoção no rosto.

– Oi – ele disse baixinho.

– Cumprimentos e saudações, jovens cidadãos. Devemos vestir nossas togas formais. César nos convoca ao Senado.

Astor inclinou a cabeça para o lado e me olhou como se tivesse acabado de me ver comer um gato vivo. Cody disse apenas:

– O quê?

– Dexter – disse Astor –, *por que* não podemos ir à festa com você?

– Primeiro, porque amanhã é dia de aula. E, segundo, porque acho que será uma festa de adultos.

– Isso significa que vai ter garotas nuas? – ela perguntou.

– Que tipo de pessoa você pensa que eu sou? – perguntei, com uma expressão brava. – Você acha mesmo que eu iria a uma festa com garotas nuas?

– Acho – ela disse, e Cody sussurrou:

– Hã-hã.

– O mais importante é que lá vai haver danças idiotas e camisas horríveis, coisas que não é bom vocês verem. Perderiam todo o respeito pelos adultos.

– Que respeito? – perguntou Cody, e eu lhe apertei a mão.

– Bem dito – eu lhe disse. – E agora, já para o quarto.

Astor finalmente riu.

– Mas queremos ir à festa – ela pediu.

– Não vai ser possível. Mas eu lhe trouxe um tesouro para que não pense em fugir. – E lhe estendi um pacote de *wafers* Necco, nossa moeda secreta. Mais tarde ela o repartiria com Cody, longe de olhares curiosos. – E agora, jovens – falei, e eles me olharam cheios de expectativa. A essa altura eu tremia de ansiedade para saber a resposta, mas sem saber onde e como perguntar. Não poderia apenas dizer: "Por falar nisso, Cody, ando me perguntando se você gosta de matar". Isso, é claro, era exatamente o que eu queria saber, mas não era o tipo de coisa que se pode dizer a uma criança – principalmente a Cody, que em geral era tão tagarela quanto um coco.

A irmã, porém, falava por ele. O sofrimento de passar a primeira infância tendo um ogro violento como pai havia criado uma simbiose entre eles, um relacionamento tão íntimo que, quando ele bebia refrigerante, ela arrotava. O que houvesse dentro de Cody, Astor seria capaz de expressar.

– Posso fazer uma pergunta muito séria? – disse, e eles trocaram um olhar que continha uma conversa inteira, mas não disseram nada. Então fizeram um sinal afirmativo ao mesmo tempo, quase como se as duas cabeças estivessem coladas a uma mesma vara de pebolim.

– O cachorro do vizinho – falei.

– Eu disse pra você – falou Cody.

– Ele vivia fuçando no lixo – explicou Astor. – E fazendo cocô no nosso quintal. E Nick ensinou ela a nos morder.

– Então Cody deu um jeito nele? – perguntei.

– Ele é menino. Gosta de fazer essas coisas. Eu só olhei. Você vai contar pra mamãe?

Lá estava. *Gosta de fazer essas coisas*. Olhei para os dois, que me encaravam como se

tivessem dito apenas que gostam mais de sorvete de baunilha do que de morango.

– Não vou contar para a sua mãe. Mas vocês não podem dizer isso para mais ninguém, nunca. Fica entre nós três, mais ninguém. Entendido?

– Tudo bem – concordou Astor, com uma espiada no irmão. – Mas por que, Dexter?

– Quase ninguém ia entender – expliquei. – Nem mesmo sua mãe.

– Você entende – tornou Cody naquele seu quase sussurro.

– Entendo – confirmei. – E posso ajudar. – Respirei fundo e senti um eco percorrendo meus ossos, vindo lá de longe, daquela noite sob o mesmo céu da Flórida em que Harry me dissera a mesma coisa. – É preciso saber içar as velas – expliquei, e Cody me fitou com os olhos arregalados, fazendo um sinal positivo com a cabeça.

– Certo – ele disse.

CAPÍTULO 23

VINCE MASOUKA TINHA UMA CASINHA no norte de Miami, no fim de uma rua sem saída perto da NE 125th Street. Fora pintada de amarelo-claro com um friso vermelho-escuro, o que me fez questionar meu gosto em matéria de amigos. Havia poucos arbustos bem aparados no jardim e um canteiro de cactos perto da porta. Uma fileira de lâmpadas alimentadas por energia solar iluminava o caminho de pedras que levava à entrada.

Já estivera lá uma vez, mais de um ano antes, quando Vince decidira, sabe-se lá por que, promover uma festa a fantasia. Havia levado Rita, uma vez que o propósito de ter um disfarce é exibi-lo. Ela foi fantasiada de Peter Pan, e eu de Zorro, naturalmente, com o Passageiro das Trevas munido de uma espada ágil. Vince atendera à porta usando uma túnica de cetim e uma cesta de frutas na cabeça.

– J. Edgar Hoover? – perguntei.

– Quase acertou. Carmen Miranda – ele respondeu, guiando-nos até uma fonte de ponche de frutas letal. Tomei um gole e decidi ficar nos refrigerantes, porque nessa época ainda não tinha me convertido a um macho beberrão de cerveja. A monótona trilha sonora de música *techno-pop* tocava num volume capaz de induzir a uma autocirurgia voluntária do cérebro. Mas, apesar de barulhenta, foi uma festa alegre e engraçada.

Até onde eu sabia, Vince não tinha dado outra festa desde então, pelo menos não nessa escala. Entretanto, as boas lembranças perduram, e Vince não teve dificuldade em reunir um pessoal animado para testemunhar minha humilhação anunciada apenas vinte e quatro horas antes. Como ele prometera, filmes pornográficos eram exibidos em monitores de vídeo espalhados pela casa, até no pátio. E, é claro, a fonte de ponche de frutas estava de volta.

Como os rumores sobre a primeira festa ainda corriam na rede de fofocas, a casa estava cheia de desordeiros, na maioria homens, que atacavam o ponche como se houvesse um prêmio para o primeiro que conseguisse um dano cerebral permanente. Conhecia alguns dos presentes. Angel Batista estava lá, assim como Camilla Figg, um punhado de outros caras do laboratório forense e uns tiras que eu conhecia, entre eles os quatro que, segundo o sargento Doakes, não iam dar pra trás. O resto do pessoal parecia aleatoriamente recrutado de South Beach pela capacidade de soltar um agudo UAU! quando a música mudava ou o monitor de vídeo mostrava uma cena particularmente degradante.

A festa não demorou a degenerar em algo do qual todos iríamos nos arrepender por muito tempo. Por volta de 8h45, eu era o único que tinha condições de me manter em pé sem ajuda. A maioria dos tiras tinha acampado ao lado da fonte de ponche. Angel dormia debaixo da mesa com um sorriso no rosto. Suas calças tinham desaparecido, e alguém havia colado uma etiqueta de maquininha no meio de sua cabeça.

Devido ao estado das coisas, pensei que era o momento ideal para sair de fininho e ver se o

sargento Doakes já havia chegado. Mas, como descobri logo, não era o melhor momento. Não tinha dado dois passos em direção à porta quando fui atacado pelas costas. Virei-me com rapidez e descobri que Camilla Figg tentava subir nos meus ombros.

– Oi – ela disse, com um sorriso radiante e a fala enrolada.

– Alô – respondi, alegremente. – Quer um drinque?

Ela franziu a testa.

– Não quero drinque. Só dar alô. Credo, "cê é lindo". Sempre quis dizer isso pra você.

Bem, a pobre coitada estava evidentemente bêbada, mas ainda assim... Lindo, eu? Acho que álcool demais pode turvar a visão, embora, convenhamos, como pode ser lindo alguém que preferiria cortá-la de cima a baixo a apertar-lhe a mão? De qualquer modo, uma mulher já era demais. Pelo que me lembrava, Camilla e eu raramente trocávamos mais do que três palavras. Ela jamais mencionara minha suposta beleza. Na verdade, até parecia me evitar, preferindo corar e desviar os olhos a dizer um simples bom-dia. E agora estava praticamente me estuprando. Isso fazia sentido?

Seja como for, eu não podia perder tempo decifrando o comportamento humano.

– Muito obrigado – falei, enquanto tentava me livrar de Camilla sem causar danos a nenhum de nós. Tentei soltar seus braços enrolados ao redor do meu pescoço, mas ela se grudou em mim como uma ostra. – Acho que você precisa de ar fresco, Camilla – sugeri, na esperança de que ela aceitasse o conselho e me largasse. Mas ela me agarrou com mais força, esmagando o rosto contra o meu quando recuei.

– Vou pegar ar fresco aqui mesmo – ela disse, fazendo biquinho como se fosse me beijar e me puxando com força, até que despenquei numa cadeira e quase caí no chão.

– Ah! Você quer se sentar? – perguntei, esperançoso.

– Não – ela disse, me puxando para perto do seu rosto com uma força que parecia duas vezes maior que seu peso. – Quero trepar.

– Ah, bem... – gaguejei, chocado com a ousadia dela e o absurdo da situação. Será que todas as mulheres estavam loucas? Não que os homens fossem melhores. Ao meu redor, a cena parecia ter sido arranjada por Hieronymus Bosch*, com Camilla disposta a me arrastar para trás da fonte, onde, com certeza, um bando aguardava para ajudá-la a me violentar. Mas de repente me lembrei de que agora tinha a desculpa perfeita para evitar o estupro. – Vou me casar, você sabe. – Por mais difícil que seja admitir, era justo que meu noivado me fosse útil de vez em quando.

– Canalha – falou Camilla. – Canalha lindo. – De repente, ela desmoronou, soltando meu pescoço. Com dificuldade, consegui evitar que caísse no chão.

– Provavelmente – disse. – Mas, seja como for, acho que você precisa se sentar por alguns minutos. – Tentei fazê-la se sentar, mas foi como jogar mel na lâmina de uma faca, e ela escorregou até o chão.

– Canalha lindo – repetiu, e fechou os olhos.

É sempre bom saber que nossos companheiros de trabalho nos consideram, mas meu interlúdio romântico me atrasara vários minutos e eu precisava muito sair da casa e encontrar o sargento Doakes. Por isso, deixando Camilla entregue a seus sonhos de amor, fui até a porta de novo.

E, outra vez, fui interceptado no caminho, dessa vez por um golpe violento no braço. Vince me agarrou o bíceps e me puxou de volta ao surrealismo.

– Ei! – ele gritou na sua voz de falsete. – Ei, rapaz! Aonde pensa que vai?

– Acho que deixei minha chave no carro – respondi, tentando me soltar de sua pegada mortal. Mas ele me puxou com mais força ainda.

– Não, não, não – falou, me empurrando em direção à fonte. – É a sua festa. Você não vai a lugar nenhum.

– A festa está maravilhosa, Vince. Mas realmente preciso...

– Beber – ele concluiu. Em seguida, mergulhou uma taça na fonte e me entregou, derramando a bebida na minha camisa. – É disso que você precisa. *Banzai!* – Ergueu sua taça e tentou bebê-la de um gole só. Felizmente para todos os envolvidos, a bebida lhe provocou um acesso de tosse e consegui escapar, enquanto ele se dobrava e tentava recuperar o fôlego.

Abri caminho até a porta, mas não consegui chegar à rua antes que Vince gritasse:

– Ei! Você não pode ir embora. As *strippers* estão chegando!

– Já volto – respondi. – Arranje-me outro drinque.

– Certo! – ele respondeu com seu sorriso falso. – Há! *Banzai!* – E voltou para a festa com um tchauzinho. Virei-me para procurar Doakes.

Eu estava tão acostumado a vê-lo estacionado do outro lado da rua que devia tê-lo notado imediatamente, mas não o notei. Quando avistei o familiar Taurus marrom, percebi que eu tinha feito uma coisa muito inteligente. Estava estacionado sob uma grande árvore, que bloqueava a iluminação da rua. Era uma coisa que alguém que estivesse tentando se esconder faria, mas ao mesmo tempo permitia que o doutor Danco sentisse confiança de se aproximar sem ser visto.

Andei até o carro, e, quando me aproximei, o vidro da janela deslizou para baixo.

– Ele ainda não apareceu – disse Doakes.

– Estão esperando você para um drinque – falei.

– Eu não bebo.

– E também não costuma ir a festas, é evidente. Do contrário saberia que não se participa de uma festa sentado no carro, do outro lado da rua.

O sargento Doakes não disse nada, mas a janela se fechou, a porta se abriu e ele saiu do carro.

– O que você vai fazer se ele chegar agora? – ele me perguntou.

– Confiar que meu charme vai me salvar. E agora entre enquanto ainda há alguém consciente lá dentro.

Atravessamos a rua juntos, não de mãos dadas, é lógico, mas aquilo me pareceu tão estranho naquelas circunstâncias que bem que poderia ser possível. No meio do caminho, um carro dobrou a esquina e veio em nossa direção. Tive vontade de sair correndo e mergulhar num arbusto de oleandro, mas me orgulhei de meus nervos de aço quando apenas observei o carro se aproximar. O sargento Doakes e eu tínhamos chegado ao outro lado da rua quando ele passou por nós lentamente.

Doakes se voltou para olhar o carro, e fiz o mesmo. Cinco rostos adolescentes nos encararam. Um deles virou a cabeça e disse alguma coisa aos outros, e eles riram. O carro seguiu em frente.

– É melhor a gente entrar – sugeri. – Eles parecem perigosos.

Doakes não respondeu. Ficou vendo o carro fazer a volta no fim da rua e tomar a direção da casa de Vince. Eu o segui logo atrás, alcançando-o a tempo de abrir a porta para ele.

Só estivera fora durante alguns minutos, mas o número de baixas crescera de maneira impressionante. Dois dos tiras que estavam ao lado da fonte dormiam estendidos no chão, e um dos refugiados de South Beach vomitava em uma vasilha Tupperware que poucos minutos antes continha gelatina. A música estava mais alta do que nunca, e da cozinha ouvi Vince gritando "*Banzai!*", acompanhado de um coro.

– Abandone aqui todo tipo de esperança – disse ao sargento Doakes, que resmungou alguma coisa que pareceu "filhos da puta doentes". Balançou a cabeça e entrou.

Doakes não bebeu nem dançou. Encontrou um canto da sala onde não havia um corpo inconsciente e ali ficou, observando como um Anjo da Morte barato em uma festa de estudantes. Pensei se deveria ajudá-lo a entrar no espírito da festa. Talvez pudesse enviar Camilla para seduzi-lo.

Vendo o bom sargento ali naquele canto, imaginei no que estaria pensando. Era uma adorável metáfora: Doakes sozinho e em silêncio em um canto, enquanto à sua volta a vida humana seguia, desenfreada. Se eu pudesse sentir, talvez tivesse sentido uma onda de simpatia por ele. Doakes parecia alheio àquilo tudo, e não reagiu nem mesmo quando dois da gangue de South Beach passaram por ele completamente nus. Seus olhos bateram no monitor mais próximo, que exibia uma cena bastante original envolvendo animais. Doakes olhava a cena sem interesse nem emoção. Apenas olhava, e, em seguida, seu olhar passeou pelos tiras largados no chão, Angel debaixo da mesa e Vince saindo da cozinha à frente de uma fila de bailarinos que dançavam conga. O olhar percorreu a sala até onde eu estava e se deteve em mim com a mesma falta de expressão. Ele atravessou o cômodo e parou diante de mim.

– Quanto tempo vamos ficar? – perguntou.

Ofereci-lhe meu melhor sorriso.

– É um pouco demais, não é? Toda essa alegria... deve deixá-lo nervoso.

– Fico com vontade de lavar as mãos – ele disse. – Espero lá fora.

– Será que é uma boa ideia? – indaguei.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção da turma da conga, que agora se amontoava no chão em espasmos de riso.

– E isso, é uma boa ideia?

Naturalmente, ele tinha razão, embora, em matéria de sofrimento letal e terror, a turma da conga não podia competir com o doutor Danco. No entanto, suponho que seja preciso levar em conta a dignidade humana, se é que ela existe em algum lugar. No momento, olhando ao redor da sala, isso não parecia possível.

A porta da frente se abriu. Doakes e eu nos voltamos para olhar, com os reflexos alertas, e foi bom que estivéssemos preparados para o perigo porque senão poderíamos ter sido atacados por duas mulheres seminuas que carregavam um aparelho de som.

– Alô?! – elas gritaram, e foram recompensadas com um irritante UAUUUUUU! da turma da conga. Vince se esforçou para sair debaixo do monte de corpos e se pôr de pé.

– Ei! – ele gritou. – Ei, todo mundo! As *strippers* chegaram! *Banzai!*

Ouviu-se um UAUUUUU! ainda mais alto, e um dos tiras que estava deitado no chão se pôs de joelhos, balançando para a frente e para trás e murmurando:

– *Strippers*...

Doakes olhou ao redor da sala e voltou-se para mim.

– Estou lá fora – anunciou, encaminhando-se para a porta.

– Doakes – chamei, pensando que não era de fato uma boa ideia. Mal tinha dado dois passos atrás dele quando, de novo, fui violentamente atacado.

– Peguei você! – Vince urrou, me prendendo em um abraço de urso.

– Vince, deixe-me ir.

– De jeito nenhum! – ele respondeu e soltou uma gargalhada. – Ei, todo mundo! Ajudem-me com o noivo envergonhado!

A turma da conga se levantou de um pulo e se atirou sobre mim, e de repente me vi no centro de um círculo, com todos aqueles corpos me empurrando para a cadeira onde Camilla Figg tinha despencado antes de cair no chão. Lutei para escapar, mas foi inútil. Eram muitos, todos embriagados de ponche. Nada pude fazer exceto ver o sargento Doakes abrir caminho em direção à porta e, com um último olhar de pedra, sair para a noite.

Eles me levaram à cadeira e me rodearam em um semicírculo coeso, de modo que ficou claro que eu não iria a lugar nenhum. Esperei que Doakes fosse tão bom quanto achava que era, porque estaria por sua conta e risco durante algum tempo.

A música parou e ouvi um som familiar que fez os pelos de meus braços se arrepiarem: o ruído da fita adesiva sendo desenrolada, meu prelúdio preferido para um *Concerto para lâmina de faca*. Alguém prendeu meus braços e Vince deu duas voltas de fita no meu corpo, prendendo-me à cadeira. É claro que não estava totalmente imobilizado, mas demoraria tanto tempo para me soltar que permitiria que o grupo me prendesse de novo à cadeira.

– Tudo certo agora! – Vince gritou. Uma das *strippers* ligou o aparelho de som e o *show* começou. A primeira *stripper*, uma negra mal-humorada, começou a ondular na minha frente enquanto ia tirando algumas peças de roupa supérfluas. Quando estava quase nua, sentou-se no meu colo e lambeu minha orelha, rebolando o traseiro. Depois, empurrou minha cabeça entre seus seios, arqueou o corpo e saltou para trás, e outra *stripper*, uma mulher de feições asiáticas e cabelos loiros, deu um passo à frente e repetiu toda a encenação. Após rebolar por alguns instantes, deu lugar à primeira *stripper*, e as duas dividiram meu colo, uma em cada perna. Em seguida, se inclinaram para a frente, roçando os seios no meu rosto, e começaram a se beijar.

A essa altura, o querido Vince entregou a cada uma delas uma grande taça do ponche homicida, que ela beberam, sem parar de rebolar no ritmo da música. Uma delas sussurrou:

– Uau! Ponche bom.

Não sei dizer qual delas disse isso, mas ambas pareciam de acordo. As duas continuaram se retorcendo, enquanto o pessoal à minha volta uivava como se fosse lua cheia numa convenção de cachorros loucos. Por certo, minha visão estava um tanto obscurecida pelos imensos peitos artificiais, mas, pelo som, parecia que, exceto por mim, todo mundo se divertia muito.

Às vezes a gente se pergunta se existe alguma força maligna com um senso de humor pervertido correndo pelo universo. Eu conhecia bem os homens para saber que a maioria deles daria uma parte do corpo para estar no meu lugar. E no entanto eu só pensava que trocaria uma ou duas partes do meu corpo para fugir daquelas duas garotas seminuas. Naturalmente, seria preferível oferecer uma parte do corpo de outra pessoa, algo que, aliás, eu teria o maior prazer em providenciar.

Mas não havia justiça no mundo: as duas garotas continuavam sentadas no meu colo, rebolando ao ritmo da música e molhando de suor minha linda camisa de raiom, enquanto a festa

fervia à nossa volta. Depois do que me pareceu um castigo interminável no purgatório, só interrompido quando Vince trouxe mais dois drinques para as *strippers*, as duas finalmente saíram do meu colo e foram dançar diante da plateia que nos cercava. Elas acariciavam rostos, bebericavam os drinques e agarravam um ou outro entre as pernas. Aproveitei o momento para soltar minhas mãos e remover a fita adesiva, e foi então que notei que ninguém mais prestava atenção a Dexter, teoricamente o Homem do Momento. Uma rápida olhada ao redor me mostrou por que: todos faziam um círculo ao redor das duas *strippers*, que agora dançavam completamente nuas, brilhando de suor e da bebida derramada sobre o corpo. Vince parecia uma figura de desenho animado, com os olhos esbugalhados quase saltando da cara, mas estava em boa companhia. Todos os que ainda não haviam perdido a consciência estavam parados na mesma pose, olhando sem respirar e oscilando ligeiramente de um lado para o outro. Poderia ter atravessado a sala soprando uma tuba em chamas que ninguém teria me dado atenção.

Contornei devagar a plateia e escapei pela porta da frente. Imaginei que o sargento Doakes estivesse esperando em algum lugar perto da casa. Mas não o avistei. Atravessei a rua e olhei dentro do carro. Estava vazio. Olhei a rua de cima a baixo, e nada. Nem sinal dele.

Doakes desaparecera.

---

* Pintor flamengo cujos trabalhos retratam cenas de pecado e tentação, compostas simbolicamente por figuras complexas, originais e obscuras ao mesmo tempo. (N. E.)

CAPÍTULO 24

NUNCA VOU ENTENDER MUITOS ASPECTOS da existência humana. Quero dizer que me falta a capacidade de sentir empatia ou emoções. Não acho que seja uma perda muito grande, mas deixa várias áreas da experiência humana completamente fora da minha compreensão.

Entretanto, existe uma poderosa experiência humana que sinto profundamente: a tentação. Quando vi a rua vazia diante da casa de Vince Masouka e percebi que o doutor Danco devia ter levado Doakes, a tentação me invadiu em ondas vertiginosas, quase sufocantes. *Estava livre*. Esse pensamento me envolveu e martelou minha cabeça com sua total simplicidade. Seria a coisa mais fácil do mundo sair andando e deixar que Doakes tivesse sua reunião com o Doutor. De manhã comunicaria o desaparecimento dele, fingindo que estava bêbado demais – afinal era minha despedida de solteiro – e não sabia o que havia acontecido ao bom sargento. Quem poderia me contradizer? Ninguém que estivera na festa teria condições de dizer que eu não assistira ao *show* de *striptease* até o fim.

Doakes estaria desaparecido. Arrebatado para sempre em um nevoeiro terminal de membros arrancados e loucura, para nunca mais iluminar minha obscuridade. Liberdade para Dexter! Estava livre para ser eu mesmo sem que fosse preciso fazer absolutamente nada.

Então, por que não ir embora? Por que não fazer um passeio ligeiramente mais longo até Coconut Grove, onde um certo fotógrafo de crianças aguardava minha atenção havia tanto tempo? Tão fácil, tão seguro... então, por que não? Uma noite perfeita para o obscuro prazer, com a lua quase cheia e a falta de tensão emprestando à coisa toda um ar casual, informal. Os sussurros de urgência concordaram em um coro insistente.

Estava tudo ali: tempo, alvo, a lua e até mesmo um álibi. A pressão viera crescendo por tanto tempo que podia fechar os olhos e deixar a coisa acontecer sozinha, fazer tudo que tinha de ser feito no piloto automático. E depois viria o doce relaxamento, o afrouxamento dos músculos exaustos, minha primeira noite de sono ininterrupto em muito tempo. E, pela manhã, descansado e aliviado, eu contaria a Deborah...

Ah, Deborah. Era isso, não era?

Contaria a Deborah que aproveitara a inesperada oportunidade da ausência de Doakes e me lançara na escuridão da noite com uma Necessidade e uma Faca, enquanto os poucos dedos restantes de seu namorado eram atirados em um monte de lixo? Não sei por que, mesmo com minhas animadoras de torcida internas insistindo que estava tudo certo, não acreditava que ela caísse nessa. Tinha uma intuição de que isso poria um ponto final no relacionamento com minha irmã. Mesmo com a desculpa de um lapso de consciência, ela teria dificuldade em me perdoar, e, embora não seja capaz de sentir amor verdadeiro, queria que Deb se sentisse feliz em relação a mim.

Assim, mais uma vez, teria de me resignar a uma virtuosa paciência e uma sensação de

integridade sofredora. Austero e Responsável Dexter. O momento vai chegar, disse a meu outro ser. *Mais cedo ou mais tarde, vai chegar.* Não teremos de esperar para sempre, e isto deve vir primeiro. Houve alguns resmungos, é claro, porque a espera já durava muito, mas acalmei as reclamações, derrubei as barricadas com um falso bom humor e peguei meu celular.

Liguei para o número que Doakes me havia dado. Ouvi o som de discagem e nada mais, só um chiado fraco. Digitei o longo código de acesso, ouvi um clique e então uma voz feminina disse "número". Forneci-lhe o número do celular de Doakes. Houve uma pausa, e então ela me transmitiu algumas coordenadas, que anotei rapidamente num pedaço de papel. A voz fez uma pausa e depois acrescentou: "Move-se para o oeste, a cem quilômetros por hora". E a ligação terminou.

Nunca fui um navegador experiente, mas tenho em meu barco um pequeno GPS, que tem se mostrado útil para indicar bons pontos de pesca. Assim, consegui colocar as coordenadas sem quebrar a cabeça nem causar uma explosão. O aparelho que Doakes havia me dado era um pouco mais moderno que o meu e mostrava um mapa na tela. As coordenadas no mapa indicavam a Interestadual 75, seguindo para Alligator Alley, o corredor que leva à costa oeste da Flórida.

Não fiquei de todo surpreso. A maior parte do território entre Miami e Naples é ocupado pelos pântanos Everglades, entremeados por pequenos trechos de terra semiárida. Era um terreno cheio de cobras, jacarés e cassinos indígenas, um lugar nada ideal para relaxar e desfrutar um desmembramento em paz. Mas o GPS não mentia, nem a voz ao telefone, provavelmente. Se as coordenadas estivessem erradas, a culpa era de Doakes, que de qualquer forma estaria perdido. Não tinha escolha. Senti uma leve culpa por ter saído da festa sem agradecer ao anfitrião, mas entrei no carro e me dirigi à I-75.

Em pouco tempo estava na Interestadual. Quando a gente se dirige para oeste pela I-75, a cidade vai se diluindo aos poucos. Depois, há uma explosão final de *shoppings* horizontais e algumas poucas casas antes do pedágio para a Alligator Alley. Quando cheguei à cabine, estacionei e liguei de novo para o número do código de acesso. A mesma voz neutra me deu outras coordenadas e a ligação foi cortada. Deduzi que não estivessem mais em movimento.

De acordo com o mapa, o sargento Doakes e o doutor Danco estavam confortavelmente instalados no meio de uma área alagada e despovoada cerca de sessenta quilômetros à minha frente. Quanto a Danco eu não sabia, mas era provável que Doakes não nadasse muito bem. Talvez o GPS estivesse errado, afinal. Sendo como fosse, precisava fazer alguma coisa, de modo que voltei à estrada, paguei o pedágio e continuei para oeste.

Em um ponto paralelo ao local indicado pelo GPS, uma pequena estrada de acesso desviava à direita. Era quase invisível no escuro, principalmente porque eu viajava a mais de cem por hora. Mas, quando a vi, freei, peguei o acostamento e dei marcha à ré para dar uma espiada. Era uma estradinha de terra que atravessava uma ponte bamba e depois seguia reto como uma flecha na escuridão dos Everglades. À luz dos faróis dos carros que passavam eu só conseguia ver uns cinquenta metros à frente, e não havia o que ver. No meio da estrada, entre os sulcos profundos dos pneus, crescia um pé de maconha. Uma moita de arbustos pendia sobre a estrada no limite da escuridão, e era só.

Pensei em procurar alguma pista, mas percebi que seria bobagem. Será que pensei que era Tonto, o fiel guia índio? Não era capaz de ver um galho quebrado e dizer quantos homens brancos

haviam passado por ali na última hora. Talvez o obediente, mas pouco inspirado, cérebro de Dexter o imaginava um Sherlock Holmes, capaz de examinar marcas de pneus e deduzir que um corcunda canhoto e coxo de cabelos ruivos tinha passado pela estrada levando um charuto cubano e um uquelele. Não encontraria nenhuma pista. A triste verdade era que a noite estava terminada para mim, mas para o sargento Doakes ela seria consideravelmente mais longa.

Só para ter certeza absoluta – ou para me livrar da culpa –, liguei outra vez para o número secreto de Doakes. A voz me deu as mesmas coordenadas e desligou. Onde quer que estivessem, continuavam lá, em algum ponto à frente naquela estradinha poeirenta e escura.

Parecia não ter escolha. O dever me chamava, e Dexter devia responder. Girei o volante e segui pela estrada.

De acordo com o GPS, teria de andar uns oito quilômetros até chegar ao que me aguardava. Liguei os faróis baixos e dirigi devagar, com total atenção. Isso me deu bastante tempo para pensar, o que nem sempre é uma boa coisa. Pensei no que encontraria no fim da estrada e no que faria quando chegasse lá. E, embora fosse um péssimo momento para me lembrar disso, percebi que, se encontrasse o doutor Danco no fim da estrada, não tinha a menor ideia do que fazer. "Você irá me buscar", tinha dito Doakes, o que parecia simples demais quando não se está no meio dos Everglades em uma noite escura e sem nenhuma arma ameaçadora exceto um bloco de estenografia. E, aparentemente, o doutor Danco não tivera muita dificuldade com nenhum dos outros que sequestrara, que eram homens duros e bem armados. Como é que o pobre e impotente Dexter, o Dócil, esperava enganá-lo, quando o Todo-Poderoso Doakes havia caído com tanta facilidade?

O que faria se ele me apanhasse? Não acreditava que desse uma boa batata ululante. Também não tinha certeza se enlouqueceria, porque a maioria das autoridades diria que eu já era louco. Será que saltaria fora do meu cérebro para o país do grito eterno? Ou, por ser como sou, permaneceria consciente do que estava acontecendo? Eu, um ser tão precioso, amarrado a uma mesa e criticando a técnica de amputação? A resposta, com certeza, me revelaria muito sobre o que eu era, mas decidi que não queria tanto saber a resposta. Só de pensar nisso quase senti uma verdadeira emoção, e não era algo de que me orgulhasse.

A noite me cercava de uma maneira que não me agradava nada. Dexter é um rapaz da cidade, acostumado às luzes fortes, que lançam sombras escuras. Quanto mais eu andava pela estrada, mais escura a noite ficava, e, quanto maior a escuridão, mais aquela me parecia uma viagem suicida. A situação exigia uma tropa de fuzileiros navais, e não um pobre funcionário de laboratório forense com ocasionais surtos homicidas. Quem eu pensava que era? *Sir* Dexter, o Valente, galopando em socorro da vítima? O que eu podia fazer? Aliás, o que se podia fazer exceto rezar?

Eu não rezo, é claro. A quem alguém como eu rezaria? E por que Alguém me ouviria? E, se encontrasse esse Alguém, fosse ele o que fosse, como evitar que risse de mim ou descarregasse um raio na minha garganta? Seria muito reconfortante ser capaz de apelar para um poder maior, mas, naturalmente, eu só conhecia um "poder maior". E, mesmo que fosse forte, rápido, inteligente e capaz de caçar em silêncio na paisagem noturna, será que me bastaria contar com o Passageiro das Trevas?

Segundo o GPS, eu estava a uns quinhentos metros do sargento Doakes, ou pelo menos de seu celular, quando deparei com um portão. Era um desses enormes portões de alumínio usados em

fazendas leiteiras para manter as vacas presas. Mas aquela não era uma fazenda leiteira. Uma placa no portão dizia:

FAZENDA DE CRIAÇÃO DE CROCODILOS BLALOCK
Os intrusos serão devorados

O local parecia apropriado a uma criação de crocodilos, o que necessariamente não significava que eu gostaria de estar ali. Tenho vergonha de admitir que, embora tivesse morado a vida toda em Miami, sabia muito pouco sobre fazendas de criação de crocodilos. Será que os animais perambulavam com liberdade por pastagens aquáticas ou ficavam confinados em algum lugar? Parecia uma questão muito importante no momento. Será que os crocodilos enxergavam no escuro? Será que viviam famintos? Eram todas boas perguntas, e bastante relevantes.

Apaguei os faróis, parei o carro e saí. No repentino silêncio, podia ouvir o tique-taque do motor, o zumbido dos mosquitos e, ao longe, o som de uma música. Parecia música cubana. Tito Puente, possivelmente.

O Doutor estava em casa.

Aproximei-me do portão. A estrada continuava em frente, atravessava uma velha ponte de madeira e desaparecia em meio a um bosque. Por entre as árvores pude ver uma luz. Não avistei nenhum crocodilo tomando banho de lua.

Bem, Dexter, aqui estamos. O que você gostaria de fazer esta noite? No momento, o sofá de Rita não me pareceu um mau lugar, principalmente estando num local desolado no meio da noite. Do outro lado do portão estava um vivisseccionista maníaco, hordas de répteis vorazes e um homem que eu deveria resgatar, embora ele quisesse me matar. E, neste canto, de calções pretos, o Poderoso Dexter.

Era muito tarde para me fazer esta pergunta, com certeza, mas por que sempre eu? Ter de enfrentar tudo isso para salvar justamente o sargento Doakes? Não tem alguma coisa errada neste filme? Minha participação nele, por exemplo.

Entretanto, ali estava eu, e era melhor enfrentar logo o perigo. Pulei o portão e caminhei em direção à luz.

Pouco a pouco, voltei a ouvir os sons habituais da noite. Pelo menos, imaginava que fossem habituais naquela floresta selvagem e intocada. Ouvi zumbidos de insetos amigos e um grito lamentoso que esperava ser apenas de uma coruja – pequena, por favor. Algo chacoalhou nos arbustos à minha direita, mas logo silenciou por completo. E, felizmente para mim, em vez de ficar nervoso ou assustado como um ser humano, me vi entrando no estado de predador noturno. Os sons se suavizaram, os movimentos ao meu redor se tornaram mais lentos e todos os meus sentidos pareciam mais alertas. A escuridão da noite clareou um pouco, os detalhes entraram em foco e uma risadinha lenta e silenciosa cresceu sob a superfície da minha consciência. Estaria o pobre e incompreendido Dexter se sentindo fora de seu elemento e sem saber o que fazer? Então era melhor deixar que o Passageiro assumisse o comando. Ele saberia o que fazer, e o faria.

Afinal, por que não? No final daquele caminho, do outro lado da ponte, o doutor Danco esperava por nós. Havia algum tempo eu queria conhecê-lo, e agora teria a oportunidade. Harry teria aprovado qualquer coisa que eu lhe fizesse. Até Doakes teria de admitir que Danco era um alvo legítimo – e provavelmente me agradeceria. Era estranho: dessa vez eu tinha permissão.

Melhor ainda, havia poesia no ato. Por muito tempo, Doakes mantivera meu gênio preso na garrafa; seria justo que seu resgate resultasse na libertação dele. E eu o resgataria, com certeza. Depois...

Mas antes...

Atravessei a ponte de madeira. No meio do caminho uma tábua estalou e congelei por um momento. Os sons noturnos não mudaram, e lá longe ouvi Tito Puente gritar "Aaaaaahh-IUH!" antes de voltar à melodia. Continuei andando.

Depois da ponte, a estrada se abria em uma área de estacionamento. À esquerda havia uma cerca de tela de arame e, em frente, um pequeno prédio de um só andar, em cuja janela brilhava uma luz. Era uma construção velha e desgastada, que precisava de uma pintura, mas talvez o doutor Danco não ligasse muito para as aparências. À direita, uma cabana apodrecia lentamente ao lado de um canal, com as folhas de palmeira do teto penduradas como roupas velhas e rasgadas. Um barco estava amarrado a um cais dilapidado que se projetava pelo canal.

Esgueirei-me pelas sombras lançadas por uma fileira de árvores e senti a frieza do predador assumir o controle de meus sentidos. Contornei com todo o cuidado a área de estacionamento ao longo da cerca. Algo grunhiu para mim e em seguida chapinhou na água, mas foi do outro lado da cerca, de modo que o ignorei e segui em frente. O Passageiro das Trevas estava no comando e não se detinha por coisas como aquela.

A cerca fazia um ângulo reto e se afastava da casa. Dali, havia um pequeno trecho descampado, não mais de quinze metros, e depois vinha uma derradeira barreira de árvores. Caminhei até a última árvore para dar uma olhada na casa, mas, assim que parei e coloquei a mão no tronco, alguma coisa bateu e se agitou nos galhos acima de mim, e um horrível grito agudo e alto rasgou a noite. Dei um salto para trás no momento em que a coisa atravessava os ramos da árvore e se chocava contra o chão.

Ainda emitindo um som que mais parecia um trompete enlouquecido, a coisa me encarou. Era um pássaro grande, maior que um peru, e, pela maneira como assobiava, parecia estar furioso comigo. Ele se empertigou e deu um passo à frente, arrastando uma enorme cauda no chão, e percebi que se tratava de um pavão. Os animais não gostam de mim, mas aquele parecia sentir um ódio extremo e violento. Suponho que não entendesse que eu era maior e mais perigoso. Parecia ter a intenção de me comer ou me afugentar, e, como eu precisava que o ruído estridente e repugnante parasse o mais rápido possível, obriguei-o a uma retirada digna e corri ao longo da cerca para me ocultar nas sombras perto da ponte. Assim que me senti seguro em um poço de escuridão e silêncio, voltei a olhar para a casa.

A música havia cessado, e a luz estava apagada.

Fiquei imóvel no meu canto por vários minutos. Nada aconteceu, exceto que o pavão parou de gritar e, com um resmungo malévolo final na minha direção, voou de volta para a árvore. E então os sons noturnos voltaram, os estalos e zumbidos dos insetos e outro resfolegar dos crocodilos na água. Mas nada mais de Tito Puente. Sabia que o doutor Danco estava de olhos e ouvidos alertas como eu, que cada um de nós aguardava que o outro fizesse algum movimento, mas eu podia esperar mais. Ele não tinha ideia do que havia ali no escuro – tanto podia ser a SWAT como uma turma de estudantes –, e eu sabia que ele estava só. Sabia onde estava, mas ele não tinha como saber se havia alguém no telhado ou mesmo se estava cercado. Por isso, precisava dar o primeiro passo, e só tinha duas opções. Atacar ou...

Do ponto mais afastado da casa ouvi o ronco de um motor e, enquanto me retesava involuntariamente, o bote deixou o cais. O motor girou mais rápido e o barco saiu em velocidade pelo canal. Em menos de um minuto, fez uma curva e sumiu na noite, e com ele, possivelmente, o doutor Danco.

CAPÍTULO 25

DURANTE ALGUNS MINUTOS APENAS FIQUEI ali parado, olhando para a casa, em parte porque estava sendo cauteloso. Não chegara a ver quem pilotava o bote, e era possível que o Doutor ainda estivesse lá dentro, espreitando e esperando para ver o que aconteceria. E, para ser honesto, não estava a fim de ser atacado por outro pássaro espalhafatoso e predatório.

Mas depois de certo tempo, quando vi que nada acontecia, resolvi que precisava entrar na casa e dar uma olhada. Portanto, contornando a árvore onde o pássaro diabólico dormia, me aproximei da casa.

Estava escuro lá dentro, mas não havia silêncio. Parado diante da porta de tela que dava para a área de estacionamento, ouvi uma pancada surda vinda de algum lugar no interior, logo seguida por um gemido ritmado e um soluço ocasional. Não parecia o tipo de ruído que alguém faria se estivesse preparando uma emboscada mortal. Pelo contrário, era o som de alguém que estivesse amarrado e tentando escapar. Será que o doutor Danco havia fugido com tanta pressa que deixara o sargento Doakes para trás?

Mais uma vez, senti todo o porão do meu cérebro invadido por uma tentação arrebatadora. O sargento Doakes, meu inimigo vingativo, embalado para presente e entregue no cenário perfeito. Todos os instrumentos e suprimentos que eu poderia desejar, nem uma alma em quilômetros ao redor – e quando tivesse terminado só teria de dizer: "Lamento, cheguei tarde demais. Vejam o que o terrível doutor Danco fez com o pobre sargento Doakes". A ideia era embriagadora, e acredito que cheguei a oscilar um pouco enquanto a saboreava. É claro que era só um pensamento, e jamais faria algo parecido... faria? Quero dizer, faria realmente? Dexter? Por que você está salivando, rapaz?

Com certeza não, não eu. Por quê? Afinal, eu era um baluarte moral no deserto espiritual do sul da Flórida. Na maior parte do tempo. Era direito, limpo, e montava um Corcel Negro. *Sir* Dexter, o Casto, iria libertá-lo. Empurrei a porta de tela e entrei.

Arrastei-me junto à parede, só por precaução, e procurei um interruptor de luz. Encontrei-o no lugar onde deveria estar.

Como o primeiro esconderijo de Danco, este também era esparsamente mobiliado. De novo, o móvel principal era uma mesa grande no centro da sala. Um espelho ocupava a parede oposta. À direita, uma passagem levava ao que parecia ser uma cozinha e, à esquerda, vi uma porta fechada, provavelmente um quarto ou um banheiro. Bem em frente de onde eu estava, outra porta de tela dava para fora, com certeza por onde o doutor Danco escapara.

E, do outro lado da mesa, debatendo-se mais furiosamente que antes, havia alguma coisa coberta por uma capa laranja. Parecia relativamente humana, mesmo àquela distância.

– Aqui, por favor. Socorro! Ajude-me!

Atravessei a sala e me ajoelhei ao lado da mesa. Seus braços e pernas estavam amarrados

com fita adesiva, naturalmente a preferida de todo monstro exigente. Enquanto cortava a fita, escutava, sem ouvir de fato o constante choramingo de "Oh, graças a Deus, oh, por favor, me solte, depressa, depressa, pelo amor de Deus. Oh, Deus, por que demorou tanto?, eu sabia que você viria", ou coisa parecida. Sua cabeça estava totalmente raspada, até as sobrancelhas. Mas o queixo forte e as cicatrizes que lhe ornamentavam o rosto eram inconfundíveis. Tratava-se de Kyle Chutsky.

A maior parte dele, pelo menos.

Quando retirei a fita e Chutsky foi capaz de se sentar, ficou evidente que lhe faltavam o braço esquerdo e a perna direita até o joelho. Os membros amputados estavam envoltos em gaze branca limpa e não se via uma gota de sangue. Mais uma vez, um trabalho perfeito, embora Chutsky, com certeza, não tenha apreciado o cuidado com que Danco lhe arrancara um braço e uma perna. E o que estaria faltando na mente de Chutsky? Seu choro constante não me convencia de que tivesse condições de ocupar o comando de um jato de passageiros.

– Oh, Deus, companheiro. Graças a Deus você veio. – Ele apoiou a cabeça no meu ombro e chorou. Como tinha passado por isso recentemente, sabia o que fazer. Dei-lhe uns tapinhas nas costas e disse "Calma, calma!". Era ainda mais embaraçoso do que quando tentara consolar Deborah, porque o toco do braço esquerdo batia contra o meu corpo, o que tornava ainda mais difícil para mim sentir compaixão.

Mas o ataque de choro de Chutsky só durou alguns minutos, e, quando ele se afastou, lutando para se pôr de pé, minha linda camisa havaiana estava ensopada. Ele fungou com força, mas era tarde demais para a minha camisa.

– Onde está Debbie? – ele perguntou.

– Quebrou a clavícula. Está no hospital.

– Oh – ele disse, e fungou de novo, um longo som úmido que ecoou em algum lugar dentro de mim. Então, deu uma olhada para trás e se esforçou para se levantar. – É melhor sairmos daqui. Ele pode voltar.

Não tinha me ocorrido que Danco podia voltar, mas era verdade. Era um truque antigo do predador fugir e em seguida voltar para ver quem estaria seguindo seu rastro. Se o doutor Danco fizesse isso, encontraria dois alvos fáceis.

– Está certo – falei a Chutsky. – Mas antes vou dar uma olhada na casa.

Ele estendeu a mão – direita, é claro – e agarrou meu braço.

– Por favor, não me deixe sozinho.

– Só um minuto – falei, e tentei me afastar. Mas ele apertou mais o meu braço, com uma força surpreendente considerando o que havia passado.

– Por favor. Pelo menos me deixe sua arma.

– Não estou armado – falei, e seus olhos se arregalaram

– Meu Deus! Que diabos você está pensando? Temos de sair daqui. – Ele estava à beira do pânico, como se fosse começar a chorar de novo a qualquer momento.

– Está bem. Deixe que eu o ajudo a ficar... de pé. – Esperava que ele não tivesse percebido minha gafe. Não queria parecer insensível, mas aquela falta de membros exigia uma revisão de vocabulário. Mas Chutsky não disse nada, apenas estendeu o braço. Eu o ajudei a se levantar e ele se apoiou na mesa. – Me dê alguns segundos para dar uma olhada no resto da casa. – Ele me olhou com olhos úmidos e suplicantes. Mas não disse nada, e me apressei em fazer uma vistoria

no local.

Na sala principal, onde Chutsky estava, não havia o que ver além do equipamento de trabalho do doutor Danco. Eram belos instrumentos cortantes, e, após considerar com cuidado as implicações éticas, peguei um, uma bela lâmina, capaz de cortar as carnes mais fibrosas. Havia várias fileiras de drogas, cujos nomes pouco significavam para mim, exceto alguns vidros de barbitúricos. Não encontrei nenhuma pista: nenhuma caixa de fósforos amassada com números de telefone anotados, nenhum recibo de lavanderia, nada.

A cozinha era praticamente igual à da primeira casa. Continha uma pequena geladeira velha, uma chapa elétrica, uma mesinha de jogo com uma cadeira dobrável, e era tudo. Sobre o balcão, uma caixa de rosquinhas, uma das quais era devorada por uma barata enorme. Ela me olhava como se eu estivesse disposto a lutar pela rosquinha, não a toquei.

Quando voltei à sala, Chutsky continuava apoiado na mesa.

– Depressa – ele disse. – Pelo amor de Deus, vamos embora.

– Só mais um quarto – avisei. Atravessei a sala e abri a porta do quarto em frente à cozinha. Como esperava, era um dormitório. Havia uma cama a um canto, e sobre ela uma pilha de roupas e um celular. Uma camisa me pareceu familiar, e não foi difícil lembrar onde a tinha visto. Peguei meu celular e disquei o número do sargento Doakes. O telefone no alto da pilha começou a tocar.

– Ah, bem – disse. Desliguei e fui ao encontro de Chutsky.

Ele estava onde eu o deixara, embora sua cara indicasse que teria saído correndo se pudesse.

– Vamos, pelo amor de Deus, depressa. Deus meu, quase posso sentir seu bafo no meu pescoço. – Ele virou a cabeça para a porta dos fundos e em seguida para a cozinha, e, quando me aproximei para ampará-lo, seus olhos bateram no espelho. Por um longo momento ele olhou sua imagem, e depois desmoronou como se tivesse perdido todos os ossos. – Deus meu! – disse, e recomeçou a chorar. – Deus meu!

– Vamos – falei. – Vamos andando.

Chutsky estremeceu e balançou a cabeça.

– Eu não podia me mexer, mas ouvia o que ele fazia ao Frank. Ele parecia tão feliz! "Você consegue adivinhar? Não? Tudo bem, então... um braço." Depois vinha o som da serra e...

– Chutsky – chamei.

– E depois, quando me preparava, disse: "Sete. Você adivinha?". E depois...

É sempre interessante conhecer a técnica dos outros, mas Chutsky parecia prestes a perder o pouco controle que lhe restara, e eu não podia permitir que ele encharcasse o outro lado da minha camisa. Portanto, me aproximei e agarrei-o pelo braço existente.

– Chutsky, vamos. Vamos sair daqui.

Ele me olhou como se não soubesse quem era, os olhos arregalados, e voltou a olhar-se no espelho.

– Meu Deus – ele disse. Depois, respirou fundo e se endireitou como se reagisse a um toque de despertar imaginário. – Podia ser pior – constatou. – Estou vivo.

– Sim, você está vivo. E se conseguirmos sair daqui, poderemos permanecer assim.

– Certo – ele disse. Afastou-se do espelho, decidido, e pôs o braço que restara em volta do meu ombro. – Vamos.

Chutsky evidentemente não tinha muita experiência em caminhar com uma perna só, mas,

mesmo bufando de raiva, seguiu em frente, apoiando-se no meu ombro a cada salto. Mesmo com algumas partes faltando, ainda era um homem grande, o que me dificultava o trabalho. Pouco antes da ponte, parou por um instante e olhou através da cerca.

– Ele atirou minha perna aqui para os crocodilos. E quis ter certeza de que eu estava olhando. Ergueu-a bem alto e então a lançou no canal, e a água começou a se agitar como se... – Pude perceber uma nota de histeria em sua voz, mas ele também a percebeu e parou, respirou fundo e disse, com certa rispidez: – Tudo bem. Vamos cair fora daqui.

Chegamos ao portão sem mais desvios na viagem pela memória, e Chutsky se apoiou num poste da cerca enquanto eu o abria. Então levei-o ao assento do passageiro, assumi o volante e dei partida no carro. Quando os faróis se acenderam, Chutsky se recostou no banco e fechou os olhos.

– Obrigado, companheiro – ele disse. – Devo essa a você. Obrigado.

– De nada – respondi, manobrando o carro para voltar à Alligator Alley. Achei que Chutsky tivesse caído no sono, mas, no meio do caminho pela estradinha de terra, ele começou a falar.

– Ainda bem que sua irmã não está aqui... para me ver desse jeito. É... Escute. Preciso reunir forças antes de... – Parou de repente e não disse nada durante meio minuto. Seguimos aos trancos e em silêncio pela estrada escura. O silêncio foi propício. Eu me perguntava onde Doakes se encontraria e o que estaria fazendo. Ou, talvez, o que estariam fazendo com ele. Aliás, onde Reiker estaria e quando e onde poderia pôr as mãos nele? Algum lugar calmo, onde pudesse pensar e trabalhar em paz. A propósito, quanto seria o aluguel da Fazenda de Criação de Crocodilos Blalock? – Talvez seja melhor não vê-la nunca mais – disse Chutsky de repente, e levei alguns segundos para perceber que ele ainda falava de Deborah. – Ela não vai querer saber de mim deste jeito, e não preciso da piedade de ninguém.

– Não se preocupe com isso – falei. – Deborah é completamente destituída de piedade.

– Diga-lhe que estou bem e voltei para Washington. É melhor assim.

– Pode ser melhor para você. Mas ela vai me matar.

– Você não está entendendo.

– Não, é *você* que não está entendendo. Ela me pediu que o trouxesse de volta. E quando decide uma coisa, não ouso desobedecer. Ela bate com força.

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois ouvi-o suspirar.

– Não sei se consigo fazer isso – ele disse.

– Posso levá-lo de volta à fazenda dos crocodilos.

Ele não disse mais nada. Entrei na Alligator Alley, peguei o primeiro retorno e voltei para o brilho alaranjado no horizonte, que era Miami.

CAPÍTULO 26

VIAJAMOS EM SILÊNCIO TODO O CAMINHO de volta ao primeiro sinal de civilização, um conjunto habitacional e um *shopping* horizontal à direita, alguns quilômetros depois da cabine de pedágio. Chutsky se sentou e olhou as luzes e os prédios.

– Preciso usar um telefone – falou.

– Pode usar meu celular, desde que pague a taxa de *roaming*.

– Preciso de um telefone público.

– Você está fora do tempo. Vai ser difícil achar um telefone público. Ninguém mais usa.

– Pegue esta saída – ele disse, e, embora aquilo me afastasse da minha merecida noite de sono, desci a rampa que me indicou. Pouco mais de um quilômetro adiante, encontramos um mercadinho que ainda tinha um telefone público preso à parede do lado da porta. Ajudei Chutsky a chegar ao telefone. Ele me olhou e disse: "Espere lá fora", num tom que me pareceu um tanto autoritário para alguém que nem sequer conseguia andar sem ajuda, mas voltei ao carro e me sentei sobre o capô enquanto Chutsky falava.

Um velho Buick parou ao meu lado. Um grupo de homenzinhos de pele escura e roupas sujas desceu e caminhou para o mercado. Viram Chutsky ali de pé sobre uma perna e com a cabeça raspada, mas eram educados demais para dizer alguma coisa. Entraram e a porta de vidro se fechou rapidamente atrás deles. Senti o peso do longo dia. Estava cansado, com os músculos do pescoço rígidos, e não tinha conseguido matar ninguém. Estava irritado, e só queria voltar para casa e cair na cama.

Para onde o doutor Danco teria levado Doakes? Não que fosse importante, era apenas curiosidade. Mas, pensando que ele de fato o havia levado para algum lugar e logo começaria a lhe causar danos permanentes, percebi que essa era a primeira boa notícia que recebia em muito tempo. Estava livre. Doakes havia desaparecido. Um pedacinho por vez, ele estava abandonando minha vida e me libertando da servidão involuntária do sofá de Rita. Podia voltar a viver.

– Ei, colega! – Era Chutsky me chamando. Ele acenava com o toco do braço esquerdo. Fui na sua direção. – Tudo bem – ele disse. – Vamos indo.

– Claro. Para onde?

Ele olhou a distância e pude ver que os músculos de sua mandíbula se retesavam. As luzes de segurança do estacionamento do mercado iluminaram seu macacão e se refletiram em sua cabeça. É impressionante como um rosto muda quando as sobrancelhas são raspadas. Ganha um ar fantástico, como se tivesse sido maquiado para um filme de ficção científica barato. Assim, em vez de parecer forte e decidido ao olhar para o horizonte, Chutsky parecia esperar o comando sinistro de Ming, o Impiedoso. Mas ele disse apenas:

– Leve-me ao hotel, companheiro. Tenho um trabalho a fazer.

– Que tal um hospital? – perguntei, pensando que ele poderia ter cortado um galho de árvore

para lhe servir de bengala.

– Estou bem. Vou ficar bem.

Olhei as duas ataduras de gaze onde antes ficavam o braço e a perna e arqueei uma sobrancelha. Afinal, os cortes ainda eram recentes e, no mínimo, Chutsky devia estar se sentindo um pouco fraco.

Ele olhou para as amputações e deu a impressão de desmoronar e encolher ligeiramente por um momento.

– Vou ficar bem – repetiu, e corrigiu sua postura. – Vamos indo. – Parecia tão cansado e triste que não tive coragem de dizer nada a não ser:

– Tudo bem.

Apoiado no meu ombro, veio pulando numa perna só até o carro, e, quando o ajudava a se sentar, os passageiros do velho Buick saíram do mercado carregando latas de cerveja e torresminho. O motorista sorriu e acenou com a cabeça. Devolvi o sorriso.

– Crocodilos – falei, fazendo um sinal de cabeça para Chutsky.

– Ah – respondeu o motorista. – *Lo siento.*

Ele entrou em seu carro, e eu no meu.

Chutsky quase não falou durante a maior parte da viagem. Logo depois da intersecção com a I-95, porém, começou a tremer muito.

– Merda – ele disse, e olhei para ele. – As drogas. Estão perdendo o efeito. – Ele batia os dentes, respirava com dificuldade e gotas de suor começavam a surgir em seu rosto.

– Não quer reconsiderar uma ida ao hospital?

– Você tem algo para beber? – ele perguntou, o que julguei uma mudança brusca de assunto.

– Acho que tenho uma garrafa de água no banco traseiro.

– Bebida – ele repetiu. – Vodca ou uísque.

– Não costumo ter bebida no carro.

– Merda! Então me leve ao hotel.

Foi o que fiz. Por razões que só ele conhece, Chutsky estava hospedado no Mutiny, em Coconut Grove. Fora um dos primeiros hotéis de luxo da região, frequentado nos bons tempos por modelos, diretores de cinema, traficantes de drogas e outras celebridades. Ainda era um belo hotel, mas perdera muito prestígio quando o Grove, antes uma região rural, começou a ser invadido por arranha-céus. Talvez Chutsky o tivesse conhecido no auge e resolvera hospedar-se ali por razões sentimentais. Um homem que usava um anel no dedo mindinho devia mesmo ser muito sentimental.

Descemos a 95 e entramos na Dixie Highway; virei à esquerda na Unity e desci em direção a Bayshore. O Mutiny ficava mais à frente, à direita. Parei diante do hotel.

– Pode me deixar aqui – falou Chutsky.

Achei que as drogas podiam ter afetado sua mente.

– Não quer que o leve até o quarto?

– Vou ficar bem – ele disse, e aquele bem poderia ser seu novo mantra, embora não parecesse nada bem. Suava muito, e não sei como imaginava que poderia chegar ao quarto. Mas não sou o tipo de pessoa que se mete a prestar ajuda não solicitada, de modo que apenas concordei. Ele abriu a porta e saiu. Segurou-se no teto do carro e se ergueu com dificuldade quando o porteiro o viu e se assustou com sua aparição naquele macacão laranja e com a cabeça raspada.

– Ei, Benny – chamou Chutsky. – Me dê uma mão, companheiro.

– Senhor Chutsky? – ele perguntou, em tom de dúvida, e então o queixo caiu quando notou as partes que estavam faltando. – Oh, senhor – ele disse, batendo palmas para chamar um mensageiro.

Chutsky olhou de novo para mim.

– Vou ficar bem.

Quando você não é desejado, o melhor a fazer é partir, e foi o que fiz. Ao observá-lo pela última vez, Chutsky estava apoiado no porteiro enquanto o mensageiro trazia uma cadeira de rodas na direção deles.

Faltava um pouco para a meia-noite quando peguei a Main Highway. Parecia inacreditável que estivesse voltando para casa depois de tudo que acontecera naquela noite. A festa de Vince parecia ter sido semanas antes, embora provavelmente ele ainda nem tivesse desligado sua fonte de ponche. Entre minha experiência com as *strippers* e o resgate de Chutsky da fazenda de criação de crocodilos, havia conquistado o direito a um merecido repouso, e admito que não pensava em mais nada exceto me arrastar até a cama e puxar as cobertas sobre a cabeça.

Mas os maus não merecem descanso. Meu celular tocou quando eu entrava na Douglas. Poucas pessoas me ligam, em particular tarde da noite. Dei uma olhada no visor; era Deborah.

– Saudações, querida irmã.

– E aí, seu imbecil. Você não disse que ligava?!

– Achei que era um pouco tarde.

– Você acha que eu ia conseguir DORMIR?! – ela gritou, alto o suficiente para assustar as pessoas que passavam nos carros. – O que aconteceu?

– Trouxe Chutsky de volta. Mas o doutor Danco fugiu. Levando Doakes.

– Onde ele está?

– Não sei, Deb. Ele fugiu num bote e...

– Kyle, idiota. Onde está Kyle? Ele está bem?

– Deixei-o no Mutiny. Ele... bem... está quase bem.

– Que porra isso significa?! – ela gritou, e tive de passar o celular para o outro ouvido.

– Deborah, ele vai ficar bem. Só... perdeu metade do braço esquerdo e da perna direita. E todo o cabelo. – Ela ficou em silêncio por vários segundos.

– Traga-me algumas roupas – ela disse finalmente.

– Ele está muito inseguro, Deb. Não acho que queira...

– Roupas, Dexter. Agora – ela disse, e desligou.

Como mencionei, os maus não merecem descanso. Suspirei fundo diante daquela injustiça, mas obedeci. Estava quase chegando ao apartamento; Deborah deixara algumas coisas lá. Então, corri para dentro e, com uma pausa para um olhar saudoso em direção à minha cama, peguei uma muda de roupas e fui para o hospital.

Quando entrei no quarto, Deborah estava sentada na beirada da cama, batendo os pés de impaciência. Prendia o avental do hospital com a mão que escapava do gesso e segurava o revólver e o distintivo com a outra. Parecia a Fúria Vingadora depois de um acidente.

– Deus meu! Onde diabos você se meteu? Ajude-me a me vestir. – Ela abriu o avental e ficou de pé.

Enfiei uma camiseta polo pela cabeça dela, lutando para que passasse pelo gesso. Mal

tínhamos acabado de vestir a camiseta quando uma mulher corpulenta num uniforme de enfermeira entrou no quarto.

– O que pensa que está fazendo? – perguntou num forte sotaque das Bahamas.

– Indo embora – Deborah anunciou.

– Volte já para a cama ou chamo o médico.

– Chame – disse Deborah, pulando sobre um pé só enquanto tentava vestir as calças.

– Você não vai a lugar nenhum. Volte já para a cama.

Deborah lhe mostrou o distintivo.

– Trata-se de uma emergência. Se me impedir, estou autorizada a prendê-la por obstrução à justiça.

A enfermeira fez menção de dizer algo muito grave, mas só abriu a boca, olhou para o distintivo, depois para Deborah, e mudou de ideia.

– Tenho de informar o doutor.

– Faça como quiser – disse Deborah. – Dexter, ajude-me a fechar as calças.

A enfermeira nos lançou um olhar de desaprovação, depois se virou e sumiu no corredor.

– Realmente, Deb. Obstrução à justiça?

– Vamos embora – ela falou, caminhando para a porta. Obediente, segui atrás dela.

Deborah alternava sentimentos de tensão e raiva durante o caminho até o Mutiny. Mordia o lábio inferior, resmungava comigo para andar mais rápido, mas, quando nos aproximamos do hotel, ficou em total silêncio. Por fim, olhou pela janela e perguntou:

– Como é que ele está, Dex? É muito grave?

– O corte de cabelo ficou horrível, Deb. Deu-lhe uma aparência muito esquisita. Quanto aos outros... bem, parece estar se adaptando. Só não quer que você sinta pena dele. – Ela me encarou e mordeu o lábio novamente. – Foi o que disse. Preferia voltar para Washington a suportar sua piedade.

– Ele não quer ser um fardo. Eu o conheço. Prefere se virar sozinho. – Olhou de novo pela janela. – Não posso nem imaginar como deve ser. Um homem como Kyle ficar tão indefeso... – Balançou a cabeça lentamente, e uma lágrima rolou por seu rosto.

Honestamente, podia imaginar muito bem como era. O que me causava estranheza era essa nova faceta de Deborah. Eu a vira chorar no enterro da mãe e do pai, e nunca mais depois disso, pelo que me lembrava. E agora ela praticamente inundava o carro por causa de uma paixão por alguém que era pouco mais que um idiota e, pior ainda, um idiota deficiente, quando poderia encontrar alguém com todas as partes do corpo no devido lugar. Mas Deborah parecia mais preocupada com Chutsky agora que ele estava permanentemente aleijado. Será que era mesmo amor? Deborah apaixonada? Não parecia possível. Claro que, teoricamente, ela era capaz disso, mas... quero dizer, afinal, ela era minha irmã.

Inútil continuar especulando. Eu nada sabia sobre amor, e jamais saberia. Não me fazia muita falta, mas me dificultava muito entender a música popular.

Como não havia nada mais a dizer, mudei de assunto.

– Você acha que devo ligar para o capitão Matthews e dizer-lhe que Doakes foi capturado?

Deborah enxugou uma lágrima da face com um dedo e balançou a cabeça.

– Kyle deve decidir isso.

– Claro, mas, nas atuais circunstâncias...

Ela bateu o punho contra a perna, um gesto tão inútil quanto doloroso.

– MALDIÇÃO, Dexter! Não vou perdê-lo!

De vez em quando, tenho a sensação de ouvir apenas uma faixa de uma gravação estéreo, e foi o que aconteceu naquele momento. Não tinha a menor ideia... bem, para ser honesto, não tinha a menor ideia de que deveria ter alguma ideia. O que ela queria dizer? O que isso tinha a ver com o que eu dissera, e por que ela havia reagido com tamanha violência? E por que tantas mulheres gordas acham que ficam bem com a barriga de fora?

Suponho que meu rosto revelou essa minha confusão, porque Deborah abriu o punho e respirou fundo.

– Kyle não pode perder o foco e tem de continuar trabalhando. Precisa estar no comando ou isso vai acabar com ele.

– Como é que você sabe disso?

Ela meneou a cabeça.

– Ele sempre foi o melhor em tudo. É assim que ele é. Se ficar pensando no que Danco lhe fez... – Ela mordeu o lábio, e outra lágrima rolou por sua face. – Ele precisa continuar sendo como é, Dexter. Ou vou perdê-lo.

– Tudo bem.

– Não posso perdê-lo, Dexter – ela repetiu.

Outro porteiro estava de serviço no Mutiny, mas pareceu reconhecer Deborah e apenas fez um sinal de cabeça quando abriu a porta para nós. Caminhamos em silêncio até o elevador e subimos ao décimo segundo andar.

Vivi em Coconut Grove a vida toda, e sabia muito bem, por relatos dos jornais, que o quarto de Chutsky era decorado em estilo colonial inglês. Nunca entendi por que, mas o hotel decidira que o colonial inglês era uma perfeita tradução do ambiente de Coconut Grove, embora, até onde sabia, nunca existira uma colônia inglesa ali. Portanto, todo o hotel era decorado no estilo colonial inglês. Mas era difícil acreditar que o decorador ou qualquer inglês colonial pudesse um dia imaginar algo como Chutsky prostrado na cama *king size* da suíte de cobertura para onde Deborah me levou.

Seu cabelo não havia crescido na última hora, mas pelo menos ele trocara o macacão laranja por um roupão branco felpudo e descansava ali, no meio da cama, tremendo e suando com uma garrafa meio vazia de vodca Skyy ao lado. Deborah não diminuiu o passo quando passou pela porta. Foi direto para a cama e sentou-se ao lado dele, tomando sua única mão. Amor entre ruínas.

– Debbie? – ele disse, na voz de um velho trêmulo.

– Estou aqui agora. Tente dormir.

– Acho que não sou tão bom quanto pensei que era.

– Durma – ela pediu, segurando sua mão e deitando-se ao lado dele.

E foi assim que os deixei.

CAPÍTULO 27

NO DIA SEGUINTE, ACORDEI TARDE. AFINAL, eu merecia. Mesmo tendo chegado ao trabalho por volta das dez, não encontrei Vince, Camilla ou Angel, que aparentemente haviam ligado dando a desculpa de uma doença mortal. Uma hora e quarenta e cinco minutos mais tarde, Vince finalmente chegou, parecendo verde e muito velho.

– Vince! – cumprimentei, com ótimo humor, e ele oscilou e se apoiou na parede com os olhos fechados. – Quero lhe agradecer pela festa monumental.

– Agradeça-me em silêncio – ele grunhiu.

– Obrigado – sussurrei.

– De nada – ele sussurrou de volta, e saiu cambaleando para o seu cubículo.

Era um dia excepcionalmente calmo. Além da falta de novos casos, a área do laboratório estava silenciosa como um túmulo, com um ou outro fantasma verde-pálido flutuando por ali em taciturno sofrimento. Felizmente, havia pouco trabalho a fazer. Às cinco da tarde, já havia posto em dia toda a papelada e arrumado todos os meus lápis. Rita tinha telefonado na hora do almoço, para me convidar para jantar. Acho que queria ter certeza de que eu não havia sido raptado por uma *stripper*, de modo que concordei em ir até lá após o trabalho. Não tive notícia de Deb, e nem precisava. Certamente estava no hotel com Chutsky. Mas estava um pouco preocupado, porque o doutor Danco sabia onde encontrá-los e podia aparecer para terminar o trabalho. Por outro lado, havia o sargento Doakes, que o manteria ocupado e feliz por vários dias.

Mesmo assim, só para ter certeza, liguei para o telefone celular de Deborah. Ela respondeu ao quarto toque.

– Alô.

– Lembre-se de que o doutor Danco não teve dificuldade para chegar aí no outro dia.

– *Eu* não estava aqui no outro dia. – Seu tom era tão raivoso que temi que ela atirasse em alguém do serviço de quarto.

– Tudo bem. Mas fique de olhos bem abertos.

– Não se preocupe. – Ouvi Chutsky resmungando alguma coisa ao fundo, e Deborah disse: – Tenho de ir. Ligo mais tarde.

O trânsito estava péssimo na hora do *rush*, quando fui para a casa de Rita. Mas me peguei cantarolando alegremente quando um homem encolerizado dirigindo uma caminhonete me cortou e ainda me fez um gesto obsceno. Não era a sensação familiar de me ver cercado pelo tráfego homicida de Miami. Parecia que um peso fora removido de meus ombros. E, na verdade, fora mesmo. Podia ir à casa de Rita e não haveria nenhum Taurus marrom parado do outro lado da rua. Podia voltar ao meu apartamento livre da minha sombra. E, mais importante, podia levar o Passageiro das Trevas para um passeio, e estaríamos sozinhos para satisfazer nossas necessidades. O sargento Doakes estava desaparecido, fora da minha vida – e logo, é provável,

fora da vida dele também.

Estava absolutamente eufórico quando desci a South Dixie e fiz a curva para a casa de Rita. Estava livre – livre de obrigações também, porque com certeza Deborah e Chutsky ficariam no hotel por um bom tempo. Quanto ao doutor Danco, era verdade que tinha sentido certa curiosidade em conhecê-lo, e teria prazer em reservar algum tempo da minha movimentada agenda social para passar momentos de intimidade com ele. Mas com certeza a misteriosa agência de Chutsky em Washington mandaria alguém para cuidar daquele homem e não ia me querer por perto dando conselhos. Descartada essa possibilidade, e com Doakes fora de cena, poderia voltar ao plano A e ajudar Reiker no processo de aposentadoria precoce. Fosse quem fosse o encarregado de resolver o problema do doutor Danco, não seria o Prazerosamente Libertado Dexter.

Estava tão feliz que beijei Rita quando ela abriu a porta, embora ninguém estivesse olhando, e, após o jantar, enquanto ela arrumava a cozinha, saí para o quintal para brincar com as crianças da vizinhança. Dessa vez, porém, algo mais me ligava a Cody e Astor, e nosso segredinho criava uma excitação maior. Foi quase divertido vê-los perseguindo as outras crianças, meus pequenos predadores em treinamento.

Depois de meia hora de brincadeira, porém, era evidente que estávamos sendo superados por predadores mais furtivos: mosquitos, vários bilhões desses vampirinhos desagradáveis, todos vorazmente famintos. Assim, enfraquecidos pela perda de sangue, Cody, Astor e eu cambaleamos de volta à casa e nos reunimos ao redor da mesa de jantar para uma sessão de forca.

– Eu começo – anunciou Astor. – É minha vez.

– Minha – disse Cody, de cara feia.

– Não, não. Já tenho uma palavra. Cinco letras.

– C – arriscou Cody.

– Não! Cabeça! Há, há! – ela comemorou a vitória e desenhou a cabecinha do enforcado.

– Você tem de pedir as vogais primeiro – falei a Cody.

– O quê?

– A, E, I, O, U – disse Astor. – Todo mundo sabe disso.

– Tem um E? – perguntei.

– Tem – ela respondeu, de mau humor, e escreveu um E no traço do meio.

– Há, há – gozou Cody.

Jogamos por quase uma hora e eles foram dormir. Antes do que esperava, minha noite mágica chegou ao fim e lá estava eu de novo no sofá com Rita. Mas dessa vez, longe de olhos vigilantes, foi fácil me livrar de seus tentáculos e ir para casa, com a boa desculpa de ter ficado até muito tarde na festa e precisar enfrentar o trabalho no dia seguinte. E lá estava eu, sozinho na noite, acompanhado apenas de meu eco e minha sombra. Faltavam duas noites para a lua cheia, e eu faria a espera valer a pena. Não passaria aquela noite de lua cheia com a Miller Lite, mas na Reiker Photography, Inc. Dentro de duas noites eu, finalmente, libertaria o Passageiro, assumiria meu verdadeiro eu e jogaria o figurino manchado de suor do Querido e Devotado Dexter na caixa de roupa suja.

Naturalmente, antes tinha de encontrar uma prova, mas estava confiante de que a encontraria. Teria um dia inteiro para isso, e, quando eu e o Passageiro das Trevas trabalhamos juntos, tudo

dá certo.

Animado por esses pensamentos otimistas de prazeres obscuros, voltei ao meu confortável apartamento e dormi o sono profundo e sem sonhos dos justos. Na manhã seguinte meu bom humor continuava. Quando parei para comprar rosquinhas a caminho do trabalho, cedi ao impulso e comprei uma dúzia, inclusive algumas recheadas de creme com cobertura de chocolate, uma verdadeira extravagância que não passou despercebida a Vince, que por fim estava recuperado.

– Beleza! – ele disse, erguendo as sobrancelhas. – Bom trabalho, ó todo-poderoso caçador.

– Os deuses da floresta nos sorriram – falei. – Recheio de creme ou de geleia de framboesa?

– De creme, é claro.

O dia voou, com apenas uma saída a uma cena de homicídio, uma amputação rotineira com equipamento de jardinagem. Era um trabalho estritamente amador. Antes de liquidar a mulher com a tesoura de poda, o idiota havia tentado usar um cortador elétrico, e com isso só conseguiu deixar mais trabalho para mim. Uma sujeira imensa. Ele mereceu que o apanhassem no aeroporto! Uma amputação benfeita é acima de tudo limpa, é o que sempre digo. Nada daquela lamaceira de carne e sangue pelas paredes – sinal evidente de total falta de classe.

Terminei o trabalho na cena do crime a tempo de voltar para o meu cubículo no laboratório forense e deixar minhas anotações sobre a mesa. Na segunda-feira eu terminaria o relatório. Não havia pressa. Nem o assassino nem a vítima iriam a lugar nenhum.

Assim, lá estava eu no estacionamento, dentro do meu carro, livre para perambular a esmo como me agradava. Ninguém me seguia, me enchia de cerveja ou me obrigava a fazer coisas que preferia evitar. Ninguém jogava uma luz indesejada nas sombras de Dexter. Podia ser eu novamente, Dexter Desacorrentado, uma ideia muito mais inebriante que toda a cerveja e simpatia de Rita. Fazia muito tempo que não me sentia assim, e prometi a mim mesmo que jamais subestimaria essa sensação.

Um carro estava em chamas na esquina da Douglas com a Grand, onde um grupo de pessoas, pequeno mas entusiasmado, já se reunia para observar. Partilhei aquela alegria com eles quando consegui sair do congestionamento causado pelos veículos de emergência e peguei o caminho de casa.

Lá chegando, pedi uma pizza e fiz algumas cuidadosas anotações sobre Reiker: onde procurar uma prova, que tipo de prova seria suficiente – um par de botas de caubói vermelhas com certeza seria um ótimo começo. Tinha quase certeza de que ele era o fotógrafo. Os pedófilos assassinos costumam combinar trabalho e prazer, e um fotógrafo de crianças era um exemplo perfeito. Mas "quase certeza" não é certeza absoluta. Portanto, organizei minha ideias em um pequeno arquivo – nada incriminador, é claro –, que seria destruído antes da hora do *show*. Na segunda pela manhã não haveria a mínima pista do que eu havia feito, a não ser uma nova lâmina de vidro na caixa que guardava na estante. Passei uma hora feliz planejando e comendo pizza de anchovas, e depois, quando a lua cheia começou a murmurar através da janela, fiquei agitado. Podia sentir os dedos gelados da lua percorrendo minha espinha, empurrando-me para a noite a fim de esticar os músculos de predador havia tanto tempo dormentes.

E por que não? Não via problema em sair para dar uma olhada, observar sem ser visto, seguir as pegadas de Reiker e cheirar o ar – seria prudente e divertido. Dexter, o Escoteiro Obscuro, precisava estar preparado. Além disso, era noite de sexta-feira. Reiker bem que podia sair de

casa para alguma atividade social – uma visita a uma loja de brinquedos, por exemplo. Se saísse, eu poderia entrar na casa e dar uma olhada.

Vesti minha melhor roupa de sair à noite e percorri a curta distância entre meu apartamento e a modesta casa onde Reiker morava. Ficava num quarteirão de pequenas casas de blocos de concreto e não parecia em nada diferente das outras, ligada à rua por uma curta entrada de carros. Seu carro, um pequeno Kia vermelho, estava estacionado na frente da casa, o que me deu uma onda de esperança. Vermelho, como as botas; era a sua cor, sinal de que estava na pista certa.

Passei de carro pela casa duas vezes. Da segunda vez, a luz interna do carro estava acesa e pude vislumbrar seu rosto quando ele entrava no carro. Não era um rosto muito impressionante: magro, quase sem queixo e parcialmente escondido por uma longa franja e óculos de aros grossos. Não consegui ver o que calçava, mas, pelo resto do corpo, bem que poderia ser um par de botas de caubói para parecer mais alto. Ele entrou no carro e fechou a porta, e eu continuei minha volta pelo quarteirão.

Quando voltei, o carro já havia partido. Estacionei algumas quadras adiante, numa rua lateral, e caminhei de volta, entrando lentamente na minha pele noturna enquanto andava. As luzes da casa vizinha estavam totalmente apagadas, o que permitiu atravessar o jardim. Havia uma pequena edícula atrás da casa de Reiker, e o Passageiro das Trevas murmurou no meu ouvido interno: *estúdio*. De fato, era o lugar perfeito para um fotógrafo instalar seu estúdio, e também onde encontrar fotos incriminadoras. Como raramente o Passageiro se engana a respeito dessas coisas, forcei a fechadura e entrei.

As janelas estavam fechadas por tábuas, mas pela luz que entrava pela porta pude ver a silhueta do equipamento de uma câmara escura. O Passageiro estava certo. Fechei a porta e encontrei um interruptor. Uma fraca luz vermelha inundou a sala. Havia as habituais bandejas e vidros de produtos químicos sobre uma pequena pia, e, à esquerda, um bom computador com equipamento digital. Um armário de quatro gavetas ocupava a parede oposta, e decidi começar por ali.

Dez minutos depois de vasculhar fotos e negativos, não descobri nada mais incriminador que algumas dezenas de fotos de bebês nus sobre um tapete branco felpudo, fotos que seriam consideradas "engraçadinhas" até por pessoas que acreditam que Pat Robertson* é liberal demais. Pelo que puder ver, não havia compartimentos secretos no armário nem outro lugar óbvio onde esconder fotos.

O tempo era curto; não podia correr o risco de que Reiker tivesse ido apenas comprar um litro de leite. Ele podia voltar a qualquer minuto e decidir vasculhar os arquivos e admirar as dezenas de duendes que tinha capturado em filme. Fui até o computador.

Perto do monitor havia um *rack* de CDs e dei uma olhada em cada um deles. Depois de alguns discos de programas e outros marcados em letra de forma GREENFIELD ou LOPEZ, achei o que procurava.

Era uma caixa de joias pintada de rosa-brilhante. Na tampa da caixa, em letras bem nítidas, estava escrito: NAMBLA 9/04.

NAMBLA podia ser um nome hispânico muito raro, mas também era a sigla da North American Man/Boy Love Association**, grupo de apoio que ajuda os pedófilos a manter uma

autoimagem positiva, afirmando que o que fazem é perfeitamente natural. Bem... natural, claro que é, assim como o canibalismo e o estupro, mas, realmente... Não se deve.

Peguei o CD, apaguei a luz e me esgueirei pela noite.

De volta ao meu apartamento, só levei alguns minutos para descobrir que o disco era uma peça de propaganda, provavelmente produzida para uma reunião da NAMBLA e oferecida a um seleto grupo de monstros. As fotos tinham sido dispostas numa "galeria de miniaturas" semelhantes aos baralhos que os velhos sujos da época vitoriana costumavam manusear. Cada imagem havia sido estrategicamente borrada, de modo que era possível imaginar, mas não ver os detalhes.

E várias das fotos eram versões profissionalmente retocadas daquelas que eu tinha descoberto no barco de MacGregor. Assim, embora não houvesse encontrado as botas vermelhas, tinha descoberto o suficiente para satisfazer o Código de Harry. Com uma canção no coração e um sorriso nos lábios, saí pela porta, com alegres pensamentos sobre o que Reiker e eu faríamos na próxima noite.

Na manhã seguinte, sábado, acordei um pouco mais tarde e saí para uma corrida pela vizinhança. Depois de uma ducha e um vigoroso café da manhã, fui às compras em busca de alguns itens essenciais: um novo rolo de fita adesiva, uma faca de lâmina afiada, apenas o básico. Como o Passageiro das Trevas estava se espreguiçando e não despertara plenamente, parei numa churrascaria para um almoço tardio. Comi um bife de tira de seiscentos gramas, bem passado, naturalmente, para que não houvesse uma gota de sangue. Depois, fui até a casa de Reiker outra vez, para ver o local à luz do dia. Reiker estava cortando a grama. Diminuí a velocidade para uma espiada casual. Que pena! Ele usava tênis velhos, não botas vermelhas. Estava sem camisa e, além de magro, parecia flácido e pálido. Não tinha importância: em breve lhe daria um pouco de cor.

Foi um dia bastante satisfatório e produtivo, meu Dia Anterior. E estava calmamente sentado no meu apartamento, envolvido em meus pensamentos virtuosos, quando o telefone tocou. Atendi.

– Boa tarde.

– Pode vir aqui? – pediu Deborah. – Temos de acabar o trabalho.

– Que tipo de trabalho?

– Não seja idiota. Venha pra cá – e desligou. Foi irritante. Em primeiro lugar, não sabia nada de trabalhos inacabados, e, em segundo, não me achava um idiota – monstro, sim, com certeza, mas um mostro muito agradável e educado. E, para coroar tudo isso, me irritou a maneira como ela desligou, supondo que eu fosse tremer e obedecer. Que ousadia da parte dela! Irmã ou não, com força no braço ou não, ninguém me faz tremer.

Mas obedeci. O curto trajeto até o Mutiny levou mais tempo que o usual, porque era sábado à tarde, um dia em que as ruas do Grove se enchem de gente passeando a esmo. Fui costurando devagar por entre a multidão, desejando poder apenas pisar fundo no acelerador e esmagar aquela horda errante. Deborah havia envenenado meu humor.

O clima não melhorou nada quando bati à porta do apartamento de cobertura do Mutiny e ela abriu com sua cara de crise, aquela que a fazia parecer um peixe mal-humorado.

– Entre – ela disse.

– Sim, patroa.

Chutsky estava sentado no sofá. Ainda não tinha uma aparência de inglês colonial – talvez fosse a falta das sobrancelhas –, mas pelo menos dava a impressão de ter decidido viver, de modo que, aparentemente, o projeto de reconstrução de Deborah estava caminhando bem. Uma muleta de metal estava apoiada na parede ao lado dele. Ele sorvia o seu café, e havia uma bandeja de pasteizinhos folhados na mesinha ao lado.

– Olá, companheiro – ele disse, acenando com o toco do braço. – Puxe uma cadeira.

Peguei uma cadeira no estilo colonial inglês e me sentei, depois de agarrar alguns pasteizinhos da bandeja. Chutsky me olhou como se fosse protestar, mas, de fato, era o mínimo que podia fazer por mim. Afinal, eu me arriscara a ser comido por um crocodilo e sofrido o ataque de um pavão para resgatá-lo, e agora estava ali, sacrificando meu sábado por sabe-se lá o quê. Merecia uma refeição inteira.

– Tudo bem – disse Chutsky. – Temos de descobrir onde Henker está escondido, e depressa.

– Quem? – perguntei. – Você quer dizer, o doutor Danco?

– Sim, é esse o nome dele. Henker. Martin Henker.

– *Temos* de descobrir onde ele está? – perguntei, sentindo-me invadido por uma premonição sinistra. Ou seja, por que olhavam para mim quando diziam "nós"?

Chutsky deu uma risadinha como se pensasse que eu estava brincando.

– Isso mesmo. Onde você acha que ele pode estar, companheiro?

– Na verdade, não tenho a menor ideia.

– Dexter – avisou Deborah, com um tom de advertência na voz.

Chutsky franziu o cenho, uma expressão muito estranha em quem não tem sobrancelhas.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Chutsky.

– Quero dizer que não é mais problema meu. Não vejo por que eu ou mesmo *nós* temos de encontrá-lo. Ele conseguiu o que queria. Vai acabar seu trabalho e voltar para casa, não?

– Ele está brincando? – perguntou Chutsky a Deborah, e, se tivesse sobrancelhas, elas estariam erguidas.

– Ele não gosta de Doakes – explicou minha irmã.

– Sei. Mas, ouça, Doakes é um dos nossos – disse Chutsky, dirigindo-se a mim.

– Não dos meus – falei.

Chutsky meneou a cabeça.

– Está bom, isso é problema seu – ele disse. – Mas temos de encontrar o sujeito. Existe um lado político neste caso, e, se não pusermos a mão nele, estamos perdidos.

– Certo. Mas por que é problema meu? – Aquela me parecia uma pergunta bastante razoável, mas, pela sua reação, parecia que eu queria atirar uma bomba numa pré-escola.

– Meu Deus! – ele falou, e balançou a cabeça em sinal de falsa admiração. – Você é realmente uma figura, colega.

– Dexter – pediu Deborah –, olhe para nós. – Olhei, e vi Deborah presa no colete de gesso e Chutsky com os membros amputados. Para ser honesto, não pareciam terrivelmente ferozes. – Precisamos da sua ajuda.

– Mas, Deb, realmente.

– Por favor, Dexter – ela pediu, sabendo muito bem que era difícil para mim recusar quando ela usava essa palavra.

– Deb, você precisa de um homem de ação, alguém que possa pôr o pé na porta e entrar

atirando. Sou só um pacato técnico forense.

Ela atravessou a sala e parou diante de mim.

– Eu sei quem você é, Dexter – ela falou, suavemente. – Lembra? E sei que você pode fazer isso. – Colocou a mão no meu ombro e baixou ainda mais a voz, quase sussurrando. – Kyle precisa disso, Dex. Precisa pegar Danco. Ou nunca mais se sentirá um homem. É importante para mim. Por favor, Dexter?

Afinal, o que se pode fazer quando os chefões recorrem a nós, a não ser reunir nossas reservas de boa vontade e acenar com a bandeira branca?

– Tudo bem, Deb – concordei.

A liberdade é uma coisa tão frágil e efêmera, não é mesmo?

---

* Pastor pentecostal, advogado e ex-candidato à presidência da República, conhecido por suas ideias conservadoras. (N. T.)

** Associação Americana pelo Amor entre Homens e Meninos, organização ilegal que defende a liberdade de relacionamento entre homens adultos e menores de idade. (N. T.)

CAPÍTULO 28

POR MAIS RELUTANTE QUE TIVESSE SIDO, dera minha palavra. Portanto, o Devotado Dexter atacou imediatamente o problema com toda a engenhosidade de seu poderoso cérebro. Mas a triste verdade era que meu cérebro parecia estar desconectado: por mais que eu diligentemente digitasse as pistas, nada surgia.

Talvez estivesse precisando de combustível para funcionar no nível mais alto possível, de modo que adulei Deborah para que pedisse mais pasteizinhos. Enquanto ela estava ao telefone com o serviço de quarto, Chutsky focou em mim um sorriso doce e levemente vidrado, e disse:

– Vamos fazer isso logo, certo, companheiro? – Como ele pedia com tanta gentileza, concordei. Afinal, tinha de fazer alguma coisa enquanto esperava os folhados.

Com os membros, Chutsky parecia ter perdido também o bloqueio psíquico. Estava bem mais aberto e amigável, e parecia mesmo ansioso por partilhar as informações de uma maneira que seria impensável no Chutsky com duas pernas, dois braços e óculos escuros caríssimos. Assim, mais pela necessidade de ser organizado e conhecer o maior número de detalhes possíveis, aproveitei seu novo estado de espírito para obter dele os nomes da equipe de El Salvador.

Ele equilibrava precariamente no colo um bloquinho amarelo, segurando-o com o pulso enquanto escrevia os nomes com a mão direita, a única que possuía.

– Manny Borges você já conhece.

– A primeira vítima.

– Hã-hã – confirmou, sem levantar os olhos. Escreveu o nome e o riscou. – Depois foi Frank Aubrey? – Ele franziu o cenho e enfiou a ponta da língua no canto da boca quando escreveu o nome e o riscou também. – Oscar Acosta ele perdeu. Deus sabe onde ele estará agora. – Escreveu o nome e acrescentou um ponto de interrogação. – Wendell Ingraham. Vive na North Shore Drive, fora de Miami Beach. – O bloco escorregou quando ele escrevia o nome e ele tentou agarrá-lo, sem sucesso. Olhou o bloco caído no chão, depois se inclinou e o recuperou. Uma gota de suor rolou de sua cabeça raspada e caiu no chão. – Malditas drogas. Deixam-me tonto.

– Wendell Ingraham – repeti.

– Certo. Certo. – Ele rabiscou o resto do nome e, sem pausa, passou ao próximo. – Andy Lyle. Vende carros agora, em Davie. – E, numa explosão de energia, rabiscou, triunfante, o último nome. – Dois outros já morreram, um ainda está em serviço. É isso, a equipe toda.

– Algum desses homens sabe que Danco está na cidade?

Ele negou com a cabeça. Outra gota de suor voou e por pouco não me atingiu.

– Estamos mantendo o caso em sigilo. Só são informadas as pessoas que realmente precisam saber.

– Eles não precisam saber que alguém quer transformá-los em travesseiros uivantes?

– Não, não precisam – ele afirmou, cerrando a mandíbula e dando a impressão de que diria alguma coisa agressiva de novo. Talvez fosse se oferecer para atirá-los na privada. Mas apenas me encarou e achou melhor não dizer nada.

– Podemos ao menos checar para ver qual deles está desaparecido? – perguntei, sem nenhuma esperança verdadeira.

Chutsky começou a balançar a cabeça antes mesmo que eu terminasse de falar. Mais duas gotas de suor voaram, uma para a direita e outra para a esquerda.

– Não. De jeito nenhum. Esses caras sempre têm o ouvido colado à terra. Se alguém começar a fazer perguntas, eles saberão. E não posso correr o risco de fugirem, como Oscar fez.

– Então como vamos encontrar o doutor Danco?

– É isso que você vai descobrir.

– Que tal a casa perto de Mount Trashmore? – perguntei, esperançoso. – Aquela que você foi checar com a prancheta.

– Debbie manteve um carro-patrulha por perto. A família se mudou. Não, estamos jogando todas as fichas em você, companheiro. Você vai pensar em alguma coisa.

Deb juntou-se a nós antes que eu pudesse pensar em algo para dizer, mas, na verdade, estava muito surpreso com a atitude de Chutsky em relação aos antigos companheiros. Não seria mais bonito dar aos velhos amigos uma chance de fugir ou pelo menos um aviso? Com certeza não sou modelo de virtude, mas, se um cirurgião doido estivesse atrás de Vince Masouka, por exemplo, encontraria uma maneira de deixar escapar uma pista numa conversa ao pé da máquina de café. "Passe-me o açúcar, por favor. Por falar nisso, um médico maníaco está atrás de você e quer arrancar todos os seus membros. Quer um pouco de creme?"

Mas, pelo que parecia, não era assim que os caras de queixo másculo jogavam ou, pelo menos, o representante Kyle Chutsky. Não tinha importância. Finalmente, havia uma lista de nomes, um ponto de partida, e mais nada. Não tinha a menor ideia de onde começar para transformar esse ponto de partida em alguma informação útil, e Kyle não parecia se dar tão bem no quesito criatividade quanto em partilhar informações. Deborah não ajudava muito. Estava totalmente empenhada em afofar o travesseiro de Kyle, secar sua testa febril e vigiar para que ele tomasse os medicamentos, um comportamento maternal que eu julgara impossível nela. Mas não era.

Ficou evidente que pouco poderia fazer ali no hotel. A única coisa que podia fazer era voltar ao meu computador e ver o que conseguia descobrir. Assim, depois de surrupiar os dois últimos pasteizinhos da mão restante de Kyle, voltei para casa e para meu confiável computador. Não tinha garantia de descobrir alguma coisa, mas estava decidido a tentar. Faria o melhor possível e pesquisaria por algumas horas, na esperança de que alguém enrolasse uma mensagem secreta em uma pedra e a atirasse pela minha janela. Se a pedra me atingisse na cabeça, talvez desencadeasse alguma ideia.

Meu apartamento estava exatamente como eu o deixara, o que era reconfortante. Até a cama estava feita, já que Deborah não dormia mais ali. Logo liguei o computador e comecei a busca. Primeiro, verifiquei o banco de dados imobiliários, mas não tinha havido nenhuma compra que satisfizesse o padrão das outras. Mas, obviamente, o doutor Danco estava em alguma lugar. Nós o tínhamos expulsado de seus esconderijos, mas tinha certeza de que ele não esperaria para começar a trabalhar em Doakes ou em qualquer outro da lista.

Como ele decidia a ordem das vítimas? Por idade? Pelo ódio que devotava a cada um deles? Ou a escolha era aleatória? Se descobrisse isso, teria maior possibilidade de encontrá-lo. Suas operações não eram do tipo que podem ser realizadas em um quarto de hotel. Então, para onde teria ido?

Não foi uma pedra atirada pela janela que chacoalhou minha cabeça, mas uma ideia bem pequena começou a pingar no chão do cérebro de Dexter. Danco tinha de ir a algum lugar para trabalhar em Doakes, obviamente, e não poderia esperar para se instalar em outra casa segura. Devia estar na região de Miami, perto das vítimas, e não podia correr o risco de escolher um lugar a esmo. Uma casa aparentemente vazia podia de repente ser invadida por potenciais compradores, e, se escolhesse uma casa ocupada, o primo Enrico podia aparecer para uma visita inesperada. Portanto, por que não usar a casa da próxima vítima? Devia acreditar que Chutsky, o único que conhecia a lista até agora, estava fora de ação por um tempo e não poderia ir atrás dele. Mudando-se para a casa do próximo da lista, estaria amputando dois membros com uma única facada, ou seja, usando a casa da vítima para acabar com Doakes e depois iniciar sem pressa o trabalho no feliz proprietário.

Fazia sentido, e era um ponto de partida mais sólido que a lista de nomes. Mas, mesmo que estivesse certo, qual seria a próxima vítima?

A trovoada rugiu lá fora. Olhei de novo a lista de nomes e suspirei. Queria estar em qualquer outro lugar. Até jogar forca com Astor e Cody me parecia melhor do que aquela busca frustrante. Tinha de lembrar Cody de começar pelas vogais. Então o resto da palavra começava a entrar em foco. E, quando aprendesse isso, poderia começar a lhe ensinar coisas mais interessantes. Era estranho estar ansioso pela instrução de uma criança, mas mal podia esperar para começar. Era uma pena que ele já tivesse se encarregado do cachorro do vizinho – seria uma ótima oportunidade de lhe ensinar não só sobre segurança, mas também sobre técnica. O pequeno malandro tinha muito que aprender. Todas as lições do velho Harry transmitidas a uma nova geração.

Enquanto pensava na educação de Cody, percebi que o preço seria aceitar meu noivado com Rita. Será que suportaria? Jogar fora minha vida de solteiro despreocupado e aceitar uma vida de felicidade doméstica? Por mais estranho que possa parecer, achei que seria capaz. As crianças com certeza mereciam o sacrifício, e transformar Rita em um disfarce permanente ajudaria a manter a discrição. Homens casados e felizes não costumam fazer o tipo de coisa que gosto de fazer.

Talvez conseguisse dar conta. Veríamos. Mas, é claro, era para depois. Nada me aproximava de minha saída noturna com Reiker nem de descobrir Danco. Convoquei meus sentidos dispersos e olhei a lista de nomes: Borges e Aubrey, liquidados. Acosta, Ingraham e Lyle, ainda não. Sobretudo inconscientes de que tinham um encontro marcado com o doutor Danco. Dois abatidos, três outros por abater, sem contar Doakes, que devia estar sentindo o fio da lâmina agora, com Tito Puente tocando sua música dançante ao fundo e o Doutor debruçado sobre ele com seu bisturi preciso e conduzindo-o em sua dança de desmembramento. Dance comigo, Doakes. *Baila conmigo, amigo*, como diria Tito Puente. Era um pouquinho mais difícil dançar sem pernas, é evidente, mas valia o esforço.

Enquanto isso, ali estava eu dançando em círculos, como se o bom Doutor me tivesse amputado uma das pernas.

Tudo bem: vamos supor que o doutor Danco estivesse na casa da atual vítima, sem contar Doakes. Naturalmente, não sabia quem podia ser. Portanto, onde isso me levava? Quando se elimina a investigação científica, só resta apostar na sorte. Elementar, meu caro Dexter. Uni-duni-tê, salamê-minguê...

Meu dedo pousou no nome de Ingraham. Então, era definitivo, não é mesmo? Claro que era. Assim como eu era o rei Olaf da Noruega.

Levantei e caminhei até a janela de onde tantas vezes espiara o sargento Doakes estacionado do outro lado da rua em seu Taurus marrom. Ele não estava lá. E, se não o encontrasse, em breve não estaria em lugar nenhum. Ele queria me ver morto ou na prisão, e eu seria mais feliz se ele simplesmente desaparecesse – um pedacinho por vez ou de uma vez só, não fazia diferença. E no entanto ali estava eu, fazendo hora extra, forçando a maquinaria mental de Dexter a trabalhar num ritmo assombroso para resgatá-lo – de modo que pudesse me matar ou me prender.

Talvez estimulada pela ironia, a lua quase perfeita riu timidamente por entre as árvores. Quanto mais eu olhava, mas sentia o peso daquela velha lua perversa, que faiscava com suavidade abaixo do horizonte e me provocava arrepios na espinha, empurrando-me para a ação, até que me vi apanhando as chaves do carro e caminhando para a porta. Afinal, por que não dar uma olhada? Não levaria mais de uma hora, e não teria de explicar meu raciocínio a Deb e Chutsky.

Percebi que a ideia me parecia atraente porque era rápida e fácil, e também porque me permitiria voltar à liberdade tão duramente conquistada a tempo para o encontro da noite seguinte com Reiker – além disso, começava a gostar da ideia de um aperitivo. Por que não me aquecer com o doutor Danco? Quem me culparia por lhe fazer o que ele fazia aos outros? Se tivesse de salvar Doakes para pegar Danco, bem, ninguém disse que a vida é perfeita.

Portanto, peguei a Dixie Highway na direção norte, depois a I-95, a passagem elevada da 79th Street até o fim e, finalmente, direto para as Normandy Shores de Miami Beach, onde Ingraham vivia. Já era noite quando entrei na rua e passei lentamente pela casa. Estacionada na entrada, havia uma van verde-escura muito parecida à van branca que Danco tinha batido dias antes. Estava parada ao lado de uma Mercedes novinha e parecia fora de lugar naquele bairro elegante. Muito bem, pensei. O Passageiro das Trevas começou a murmurar palavras de encorajamento, mas virei a esquina e encontrei uma vaga pouco adiante.

A julgar pelo bairro, a van verde certamente não pertencia àquele lugar. Talvez Ingraham estivesse fazendo uma reforma e os operários houvessem resolvido ficar na casa até terminar a obra. Mas não achava que era isso, tampouco o Passageiro das Trevas. Peguei meu celular e liguei para Deborah.

– Talvez tenha encontrado alguma coisa – eu lhe disse assim que ela atendeu.

– Por que demorou tanto?

– Acho que o doutor Danco está trabalhando na casa de Ingraham em Miami Beach.

Houve uma pausa, durante a qual quase pude vê-la franzir a testa.

– Por que você acha isso?

Explicar a ela que era apenas uma aposta não era uma ideia muito atraente, de modo que falei apenas:

– É uma longa história, maninha. Mas acho que estou certo.

– Você acha. Mas não tem certeza.

– Vou entrar lá daqui a alguns minutos. Estou estacionado numa esquina próxima, e, parada na frente da casa, há uma van que parece deslocada nesta vizinhança.

– Não saia daí. Já ligo de volta.

Ela desligou e me deixou ali, observando a casa. Era um ângulo de observação desconfortável, de onde não podia olhar direito sem provocar um torcicolo. Portanto, virei o carro de frente para a esquina onde a casa se plantava, gozando de mim, e foi então... lá estava ela. Enfiando a cabeça inchada por entre as árvores, pingando turvos raios de luz sobre a paisagem podre. Aquela lua, aquele farol lunar sempre risonho. Lá estava ela.

Pude sentir os dedos frios do luar me apalpando, me espetando, me provocando e me empurrando para algo tolo e maravilhoso, e fazia tanto tempo que não os ouvia, que aqueles sons chegaram duas vezes mais altos, banhando minha cabeça, descendo pela coluna e... na verdade, que mal havia em ter certeza absoluta antes que Deborah ligasse? Não ia fazer nenhuma bobagem, é claro, só sair do carro e passar diante da casa, apenas um passeio casual ao luar por uma rua tranquila. E se por acaso a oportunidade de fazer alguns joguinhos com o Doutor surgisse...

Foi um tanto inquietante perceber que respirava com certa dificuldade quando desci do carro. Que vergonha, Dexter! Onde está seu famoso autocontrole de aço? Talvez tivesse desaparecido depois de ter ficado amarrado por tanto tempo; talvez esse longo hiato tivesse me deixado mais ansioso. Respirei fundo para me acalmar e subi a rua, apenas um monstro passeando casualmente diante de uma clínica de vivisseção improvisada. Alô, vizinho, bela noite para remover uma perna, não é mesmo?

À medida que me aproximava da casa, senti AQUELA COISA crescendo e ganhando corpo dentro de mim, e os mesmos dedos gelados tentando prendê-la. Eu era fogo e gelo, energizado pela luz da lua e pela morte, e, quando me aproximei mais, os sussurros internos começaram a se sobrepor aos sons fracos que vinham da casa, um coro ritmado de saxofones que pareciam muito os de Tito Puente. Não precisei que os sussurros me dissessem que estava certo – ali era de fato o lugar onde o Doutor havia instalado a sua clínica.

Ele estava ali, e trabalhando.

E agora, o que fazer? Óbvio, o mais sensato seria voltar ao carro e esperar o telefonema de Deborah – mas era aquela uma noite para sensatez, com a lua debochada no céu e o gelo se derramando em minhas veias e me empurrando para a ação?

Assim, quando passei diante da casa, me esgueirei nas sombras e cheguei ao quintal, de onde podia ver os fundos da casa de Ingraham. Via-se uma luz forte na janela de trás. Aproveitei a sombra de uma árvore e fui me aproximando. Mais alguns passos felinos e poderia olhar pela janela. Cheguei um pouco mais perto, quase no limite da linha que a luz traçava no chão.

De onde estava agora, pude avistar o teto da casa. E lá estava o espelho que Danco gostava de usar, mostrando-me metade da mesa...

... e pouco mais da metade do sargento Doakes.

Ele estava firmemente amarrado à mesa, imobilizado, com a cabeça raspada. Não conseguia ver muitos detalhes, mas, pelo que pude notar, as duas mãos tinham sido cortadas nos pulsos. As mãos primeiro? Muito interessante, uma abordagem totalmente diferente da que ele usara em Chutsky. Como o doutor Danco decidia o que era melhor para cada paciente?

Aquele homem me intrigava cada vez mais; havia um senso de humor excêntrico em ação, e, por mais tolo que pudesse parecer, queria saber mais sobre a maneira como trabalhava. Dei meio passo à frente.

A música parou, e eu também. Depois, enquanto o mambo crescia de novo, ouvi uma tosse metálica atrás de mim e senti algo me cutucar nas costas. Virei-me e vi um homenzinho de óculos de aros grossos olhando para mim. Segurava o que parecia uma pistola de *paintball*. Só tive tempo de me sentir indignado de vê-la apontada na minha direção quando alguém me quebrou os ossos das pernas e despenquei no gramado orvalhado e banhado pelo luar, onde tudo era escuridão e sonhos.

CAPÍTULO 29

EU ESTAVA MUITO FELIZ, CORTANDO UMA pessoa muito má que tinha prendido a uma mesa, mas, estranhamente, a faca era de borracha. Agarrei uma imensa serra de ossos e a apoiei no crocodilo sobre a mesa, mas, em vez de ficar alegre, senti dor e vi que estava cortando meus próprios braços. Meus pulsos ardiam e se sacudiam, mas eu não conseguia parar de cortar, até que atingi uma artéria e o sangue jorrou para todo lado e me cegou com aquela névoa escarlate, e então estava caindo, mergulhando para sempre na escuridão do vazio, onde formas horríveis se retorciam e gritavam e me empurravam, até que caí naquele horrendo charco vermelho no chão, junto ao qual duas luas ocas me olhavam lá do alto e me ordenavam: "Abra os olhos, você está acordado..."

Quando tudo entrou em foco, vi que as duas luas ocas eram na verdade um par de lentes grossas em uma armação escura sobre o rosto de um homenzinho magro, de bigode, que estava inclinado sobre mim com uma seringa nas mãos.

Doutor Danco, suponho?

Acho que não disse isso alto, mas ele fez um aceno com a cabeça e falou:

– Sim, é assim que eles me chamavam. E você, quem é? – O sotaque era levemente forçado, como se tivesse de pensar em cada palavra. Havia um toque de cubano nele, mas não como se o espanhol fosse sua língua natal. Por alguma razão, sua voz me deixou muito infeliz, como se cheirasse a Dexter Repelente. Mas bem lá no fundo de meu cérebro de lagarto um velho dinossauro levantou a cabeça e rugiu de volta, de modo que não me encolhi de medo diante dele como a princípio pensei que faria. Tentei sacudir a cabeça, mas percebi que, por alguma razão, era muito difícil.

– Não tente se mexer ainda – ele disse. – Não vai adiantar. Mas não se preocupe, você vai poder ver tudo que faço ao seu amigo sobre a mesa. E logo será a sua vez. Então vai poder se ver no espelho. – Ele piscou para mim, e sua voz adquiriu um leve tom de humor. – Os espelhos são uma coisa maravilhosa. Você sabia que se alguém estiver lá fora olhando em um espelho pode ser visto de dentro da casa?

Parecia um professor de ensino fundamental explicando uma piada a um aluno de quem gostava, mas que era burro demais para entendê--la. E me senti de fato burro demais, porque havia entrado naquela fria sem um pensamento mais profundo do que "Nossa! Pode ser interessante!". Minha impaciência e minha curiosidade movidas a luar tinham me tornado descuidado, e ele me pegara espionando. E ainda se divertia à minha custa, o que era irritante, de modo que me senti compelido a dizer algo.

– Sim, eu sabia. E você sabia que esta casa tem uma porta da frente também? E nenhum pavão de guarda desta vez?

Ele piscou.

– Devo ficar assustado?

– Bem, a gente nunca sabe quando alguém pode invadir sem ser convidado.

O doutor Danco mexeu o canto esquerdo da boca alguns centímetros para cima.

– Bem – falou –, se seu amigo sobre a mesa de cirurgia for um bom exemplo, creio que posso me dar bem, não acha?

Tive de admitir que ele tinha razão. Se os titulares não impressionam, o que se pode temer do banco de reservas? Se pelo menos eu não estivesse dopado, com certeza teria dito algo mais inteligente, mas na verdade ainda flutuava na névoa química.

– Você não espera que eu acredite que a ajuda está a caminho, não é? – ele perguntou.

Estava pensando a mesma coisa, mas não me pareceu muito inteligente dizê-lo.

– Acredite no que quiser – disse apenas, esperando ter sido suficientemente ambíguo para obrigá-lo a fazer uma pausa e amaldiçoando a lentidão de meus poderes mentais em geral tão rápidos.

– Tudo bem, então – ele replicou. – Acho que veio sozinho. Mas estou curioso para saber por quê.

– Queria estudar sua técnica – expliquei.

– Ah, bem. Terei o maior prazer em lhe mostrar... em primeira mão. – Ele me presenteou de novo com seu sorrisinho maldoso e acrescentou: – E em primeiro pé. – Esperou um momento, provavelmente para ver se eu riria da piada. Lamentei muito desapontá-lo. Mais tarde talvez fosse mais engraçado, se eu saísse vivo dali.

Danco me deu um tapinha no braço e se inclinou mais um pouco.

– Precisamos saber seu nome, você sabe. Sem isso, não é divertido.

Imaginei-o me chamando pelo nome, ali, amarrado àquela mesa, e não foi uma imagem divertida.

– Vai me dizer seu nome? – ele perguntou.

– Rumpelstiltskin* – falei.

Ele me encarou, e seus olhos pareciam imensos por trás das lentes grossas. Depois alcançou minha carteira no bolso da calça e encontrou minha licença de motorista.

– Ah, então VOCÊ É Dexter. Parabéns pelo noivado. – Deixou a carteira cair ao meu lado e me deu um tapinha no rosto. – Observe e aprenda, porque em breve farei o mesmo em você.

– Que maravilha! – respondi.

– Você realmente devia estar assustado – ele disse. – Por que não está? – Mordeu o lábio. – Interessante! Vou aumentar a dose da próxima vez. – E com isso se levantou e se afastou.

Fiquei lá, deitado no canto escuro, ao lado de um balde e uma vassoura, e o vi andando de um lado para o outro na cozinha. Ele preparou uma xícara de café cubano instantâneo e colocou nela uma montanha de açúcar. Depois, voltou ao centro da sala e olhou para a mesa, sorvendo lentamente o seu café.

– *Nahma* – implorou a coisa que um dia fora o sargento Doakes. – *Nahana. Nahma.* – Naturalmente, a língua havia sido removida, uma simbologia óbvia para a pessoa que Danco acreditava havê-lo traído.

– Sim, eu sei – disse o doutor Danco. – Mas você ainda não adivinhou nenhuma. – Ele estava quase sorrindo ao dizer isso, embora sua face não parecesse capaz de expressão alguma além do

interesse contemplativo. Mas foi suficiente para fazer Doakes ter um ataque de gritos e tentar soltar-se das amarras. Não funcionou, e não preocupou o doutor Danco, que se afastou sorvendo o café e cantarolando fora de tom uma canção de Tito Puente. Com esses movimentos de Doakes, pude ver que ele perdera o pé direito, além das mãos e da língua. Chutsky contara que sua perna esquerda fora cortada abaixo do joelho de uma vez só. Evidentemente, o Doutor estava fazendo este caso durar um pouco mais. E quando chegasse a minha vez, quando e o que ele decidiria cortar?

Pouco a pouco, meu cérebro foi emergindo da névoa. Eu me perguntava quanto tempo ficara inconsciente. Não era o tipo de coisa que pudesse discutir com o Doutor.

A dose, ele havia dito. Segurava uma seringa quando despertei, e parecia surpreso porque eu não estava mais assustado. Claro! Que ideia maravilhosa, injetar em seus pacientes uma droga psicotrópica para provocar sensação de terror e impotência. Gostaria de saber fazer isso. Por que não me preocupara em ter uma formação médica? Mas era um pouco tarde para me arrepender. De qualquer modo, parecia que a dosagem fora perfeita para Doakes.

– Bem, Albert – disse o Doutor ao sargento, num agradável tom de conversa, sorvendo o café –, você adivinha?

– *Nahana! Nah!*

– Acho que você não acertou – respondeu o Doutor. – Mas, se ainda tivesse língua, talvez pudesse acertar. Bem, de qualquer forma... – disse, curvando-se sobre a mesa e fazendo uma marca em um pedaço de papel, como se estivesse cortando alguma coisa –, é uma palavra bem longa. Sete letras.

Ele pousou o lápis na mesa e pegou a serra. Enquanto Doakes lutava violentamente contra as amarras, o Doutor serrou seu pé esquerdo bem acima do tornozelo. Fez isso com muita rapidez e precisão, colocando o pé amputado ao lado da cabeça de Doakes, enquanto ia até seus instrumentos, pegava o que parecia ser um grande ferro de solda e aplicava-o à nova ferida. Ouviu-se um chiado e formou-se uma nuvem de vapor enquanto ele cauterizava o membro amputado com uma mínima perda de sangue.

– Aí está – ele disse.

Doakes emitiu um ruído estranho e desmaiou, enquanto o cheiro de carne chamuscada dominou o ambiente. Com um pouco de sorte, ele ficaria inconsciente por algum tempo.

Eu, felizmente, estava um pouco mais consciente. À medida que as drogas da seringa do Doutor saíam do meu cérebro, uma luz turva começava a se infiltrar.

Ah, a memória. Não é uma coisa adorável? Mesmo quando estamos atravessando a pior crise, as memórias nos acalentam. Eu, por exemplo, estava ali deitado, impotente, capaz apenas de observar os horrores infligidos ao sargento Doakes, sabendo que logo seria a minha vez. Mas, mesmo então, tinha as minhas memórias.

E agora me lembrava de algo que Chutsky dissera quando eu o salvara. "Quando me preparava, disse: 'Sete. Você adivinha?'." Naquela hora, achei tudo muito estranho e me perguntei se Chutsky não teria imaginado aquilo por efeito das drogas.

Mas acabara de ouvir o Doutor dizer a mesma coisa a Doakes: "Você adivinha?", seguido por "Sete letras". E depois ele havia marcado alguma coisa num pedaço de papel pregado à mesa.

Como sempre. Havia um pedaço de papel perto de cada vítima, com uma única palavra, e as letras riscadas uma a uma. HONRA. LEALDADE. Era uma ironia, é claro: Danco lembrava a

seus antigos companheiros as virtudes que eles tinham renegado entregando-o aos cubanos. E o pobre Burdett, o homem de Washington que havíamos encontrado numa casa em construção em Miami Shores, não merecera mais do que cinco letras: POGUE. E teve braços, pernas e cabeça rapidamente separados do corpo. P-O-G-U-E. Braço, perna, perna, braço, cabeça.

Seria possível? Eu sabia que meu Passageiro das Trevas tinha senso de humor, mas um humor mais negro. Aquele era um humor brincalhão, irônico e até mesmo bobo.

Como o da placa da Choose Life. E como tudo o mais que eu observara no comportamento do Doutor.

Parecia tão improvável, mas...

O doutor Danco estava brincando enquanto amputava suas vítimas. Talvez tivesse feito isso com outras pessoas naqueles longos anos dentro da prisão cubana na Ilha dos Pinhos, e talvez aquela fora a maneira que julgara mais adequada de realizar sua estranha vingança. Porque parecia que agora ele brincava da mesma coisa com Chutsky e com Doakes. Parecia absurdo, mas era a única coisa que fazia sentido.

O doutor Danco estava brincando de forca.

– E então? – ele perguntou, agachando-se de novo ao meu lado. – Como você acha que está seu amigo?

– Acho que está amputado – respondi.

Ele inclinou a cabeça para um lado e passou a língua pequena e seca pelos lábios quando olhou para mim com os olhos arregalados atrás das lentes grossas.

– Bravo – falou e, mais uma vez, me deu um tapinha no braço. – Acho que você ainda não está acreditando que isso irá lhe acontecer. Talvez uma de dez possa convencê-lo.

– Tem um E? – perguntei, e ele se afastou um pouco como se tivesse sentido um cheiro repulsivo nas minhas meias.

– Bem – respondeu, ainda sem piscar, e um sorriso se agitou no canto de sua boca. – Sim, tem dois Es. Mas ainda não era a sua vez, portanto... – Ele deu de ombros, um gesto mínimo.

– Pode computar isso como uma aposta errada... para o sargento Doakes – sugeri.

Ele meneou a cabeça.

– Vejo que não gosta dele – comentou, e franziu levemente o cenho. – Ainda assim, você devia estar com medo.

– Medo de quê? – perguntei. Pura bravata, naturalmente, mas quantas vezes a gente tem a chance de provocar um autêntico vilão? O tiro pareceu acertar o alvo, porque Danco me encarou por um longo instante antes de, finalmente, balançar a cabeça.

– Bem – ele disse, – vejo que vamos ter muito trabalho. – E me lançou seu sorrisinho quase invisível. – Entre outras coisas – acrescentou, e uma sombra negra se ergueu atrás dele, lançando um desafio ao meu Passageiro das Trevas, que deu um passo à frente e rugiu alto. Por um instante, nós nos enfrentamos, e então ele piscou, só uma vez, e se levantou. Voltou à mesa onde Doakes dormia em completa paz, e me enfiei no meu cantinho, imaginando que milagre o Grande Dexterini tiraria da cartola para realizar sua maior fuga.

É claro que eu sabia que Deborah e Chutsky estavam a caminho, o que me parecia mais preocupante do que qualquer outra coisa. Chutsky insistiria em vingar sua virilidade perdida fazendo sua entrada apoiado na muleta e segurando um revólver na única mão, e, mesmo que permitisse que Deborah cuidasse da retaguarda, o colete de gesso dificultaria qualquer

movimento. Não era uma equipe de resgate que inspirasse confiança. Não, acho que meu cantinho na cozinha seria pequeno para nós três, amarrados e dopados, sem esperança de receber ajuda.

Para falar a verdade, apesar de meu breve diálogo heroico, ainda estava tonto por causa de sei lá que droga injetada pelo dardo sonífero do Doutor. Portanto, estava dopado, firmemente amarrado e inteiramente só. Mas, se a gente procurar bem, sempre encontra algo positivo nas piores situações. Depois de pensar por um momento, tive de admitir que, pelo menos, até então não tinha sido atacado por ratos raivosos.

Tito Puente voltou, agora com uma melodia mais suave, e fiquei mais filosófico. Todo mundo tem de morrer. Ainda assim, esta não estaria entre as minhas dez maneiras preferidas de desaparecer. Morrer dormindo ocupava o topo da minha lista; depois, as opções iam ficando cada vez mais desagradáveis.

O que eu veria quando morresse? Não conseguia acreditar na alma, nem em céu e inferno, nem em nada desse solene absurdo. Afinal, se os seres humanos tinham alma, eu também teria, não é verdade? Mas posso lhe garantir que não tenho. Sendo quem sou, como poderia ter alma? Impensável. Já é suficientemente difícil ser quem sou. Ser quem sou com uma alma e uma consciência, e com a ameaça de algum tipo de vida após a morte, seria impossível.

Mas era muito triste pensar naquele ser maravilhoso e único desaparecendo para sempre. Trágico, de verdade. Talvez devesse considerar a possibilidade da reencarnação. O problema é que isso a gente não pode controlar. Eu poderia voltar como um besouro-do-esterco ou, pior ainda, como outro monstro como eu. Ninguém lamentaria a minha morte, principalmente se Deb morresse ao mesmo tempo. Como bom egoísta, desejei partir primeiro. Antes que as coisas piorassem. Aquela charada tinha durado o suficiente. Era tempo de pôr um fim nela. Talvez fosse melhor.

Tito iniciou uma nova canção, muito romântica, que dizia "Te amo". Pensando bem, Rita podia muito bem chorar a minha morte, a idiota. Cody e Astor com certeza sentiriam a minha falta, embora daquele jeito tortuoso. Na verdade, estava pegando o trem dos relacionamentos emocionais muito tarde. Como é que isso podia estar acontecendo comigo? Recentemente, debaixo d'água e de ponta-cabeça no carro afundado de Deborah, não tivera esses mesmos pensamentos? Por que perdia tanto tempo pensando em morte nos últimos dias, em vez de fazer alguma coisa? Como sabia muito bem, não havia muito que fazer.

Ouvi Danco remexendo numa bandeja de instrumentos e virei a cabeça para olhar. Ainda era muito difícil me mexer, mas parecia um pouquinho mais fácil, e consegui colocá-lo em foco. Ele se aproximou do sargento Doakes com uma grande seringa na mão, mantendo-a bem alto, como se quisesse que fosse vista e admirada.

– Hora de acordar, Albert – ele disse, todo alegre, enfiando a agulha no braço de Doakes. Por um momento nada aconteceu. Então Doakes despertou e soltou uma gratificante série de gemidos e gritos. O doutor Danco ficou ali de pé, observando-o e desfrutando o momento, com a seringa de novo no alto.

Ouviu-se uma batida na frente da casa e Danco agarrou sua pistola de *paintball* exatamente no momento em que a enorme e careca figura de Kyle Chutsky surgiu à porta. Como eu temia, estava apoiado na sua muleta e segurando um revólver numa mão suada e trêmula.

– Filho da puta – ele disse, e o doutor Danco atirou nele uma, duas vezes. Chutsky o olhou, de

boca aberta, e Danco baixou a arma quando Chutsky começou a deslizar para o chão.

E, bem atrás de Chutsky, invisível antes que ele desmoronasse, estava minha querida irmã, Deborah, a coisa mais linda que eu já vira, apontando um revólver Glock com mão firme. Ela não parou para suar nem xingar Danco. Simplesmente contraiu os músculos da mandíbula e disparou dois tiros rápidos que atingiram o doutor Danco no meio do peito e o jogaram para trás, fazendo-o cair sobre Doakes, que continuava gritando como um louco.

Tudo ficou em silêncio e imóvel por um longo momento, exceto pelo incansável Tito Puente. Então Danco despencou no chão, enquanto Deb se ajoelhava ao lado de Chutsky para tomar-lhe o pulso. Ela o colocou em uma posição mais confortável, beijou-o na testa e finalmente se voltou para mim.

– Dex, você está bem?

– Vou ficar bem, maninha – respondi, sentindo-me ainda um pouco tonto –, se você desligar essa música horrível.

Ela foi até o aparelho de som e arrancou o fio da parede. No repentino e imenso silêncio que se fez, voltou-se para o sargento Doakes, tentando não revelar muito na expressão facial.

– Vamos tirar você daqui, Doakes – ela disse. – Tudo vai ficar bem. – Ele chorava, desesperado, e ela pôs a mão em seu ombro. Depois veio até mim, e as lágrimas já começavam a rolar por seu rosto.

– Meu Deus! – suspirou enquanto me soltava. – Doakes está um horror.

Mas, quando ela arrancava a última fita de meus pulsos, foi difícil para mim sentir pena de Doakes, porque eu estava livre, finalmente, livre de tudo: da fita adesiva que me prendia, do Doutor, de fazer favores e, sim, parecia que também do sargento Doakes.

Levantei, o que não foi tão fácil quanto parece, dito assim. Estiquei minhas pobres pernas enquanto Deb pegava o rádio para chamar nossos amigos da força policial de Miami Beach. Caminhei até a mesa de cirurgia. Não era uma coisa importante, mas a curiosidade me venceu. Agarrei o pedaço de papel colado à borda da mesa.

Naquela letra de forma já familiar, Danco havia escrito: TRAIÇÃO. Cinco das sete letras estavam riscadas.

Olhei para Doakes. Ele me devolveu o olhar, com os olhos arregalados e um ódio que jamais seria capaz de verbalizar.

Como se vê, às vezes existe um final feliz.

---

* Nome de um personagem do conto de fadas de mesmo nome criado na Alemanha e recolhido pelos irmãos Grimm. Recentemente, foi personagem da série *Shrek*. (N. T.)

EPÍLOGO

É LINDO VER O SOL NASCER DA ÁGUA numa calma manhã subtropical do sul da Flórida. É ainda mais lindo quando a imensa lua amarela surge muito baixo no horizonte oposto, tingindo-se lentamente de prata antes de desaparecer sob as ondas do oceano e deixar que o sol domine o céu. E é ainda mais lindo observar tudo isso longe da terra, no convés de um lancha de vinte e seis pés, enquanto se relaxa o pescoço e os braços, cansado, mas satisfeito e feliz, depois de uma noite de trabalho há tanto aguardada.

Em breve eu passaria ao meu barquinho, que vinha rebocado atrás de nós, soltaria o cabo que o prendia e voltaria na direção de onde a lua desaparecera, navegando preguiçosamente para uma nova vida de homem casado. E a *Osprey*, a lancha de vinte e seis pés emprestada, navegaria lentamente no rumo oposto, na direção de Bimini, no meio da corrente do Golfo, o imenso rio sem fundo que atravessa o oceano, convenientemente perto de Miami. A *Osprey* não chegaria a Bimini, nem à corrente do Golfo. Muito antes que fechasse os olhos em minha cama, seu motor cessaria de girar, inundado de água, e a lancha iria afundando devagar, balançando-se nas ondas até submergir nas profundezas cristalinas da corrente do Golfo.

E talvez, em algum lugar bem abaixo da superfície, ela finalmente encalhasse entre rochas, peixes gigantes e navios naufragados, e era fantástico imaginar que, em algum lugar ali perto, um pacote firmemente amarrado seria levado pela corrente, devorado com delicadeza até os ossos pelos caranguejos. Eu usara quatro âncoras em Reiker depois de amarrar as peças com cordas e correntes. O pacote sem rastro de sangue que continha as horríveis botas vermelhas tinha afundado bem rápido. Em pouco tempo, tudo havia desaparecido, a não ser uma gota de sangue que secava numa lâmina de vidro. A lâmina iria para a caixa na minha estante, bem atrás da de MacGregor, Reiker alimentaria os caranguejos e a vida continuaria em seu alegre ritmo de fingir e atacar.

E dali a alguns anos eu levaria Cody comigo e lhe revelaria as maravilhas que se desenrolavam em uma Noite de Facadas. Ele ainda era muito jovem, mas aprenderia a planejar e melhoraria pouco a pouco. Harry me ensinara, e agora eu ensinaria Cody. E algum dia, talvez, ele seguiria meus passos e se transformaria em um novo Vingador Obscuro, executando o Plano de Harry contra uma nova geração de monstros. Como eu disse, a vida continua.

Suspirei, feliz e pronto para tudo. Que lindo! A lua agora havia desaparecido e o sol começava a espantar o frio da manhã. Era hora de ir para casa.

Entrei no meu barco, dei partida no motor e cortei o cabo de amarração. Então, dei meia-volta e segui a lua de volta para casa.

JEFF LINDSAY vive na Flórida com sua esposa e as três filhas. É autor de *Dexter· a mão esquerda de Deus*, lançado pela Planeta em 2008 e *Dexter in the dark*.

ATENÇÃO

Se você estiver usando PC ou Mac:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar o leitor SONY® READER™.

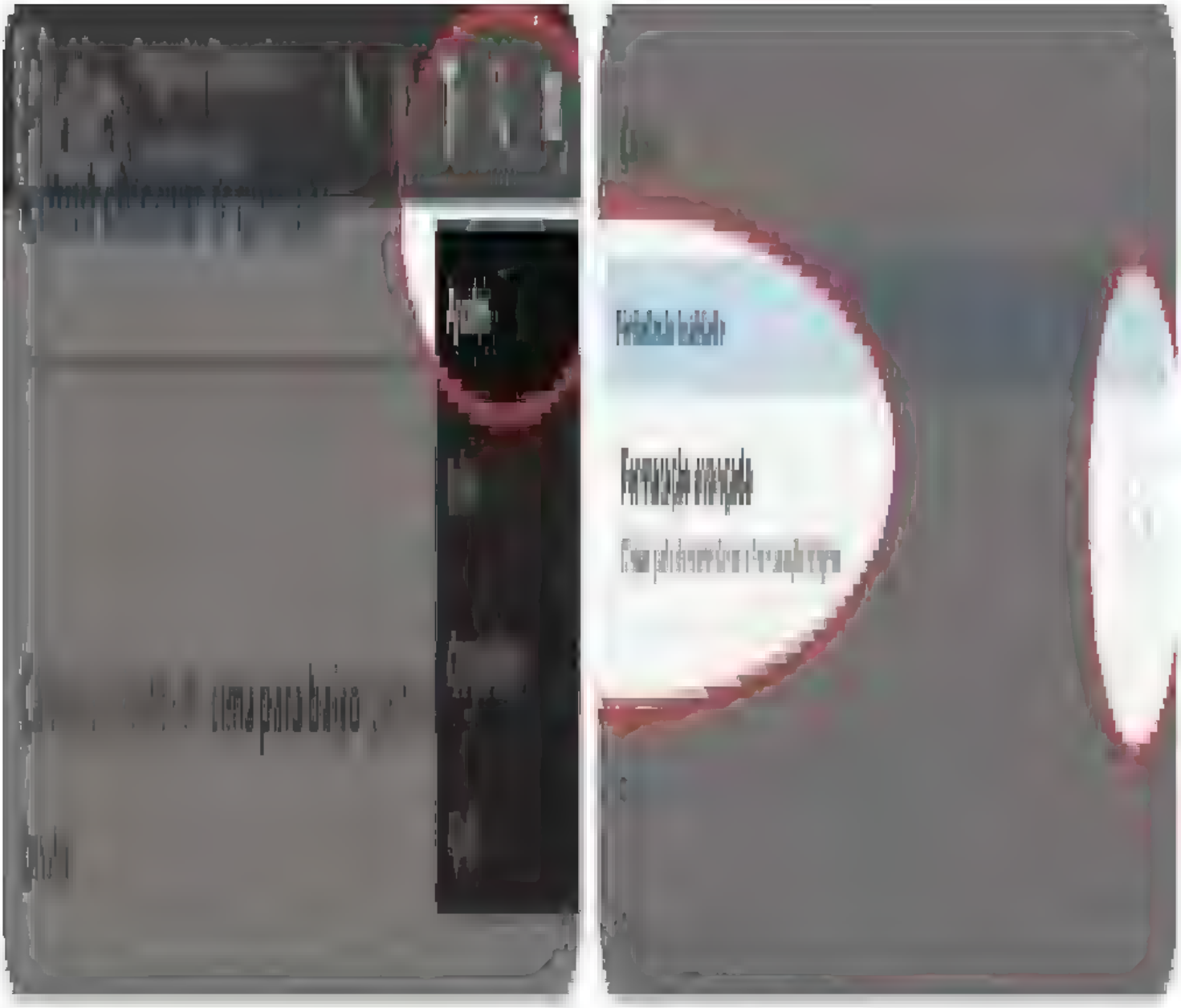
Se você estiver usando iBooks (iPad ou iPhone):

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos desligar a justificação e hifenização automáticos em AJUSTES/iBOOKS.

Se você estiver usando Android:

Para que você tenha uma melhor experiência de leitura e visualização de nossos ePubs, recomendamos usar os leitores ALDIKO ou SARAIVA DIGITAL READER.

⇒ Se estiver usando **Aldiko**, vá em Ajustes e desative FORMATAÇÃO AVANÇADA.



⇒ Se estiver usando o leitor da **Saraiva**, vá em Configurações, ajuste o Tamanho da margem, SOMENTE A HORIZONTAL, para 0 e ajuste o tamanho da fonte para 20.

kolekto
Configurações

Configurações
Tamanho da fonte
Tamanho da margem

Tamanho da fonte
20

Margem
Horizontal
Vertical
Fechar

Sumário

Capítulo 1	8
Capítulo 2	12
Capítulo 3	17
Capítulo 4	20
Capítulo 5	23
Capítulo 6	31
Capítulo 7	34
Capítulo 8	39
Capítulo 9	47
Capítulo 10	53
Capítulo 11	59

Capítulo 12 64
Capítulo 13 70
Capítulo 14 74
Capítulo 15 78
Capítulo 16 83
Capítulo 17 88
Capítulo 18 94
Capítulo 19 100
Capítulo 20 107
Capítulo 21 112
Capítulo 22 117
Capítulo 23 124
Capítulo 24 130

Capítulo 25 136
Capítulo 26 140
Capítulo 27 145
Capítulo 28 152
Capítulo 29 158
Epílogo 164